

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

O Nome Próprio é um 1

por

Maria do Rosário Stotz

Florianópolis

1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

O Nome Próprio é um 1

por

Maria do Rosário Stotz

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina como requisito à obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Prof^a Dr^a Ivanir Barp Garcia

Orientadora

Prof^a Msc. Tânia Vanessa N. Mascarello

Co-orientadora

Florianópolis

1998

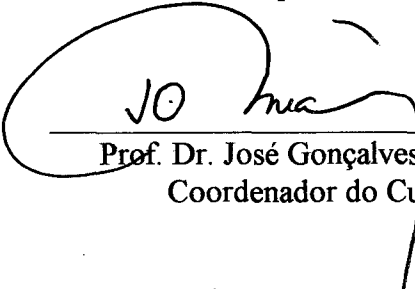
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado


Maria do Rosário Stotz

Dissertação defendida e aprovada como requisito básico para obtenção de grau de mestre, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado, Área de Concentração Psicologia e Sociedade, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

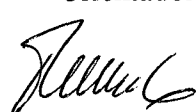


Prof. Dr. José Gonçalves Medeiros
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:



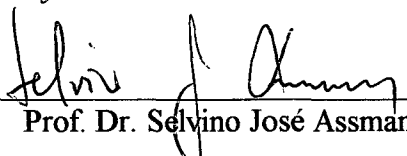
Prof. Dr. Ivanir Barreto Garcia
Orientadora



Prof. M.Sc. Tânia Vanessa N. Mascarello
Co-orientadora



Prof. Dr. Pedro de Souza



Prof. Dr. Selvino José Assmann

Aprovada pela banca examinadora em 11/03/98

À Profª Tânia Vanessa.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Catarina por permitir o acesso ao Mestrado em Psicologia.

Ao Mestrado em Psicologia, na figura de seu corpo docente e seus funcionários, por ter tornado viável este percurso de construção da dissertação.

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior, pelos recursos financeiros.

À Prof^a Ivanir Barp Garcia por ter possibilitado a consecução desta dissertação e suas contribuições teóricas.

À Prof^a Tânia Vanessa Nöthen Mascarello por seu trabalho incansável, seu saber e sua escuta pontual.

À Prof^a Mara Coelho de Souza Lago por sua amizade, seu interesse e dedicação no aperfeiçoamento acadêmico.

Aos meus colegas de Mestrado pelo partilhar deste trajeto.

Ao Adhemar pelo amor incondicional.

Aos meus filhos, Júlio e João por suportarem tantas ausências.

E a todas as pessoas, que de alguma forma contribuíram na elaboração desta dissertação.

Sumário

DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
SUMÁRIO.....	iv
LISTA DE FIGURAS	vi
RESUMO	viii
ABSTRACT	xi
INTRODUÇÃO.....	1
1. PULSÃO.....	11
1.1 PULSÃO E EXPERIÊNCIA DE SATISFAÇÃO	11
1.2 PULSÃO E <i>VORSTELLUNGSREPRÄSENTANZEN</i>	22
2. IDENTIFICAÇÃO E NARCISISMO.....	31
2.1 NARCISISMO EM FREUD.....	31
2.2 IDENTIFICAÇÃO EM FREUD	43
3. SIGNO / SIGNIFICANTE / SIGNIFICADO	60
3.1 O SIGNO LINGÜÍSTICO DE SAUSSURE	60
3.2 LACAN E O SIGNO	73
3.3 O SIGNIFICANTE EM FREUD.....	82
3.4 METÁFORA E METONÍMIA EM JAKOBSON	91
3.5 LACAN E A METÁFORA E A METONÍMIA	94
4. A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO.....	101
4.1 O SIGNIFICANTE E O SUJEITO.....	101
4.2 O ESTÁDIO DO ESPELHO.....	114
4.3 O COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD.....	129

4.4 ÉDIPO EM LACAN.....	136
5. IDENTIFICAÇÃO E SUJEITO	142
6. A IDENTIFICAÇÃO E O NOME PRÓPRIO	161
6.1 O NOME PRÓPRIO	161
6.2 O NOME PRÓPRIO E A IDENTIFICAÇÃO.....	178
7. SIGMUND E SIGNORELLI	205
CONCLUSÃO.....	221
ANEXO.....	233
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	235

Lista de Figuras

Figura 1-1	23
Figura 3-1	61
Figura 3-2	62
Figura 3-3	66
Figura 3-4	68
Figura 3-5	69
Figura 3-6	70
Figura 3-7	70
Figura 3-8	81
Figura 3-9	83
Figura 3-10	85
Figura 3-11	86
Figura 3-12	86
Figura 4-1	102
Figura 4-2	108
Figura 4-3	108
Figura 4-4	109
Figura 4-5	110
Figura 4-6	118
Figura 6-1	180
Figura 6-2	181
Figura 6-3	182
Figura 6-4	184
Figura 6-5	192
Figura 6-6	192

Figura 6-7	195
Figura 6-8	196
Figura 7-1	208

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

C. Drummond de Andrade

Resumo

Esta dissertação apresenta articulações sobre a questão do nome próprio e a constituição do sujeito, em psicanálise, partindo fundamentalmente de formulações teóricas de Jacques Lacan, principalmente aquelas que são apresentadas pelo autor em seu Seminário “*La Identificacion*”. A questão do sujeito, em Lacan, está articulada com os três registros: simbólico, imaginário e real. O sujeito para a psicanálise, sujeito do inconsciente, constitui-se a partir da linguagem, como efeito do significante. Significante que vai representá-lo para outro significante. Sendo assim, o sujeito enquanto falante, advém a partir do campo do Outro, Outro definido como tesouro de significantes. Os possíveis caminhos para estudar a questão da constituição do sujeito, em psicanálise, apontam para o Estádio do Espelho, o complexo de Édipo e as operações de alienação e separação. Em todos estes recortes teóricos aparece o tema das identificações do sujeito. A identificação ao significante é o que possibilita articular o nome próprio e constituição do sujeito pois, ao advir, o sujeito identifica-se a um traço unário do Outro. Na teoria de Freud, o traço aparece na identificação regressiva a um único traço (*Einziges Zug*) tomado do objeto perdido; em Lacan, é a identificação ao traço unário que é apontada como de grande importância. Traço que aparece como suporte do significante, enquanto *um* que remete à unicidade, pois embora unário, é o que possibilita contar, o outro significante. Significantes em cadeia significante, cuja característica é ser sempre diferença, onde $a \neq a$. Traço unário que aponta para a essência do significante, como o significante em estado puro, como letra. Letra que revela a relação da linguagem com o real. É enquanto letra que o nome próprio opera na constituição do sujeito. É o traço unário, enquanto letra, que no complexo de Édipo, marca o falo imaginário, da identificação imaginária, positivando-o em falo simbólico, identificação simbólica que resulta na formação do ideal do eu. Estes pontos acerca do nome próprio, também apresentam-se na prática clínica, como é ilustrado pelo recorte do texto escrito por Freud e retomado por Lacan, sobre o esquecimento de nome próprio.

Abstract

This work presents articulations in the question about the proper name and the constitution of the subject, inside the environment of the psychoanalysis, based on theoretical fundamentation of Jacques Lacan, mainly in those that was presented by the author in the Seminary "*La Identificación*". The subject question, in Lacan, is articulated in three registers: symbolic, imaginary and real. The subject in psychoanalysis, in other words, subject of unconscious, is established from the language, as an effect of the significant. Significant that will represent himself to another significant. That being so, the subject while speaker, comes from the field of the Other, Other that is defined as a treasure of significant. One of the possible ways to study the subject constitution question in psychoanalysis go straight ahead to the Mirror Stadium, Complex of Edipo and operations of separation and alienation. In everyone of this theoretical cuttings, the main theme is subject identification. The identification to the significant is what gives possibilities to articulate the proper name and the subject constitution since that in the moment that the subject happens, he identifies with the single trace of the Other. In theory of Freud, the trace appears in a regressive identification to a single trace (*Einzigster Zug*) taken from the object; in the theory of Lacan, the identification to the single trace is marked with great importance. The trace that appears as a significant support, while one that sends to unity, although single, is what sends to the possibility to count, the following object, the next significant. A significant serial in a significant link, which main purpose is to be always different, where $a \neq a$. Single trace that points to the significant essence, as the pure state of significant, as a letter. A letter that reveals the relationship between language and real. The proper name, while letter, which in the Complex of Edipo signs the imaginary "*Phallus*", the imaginary identification, the symbolic "*Phallus*", symbolic identification, that results in forming the Ego ideal (*Ich Ideal*). Every subject around the proper name, presents in the clinical practice, which is illustrated in the subject, in the writings of Freud, recovered by Lacan, about the proper name forgetfulness.

Como vai o homem
junto de outro homem,
sem perder o nome?
E não perde o nome
e o sal que ele come
nada lhe acrescenta
nem lhe subtrai
da doação do pai?
Como se faz um homem?

C. Drummond de Andrade

Introdução

Estudar os textos psicanalíticos é um trabalho árduo e, ao mesmo tempo instigante.

Árduo, pois requer um debruçar-se sobre a teoria com lentes e ouvidos de psicanalista, onde cada palavra não é uma palavra qualquer, pois está inserida no discurso psicanalítico. Cada conceito está imbricado com outros conceitos, interrelacionados em uma construção teórica.

Instigante pois a cada possibilidade de sentido, de resposta, novas questões abrem-se e aparecem outras perspectivas para abordar um determinado tema.

É necessário então, que se opte por um percurso, na tentativa de alcançar este tema, recortando-se da teoria, alguns aspectos.

A presente dissertação versa sobre o nome próprio, nome próprio e sua articulação com a constituição do sujeito, em psicanálise. Nome que ao aparecer na análise, nunca é indiferente e que revela a função significante enquanto esta função reveste-se de ponto de apoio de algo de onde o sujeito pode advir. Nome próprio e constituição do sujeito, temas que estão diretamente articulados com a questão da identificação, identificação ao significante.

O trabalho ora apresentado tem como intenção investigar este tema psicanalítico a partir das formulações teóricas decorrentes das obras dos grandes mestres da psicanálise, Freud e Lacan. Trata-se de uma investigação que exige situar o texto no tempo, revelando as buscas e os achados de Lacan em seu momento histórico datado. Não há um Lacan em geral, e sim, um psicanalista debatendo-se com determinada questão.

Lacan, em diferentes momentos de sua obra, aborda a temática do nome próprio. Nesta dissertação propõe-se um recorte pontual em seu Seminário IX, "*La Identificacion*". Seminário realizado em 1961-62, ainda não editado em versão oficial, embora já transcorridas

mais de três décadas desde sua realização. Também este tem sido o destino de outros Seminários proferidos por Lacan, destino imputado por aqueles que detém os direitos legais referentes à obra lacaniana.

Na consecução deste trabalho é utilizada uma versão que foi transcrita de fitas magnéticas gravadas em francês, durante o Seminário e traduzidas para o espanhol pela instituição psicanalítica “*Escuela Freudiana de Buenos Aires*”.

Revela-se, assim, por um lado, um limite textual e por outro, justifica-se esta dissertação, na tentativa de buscar a fidelidade ao pensamento lacaniano, realizando uma investigação sobre o tema do nome próprio.

Importante destacar, também, que poucos são os artigos psicanalíticos disponíveis que abordam a temática da identificação e particularmente do nome próprio. Cabe aqui citar os textos de Philippe Julien (1993), Marc Darmon (1994), Joël Dor (1995) e Claude Conté (1995), frisando que nestes trabalhos aparecem breves recortes da questão da identificação em sua articulação com o nome próprio.

O Seminário sobre as identificações está circunscrito ao período de 1959 a 1966, momento em que Lacan se coloca a questão sobre de que modo Freud havia distinguido o simbólico do imaginário, ou seja, a ordem do significante da ordem do eu. Lacan retoma a obra de Freud para de certa forma responder aos analistas pós-freudianos, que trabalhavam a instância do eu como central na prática clínica.

Embora o tema desta dissertação seja a questão do nome próprio e não o conceito de sujeito, este conceito está embicado ao longo deste trabalho e portanto faz-se necessário, neste momento inicial, algumas considerações acerca do conceito de sujeito do inconsciente.

Retome-se primeiramente o título de um dos escritos de Lacan: “*Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano*”¹. A questão que este título apresenta e que diz respeito a esta dissertação, pode ser formulada da seguinte maneira: qual é o sujeito que a

¹ LACAN, J. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano*. (1960). In: Escritos. São Paulo, Editora Perspectiva, 1988.

psicanálise subverte, quando funda o inconsciente freudiano? O sujeito subvertido é o sujeito da concepção clássica, cernido pelo campo da filosofia, o sujeito do conhecimento.

Descartes exercendo a dúvida metódica chega ao “*Cogito Ergo Sum*”, estabelecendo uma identidade entre o sujeito e o eu, tornando coextensivos o sujeito do enunciado, o sujeito da enunciação e o eu. A psicanálise, entretanto, desde à clínica, só é psicanálise por estabelecer a diferença entre o eu e o sujeito. Tratam-se de duas ordens, de dois tropos distintos na constituição da subjetividade. O que caracteriza a abordagem lacaniana é exatamente a de acentuar a disjunção entre o eu, em sua dimensão imaginária, o sujeito como termo simbólico, enquanto o real é apresentado nesta articulação como um resto impossível de ser aprendido pelo simbólico, ou seja, pelo significante.

A questão do sujeito, em psicanálise, referente a esta dissertação, diz respeito ao próprio conceito de inconsciente. Trata-se do sujeito do inconsciente e supõe a clivagem do aparelho psíquico em duas instâncias: sujeito do inconsciente e eu do consciente.

Lacan apresenta o aforismo “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”². Este aforismo é a afirmação da dependência do sujeito à ordem significante. O significante determina o sujeito e a prática clínica psicanalítica mostra que a sujeição ao significante ordena a própria estrutura da subjetividade, o que vai além de uma alienação radical à ordem simbólica, que Lacan denominou de o Outro.

A concepção de subjetividade clivada é, portanto, central para a psicanálise. Ela não está em continuidade com a concepção da subjetividade da psicologia ou da filosofia. O descobrimento freudiano não foi tomar a subjetividade cartesiana e dividi-la em duas partes. Se a subjetividade cartesiana, aí incluída a da psicologia, é uma subjetividade unificada, identificada com a consciência, a subjetividade para a psicanálise é, em seus fundamentos e em seus efeitos na clínica, uma subjetividade clivada, sujeita a duas sintaxes distintas e excêntricas: sujeito do enunciado e sujeito da enunciação.

² LACAN, J. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988. Sem. XI.

Em seus últimos seminários, mais precisamente a partir do Seminário XIX, “... *ou pire*” Lacan passa a desenvolver alguns pontos que estabelecem diferenças com suas formulações anteriores e que levam a pensar que, se é pelo significante que o sujeito se constitui como dividido, como sujeito do inconsciente, há algo que escapa ao cernimento do inconsciente. Lacan passa a assinalar como surge no analisante uma formação desabonada, desamarrada do inconsciente e que não diz respeito, portanto, ao sujeito sujeitado ao significante. Se o sujeito aparece articulado ao não sabido, esta nova concepção lacaniana articula-se ao saber-fazer ali com o que deu lugar ao sintoma. Estas últimas concepções do pensamento lacaniano estão aqui mencionadas apenas com o intuito de estabelecer diferentes momentos na obra lacaniana.

✓ O pensamento de Lacan com respeito ao sujeito, pode-se dizer que não é estanque ou unívoco. O sujeito do inconsciente articulado na presente dissertação, remete ao inconsciente e ao não sabido, impossível de se tornar consciente, revelado tão somente pelos seus efeitos, suas formações, que são os sonhos, chistes, atos falhos e sintomas.

Cabe ainda ressaltar que a proposta apresentada neste texto, um caminhar dentro das obras de Freud e Lacan, revela-se como um percurso árido marcado por limites, mas que busca explicitar conceitos. Trabalho que não propõe uma investigação abarcativa, visto que, muitas arestas ficarão intocadas. Citam-se dentre elas: a questão da nomenclatura e da nomeação; as diferenças conceituais entre inscrição e escritura e, fundamentalmente as formulações lacanianas posteriores ao Seminário XIX, que dizem respeito ao número, mais especificamente ao número um.

Do mesmo modo, este trabalho não pretende uma conclusão unívoca, que poderia ser tomada como um paradigma acabado para as questões da clínica psicanalítica, relacionados às identificações e ao nome próprio. Os trabalhos psicanalíticos buscam estabelecer nos textos de Freud e Lacan uma maior clareza acerca dos diferentes aspectos de cada temática e aquilo que a caracteriza como uma temática psicanalítica.

Lacan, em sua releitura da obra de Freud, está atento a inúmeras questões. Ao fazer sua investigação ao texto freudiano, utiliza-se de outros campos teóricos. São inúmeros os autores elencados por Lacan em seus Seminários. Neste recorte teórico aqui apresentado são citados os trabalhos do campo da lingüística de Saussure, Jakobson, Gardiner; os filósofos:

Russel, Descartes, Aristóteles, Frege. Quando Lacan recorta trechos dos escritos destes autores não o faz no sentido de criticá-los simplesmente, mas se utiliza de alguns dos elementos apresentados para construir sua teoria. E nisto a presente dissertação acompanha Lacan em suas articulações, fazendo assinalamentos a partir dos textos lacanianos.

A introdução de paradigmas de outros campos teóricos na obra de Lacan, deu lugar a inúmeros comentários, especialmente no que diz respeito a certas aportações do campo da matemática. No Seminário IX sobre as identificações, Lacan inicia a sistematização da investigação do registro do real. Neste texto, entre os campos da lógica e da matemática, estão também as figuras topológicas, recursos utilizados na busca de estabelecer as características, os limites, as diferenças e articulações entre os registros.

Alguns críticos de Lacan se apegaram a esta idéia para identificar nela o traço de gênio de Lacan; outros serviram-se dela como prova legítima de impostura pela utilização de tais recursos formais.

A presente investigação transcorre alheia a estas polêmicas, pois parte do pressuposto de que Lacan nunca alimentou o projeto de matematizar a psicanálise. As figuras topológicas não apresentam, no contexto psicanalítico, a qualidade de um objeto matemático, posto que são extraídas de seu contexto original. As colocações tomadas da matemática tiveram para Lacan a função de uma ilustração metafórica. A utilização dos números, das figuras topológicas, das fórmulas matemáticas, os gráfos e os matemas, mantém como mira a questão epistemológica psicanalítica. Os recursos matemáticos, encontrados em Lacan e utilizados nesta dissertação têm como alvo a elucidação de questões relativas à constituição do sujeito pelo significante.

Não se trata neste momento, de uma análise crítica dos textos psicanalíticos, mas sim, a partir do Seminário IX, rastrear diferentes conceitos e articulações que se entrecruzam na temática das identificações e do nome próprio. Busca-se trabalhar construções teóricas ainda pouco explicitadas ou distorcidas, nos textos psicanalíticos e ainda, o lugar teórico que a temática ocupa na constituição do sujeito. O objeto de indagação que revela-se como instigante diz respeito às formalizações - tomado este termo literalmente como "por em fórmulas" - efetuadas por Lacan sobre a questão do nome próprio.

A questão do nome próprio e a identificação mostra-se como um tema complexo pois interrelaciona-se com uma série de outros conceitos psicanalíticos. Para que se possa alcançar o nome próprio, é necessário que se eleja um trajeto a ser percorrido, na busca pela ‘identificação ao significante’.

Pertinente à temática aqui apresentada, do lado do imaginário está a identificação ao ideal, do campo do real aparece a questão da letra, marca, traço de pura diferença. Nome próprio, enquanto letra, articulado à identificação ao significante, do registro do simbólico, tentativa de obturar a caída do ideal; letra que enquanto cifra, se inscreve e se perde.

— Nesta procura propõe-se articular os seguintes temas: pulsão, narcisismo, identificação em Freud, signo/ significante/ significado, constituição do sujeito, identificação em Lacan.

A questão da pulsão³ aparece como um primeiro passo, pois além de tratar-se de um conceito fundamental, *Grundbegriff*, e é o próprio Freud quem alega isto, é a partir da pulsão que se pode articular o sujeito em psicanálise. Pulsão que tem seus representantes, *Vorstellungsrepräsentanzen*, inscritos no aparelho psíquico, sendo que Freud nomina este processo como repressão. Através da repressão primária o aparelho psíquico é fundado, as *Vorstellungsrepräsentanzen* são fixadas neste aparelho. Com a repressão há a divisão do aparelho psíquico e a constituição do sujeito.

Pulsão que inicialmente, na vida do infans, é auto-erótica e, segundo Freud, trata-se do narcisismo primário⁴, onde o próprio ego do infans é investido libidinalmente. Torna-se importante, então, trabalhar o tema do narcisismo primário e sua passagem para o narcisismo secundário, que ocorre justamente, via processo de identificação. O processo de identificação⁵, em Freud, remete à formação do ideal do eu, como uma tentativa de retomada do narcisismo primário, relacionada à constituição do eu ideal. Estas questões já estão nos textos de Freud, onde este busca uma articulação sobre como se constitui o sujeito. Ao longo de sua obra, Freud, cada vez mais, trabalha o tema da identificação, dando-lhe um lugar privilegiado, pois a identificação aparece como um processo importante que permeia toda a vida do sujeito.

³ Ver capítulo 1.

⁴ Ver “Narcisismo” em Freud.

⁵ Ver “Identificação em Freud”

É a partir da lingüística, dos conceitos de signo, significante e significado, estudados na obra de Ferdinand de Saussure⁶ e de metáfora e metonímia de Roman Jakobson, que Lacan relê Freud. Sendo assim, é mister percorrer estes trabalhos e recortá-los segundo o interesse desta dissertação. Saussure aparece como um marco fundamental no campo das ciências, pois a lingüística deixa de estudar a língua como uma nomenclatura, para investigar a linguagem de forma integrada, e segundo Lacan, é a partir destas construções que se pode realizar a releitura dos textos de Freud. Os textos psicanalíticos tratam do inconsciente estruturado como uma linguagem, regido pelas leis da metáfora e da metonímia.

Diz Lacan:

“... promover como necessária a toda articulação do fenômeno analítico a noção de significante, na medida em que ela se opõe à noção do significado na análise da lingüística moderna. Esta última, nascida após Freud, Freud não podia levar em conta, mas nós pretendemos que a descoberta de Freud ganhe sua importância justamente por ter antecipado suas fórmulas (...) Inversamente é a descoberta de Freud que dá à oposição do significante e do significado o alcance efetivo.”⁷

De Roman Jakobson, Lacan privilegia os estudos sobre afasias, onde este autor faz a aproximação entre a associação de palavras por semelhança e a metáfora; entre o deslocamento e a metonímia. Também é de Jakobson, o assinalamento de que estes aspectos da linguagem são análogos ao que é encontrado na investigação da estrutura dos sonhos, de Freud.

É a partir da leitura destes autores e outros, que Lacan constrói sua teoria sobre o significante, articulando a estrutura da linguagem e o inconsciente, sendo que o que Lacan demonstra é que significante, significado, signo, metáfora e metonímia estão presentes na obra freudiana, ainda que Freud não o tenha afirmado deste modo⁸.

Com a questão da identificação em Freud e o significante em Lacan, busca-se a articulação da identificação ao significante. Neste caminho advém a questão da constituição do

⁶ Ver capítulo 3.

⁷ LACAN, J. *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* (1957). In: Escritos. São Paulo, Editora Perspectiva, 1988.

⁸ Verificar capítulo 3.

sujeito⁹. Questão enigmática, a ser decifrada. Tanto Freud, quanto Lacan investigam o tema. Encontram-se em Freud, o complexo de Castração e o complexo de Édipo, aspectos cruciais dos temas freudianos, onde o autor procura elaborar uma teoria sobre a sexualidade humana. Mas Freud adverte que o complexo de Édipo tem uma significação simbólica e do que se trata neste complexo é da questão fálica. A partir deste ponto, Lacan busca esmiuçar o tema do falo e sua importância na constituição do sujeito, sendo que a temática do falo está relacionada a suas elaborações sobre o Estádio do Espelho, Édipo e as operações de Alienação e Separação.

É juntamente com a constituição do sujeito, em suas diversas abordagens, que aparece o tema da identificação. A questão da identificação mostra-se, também para Lacan como tema relevante e este passa a investigá-la, dedicando-lhe um Seminário, "*La Identificacion*". Neste Seminário, para trabalhar a identificação, Lacan parte das questões da lógica aristotélica e de Descartes, para assinalar que também no campo da lógica, de alguma maneira, é acerca do sujeito que se investiga, das garantias do sujeito e a relação com sua existência. Este tema, em psicanálise aponta para a identificação¹⁰.

Freud já assinalara que são três as identificações possíveis: identificação primária (narcísica), identificação regressiva a um traço e identificação ao desejo do outro. Freud salienta que a identificação regressiva é a um único traço, tomado do objeto perdido e está relacionada com a formação do ideal do eu, na dissolução do complexo de Édipo.

Lacan segue o texto freudiano e, a partir de sua investigação retoma as identificações, escrevendo sobre a identificação imaginária, que estrutura o eu ideal, remetendo a uma imagem narcísica; identificação ao traço unário, simbólica, formadora do ideal do eu e, identificação histórica.

Neste trabalho de dissertação, a busca é pela questão do nome próprio e é no tema da identificação que se pode encontrá-lo. Identificação regressiva a um único traço, diz Freud, identificação ao traço unário, assinala Lacan. Nome próprio¹¹ enquanto traço unário, enquanto letra, marca, que possibilita que o sujeito se constitua.

⁹ Ver capítulo 4.

¹⁰ Ver capítulo 5.

¹¹ Verificar capítulo 6.

Nome próprio articulado com o ideal do eu, identificação simbólica, articulada com o traço unário que remete ao registro do real, interligado ao eu ideal, identificação imaginária. Nome próprio que aparece na clínica psicanalítica, como uma das questões do sujeito e que aqui é ilustrado pelo texto de Freud sobre o esquecimento de nome próprio e o trabalho de Lacan sobre este mesmo texto.

Nome próprio que pode faltar, nome que manca... Nome com que se faz a assinatura, nome que pode representar o sujeito como existente desde o campo da linguagem e no campo da linguagem.

O filho que não fiz
hoje seria homem.
Ele corre na brisa,
sem carne, sem nome.

C. Drummond de Andrade

Capítulo 1

1. Pulsão

1.1 Pulsão e Experiência de Satisfação

A identificação, na teoria psicanalítica, é um tema articulado com uma série de conceitos. Como passo inicial, cabe aqui um recorte sobre a teoria da pulsão, pois para que se possa falar da identificação do sujeito, sujeito do inconsciente, para a psicanálise, há que se remeter sobre o que move este sujeito e porque este sujeito, em seu percurso, identifica-se.

A pulsão tem seus representantes inscritos no aparelho psíquico, os significantes. Deste modo, embora a pulsão esteja além da linguagem, pressupõe a linguagem, pois as inscrições pulsionais, *Vorstellungsrepräsentanzen* para Freud, significantes, na obra de Lacan, evidenciam que “...o inconsciente é estruturado como uma linguagem.”¹

O aparecimento do conceito de pulsão, na obra freudiana, se dá com “*Três Ensaaios sobre a Teoria da Sexualidade*”, em 1905, mas é em 1915, que Freud escreve “*Os Instintos e suas Vicissitudes*”, texto onde articula os principais aspectos concernentes à pulsão.

Freud apresenta o termo pulsão (*Trieb*) para designar um conceito fundamental (*Grundbegriff*) na teoria psicanalítica. Trata-se de um conceito fundamental do campo da psicanálise, pois um conceito faz sempre referência a um determinado corpo teórico, e neste caso, trata-se de um conceito que serve de base a outras articulações teóricas. Conceito este que se apresenta como uma “*ficção fundamental*”². Ficções são puras construções teóricas,

¹ LACAN, J. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). 3. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988. Sem. XI, p. 193.

² *idem*, p.155.

que possibilitam uma certa inteligibilidade. A pulsão revela-se como uma ficção, pois é uma produção teórica, uma construção de Freud para poder articular questões importantes na psicanálise.

A articulação do conceito da pulsão é feita a partir da construção de um paralelo com o conceito de estímulo, tomado da fisiologia. Freud anota que um estímulo é apontado como uma excitação proveniente do mundo externo e que sua descarga resulta em uma ação para fora, sendo que esta ação tem por objetivo remover a capacidade da fonte de excitação, de promover esta estimulação.

Freud inicia esta articulação com a proposta de que a pulsão seria um estímulo, não um estímulo qualquer, mas sim um estímulo aplicado à mente. Adverte, em seguida, que existem outros estímulos aplicados à mente. É o caso, por exemplo, dos estímulos fisiológicos, que atuam sobre a mente, mas não são pulsão. Por exemplo, a luz que incide sobre os olhos é um estímulo externo, que desencadeia um arco reflexo, mas não aponta para a pulsão. Este estímulo visual assinala a questão do instinto (*Instinkt*). E instinto é diferente de pulsão. O instinto designa um comportamento hereditário fixado, tem um objeto específico, determinado a partir do estímulo. Este estímulo atua como um impacto único, momentâneo, podendo ser removido através de uma única ação, como é exemplo do arco reflexo.

Freud apresenta a situação de estímulos que atingem a substância nervosa de “...um organismo vivo quase inteiramente inerte.”³ Este organismo ainda não tem orientação no mundo, ou seja, não percebe o que é interno ou externo. Posteriormente, fará a primeira orientação e distinção, ao perceber que certos estímulos atribuídos ao mundo externo podem ser evitados por uma fuga; enquanto que frente a outros estímulos, tal ação não consegue evitar a excitação decorrente de fonte interna. Assim, é a atividade muscular, enquanto eficaz ou não, que indicará para a substância perceptual do organismo vivo, a possibilidade de “...distinguir entre um ‘de fora’ e um ‘de dentro’...”⁴ Quando Freud articula o tema da identificação, apresenta-o como uma possibilidade de internalizar, via incorporação do objeto, toma-o de fora e tornando-o interno. A identificação aparece como resposta à questão de

³ FREUD, S. *Os Instintos e suas Vicissitudes* (1915). In: *Obras Completas*. 2. ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987. v. XIV, p.139.

⁴ *idem*, p. 139.

como algo exterior torna-se interior. Lacan, em sua obra, introduz a figura topológica do toro, onde há um exterior e um interior⁵, sendo que a passagem de um ao outro não implica em ruptura, pois o campo exterior é homogêneo ao interior, são campos contínuos.

A excitação que advém do interior do corpo está relacionada com a questão da pulsão. As características específicas da pulsão tornam clara sua distinção com o instinto. A fonte de excitação da pulsão é interna, vem de dentro do organismo, sua incidência sobre o aparelho psíquico implica em ações específicas para removê-la. As inscrições pulsionais fazem-se no aparelho psíquico desde fora, por um outro, que ocupa o lugar de Outro, tesouro de significantes, diz Lacan. Uma vez inscritas, fixadas pela repressão primária, não mais deixam de pressionar. A partir de então a fonte de excitação da pulsão é interna. A força de impacto da pulsão é constante (*konstante Kraft*). Qualquer ação na tentativa de fuga da pulsão é inútil, pois a pulsão tem como alvo a satisfação, o que poderia ser conseguido eliminando-se a excitação na fonte interna de estimulação.

Freud articula então, que a pulsão é :

“... um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.”⁶

A partir destas fontes internas de estimulação, fontes no próprio corpo, há um afluxo de excitação constante ao qual o organismo não consegue escapar. E esta pressão constante determina o funcionamento do aparelho psíquico. Assinala-se então, a pulsão em sua articulação entre o que é da ordem do corpo e o que é da ordem do psíquico.

Os elementos que representam a pulsão no aparelho psíquico são: *Vorstellungrepräsentanz* (representante da representação pulsional no psiquismo) e *Affektbetrag* (quota de afeto).

Tendo como base esta construção conceitual, Freud anota os termos da pulsão: *Drang* (pressão), *Ziel* (finalidade ou objetivo), *Objekt* (objeto) e *Quelle* (fonte).

⁵ A figura topológica do toro será trabalhada posteriormente, capítulo 6.

⁶ FREUD, S. *Os Instintos e suas Vicissitudes* (1915). Op. cit. v. XIV, p.142.

A pressão da pulsão é a quantidade de força, uma força constante (*konstante Kraft*), que determina uma exigência de trabalho ao aparelho psíquico. Esta pressão é, pois, um fator quantitativo, econômico. Toda pulsão é uma parcela de atividade, devido à sua pressão constante. A pressão impele o organismo para uma determinada ação, para que haja a eliminação de tensão.

Esta pressão constante assinala que a pulsão não tem a ver com a característica cíclica da função biológica. Na função biológica a pressão não é constante, e sim em forma de ritmo. A excitação, na função biológica, determina uma pressão no sentido da satisfação de uma necessidade. Após esta ser atingida, a estimulação deixa de existir.

A finalidade, meta ou objetivo da pulsão é sempre a satisfação, ou seja, eliminar o estado de excitação na fonte da pulsão, que é da ordem do corpo, corpo pulsionalizado anatômico. Para atingir a finalidade de satisfação, a pulsão pode passar por finalidades mais próximas ou intermediárias, combinadas ou intercambiadas entre elas, portando sua satisfação é parcial. A própria pulsão é parcial, com relação à função biológica a que está ligada. A pulsão é um desvio do campo biológico, onde o objetivo natural era o da auto-conservação da espécie. Diz Lacan: "... a sexualidade só se realiza pela operação das pulsões, no que elas são pulsões parciais, parciais em relação à finalidade biológica da sexualidade."⁷

O objeto da pulsão é algo a partir do qual a pulsão pode atingir a sua satisfação parcial, ao contornar o objeto. Originalmente, o objeto não está ligado à pulsão, liga-se à pulsão na busca da satisfação. Podem ser objetos variados, modificando-se quantas vezes forem necessárias para que a satisfação da pulsão possa ser parcialmente alcançada. O objeto da pulsão pode ser uma parte do corpo do sujeito. Um mesmo objeto pode satisfazer parcialmente a várias pulsões. Lacan⁸ pontua que a satisfação da pulsão é paradoxal, é impossível enquanto satisfação plena, pois nenhum objeto é capaz de satisfazê-la. O objeto da pulsão não é pré-determinado, pois não é de um objeto relacionado com a necessidade do que se trata aqui. Pode-se dizer que referente à pulsão trata-se de uma insatisfação.

⁷ LACAN, J. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Op. cit. p. 167.

⁸ *idem*, p. 159

A fonte da pulsão é o processo somático, diz Freud, da ordem do corpo erogeneizado, podendo localizar-se em um órgão ou parte do corpo. A pulsão tem sua fonte no próprio organismo, que acaba determinando uma excitação interna, à qual o sujeito não tem como escapar. Freud denomina a fonte da pulsão, no corpo, como zona erógena, orifícios do corpo que apontam para a fonte de excitação sexual e estão relacionadas com os cuidados maternos, ou seja, são partes do corpo erotizadas pelo Outro, revelando-se como fonte de prazer. Pela finalidade que pretende e pelos objetos aos quais se liga, a pulsão acaba por inscrever-se no aparelho psíquico.

A pulsão, num primeiro momento, apoia-se (*Anlehnung*) nas necessidades básicas do infans, é o que revela a satisfação do infans decorrente da alimentação. Além da ingestão do alimento, há a excitação dos lábios e da língua, pelo seio, determinando outro tipo de satisfação.

Isto aponta para a “*experiência de satisfação*” (*Befriedigungserlebnis*)⁹, descrita por Freud. A princípio, o aparelho psíquico tem como objetivo manter-se livre de estímulos, este estado de repouso psíquico é regido pelo “*Princípio de Constância*”¹⁰. O aparelho, segundo este princípio, procura manter a quantidade de excitação tão baixa quanto for possível, ou mantê-la constante. O aparelho psíquico funcionaria como se fosse um aparelho reflexo, ou seja, frente a cada estímulo seguir-se-ia uma descarga por via motora.

Esta constância é quebrada pelas exigências decorrentes das necessidades somáticas pelas quais passa o recém-nato. Frente a estas necessidades, por exemplo a fome, o infans promove uma descarga em movimentos: chora, grita, esperneia. Mas esta descarga motora não elimina a força constante do estímulo interno.

Isto revela o estado de desamparo original em que se encontra o infans, ou seja, a criança não consegue, sozinha, promover ações que possam suprimir estas excitações internas.

É necessária a ação de uma outra pessoa, geralmente a mãe, que possa viabilizar a eliminação deste estímulo. No caso da fome, quando a mãe amamenta o filho, o infans

⁹ FREUD, S. *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895). Op. cit. v. I, p. 336.

¹⁰ *idem*, p. 316.

vivência a “*experiência de satisfação*” (*Befriedigungserlebnis*), que põe fim ao estímulo interno, ou seja, através da apresentação do alimento pela mãe, com o processo da alimentação, há a remoção da excitação interna.

Com a vivência de satisfação ocorre uma descarga de tensão, elimina-se a urgência que causou o desprazer (aumento de excitação); juntamente ocorre o investimento de energia do neurônio responsável pela percepção do objeto que possibilitou a satisfação; também são inscritas, no aparelho psíquico, as informações sobre a descarga do movimento reflexo, imagem motora.

Como o aparelho psíquico funciona através de uma lei de associação por simultaneidade, onde os neurônios são investidos simultaneamente, com o investimento de energia que ocorre na experiência de satisfação surge uma facilitação (*Bahmungen*), ou seja, a quantidade de energia passa mais facilmente de um neurônio a outro que já fora investido, do que a um não investido. A barreira de contato, resistência à passagem de energia entre os neurônios, fica assim facilitada pelo investimento simultâneo.

Quando a experiência de satisfação acontece, a imagem mnêmica desta fica associada ao traço mnêmico da excitação interna produzida pela necessidade. Através desta experiência, há a facilitação entre estas duas imagens mnêmicas e os neurônios já anteriormente investidos de energia.

Quando em outro momento houver o reaparecimento da excitação interna, reaparecendo o “*estado de urgência ou de desejo*”¹¹, ocorre um reinvestimento das imagens, na tentativa de encontrar a identidade de percepção, restabelecendo a situação de satisfação original. O desejo, que se constitui como uma tentativa de restabelecimento da satisfação original, via reinvestimento da imagem mnêmica, busca o objeto, agora, perdido, cuja presença é marcada pela falta.

É o desejo que põe o aparelho psíquico em movimento. Como o desejo foi anteriormente ligado aos traços mnêmicos, o sujeito busca a satisfação na reprodução alucinatória da imagem do objeto. Este reinvestimento da imagem mnêmica constitui-se em

¹¹ FREUD, S. *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895). Op. cit. v. I, p. 337.

uma alucinação. Mas, diz Freud: “A satisfação não sobrevêm e a necessidade perdura.”¹² Frente a esta alucinação, advém o desapontamento. A partir deste desapontamento, o sujeito tem que abandonar a tentativa de satisfação por meio da alucinação. O objeto passa a ser presentificado em sua imagem mnêmica, passa a ter o caráter de um elemento imaginário e, quando reinvestido de energia, sujeito à decepção.

No caso de desejo ou estado de urgência, o funcionamento do aparelho acaba por determinar uma atração pela imagem mnêmica do objeto desejado. Estas imagens são inscrições no aparelho psíquico, enquanto traços de memória, enquanto *Vorstellungsrepräsentanz* destas experiências.

A partir de então, o sujeito precisa passar a diferenciar a existência real de algo e a representação de algo real, o que Freud chama de “*teste da realidade*”¹³. O que o teste da realidade pretende é verificar se o que está inscrito no aparelho psíquico, enquanto *Vorstellungsrepräsentanz*, enquanto representação, pode ser reencontrado através da percepção.

No caso da experiência de satisfação, o objeto da pulsão que possibilita a satisfação é o seio da mãe. Então, o teste da realidade procura certificar-se, através da percepção, que este objeto, o seio, ainda está na realidade, que não é uma alucinação. O teste visa reencontrar tal objeto, agora perdido. Objeto perdido porque a experiência de satisfação, enquanto tal, como fora vivenciada pelo infans, não mais se repete. Mas há o registro destas inscrições no aparelho psíquico, marcadas a partir da experiência de satisfação.

Para melhor explicar o que ocorre no aparelho psíquico, Freud relata a experiência do “*complexo de Nebenmensch*”¹⁴. Esta experiência constitui-se como a primeira apreensão da realidade pelo sujeito. É o primeiro encontro da criança com o “*próximo salvador*”, por exemplo, a mãe. Mãe que foi o primeiro objeto de satisfação do sujeito e também seu primeiro objeto hostil. O infans vai perceber a mãe, agora, não mais como ela mesma. Por um lado, surgem complexos perceptivos novos e incomparáveis, e por outro, algumas percepções

¹² _____. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Op. cit. v. V, p. 516.

¹³ _____. *A Negativa* (1925). Op. cit. v. XIX, p. 297.

¹⁴ Freud relaciona o “*complexo de Nebenmensch*” como o “*complexo do próximo salvador*”.

que provêm deste objeto coincidirão com imagens de percepções do corpo do próprio infans. Assim, este primeiro encontro do infans com a mãe faz com que o “*complexo de ser humano semelhante*”¹⁵ divida-se em dois: *das Ding*, uma impressão de uma estrutura constante e que permanece unida como uma coisa, e outra parte, que ativa a memória, segundo as informações que o infans tem sobre o próprio corpo, sua imagem.

Das Ding é o elemento isolado pelo infans, a partir do “*complexo de Nebenmensch*”, por sua característica de estranhamento (*Fremde*). É o que não é familiar. Surge como um estranho, um vazio impenetrável.

Já as qualidades, atributos deste complexo, vão se constituir em *Vorstellungsrepräsentanzen* primitivas, regidas pelo princípio do prazer.

Das Ding, enquanto estranho, é o primeiro exterior, aquilo que não é o infans, que não é familiar e é o que vai orientar o encaminhamento do sujeito em relação aos seus desejos.

A experiência psicanalítica aponta para *das Ding* enquanto o primeiro exterior, o Outro absoluto do sujeito. E é o *das Ding*, a completude perdida, a experiência de satisfação, que o sujeito tenta reencontrar. Mas, o que sobrevêm é a alucinação fundamental, e é a partir dela que o sujeito pode ordenar o mundo da percepção, o que é familiar e o que é estranho, o igual e o diferente, o eu e o outro. Estas percepções apontam para o registro das imagens, do imaginário.

O objeto causa do desejo qualifica-se então, como um objeto diferente do objeto da necessidade, para além da necessidade, em presença do Outro. Outro encarnado pela mãe, mãe que ora é presença, ora ausência, e que aos olhos do infans pode lhe dar ou não seus dons de amor, para além da necessidade. O seio, a partir da experiência de satisfação, torna-se elemento simbólico, resposta ou não a uma demanda de amor do infans, demanda endereçada a este Outro. Outro enquanto lugar de significantes, diferente do outro, enquanto semelhante, da relação dual, do campo do imaginário.

¹⁵ _____. *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895). Op. cit. v. I, p. 348.

Então, *das Ding* é o que na organização do psiquismo, em seu início cronológico e lógico, remete à experiência de satisfação e que agora se apresenta como estranho, como falta. E se há falta, há desejo, pois se há desejo é de algo que não se tem. É em torno de *das Ding* que se inscrevem as *Vorstellungsrepräsentanzen*, segundo o princípio do prazer. São estas inscrições, inscrições de significantes, enquanto diferenças, significantes do registro simbólico.

É também em torno de *das Ding* que se instaura a orientação do sujeito em direção ao objeto. Objeto que o sujeito busca reencontrar, pois a vivência da experiência de satisfação determina uma ação específica, com a intenção de reproduzir o estado inicial, ou seja, de reencontrar o objeto, *das Ding*. O que constitui este objeto como perdido é justamente a sua procura, um reencontro impossível.

Lacan aponta então que: “Das Ding é originalmente o que chamaremos de o fora-do-significado”.¹⁶ Fora do significado pois é anterior à repressão primária. É em relação a *das Ding* original que vai-se determinar a estrutura do sujeito, pois existem aí inscrições no aparelho psíquico. *Das Ding*, enquanto fora do significado, anterior à repressão, é da ordem do real.

A repressão primária funda o aparelho psíquico, sendo que as primeiras inscrições (*Niederschrift*) fixam-se neste aparelho, constituindo-o como dividido. A repressão originária que aponta para algo para sempre perdido.

Como já foi anteriormente articulado, frente ao reaparecimento do desejo ocorre um aumento de excitação e a representação do objeto desejado passa a ser investida. Isto ocorre “...segundo as regras do trilhamento associativo, constelações de *Vorstellungen* que regulam a associação de idéias, *Gedanken* inconscientes, segundo o princípio do prazer.”¹⁷ *Gedanken* inconscientes são associações de *Vorstellungsrepräsentanzen*, pensamentos inconscientes, numa cadeia significativa. Mas esta *Vorstellungsrepräsentanz* não pode ser tão intensamente investida de energia a ponto de ser confundida com a percepção. A descarga também deve ser postergada até que a *Vorstellungsrepräsentanz* investida coincida com a percepção da

¹⁶ LACAN, J. *A Ética da Psicanálise* (1959-60). 2. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991, Sem. VII, p.71.

¹⁷ *idem*, p. 77.

realidade, identidade perceptiva. O que ocorre a partir da diferença entre a *Vorstellungsrepräsentanz* e a percepção é o processo de pensamento.

O pensamento tem como objetivo encontrar uma identidade entre a transmissão de um investimento vindo do exterior, via percepção e a *Vorstellungsrepräsentanz* investida de energia. O pensamento é um substituto do desejo alucinatorio. É uma via indireta que vai da lembrança de uma satisfação, da *Vorstellungsrepräsentanz* que está inscrita no aparelho e que remete a esta lembrança a um investimento idêntico da mesma lembrança, visando uma identidade de pensamento. Funciona assim o princípio da realidade e o que ocorre são processos psíquicos secundários, ou seja, processos que sofreram a interferência do ego¹⁸ e que se constituem em versões atenuadas dos processos primários.

Enquanto o processo primário procura atingir uma descarga de excitação, para, a partir desta quantidade de excitação acumulada promover uma identidade perceptiva com a experiência de satisfação, o processo secundário busca a identidade do pensamento. Estão envolvidos, aqui, pensamentos a nível do registro imaginário, que são construções do eu.

É o ego (*Ich*) que passa a regular os processos psíquicos segundo o princípio da realidade. Freud introduz assim, o ego, definindo-o como um sistema que tem uma ocupação uniforme de investimento, com uma função reguladora e é inconsciente enquanto função. Esta função reguladora tem com o objetivo afastar o mundo externo, regular a descarga, mantendo um suporte de quantidade e de energia necessário ao aparelho psíquico.

O ego surge, então, como uma diferenciação, sob influências, que sofre o aparelho psíquico, do mundo externo. Como o ego tem uma relação direta com traços mnêmicos do objeto reinvestidos, imagens do objeto, o eu é uma instância imaginária por excelência, do registro imaginário. “O caráter de composição imaginária, de elemento imaginário do objeto, faz dele o que se poderia chamar a substância de aparência, o material de um engodo vital, uma aparição sujeita à decepção ...”¹⁹ O ego vem atenuar o fracasso primitivo do sujeito ao distinguir a alucinação e a percepção. O ego impede que o reinvestimento da imagem do

¹⁸ Optou-se pela utilização do termo “ego”, quando referindo-se aos textos de Freud e o termo “eu”, referindo-se aos textos de Lacan, embora os termos sejam correlatos.

¹⁹ LACAN, J. *A Ética da Psicanálise* (1959-60). Op. cit. p. 79.

objeto seja demasiado. Frente a esta satisfação decepcionada, quando da alucinação do objeto, o aparelho passa, agora, a representar as condições do mundo exterior e procurar nelas uma modificação, passa a representar não só o que lhe é agradável. O aparelho psíquico funciona, então, como se fosse um crivo da realidade, pois não só seleciona a quantidade como a qualidade do que é exterior.

No texto de 1915, “*Os Instintos e suas Vicissitudes*”, Freud retoma as questões trabalhadas no “*Projeto*” e apresenta a antítese entre o ego e o não-ego. No início há o narcisismo, que é perturbado pelas necessidades do infans, a partir dos cuidados de um agente externo, a mãe, e impelido pelo princípio do prazer, o ego introjeta os objetos que lhe dão prazer e projeta os que causam desprazer.

“Assim, o ‘ego da realidade’ original, que distinguiu o interno e o externo por meio de um sólido critério objetivo, se transforma num ‘ego do prazer’ purificado, que coloca a característica do prazer acima de todas as outras. Para o ego do prazer o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que ele incorporou a si mesmo, e num remanescente que lhe é estranho.”²⁰

Posteriormente, frente às exigências da realidade e pela capacidade de diferenciação do ego, este constituir-se-ia em um ego da realidade final, regido pelo princípio da realidade. Este princípio possibilita a coibição da descarga motora, através do processo de pensar. Nos textos posteriores, “*A Negativa*”(1925) e “*O Mal Estar na Civilização*”(1930), Freud assinala a questão de que no início “...o ego-prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau.”²¹ A partir deste ego-prazer inicial desenvolve-se o ego-realidade, que busca verificar se o que há no ego, enquanto representação, pode ser redescoberto na realidade, via percepção.

²⁰ FREUD, S. *Os Instintos e suas Vicissitudes* (1915). Op. cit. v. XIV, p. 158.

²¹ _____. *A Negativa* (1925). Op. cit. v. XIX, p. 297.

1.2 Pulsão e *Vorstellungsrepräsentanzen*

A partir da inscrição do significante, *Vorstellungsrepräsentanz*, no aparelho psíquico²², via repressão originária, o objeto passível de satisfazer a pulsão está perdido. Objeto subtraído, isolado, que remete à falta. Como o objeto é perdido, marca-se a falta e advém o desejo. Desejo que se inscreve entre a demanda de amor e a necessidade.

Com as inscrições no aparelho psíquico, o sujeito há que se sustentar como desejante via significantes, pois as inscrições no aparelho são significantes. O desejo estrutura-se como desejo de um objeto impossível. O vazio deixado por *das Ding* constitui-se como causa de desejo. Este vazio deixado lança o sujeito na busca do objeto, sendo que este, seja qual for, será substitutivo do objeto faltante. Lacan nomina este objeto como objeto a, causa do desejo, testemunha de uma perda impossível de ser preenchida.

Lacan articula a pulsão em seu Seminário XI, “*Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*”, de 1964, onde elenca as pulsões em número de quatro: oral, anal, escópica e invocante. As pulsões oral e anal, Freud já trabalhara em sua obra. Lacan retoma o voyerismo-exibicionismo apontado por Freud e nomina a pulsão escópica. A pulsão invocante tem a ver com a dimensão vocálica, onde a voz representa um traço que marca a ausência significativa.

Cada pulsão reconhece um objeto específico, que é nominado por Lacan; objeto a, representado por fragmentos parciais e separáveis do corpo. São eles: o seio, as fezes, o olhar e a voz.

É o princípio do prazer que orienta esta busca do objeto, como também determina uma distância em relação a que a finalidade seja alcançada. O que é passível de ser transferido, de *Vorstellungsrepräsentanz* em *Vorstellungsrepräsentanz*, em termos de quantidade de investimento, acaba por determinar uma certa distância para atingir o alvo, sendo que este funcionamento é regido pelo princípio do prazer.

A pulsão apresenta um movimento em circuito que sai através da borda erógena, voltando a ela como sendo seu alvo, num contorno do objeto a. Há, então, o retorno em

²² Remete-se aqui à experiência de satisfação e ao complexo de *Nebenmensch*.

circuito da pulsão. Para tentar restaurar sua perda original, a pulsão rodeia o objeto a. O percurso da pulsão tem caráter de contorno ao objeto, pois a pulsão descreve um circuito ao redor de seu objeto.

A fonte da pulsão (*Quelle*) se inscreve na economia da pulsão enquanto uma estrutura de borda, remetendo às zonas erógenas, pontos de ancoragem da pulsão. Como a pulsão é parcial e seu alvo não é a reprodução, a pulsão satisfaz-se tendo como alvo o retorno em circuito (Figura 1-1).

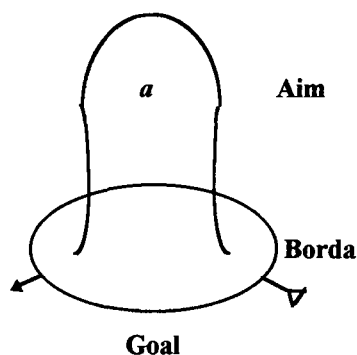


Figura 1-1²³

Lacan assinala que a pulsão, marca da sexualidade, enquanto representada no aparelho psíquico, é parcial. É parcial porque representa parcialmente a sexualidade, pois a pulsão é uma montagem²⁴ através da qual a sexualidade se inscreve no aparelho psíquico. É a partir desta relação da sexualidade com o que é da ordem do significante, que a pulsão é parcial.

Falar de sexualidade e pulsão é remeter-se à questão da libido. Esta teoria, em Freud, aponta para o conceito de libido “...como uma força quantitativamente variável que poderia servir de medida do processo e das transformações que ocorrem no campo da excitação sexual.”²⁵ Freud aponta ainda que esta força de excitação sexual se origina de todos os órgãos do corpo, sendo então a manifestação psíquica da pulsão, inscrita no aparelho psíquico.

²³ LACAN, J. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Op. cit. p. 169. O circuito da pulsão, onde *Aim* é apontado por Lacan como o trajeto da pulsão. *Goal* é o alvo da pulsão.

²⁴ *idem*, p.160. Lacan utiliza-se do termo montagem, comparando-a a uma colagem surrealista, desorganizada.

²⁵ FREUD, S. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). Op. cit. v. VII, p. 223.

Lacan, em sua leitura dos textos de Freud, assinala que a libido não é um campo de forças, mas é um órgão-parte do organismo e órgão-instrumento da pulsão. A libido é uma lâmina, “...um órgão que tem por característica não existir...”²⁶, órgão que o homem perde ao reproduzir-se por via sexuada. Esta lâmina é um órgão, pois é um instrumento do organismo. Esta lâmina, a libido, tem uma borda que insere-se na zona erógena, zona esta que está ligada ao inconsciente, pois a pulsão tem aí (no inconsciente) seus representantes, no campo da representação.

A libido é um órgão irreal, pois se articula com o real e de um modo que escapa. É necessário, pois, que se construa uma representação mítica, uma articulação simbólica. Diz Lacan: “A libido é esta lamínula que introduz sorrateiramente o ser do organismo em seu verdadeiro limite, que vai mais longe do que o do corpo.”²⁷ Vai além do corpo, pois o sujeito enquanto submetido à linguagem, tem os representantes pulsionais inscritos no aparelho psíquico, ou seja, anteriormente às inscrições no aparelho não há nada no psiquismo que indique uma determinação da sexualidade do sujeito. Estas inscrições se dão a partir de significantes que vêm do Outro. Outro enquanto lugar da cadeia significante, geralmente encarnado pela mãe. Outro primordial, neste primeiro momento lógico de constituição do aparelho psíquico. A articulação mítica construída por Lacan é o mito da *lamelle*. Diz Lacan:

“De cada vez que se rompem as membranas do ovo de onde vai sair o feto em passo de se tornar um neonato, imaginem por um instante que algo se volatiliza, que com um ovo se pode fazer tanto um homem quanto um homelete, ou a lâmina (...) E é disso aí que são os representantes, os equivalentes, todas as formas que se podem enumerar do objeto a.”²⁸

A libido é esta lâmina que se desprende do ser, aquilo que o vivente perde enquanto sexuada, quando do seu nascimento. Libido que também é representada pelo objeto a, enquanto causa do desejo.

Retome-se a questão das *Vorstellungsrepräsentanzen* enquanto inscrições no aparelho psíquico, decorrentes do processo de repressão, representantes da representação pulsional no aparelho. O que ocorre aí é da ordem da repressão, que funda o aparelho psíquico, em

²⁶ LACAN, J. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Op. cit. p.186.

²⁷ _____. *Posição do Inconsciente* (1964). In: Escritos. São Paulo, Editora Perspectiva, 1988. p. 333.

²⁸ _____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Op. cit. p. 186.

consciente e inconsciente. O processo da repressão (*Verdrängung*) é uma das vicissitudes que a pulsão pode sofrer.

A teoria de repressão é apontada por Freud como "...a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise."²⁹ Sua importância está no fato de que a repressão está diretamente ligada à constituição do aparelho psíquico, pois é através dela que o aparelho se funda.

A repressão tem por objetivo a fuga do desprazer (aumento de tensão), causado por uma pulsão, mas não uma pulsão qualquer. A repressão vai atuar sobre uma determinada pulsão, uma pulsão passível de satisfação. Toda a satisfação de pulsão gera prazer, pois elimina a excitação existente, mas esta determinada pulsão, ao mesmo tempo em que gera prazer em um lugar, determina desprazer em outro. Assim sendo, a pulsão passível de repressão é justamente esta, onde a força motora do desprazer é maior que a produção do prazer que advém da satisfação.

Freud assinala que existem duas fases da repressão. A primeira delas é a repressão originária ou primeva (*Urverdrängung*). É esta primeira repressão que funda o aparelho psíquico, fixando a pulsão em uma *Vorstellungsrepräsentanz*, e esta *Vorstellungsrepräsentanz* é inscrita (*Niederschrift*) no inconsciente.

A segunda fase da repressão é a repressão propriamente dita ou posterior (*Verdrängung*), onde os derivados da *Vorstellungsrepräsentanz* reprimida também são reprimidos. A repressão posterior é um processo que só pode surgir a partir do momento em que o aparelho psíquico já está constituído.

A repressão primária funda o aparelho psíquico, quando a pulsão se fixa em uma *Vorstellungsrepräsentanz* no aparelho, advindo daí a cisão deste. As *Vorstellungsrepräsentanzen* reprimidas são retiradas do consciente ou mantidas afastadas do consciente. A repressão retira da *Vorstellungsrepräsentanz* o investimento (pré)consciente. Estas *Vorstellungsrepräsentanzen* continuam existindo no inconsciente, podem originar derivados do reprimido e através destes fazer associações. Estes derivados tentam alcançar a

²⁹ FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico* (1914). Op. cit. v. XIV, p. 26.

consciência, o que vai depender do quão estão distorcidos em relação ao reprimido, quantos elos intermediários existem com o reprimido e qual o seu investimento libidinal. No inconsciente, a *Vorstellungsrepräsentanz* ou permanece não-investida, ou recebe ou retém o investimento do inconsciente. Quando uma *Vorstellungsrepräsentanz* está hiper-investida mantêm-se ativa, produz derivados, para que assim consiga atingir a consciência.

A repressão atinge as *Vorstellungsrepräsentanzen*, enquanto que a quota de afeto passa por outras vicissitudes. Quando o processo de repressão se instala e a *Vorstellungsrepräsentanz* é reprimida, é justamente na tentativa de impedir o desenvolvimento do afeto. Entretanto a repressão fracassa nesta tentativa, uma vez que o afeto escapa ao processo e torna-se consciente. Diz Freud: “*Vorstellung* são investimentos - basicamente de traços de memória - enquanto que os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas.”³⁰ O que ocorre na repressão é uma ruptura entre *Vorstellungsrepräsentanz* e o afeto, cada qual passando por vicissitudes diferentes e isoladas. Segundo Freud, a quota de afeto pode passar por três destinos: “...ou o afeto permanece, no todo ou em parte, como é; ou é transformado numa quota de afeto qualitativamente diferente, sobretudo em angústia; ou é suprimido, isto é impedido de se desenvolver.”³¹ Não existe afeto no inconsciente, mas sim afeto que sob efeito da repressão foi impedido de se desenvolver, mas isto não quer dizer que é sobre o afeto que a repressão incide. O afeto só pode ser suprimido pela retirada de investimento da *Vorstellungsrepräsentanz* a qual está ligado.

A repressão é, então, um processo que atinge a pulsão, em suas *Vorstellungsrepräsentanzen*, interferindo na quota de afeto da pulsão. Sobre o que a repressão opera são significantes. A repressão se organiza segundo uma relação do sujeito ao significante.

No texto “*O Inconsciente*” (1915), Freud vai tornar mais claras as relações entre o sistema consciente e inconsciente e seus conteúdos. Freud assinala que no aparelho psíquico está a *Vorstellungrepräsentanz*. Esta *Vorstellungsrepräsentanz* pode ser dividida em *Vorstellung-coisa* (*Sachvorstellung*) e *Vorstellung-palavra* (*Wortvorstellung*), ambas

³⁰ _____. *O Inconsciente* (1915). Op. cit. v. XIV, p. 205.

³¹ _____. *O Inconsciente* (1915). Op. cit. v. XIV, p. 204.

originam-se em decorrência das percepções sensoriais. A *Vorstellung*-coisa consiste no investimento ou de imagens diretas da coisa ou de traços de memória derivados destas imagens. Esta *Vorstellungsrepräsentanz* pertence ao sistema inconsciente, onde o que ocorre é o processo primário.

Quando a *Vorstellung*-coisa é hiper-vestida através da ligação com a *Vorstellung*-palavra correspondente, o processo primário passa a ser sucedido pelo processo secundário e a *Vorstellungsrepräsentanz* encontra-se no pré-consciente, ou seja, com a possibilidade de tornar-se consciente. O processo de repressão vai afetar a *Vorstellung*-coisa e não a *Vorstellung*-palavra. Freud assinala, então, a diferença entre a *Vorstellungsrepräsentanz* consciente e inconsciente, dizendo: "... a *Vorstellung* consciente abrange a *Vorstellung*-coisa mais a *Vorstellung*-palavra que pertence a ela, ao passo que a *Vorstellung* inconsciente é a *Vorstellung*-coisa, apenas."³² É importante frisar que o derivado da *Vorstellungsrepräsentanz* da pulsão é que pode tornar-se consciente ou inconsciente.

No inconsciente estão os processos primários regidos pelo princípio do prazer, no pré-consciente e consciente os processos são secundários, regidos pelo princípio da realidade.

O princípio do prazer regula o que está no inconsciente. E o que diz Freud é que enquanto dominados pelo princípio do prazer, há pensamentos no inconsciente. Os pensamentos só são acessíveis através da fala articulada, o que envolve a necessidade de movimento para falar. Fala que advém sob a forma de *Wortvorstellung*. Pensamentos inconscientes denominados *Gedanken*, pois apresentam estrutura de linguagem.

O princípio do prazer funciona aí como uma facilitação (*Bahmungen*), ou seja, na passagem de um neurônio ao outro, a resistência que a excitação tem que vencer está permanentemente diminuída. É a inscrição da experiência acumulada.

Estes pensamentos, que ocorrem entre a percepção e a consciência, são levados até a consciência pelo discurso, em palavras, as *Wortvorstellungen* (*Vorstellungen*-palavra). As *Vorstellungen*-palavra surgem articuladas com as *Vorstellungen*-coisa (*Sachvorstellungen*).

³² idem, p. 230.

Lacan pontua então, que entre a percepção e a consciência o que se interpõe é a estrutura significante. Diz Lacan:

“Os processos de pensamento na medida em que regulam, pelo princípio do prazer, o investimento das *Vorstellungen* e a estrutura na qual o inconsciente se organiza (...) o que constitui o grumo da representação, ou seja, algo que tenha a mesma estrutura (...) do significante.”³³

A *Vorstellungsrepräsentanz* constitui-se enquanto elemento associativo e é organizada como um significante enquanto tal. Logo, esta organização psíquica segue as leis da condensação e do deslocamento, metáfora e metonímia, leis do funcionamento da cadeia significante, portanto o inconsciente é articulado como uma linguagem. Diz Lacan: “E essas *Vorstellungen*, afirma, gravitam, permutam-se, modulam-se segundo as leis que vocês podem reconhecer, se seguem meu ensino, como as leis mais fundamentais do funcionamento da cadeia significante.”³⁴

As *Vorstellungsrepräsentanzen*, que apresentam características distintas dos conteúdos que atingem a consciência, e que são da ordem do que é inconsciente, não apresentam contradição mútua, ou seja, existem lado a lado, sem interferirem umas nas outras. No inconsciente não há lugar para a negação (*Verneinung*), esta só aparece a nível da *Wortvorstellungen*, no pré-consciente/consciente.

No inconsciente as *Vorstellungsrepräsentanzen* que sofreram repressão, funcionam regidas pelo princípio do prazer, mantendo contato com a realidade psíquica em substituição à realidade externa.

Como no inconsciente não há negação, a partícula negativa só vai aparecer no momento da emissão da fala e não nos conteúdos reprimidos inconscientes. No inconsciente não há negação enquanto partícula “não”, esta é da ordem do que é consciente. Para Freud, a negação é uma maneira de ao mesmo tempo tomar conhecimento do que está reprimido, sem que haja a aceitação deste conteúdo, ou seja, a repressão se mantém. Há, assim, a suspensão e a manutenção da repressão, onde através da partícula negativa o conteúdo reprimido pode

³³ LACAN, J. *A Ética da Psicanálise* (1959-60). Op. cit. p. 80.

³⁴ *idem*, p. 81.

atingir o consciente. A negação apresenta pois, uma relação direta com a repressão, estando com ela ligada. Se, por um lado, a repressão deixa *Vorstellungsrepräsentanzen* fora do alcance da consciência, e o faz a partir do registro do simbólico, por outro, a negação apresenta um ‘substituto’ da repressão, com a adição da partícula negativa, mas também aponta para o simbólico. Pois, se um determinado conteúdo é agora negado é porque anteriormente apresentou-se em forma de afirmação. Lacan assinala isto quando afirma que: “... vocês vêem a *Verneinung* representar, de um certo ponto de vista, a forma invertida da *Verdrängung* e a diferença de organização que existe entre uma e outra...”³⁵

A questão da negação³⁶ vem assinalar uma divisão entre o sujeito da enunciação, sujeito do inconsciente e sujeito do enunciado.

Revela-se assim a importância da articulação da temática do presente trabalho com o tema da pulsão e como esta tem seus representantes, *Vorstellungsrepräsentanzen*, inscritos no aparelho psíquico, através da repressão primária.

A partir da estruturação do aparelho psíquico, via repressão primária, é que se pode articular o tema da identificação, pois a identificação se dá via significante e é justamente com a experiência de satisfação, com a quebra do narcisismo primário, que acontece a identificação. O tema do narcisismo e da identificação serão apresentados a seguir.

³⁵ *idem*, p. 84.

³⁶ A questão da negação será articulada mais diretamente com as identificações no capítulo 6.2

Mundo mundo vasto mundo,
Se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

C. Drummond de Andrade

Capítulo 2

2. Identificação e Narcisismo

2.1 Narcisismo em Freud

A questão da identificação aparece nos textos de Freud desde o início de sua obra, em seus trabalhos sobre a histeria. A partir da construção da teoria sobre o narcisismo, a identificação destaca-se como um tema relevante para a psicanálise.

Torna-se importante, então, que se aborde preliminarmente a questão sobre o narcisismo e suas implicações na construção teórica da identificação.

O texto de Freud, que trata especificamente a questão do narcisismo, é datado de 1914, "*Sobre o Narcisismo: uma Introdução*", mas Freud já trabalhara esta questão em outros textos.¹

Anteriormente aos estudos psicanalíticos, o vocábulo narcisismo fora utilizado para designar o quadro patológico da perversão, na qual o sujeito toma seu próprio corpo como objeto, para a obtenção da satisfação sexual. Havelock Ellis, em 1898, escrevera a expressão "*semelhante a narciso*", para nominar esta patologia; em 1899, Paul Näcke introduz o termo "*narcisismo*" e é deste autor que Freud toma a designação de narcisismo².

¹ Freud já fizera referências ao narcisismo em "*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*" (1905), "*Leonardo da Vinci e uma Lembrança da sua Infância*" (1910), "*O Caso Schreber*" (1911), "*Totem e Tabu*" (1912-13).

² Freud faz referência à lenda grega, em seu trabalho sobre Leonardo da Vinci, quando ao falar sobre a homossexualidade masculina, aponta que, neste caso, o sujeito encontra seu objeto de amor, segundo o modelo

O termo narcisismo faz referência ao mito grego de Narciso (*Nárkissos*)³. Narciso é filho do rio Cefiso (*Képhisos*) e da Ninfa Liriópe. Liriópe foi vítima do desejo insaciável do rio Cefiso, o que resulta numa gravidez penosa e indesejável e um parto jubiloso. Narciso nasce um belo menino, mais belo que os deuses, e passa a ser desejado pelas deusas, pelas ninfas e pelos jovens de toda a Grécia.

Liriópe, mãe preocupada com alguma punição dos deuses frente à tamanha beleza, procura Tirésias, um velho cego, adivinho intérprete do destino e conselheiro de Édipo. Liriópe indaga ao profeta sobre quanto tempo viveria Narciso. O adivinho responde que Narciso viveria muitos anos, deste que não se visse.

Muitas foram as jovens apaixonadas por Narciso, entre elas a ninfa Eco. Ninfa tagarela e loquaz, condenada pela deusa Hera a não mais falar, repetiria apenas os últimos sons das palavras que ouvisse.

Eco segue Narciso, mas não pode dirigir-lhe palavras, apenas repetir as que ouve. Narciso mantém-se insensível. Eco, apaixonada e desprezada pelo seu amor, sente-se humilhada. Deixa de se alimentar, definha e transforma-se num rochedo, que repete sons.

Após este episódio, as outras ninfas revoltam-se e clamam a Nêmesis, deusa da vingança, que castigue Narciso. Narciso é condenado por Nêmesis a amar um amor impossível, que, ao amar, não possa possuir o objeto amado.

No verão, Narciso que estava sedento, aproxima-se da límpida fonte de Tépsias, para beber água. Ao debruçar-se sobre a fonte, vê sua imagem refletida, e apaixona-se pela própria imagem.

O amor de Narciso é uma violência contra o amor, contra o envolvimento com o outro, pois Narciso apaixona-se por si mesmo. O jovem engana-se em sua escolha de objeto de amor. Apaixonado pelo seu reflexo, busca abraçar sua própria imagem. Mergulha nas águas na

do narcisismo, "... pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome."

FREUD, S. *Leonardo da Vinci e uma Lembrança da sua Infância*. (1910). In: *Obras Completas*. 2. ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987. v. XI, p. 92.

³ Mito relatado por Públio Ovídio Nasão, no texto "*Metamorfoses*", discussão sobre o mito grego. BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega*. Petrópolis, Editora Vozes, 1992. p. 173 a 190.

tentativa de um encontro, mas o encontro é impossível, e se perde nas águas. No lugar em que Narciso mergulha, brota uma flor dourada, cujo centro é circundado por pétalas brancas. A flor recebe o nome de Narciso.

O amor de Narciso o conduz à morte, sua fascinação pela própria imagem o aprisiona numa tragédia fatal.

É a partir do mito grego, que se conceitua o narcisismo como a perversão na qual o próprio corpo é eleito como objeto sexual.

Em psicanálise, Freud articula de modo diferente o tema do narcisismo. Sua construção teórica advém com o estudo psicanalítico sobre as parafrenias (demência precoce e esquizofrenia), as neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva) e seu trabalho sobre a teoria da sexualidade⁴.

Freud percebe que o narcisismo, além de estar presente em certas patologias, encontra-se no curso regular da constituição sexual humana, como dado estruturante do sujeito.

Quando descreve o mecanismo da paranóia⁵, Freud assinala: “Pesquisas recentes dirigiram nossa atenção para um estágio do desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetal. Este estágio recebeu o nome de narcisismo.”⁶ O narcisismo, então, é considerado um estágio de desenvolvimento da libido.

Alguns anos mais tarde, quando Freud constrói sua teoria sobre o narcisismo, dedica-lhe um texto⁷, onde diferencia o narcisismo primário e o secundário. No transcorrer de sua obra, esta diferenciação não aparece de forma unívoca, surgindo algumas modificações, principalmente quanto ao narcisismo primário.

⁴ FREUD, S. *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). In: *Obras Completas*. 2. ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987. v. VII.

⁵ _____. *Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia (Demência Paranoide)* (1911). Op. cit. v. XII.

⁶ *Idem*, p. 82. Freud opta por utilizar o termo *Narzissmus*.

⁷ _____. *Sobre o Narcisismo: uma Introdução* (1914). Op. cit. v. XIV.

Na história do sujeito, num primeiro momento, as pulsões atuam independentemente umas das outras, buscando satisfação no próprio corpo (auto-erotismo), não sendo dirigidas para qualquer objeto externo.

As pulsões que até então permaneciam isoladas, em seguida se reúnem e encontram um objeto, seu próprio ego, que está se construindo, aproximadamente nesta época. Esta fase é nominada como narcisismo primário. Posteriormente, a distinção feita por Freud, entre auto-erotismo e narcisismo, é suprimida, sendo o narcisismo primário considerado o primeiro estágio da vida do sujeito⁸. Freud descreve, então, o narcisismo primário como caracterizado por ausência de relações objetais verdadeiras, pois o ego é tomado como objeto. Há um estado fusional entre a mãe e o infans, não havendo ainda diferenciação entre eles.

A partir do ego, o sujeito passa a investir a libido em objetos externos. “As catexias de objetos que efetua são, por assim dizer, emanações da libido que ainda permanece no ego e pode ser novamente arrastada para ele.”⁹ O narcisismo secundário ocorre quando a libido, ao ser retirada do objeto, retorna ao ego.

Ao escrever “*O Ego e o Id*”, 1923, Freud assinala que enquanto o ego ainda é fraco, em processo de formação, é o id que envia a libido, investindo nos objetos. O ego tornando-se “forte”, procura apoderar-se da libido objetal e impor-se ao id como objeto amoroso. “O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos.”¹⁰

Em “*Esboço de Psicanálise*”, 1938, a questão é retomada, sendo anotado que há um estado inicial onde o ego-id ainda estão indiferenciados, investidos pela energia total disponível, libido.¹¹ Dois parágrafos após, Freud escreve sobre “o comportamento da libido” e o narcisismo:

“Tudo que sabemos sobre ele relaciona-se com o ego, no qual, a princípio, toda a cota disponível de libido é armazenada.

⁸ _____. *Conferência XXVI* (1916-17). Op. cit. v. XVI, p. 486. “O auto-erotismo seria, pois, a atividade sexual do estado narcísico da distribuição da libido.”

⁹ FREUD, S. *Totem e Tabu* (1912-13). Op. cit. v. XIII, p. 112.

¹⁰ _____. *O Ego e o Id* (1923). Op. cit. v. XIX, p. 62.

¹¹ “Podemos imaginar um estado inicial como sendo o estado em que a energia total disponível de Eros, a qual, doravante, mencionaremos como “libido”, acha-se presente no ego-id indiferenciados e serve para neutralizar as tendências destrutivas que estão simultaneamente presentes.”

FREUD, S. *Esboço de Psicanálise* (1938). Op. cit. v. XXIII, p. 175.

Chamamos a este estado absoluto de narcisismo primário. Ele perdura até o ego começar a catexizar as idéias dos objetos com a libido, a transformar a libido narcísica em libido objetal. Durante toda a vida o ego permanece sendo o grande reservatório, do qual as catexias libidinais são enviadas aos objetos e para a qual elas são também mais uma vez recolhidas...¹²

Ao ego, enquanto reservatório de libido, cabe distribuir e repartir a libido, segundo investimentos libidinais e retração ao ego.

Assinala-se, então, que na fase do auto-erotismo, há um estado de indiferenciação entre id e ego. O infans, que a princípio depende integralmente da mãe, interage com esta. O infans tem um lugar privilegiado na vida da mãe, lugar de falo¹³, enquanto suposta completude. Não há ainda diferenciação entre o infans e sua mãe, não existindo, assim, objeto libidinal a ser investido. Para que o infans não fique preso neste auto-erotismo é necessário “uma nova ação psíquica”¹⁴, ou seja, que via processo de identificação primária¹⁵ o ego se construa. O ego se constrói como ego ideal e este passa a ser o reservatório libidinal, de onde partem os investimentos objetais. O investimento objetal provoca o afastamento do narcisismo primário, ao mesmo tempo que assinala para uma tentativa de recuperação deste narcisismo. Insere-se assim, o ideal do ego.

Freud anota que:

“O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação deste estado. Este afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização deste ideal.”¹⁶

O Ideal do ego advém de identificações com os pais, seus substitutos, e os ideais coletivos. Embora Freud se utilize de dois termos diferentes (ego ideal e ideal do ego), citando-os em momentos diferentes, não faz uma diferenciação objetiva entre ego ideal e ideal do ego. Freud não faz uma distinção conceitual entre eles. É o que assinala Leclair, no

¹² *idem*, p. 176.

¹³ Conceito a ser articulado posteriormente, capítulo 4.

¹⁴ FREUD, S. *Sobre o Narcisismo: uma Introdução* (1914). Op. cit. v. XIV, p. 93.

¹⁵ Esta questão será abordada posteriormente.

¹⁶ FREUD, S. *Sobre o Narcisismo: uma Introdução* (1914). Op. cit. v. XIV, p. 117.

Seminário I de Lacan, quando de seu questionamento sobre o eu ideal e o ideal do eu: “Freud afirmou, pois, a existência do eu ideal, a que chama em seguida o ideal do eu, ou forma do ideal do eu.”¹⁷ É a partir dos Seminários de Lacan que é possível demarcar as diferenças entre o eu ideal e o ideal de eu.

Ainda relacionada ao ego e ao narcisismo, está a questão da auto-estima, que segundo Freud, expressa o tamanho do ego. A auto-estima está ligada á libido narcisista, sendo assim, ocorre a diminuição da auto-estima quando há investimento no objeto libidinal e, quando há desinvestimento, ela torna-se aumentada. “Uma parte da auto-estima é primária - o resíduo do narcisismo infantil; outra parte decorre da onipotência que é corroborada pela experiência (a realização do ideal do ego), enquanto uma terceira parte provêm da satisfação da libido objetal.”¹⁸

No narcisismo secundário a retração libidinal serve para aumentar a auto-estima. Freud assinala que em outras situações também acontecem variações da auto-estima, citando que nos parafrênicos a auto-estima está aumentada, nas neuroses de transferência está diminuída e em algumas relações amorosas estar amando aumenta a auto-estima, e não ser amado a reduz, visto que a satisfação de uma escolha objetal narcisista é ser amado, pois o elemento narcisista do amor está relacionado à auto-estima.

Freud identifica a presença do narcisismo secundário ao estudar a parafrenia em suas duas características fundamentais (a megalomania e os desvios de interesse do mundo externo: de pessoas e coisas).

Ao investigar a megalomania, percebe que a libido objetal é retirada parcialmente do mundo externo e volta-se para o próprio ego, ocasionando o narcisismo secundário. Ao voltar-se para o ego, há um represamento da libido. A megalomania consiste no domínio psíquico desta quantidade de libido retirada para o ego.

Diz Freud: “... a megalomania é o resultado direto de uma expansão do ego, devido à circunstância de se haverem recolhido a ele os investimentos objetais libidinais - um narcisismo

¹⁷ LACAN, J. *Os Escritos Técnicos de Freud* (1953-54). 3ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1983. Sem I, p.157.

¹⁸ FREUD, S. *Luto e Melancolia* (1915-17). Op. cit. v. XIV, p. 285.

secundário que é um retorno do narcisismo infantil, primitivo, original.”¹⁹ A megalomania é uma ampliação e uma manifestação de uma condição que já existia anteriormente. Esta condição narcísica que surge através da indução de investimentos objetivos, é o narcisismo secundário, superposto a um narcisismo primário.

O desvio de interesse do mundo externo, que ocorre nas parafrenias, também é percebido na histeria e na neurose obsessiva. Mas, diferentemente das parafrenias, onde a libido é introjetada no ego, nestas neuroses, as relações com as pessoas e com as coisas são mantidas na fantasia (a libido sofre introversão para a fantasia), há a substituição de objetos imaginários da memória, por objetos reais, ou objetos imaginários e reais são misturados, ou ainda, o sujeito deixa de realizar atividades motoras que possam satisfazer os objetivos relacionados aos objetos. Sendo assim, a libido retirada dos objetos vai investir as fantasias inconscientes.

Também em seus estudos sobre povos primitivos²⁰, Freud identifica algumas características que coincidem com a megalomania, como a valorização dos atos mentais, onipotência de pensamentos, a crença na força taumátúrgica das palavras, a forma mágica de lidar com o mundo externo. No infans há uma atitude análoga, referente à onipotência de seus pensamentos, devido à condição narcísica em que ele se encontra. Freud pontua a existência da onipotência de pensamento entre os povos primitivos, comparando com o desenvolvimento da visão humana do universo e o desenvolvimento libidinal do sujeito.

Com o desenrolar de sua obra, Freud conclui que há um investimento libidinal original do ego, parte do qual é posteriormente transmitido a objetos, mas que, fundamentalmente, persiste no ego e relaciona-se ao investimento de objetos. Acrescenta que “... o narcisismo constitui a situação universal e original a partir da qual o amor objetual só se desenvolve posteriormente, sem que, necessariamente, por esse motivo o narcisismo desapareça.”²¹

¹⁹ FREUD, S. *Conferência XXVI* (1916-17). Op. cit. v. XVI, p. 495.

²⁰ Em “*Totem e Tabu*” (1912-13) Freud articula as questões relacionadas aos povos primitivos, com a infância e as neuroses, assinalando pontos de coincidência e frisando a importância do processo de identificação. A questão do totemismo será bordada posteriormente.

²¹ FREUD, S. *Conferência XXVI* (1916-17). Op. cit. v. XVI, p. 485.

Para articular a questão do narcisismo, Freud expressa a diferença entre libido do ego e libido objetal²², assinalando que quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia.²³ Utiliza-se Freud de uma analogia extraída da zoologia, para clarificar esta questão. Fala das amebas, que se constituem em um glóbulo de substância protoplasmática, pouco diferenciada, que através de seus pseudópodos fazem fluir substância dentro de seu corpo. Os pseudópodos podem se retrair, transformando-se em glóbulo novamente. Para Freud, a emissão dos pseudópodos corresponde à emissão da libido objetal, sendo que a massa principal da libido permanece no ego. Portanto, a libido do ego pode ser transformada em libido objetal ou voltar para o ego.²⁴

O que determina a passagem dos limites do narcisismo e o investimento da libido em objetos é a quantidade de libido no ego. Quando a libido excede a uma determina quota, a qualidade psíquica gerada é o desprazer, ou seja, a expressão de um grau mais elevado de tensão. A partir daí, via princípio do prazer, há transferência de libido, que pode se dar para objetos reais ou imaginários. No caso de objetos imaginários, pode haver o represamento da libido.

A retirada da libido objetal para o ego é o que acontece, por exemplo, no estado de sono, quando os investimentos objetais são abandonados e retirados para dentro do ego, ou como diz o próprio Freud : "... até o desejo único de dormir."²⁵ "Em uma pessoa que dorme, reconstitui-se o primitivo estado de distribuição da libido - narcisismo total..."²⁶ Freud descreve que os sonhos são inteiramente egoístas e que o narcisismo pode ser considerado como o complemento libidinal do egoísmo. O egoísmo ("do ego") tem em vista privilegiar o sujeito que dorme. Nota-se que o papel principal do sonho é do sonhador; por outro lado, o narcisismo leva em consideração a satisfação libidinal, segundo as necessidades do ego. O sonho é, pois, uma consequência do narcisismo do próprio sono. Freud assinala que o

²² Quando Freud escreve "*Sobre o Narcisismo: uma Introdução*", mantêm a diferenciação entre pulsões do ego e pulsões sexuais (libido), frisando que só quando há catexia objetal é que torna-se possível discriminar a libido das pulsões do ego. Esta concepção será modificada em 1920, em seu texto "*Além do Princípio do Prazer*".

²³ Cita como exemplos: numa pessoa apaixonada há um grande investimento libidinal objetal, enquanto que na fantasia do paranóico, a libido é retirada do mundo externo e retorna ao ego.

²⁴ FREUD, S. *Conferência XXVI* (1916-17). Op. cit. v. XVI, p. 485. "...a libido, que encontramos ligada aos objetos e que é expressão de um esforço para obter satisfação em conexão com estes objetos, também pode deixar estes objetos e colocar o próprio ego da pessoa em lugar deles."

²⁵ FREUD, S. *Sobre o Narcisismo: uma Introdução* (1914). Op. cit. v. XIV, p. 99.

²⁶ _____. *Conferência XXVI* (1916-17). Op. cit. v. XVI, p. 491.

inconsciente reprimido conserva certa independência do ego, conservando seus investimentos e ligando-se a certos resíduos diurnos. Já o desejo de dormir, procura absorver todos os investimentos, promovendo o narcisismo. No sonho, há, então, uma conciliação, alguns conteúdos inconscientes, através de uma redução da censura, expressam-se via conteúdo onírico e prolongam o sono.

Para que a retirada da libido de seus objetos seja patogênica, é necessário que este processo de retirada seja “muito vigoroso”²⁷, e a libido, que torna-se narcisista, não consiga retornar aos objetos, ocasionando uma interferência da mobilidade da libido. O processo de retirada da libido de seus objetos e o impedimento de retorno a eles está diretamente ligado à repressão. Articula-se, aqui, a questão da repressão, enquanto ligada à fundação do aparelho psíquico, com a experiência de satisfação; processo necessário à estruturação do sujeito. As repressões secundárias, onde os derivados das *Vorstellungsrepräsentanzen* são também reprimidos, relacionam-se às formações do inconsciente²⁸.

O processo do narcisismo também é encontrado na doença orgânica, onde a estimulação dolorosa, ou a inflamação de um órgão, determinam o desligamento libidinal de seus objetos. A libido é novamente encontrada no ego, “... como catexia aumentada da parte doente do corpo.”²⁹ Há uma falta de interesse sobre as coisas do mundo externo, como também o desligamento do investimento libidinal de objetos amorosos, pois os investimentos libidinais se voltam para o próprio ego.

Assim como na doença orgânica, na hipocondria, do mesmo modo, também ocorre a retirada da libido objetual, sendo esta investida “...no órgão que lhe prende a atenção...”³⁰. Isto ocorre porque, neste órgão, há modificações na sua erogenicidade e estas modificações acabam por determinar modificações paralelas no investimento libidinal no ego, e assim estabelece-se o desligamento da libido do objeto.

Freud assinala que o narcisismo é uma questão importante, pois além de ser encontrado nas situações acima descritas, permeia a vida erótica do sujeito, relacionando-se principalmente

²⁷ *idem*, p. 491.

²⁸ As formações do inconsciente são; sintoma, ato falho, chiste e sonho.

²⁹ FREUD, S. *Conferência XXVI* (1916-17). Op. cit. v. XVI, p. 489.

³⁰ _____. *Sobre o Narcisismo: uma Introdução* (1914). Op. cit. v. XIV, p. 99.

às escolhas de objeto libidinal. Estas escolhas podem ocorrer segundo o tipo narcisista ou o tipo anaclítico.³¹ A escolha do tipo narcisista é calcada na escolha objetual, segundo o próprio ego do sujeito.

O tema do narcisismo continua a mobilizar Freud, que em 1915, escreve “*Luto e Melancolia*”³² e este estudo contribui para elucidar algumas questões sobre o narcisismo.

Freud apresenta como características comuns ao luto e à melancolia: desânimo penoso, cessação de interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda e qualquer atividade. Estes sintomas apontam para o desinvestimento libidinal do mundo externo e reenvio da libido ao ego.

Tanto no processo de luto, como na melancolia, o objeto amado foi perdido e a libido objetual tem que ser retirada do objeto. Na melancolia, a perda do objeto é de origem mais ideal, sendo que conteúdos inconscientes estão envolvidos.

No luto, cada lembrança e expectativa que liga o sujeito ao objeto é evocada e hiperinvestida e o desligamento libidinal é realizado em relação a cada uma, até que o ego fique livre novamente. O ego, ao ser confrontado com a realidade de que o objeto não mais existe, através de suas anteriores satisfações narcisistas, acaba por romper suas ligações com o objeto perdido. Este processo é lento e exige dispêndio de energia, mas, quando concluído, revela o ego separado do objeto.

Diferentemente do luto, na melancolia aparecem sintomas como: auto-recriminação, diminuição da auto-estima, expectativa delirante de punição, um empobrecimento do ego, delírios de inferioridade, insônia e recusa em se alimentar.

Todas as auto-recriminações da melancolia derivam dos prós e contras do conflito amoroso que levou à perda do amor. Há uma forte fixação no objeto amado, o investimento objetual tem pouco poder de resistência, pois a escolha objetual é do tipo narcisista e, quando a relação objetual é destruída, há a retirada da libido do objeto, por um processo de identificação

³¹ O tema é abordado mais adiante no texto.

³² Freud já se ocupara do tema da melancolia no “*Rascunho G*”, datado provavelmente de 1895, onde assinala que na melancolia há o desejo de recuperar algo que foi perdido, uma perda na vida pulsional. No “*Rascunho N*” (1897) articula a questão da identificação.

narcísica (na identificação narcísica, o investimento objetal é abandonado), “... o objeto se estabeleceu no ego (...) projetou-se sobre o ego.”³³ O que ocorre é uma regressão da escolha objetal para o narcisismo original. A partir de então, parte do ego passa a ser tratado como o objeto abandonado. O ego procura incorporar o objeto segundo o modo canibalístico do desenvolvimento, devorando-o. O ego passa a criticar a parte do ego alterada pela identificação, ocorrendo as auto-acusações.

“Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pode, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado.”³⁴ O conflito que anteriormente era entre o ego e objeto, agora torna-se um conflito entre a atividade crítica do ego e a parte alterada pela identificação. Como resultado da perda de objeto há a perda de parte do ego. Revela-se, aqui, a importância da identificação, no caso, identificação narcísica, que posteriormente Lacan articula como identificação imaginária.

As recriminações anteriormente feitas ao objeto amado e agora perdido, são deslocadas do objeto para o próprio ego do sujeito. Como as auto recriminações derivam das acusações feitas ao objeto, agora internalizadas no ego, o melancólico não sente vergonha ou necessidade de se ocultar, ao contrário, acentua Freud, expressa-se como alguém que foi tratado com desconsideração e injustiça. A tendência do melancólico ao suicídio é também decorrente desta introjeção do objeto no ego. A tentativa é de matar o objeto amado-odiado, que agora está no próprio ego. O ego do sujeito é avaliado em suas atitudes segundo o ego ideal, ego narcísico de onipotência, que serve como referência para o ego.

Relacionado ao ideal do ego, Freud assinala que a origem deste é também narcísica, “... é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o próprio ideal.”³⁵ A criação do ideal de ego tenta restaurar a auto-satisfação que estava relacionada ao narcisismo infantil primário. O ideal do ego também é resultado de processo de identificação, mas, enquanto o ego ideal refere-se à identificação primária narcísica, o ideal de ego constitui-se a partir da identificação regressiva a um único traço, identificação secundária.

³³ FREUD, S. *Conferência XXVI* (1916-17). Op. cit. v. XVI, p. 498.

³⁴ _____. *Luto e Melancolia* (1915-17). Op. cit. v. XIV, p. 281.

³⁵ _____. *Sobre o Narcisismo: uma Introdução* (1914). Op. cit. v. XIV, p. 111.

A partir da constatação de que parte do ego se coloca contra o próprio ego, tomando-o como seu objeto, julgando-o e criticando-o, Freud conclui que o ego aparece como dividido, sendo que a segunda parte é aquela alterada pela internalização do objeto. A outra parte aparece como “consciência”, uma instância crítica dentro do ego. É ao ideal do ego que se atribui as funções de auto-observação, consciência moral, censura dos sonhos, influência sobre a repressão. O conflito entre o ideal do ego e o ego gera sofrimento, autodepreciação.

Outro aspecto que diferencia o luto da melancolia é que a auto-estima está rebaixada na melancolia, há um grande empobrecimento do ego, embora a libido tenha sido desinvestida do objeto. Como a auto-estima advém do narcisismo infantil, mas também, da realização do ideal do ego e da satisfação da libido objetal, na melancolia a auto-estima está rebaixada, pois não há realização do ideal, nem satisfação da libido.

Na melancolia é ponto importante a ambivalência nas relações amorosas, existindo sentimentos opostos de amor e ódio. A relação com o objeto é complicada pela ambivalência, sendo que esta é constitucional. A ambivalência é “... um elemento de toda relação amorosa formada por esse ego particular, ou provém precisamente daquelas experiências que envolveram a ameaça da perda do objeto.”³⁶ Embora o objeto amado esteja perdido, o amor refugia-se na identificação e o ódio vai aparecer contra este objeto substituto (ego). O melancólico, por não poder externar seu ódio contra o objeto original, vinga-se dele, autopunindo-se. Ou seja, parte da libido retrocede ao ego, via identificação narcísica, e a outra parte, devido à ambivalência, provoca auto-recriminações. “Assim, na regressão desde a escolha objetal narcisista, é verdade que nos livramos do objeto; ele não obstante, se revelou mais poderoso do que o próprio ego.”³⁷ O ego é como que dominado pelo objeto. Esta ambivalência pertence, por natureza, ao reprimido e as experiências traumáticas com o objeto acabam por ativar outro material reprimido, por associação. As lutas relativas à ambivalência são inconscientes até que a melancolia se fixe, ou seja, até que a libido seja investida no ego; o conflito passa, então, a ser consciente e expresso entre parte do ego e o agente crítico.

³⁶ _____. *Luto e Melancolia* (1915-17). Op. cit. v. XIV, p. 289.

³⁷ idem, p. 285.

Freud resume, então, como pré-condições da melancolia: perda do objeto, ambivalência (sentimentos opostos de amor e ódio) e regressão da libido no ego.

Freud analisa, também, a tendência da melancolia em transformar-se em mania, onde há um triunfo do ego. Na melancolia, o ego sucumbe ao conteúdo do conflito, enquanto que na mania, domina-o, triunfando, embora este conteúdo continue oculto para o ego. No quadro maníaco, há o rompimento da relação com o objeto, relação esta complicada pela ambivalência, ou seja, por um lado o ego procura separar-se do objeto, por outro procura manter o investimento no objeto. “O acúmulo de investimento, que de início, fica vinculado e, terminado o trabalho da melancolia, se torna livre, fazendo com que a mania seja possível deve ser ligado à regressão da libido ao narcisismo...”³⁸, pois uma grande quantidade de energia psíquica que havia sido mantida ligada, agora está livre. Na mania, o ego ideal e o ideal do ego se fundiram, não há, então, qualquer censura ou auto-crítica. O sujeito experimenta auto-satisfação extrema, não há mais inibições, auto-censuras ou consideração pelos outros.

2.2 Identificação em Freud

Com o desenvolvimento de todos estes aspectos relacionados ao narcisismo e à identificação, Freud, em 1921, escreve um texto onde aborda mais profundamente o tema da identificação.³⁹ O texto “*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*”, trabalha a questão da identificação por diferentes prismas. Mas, principalmente, em seu capítulo VII, “*Identificação*”, explicita sua teoria sobre a identificação. Inicia este trabalho assinalando que a identificação “...é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa.”⁴⁰

Freud assinala que a identificação tem um papel importante já no estágio⁴¹ pré-edípico, ajudando a preparar o caminho para o complexo de Édipo, sendo, a identificação, uma etapa

³⁸ *idem*, p. 291.

³⁹ FREUD, S. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (1921). Op. cit. v. XVIII.

⁴⁰ *idem*, p. 133.

⁴¹ Embora nos textos de Freud, traduzidos em português, e também em Lacan (“*Tratamiento Posible de la Psicosis*” - 1957/58 e “*A Significação do Falo*” -1958) apareçam o termo ‘fase’, optou-se neste trabalho pela utilização do termo ‘estádio’, termo desatrelado da questão desenvolvimentista.

preliminar à escolha objetal do estágio edípico.⁴² É uma forma ambivalente onde o ego deseja incorporar a si o objeto, pois é pautada no estágio oral ou canibalesca do desenvolvimento libidinal. Nesse estágio, a atividade sexual ainda não se separou da ingestão de alimentos, e o objetivo sexual consiste na incorporação do objeto, na assimilação do objeto via ingestão. A identificação primária, neste aspecto, remete à questão da identificação totêmica, no mito da horda primeva, onde os filhos assassinaram o pai, devoraram-no, identificando-se a ele. Como lembra Freud, os canibais acreditam que “... incorporando partes do corpo de uma pessoa pelo ato de comer, adquire-se ao mesmo tempo as qualidades por ela possuídas.”⁴³ Assim, ao consumirem o totem, reforçam sua identificação com ele.

Na primitiva infância, a identificação primária é a identificação com os pais, enquanto indiferenciados, pois aí ainda não há a percepção das diferenças sexuais, diz Freud⁴⁴. Logo, não é consequência ou resultado de um investimento de objeto, mas uma identificação direta e imediata, identificação primária. Já a escolha objetal posteriormente feita (estádio fálico), também implica em identificação, sendo que esta então vai reforçar a identificação primária. Isto acontece porque a identificação primária é a formadora do ego como tal e a base para outras identificações e vínculos. Anteriormente, havia uma identidade primária narcísica, resultante da ligação mãe-infans. É através da identificação primária que o ego pode constituir-se, via incorporação do objeto amado-odiado, de quem o infans se separa. O ego, no início de sua constituição, caracteriza-se como um ego corporal⁴⁵. O infans, de alguma maneira, toma da mãe algo que lhe falta e que acredita que a mãe possa lhe dar.

O mecanismo da identificação aparece como de vital importância na vida sexual do sujeito e está diretamente relacionado com a escolha de objeto sexual. Freud assinala que a escolha de objetos (estádio edípico) deriva dos objetos de suas experiências de satisfação. As primeiras satisfações auto-eróticas são experimentadas em relação às suas necessidades e os

⁴² Freud assinala em “*O Ego e o Id*”, 1923, que: “... na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia do objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra.” FREUD, S. *O Ego e o Id* (1923). Op. cit. v. XIX, p. 43.

⁴³ FREUD, S. *Totem e Tabu* (1912-13). Op. cit. v. XIII, p. 104.

⁴⁴ “Talvez fosse mais seguro dizer “com os pais”, pois antes de uma criança ter chegado ao conhecimento definitivo da diferença entre os sexos, a falta de um pênis, ela não faz distinção de valor entre o pai e a mãe.” FREUD, S. “*O Ego e o Id* (1923). Op. cit. v. XIX, p. 45.

⁴⁵ Lacan articula a questão do ego primordial corporal com o Etádio do Espelho.

primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que lhe provêm de alimentação, cuidados, proteção.

Freud diferencia dois tipos e fontes de escolha objetal: a) tipo anaclítico ou de ligação - este tipo de escolha é baseado na ligação com a pessoa que lhe provêm as necessidades básicas. O protótipo é, pois, a ligação com a mãe ou alguém que desempenhe a função materna, baseado nas condições infantis para amar; b) tipo narcisista - a escolha objetal é pautada no próprio ego, o sujeito procura a si mesmo como um objeto amoroso. O sujeito adota como protótipo de sua escolha amorosa o próprio ego.

Freud resume da seguinte maneira a escolha objetal:

“Uma pessoa pode amar: 1) Em conformidade com o tipo narcisista: a) o que ela própria é (isto é, ela mesma), b) o que ela própria foi, c) o que ela própria gostaria de ser, d) alguém que foi uma vez parte dela mesma. 2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação): a) a mulher que o alimenta, b) o homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar.”⁴⁶

Ambos os tipos de escolha são possíveis a cada sujeito, mas cada sujeito pode ter preferência por um ou outro tipo. Diz Freud:

“...um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais - ele próprio e a mulher que cuida dele - e ao fazê-lo estamos postulando existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal.”⁴⁷

Segundo Freud, o “amor objetal completo do tipo de ligação” é característico do sujeito do sexo masculino, por transferência do narcisismo para o objeto sexual; o objeto é investido de grande quantidade de libido. Esta escolha resulta em uma supervalorização sexual do objeto e um empobrecimento libidinal do ego, em favor deste objeto.

No sexo feminino não ocorre o mesmo. Após a puberdade, há uma intensificação do narcisismo original nas mulheres. A partir deste narcisismo, as mulheres têm necessidade de serem amadas e procuram um homem que possa amá-las. Para as mulheres narcisistas, o

⁴⁶ FREUD, S. *Sobre o Narcisismo: uma Introdução* (1914). Op. cit. v. XIV, p. 107.

⁴⁷ FREUD, S. *Sobre o Narcisismo: uma Introdução* (1914). Op. cit. v. XIV, p. 105.

nascimento de um filho pode viabilizar um amor objetal, pois o filho representa, ao mesmo tempo, uma parte de si mesma e é um objeto separado, a ser investido libidinalmente.

Freud, a partir destas constatações, articula como exemplo do narcisismo a atitude afetuosa do pai para com os filhos. Esta atitude remete a revivescência e reprodução do narcisismo dos pais. Ao infans são atribuídas todas as perfeições e negadas as possíveis deficiências. As próprias reivindicações abandonadas por eles são retomadas em favor do filho. Ao filho caberá concretizar todos os sonhos não realizados pelos pais. Assim, o narcisismo, aparentemente abandonado pelos pais, é transformado em amor objetal⁴⁸. Amor objetal do tipo narcisista.

No estágio edípico, os dois laços afetivos (identificação e escolha de objeto) se unificam e a partir de sua confluência advém o complexo de Édipo. O menino, que deseja tomar o lugar do pai junto à mãe, expressa sentimentos de hostilidade frente ao pai. Freud assinala que a identificação é ambivalente desde o início, com sentimentos de hostilidade e de ternura, intensificando-se um ou outro dos sentimentos.

Na identificação ao pai, o menino deseja ser como o pai, moldando o próprio ego segundo um aspecto tomado do pai. Mas, quando o pai é tomado como objeto sexual, o pai é o que o menino gostaria de ter como objeto. Se o pai for tomado como objeto sexual pelo menino, numa atitude feminina, a identificação primária é, então, precursora desta escolha objetal.

Na dissolução do complexo de Édipo no menino, o investimento objetal pela mãe deve ser abandonada e em seu lugar pode aparecer ou uma identificação com a mãe, ou a intensificação da identificação ao pai. A identificação com o pai permite que se mantenha uma relação afetuosa (de pulsões inibidas) pela mãe.

O mecanismo da identificação que aparece na “gênese psíquica” da homossexualidade masculina, é o que Freud trabalha no texto sobre Leonardo da Vinci⁴⁹. Neste trabalho, anota como características da homossexualidade masculina: uma ligação erótica intensa com a mãe

⁴⁸ “...ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação - Sua Majestade o Bebê, como outrora nós mesmos nos imaginávamos.”

FREUD, S. *Sobre o Narcisismo: uma Introdução* (1914). Op. cit. v. XIV, p. 108.

⁴⁹ _____. *Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância* (1910). Op. cit. v. XI.

na primeira infância, demasiada ternura, por parte da mãe, para com o infans e função paterna desempenhada por um pai ausente.

Neste caso, a escolha objetal é do tipo narcisista. De alguma maneira o homossexual permanece ligado inconscientemente a seu objeto libidinal, a mãe.⁵⁰

O menino fixa a mãe como objeto sexual, mas após a puberdade deveria trocar este objeto por outra mulher. O menino pode reprimir o amor pela mãe (permanecendo ligado inconscientemente a ela), e colocar-se no lugar dela, identificando-se com a mãe. Assim, busca como objeto alguém a quem possa amar do mesmo modo que a mãe o amou. “O que de fato aconteceu foi um retorno ao auto-erotismo...”⁵¹ Há uma remodelação do ego em seu caráter sexual. O objeto, a mãe, renunciado ou perdido, é introjetado no ego. Esta identificação narcísica permite manter a relação com o objeto libidinal original, a mãe. A libido investida no objeto é convertida em libido narcisista, cujo objeto é o próprio ego. Ao tomar rapazes como objetos libidinais, o homossexual está fugindo de outras mulheres, mantendo-se fiel à mãe. O sujeito toma o próprio ego como objeto de investimento, amando no outro a si mesmo, em consequência da identificação narcísica.

Retomando a questão edípica, Freud assevera que com a dissolução do complexo de Édipo há a formação de um precipitado no ego, decorrente das identificações. Este precipitado se confronta com os conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego. O superego, além de um resíduo das escolhas objetais, representa também uma formação reativa contra elas, pois tem que manter reprimido o complexo de Édipo⁵².

Além da identificação primária, narcísica, aparece outro tipo de identificação que, Freud assinala, pode ocorrer como mecanismo na estruturação de um sintoma neurótico, sendo que a identificação pode ter como objeto de identificação, alguém que o sujeito investe libidinalmente ou um objeto em que não há investimento libidinal. Quando a vinculação libidinal com o objeto a identificação é parcial e limitada, diz Freud: “...tomando emprestado apenas um traço isolado da pessoa que é objeto dela.”⁵³ Quando não há investimento libidinal

⁵⁰ “... um homem que, assim se torna homossexual permanece inconscientemente fixado à imagem mnêmica de sua mãe.” Idem, p. 92.

⁵¹ idem, p. 92.

⁵² Ver item 4.3.

⁵³ FREUD, S. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (1921). Op. cit. v. XVIII, p.135.

no objeto de identificação, o processo de identificação refere-se a um sujeito cujo desejo é de colocar-se em uma mesma situação que é vivenciada por outra pessoa (objeto de identificação). Nas neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva), a identificação aparece como um mecanismo de formação de sintomas.

Freud cita como exemplo, onde a identificação aparece na estruturação do sintoma, o caso Dora. Este caso é escrito por Freud em 1901-05, no texto "*Fragmentos da Análise de um caso de Histeria*". São muitos os sintomas de Dora, sendo que a identificação aparece como processo de formação dos sintomas (identificação regressiva a um único traço). Freud relata que, numa das sessões, Dora queixa-se de dores gástricas agudas. Como Freud já atendia Dora há algum tempo, pode pontuar: "A quem imita agora?"⁵⁴ Dora identificara-se com uma das primas a quem visitara no dia anterior. Após o noivado da prima mais nova, a prima mais velha começara a sofrer de dores de estômago. Como Dora também invejara a felicidade da prima noiva, identifica-se à prima mais velha, que recentemente tivera um caso amoroso infeliz. A partir desta identificação⁵⁵ com a prima advêm os sintomas gástricos.

Dora apresenta também, como sintomas constantes, ataques de tosse e rouquidão, além de um quadro sintomático de leucorréia, que Dora nominava de "catarro".

Freud relata que a mãe de Dora sofria de dores abdominais e de um corrimento (catarro). Dora acreditava que esta doença (venérea) havia sido transmitida à mãe, pelo pai. Em relação ao catarro, por um lado, Dora identificara-se à mãe: "Durante vários dias ininterruptos ela identificou-se com a mãe por meio de ligeiros sintomas e peculiaridades de maneiras..."⁵⁶ Mas, por outro, o catarro também aponta para a identificação com o pai, cujos pulmões estavam afetados. Em ambos os sintomas os objetos com quem Dora identifica-se, são investidos libidinalmente por ela.

Diz Freud: "Mas além disso, evidenciara algo que talvez ela ainda não tivesse consciência: 'Sou filha de meu pai. Ele me fez ficar doente, como fez também a Mamãe. É por causa dele que tenho estas paixões selvagens, que são punidas com a doença.'"⁵⁷

⁵⁴ _____, *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria* (1901-05). Op. cit. v. VII, p. 36.

⁵⁵ Esta identificação refere-se ao terceiro tipo descrito por Freud e assinalado no decorrer do texto.

⁵⁶ idem, p. 72.

⁵⁷ idem, p. 80.

Tanto a tosse como a rouquidão que Dora sofria, além de revelar a garganta como uma parte do corpo tomada como zona erógena, expressam "... sua imitação solidária, seu sofrimento pela ausência do pai e desejo de tornar-se esposa dele."⁵⁸ Acrescenta, ainda, que o sintoma deve representar também "... relações sexuais com o pai através da identificação de Dora com a própria *Frau K.*"⁵⁹

O sintoma de Dora, segundo Freud, é a mesma tosse do pai. Dora identifica-se com o pai, sendo que a identificação aparece no lugar da escolha de objeto, há uma regressão da escolha de objeto para a identificação. Este processo ocorre às expensas da repressão e nele os mecanismos do inconsciente são dominantes. Via identificação, o ego assume características do objeto. De modo regressivo, a identificação aparece no lugar da escolha de objeto e a escolha de objeto regride para a identificação.

Freud assinala que nestes casos ocorre a identificação, sendo que apenas um único traço isolado (*Einziger Zug*) do objeto é tomado para a identificação.

Lacan, no Seminário III, retoma o caso Dora para esclarecer que, como naquele momento Freud estava mais interessado sobre o quê Dora deseja e não quem Dora deseja, não pode interpretar de maneira acertada o caso. Lacan esclarece que Dora identificara-se com o Sr. K.

"A função preenchida no esquema do estágio do espelho pela imagem especular, em que o sujeito situa seu sentido para se reconhecer, onde pela primeira vez ele situa seu eu, esse ponto externo de identificação imaginária é no Sr. K que Dora o coloca. É na medida em que ela é o Sr. K que todos os seus sintomas adquirem o seu sentido."⁶⁰

Como Dora está identificada com o Sr. K, o objeto que verdadeiramente a interessa é a Sr^a K. Através de sua neurose, diz Lacan, Dora coloca sua questão: "O que é ser mulher?"⁶¹ Dora identifica-se com um homem, portador de órgão masculino, para tentar simbolizar o órgão feminino e buscar a definição do que lhe escapa. Nota-se que Lacan propõe, já neste

⁵⁸ *idem*, p. 80.

⁵⁹ *idem*, p. 80.

⁶⁰ LACAN, J. *As Psicoses* (1955-56). 2. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988. Sem. III, p. 200.

⁶¹ *idem*, p. 200.

texto explicitar melhor a questão da identificação, assinalando o que, para ele, Lacan, revela-se como interpretação defeituosa de Freud.

Retome-se o texto freudiano “Identificação”. O autor cita um terceiro tipo de identificação, ainda referindo-se à formação de sintomas, é a identificação que ocorre a partir de uma qualidade comum partilhada entre diferentes sujeitos, sendo que o sujeito se identifica com alguém que não é tomado como objeto sexual. “O mecanismo é o da identificação baseada na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação.”⁶² Um ego percebe certa analogia com outro sob certo aspecto, a identificação ocorre e, sob a influência da situação patogênica, a identificação é deslocada para o sintoma. Há, então, um sinal, inconsciente, de coincidência entre os dois egos. É a identificação com o desejo do outro.

Neste caso, Freud cita como exemplo o caso de várias jovens, em um internato. Uma das jovens recebera uma carta de seu namorado secreto e é acometida de ciúmes; a partir daí desencadeia-se uma crise histérica. Outras jovens, com o desejo de colocarem-se na mesma situação e devido aos seus sentimentos de culpa, pois apresentavam o desejo de estarem no lugar da jovem, identificam-se à jovem enamorada, via sintoma histérico.

Quanto à questão de identificação e sintoma, Freud já a abordara, relacionando-a à neurose fóbica, no texto “*Análise de uma Fobia de um Menino de Cinco Anos*” (1909), onde apresenta a identificação como um processo importante. Freud descreve o caso do pequeno Hans, um garoto de cinco anos, que apresentava uma fobia a cavalos. “... ele se incomodava, em particular, com aquilo que os cavalos usam à frente dos olhos, e com o preto em torno de suas bocas...”⁶³, o que revelava traços de semelhança entre os cavalos e o pai, seus óculos e bigode. Freud articula que Hans desloca os sentimentos que tem pelo pai para um animal, expressando, a partir daí, certo alívio frente ao conflito que nutre em relação ao pai. Sua ambivalência para com o pai é extensiva aos cavalos: por um lado tem medo, por outro tem interesse e admiração.

Durante o trabalho realizado por Freud, através do pai do garoto, Hans teve sua angústia diminuída e numa passagem revela que identificou-se com o cavalo. Conta o pai:

⁶² FREUD, S. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (1921). Op. cit. v. XVIII. p. 135.

⁶³ _____. *Análise de uma Fobia de um Menino de Cinco Anos* (1909). Op. cit. v. X, p. 51.

“...Hans tem brincado de cavalo, no quarto; ele trota, deixa-se cair, esperneia com os pés e relincha (...) vem correndo até mim e me morde (...) ele era o cavalo, e mordida seu pai; assim, ele identificava-se com seu pai.”⁶⁴ Hans ao identificar-se com o cavalo expressa sua atitude ambivalente para com seu pai, sendo possível operar o luto do objeto edípico, o pai. Via identificação ao cavalo, consegue transformar sua relação com o pai. Neste caso ocorre a identificação ao objeto investido libidinalmente.

Na obra freudiana, a identificação como processo nos sintomas histéricos já havia sido abordada anteriormente. Em “*A Interpretação dos Sonhos*”(1900). Freud escreve que, via identificação, a paciente pode expressar nos seus sintomas suas experiências e as de outras pessoas (imitação histórica). O caso relatado por Freud, como “*A Bela Açougueira*”, revela isto.

A paciente, cujo marido é açougueiro, conhecendo um pouco sobre a teoria dos sonhos, questiona com seu analista, Freud, o fato de ter tido um sonho onde seus desejos não haviam se realizado. Sonhara que gostaria de oferecer uma ceia, mas tivera que abandonar seu desejo pois, em casa, só possuía um pequeno salmão defumado.

“Pensei em sair e comprar alguma coisa, mas então me lembrei que era domingo à tarde e que todas as lojas estariam fechadas. Em seguida, tentei telefonar para alguns fornecedores, mas o telefone estava com defeito. Assim, tive que abandonar meu desejo de oferecer uma ceia.”⁶⁵

Freud solicita à paciente que faça associações. Ela relata que seu marido pretendia fazer um regime para emagrecer, pois estava sentindo-se gordo, logo, não aceitaria mais convites para cear. Conta que no local onde o marido costumava almoçar, ele conhecera um pintor que insistira em querer pintá-la. O marido respondera que o pintor preferiria parte do traseiro de uma garota ao rosto dela (bela açougueira) todo.

A paciente associa, ainda, que tem vontade de comer sanduíche de caviar, mas prefere não fazer esta despesa, pois, deste modo, pode continuar a fazer a brincadeira de dizer ao marido que não lhe compre caviar. Diz Freud: “Vi que ela foi obrigada a criar para si mesma

⁶⁴ idem, p. 61.

⁶⁵ _____. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Op. cit. v. IV, p. 161.

um desejo não realizado na vida real, e o sonho representava esta renúncia posta em prática. Mas por que precisaria ela de um desejo não realizado?”⁶⁶

Acrescenta que a açougueira, na véspera, visitara uma amiga por quem nutria ciúmes em relação a seu marido, pois ele freqüentemente a elogiava, embora fosse magra e seu marido preferisse mulheres mais “cheinhas”. A amiga comentara com ela sobre seu desejo de engordar e de ser convidada para jantar em sua casa.

Freud interpreta o sonho mostrando que este revela o desejo de sua paciente de não oferecer o jantar à amiga, ou seja, não ajudá-la a ficar mais “cheinha”.

Freud indaga à bela açougueira sobre o salmão defumado e esta lhe responde que salmão é o prato predileto da amiga. Interpreta, então, que a paciente se colocara no lugar da amiga, identificando-se com ela por meio de um desejo renunciado. A paciente, que tem um desejo renunciado de comer caviar, em seu sonho renúncia a um desejo (“...um sonho em que um de meus desejos não foi realizado”⁶⁷), identifica-se com a amiga que tem o desejo de engordar, desejo que a paciente gostaria que não se realizasse. A paciente sonha então que um de seus próprios desejos não se realizou. Identifica-se com a amiga porque ela quer tomar o seu lugar junto ao seu marido (da paciente), e a paciente quer tomar o lugar da amiga junto ao conceito do marido.

Freud deixa claro que a identificação na histeria não é uma simples imitação, mas sim, uma “...assimilação baseada numa alegação etiológica semelhante, ela expressa uma semelhança e decorre de um elemento comum que permanece no inconsciente.”⁶⁸

O processo da identificação também é articulado por Freud com o que acontece no estar amando, na hipnose e na formação de grupo, apontando semelhanças e diferenças entre estas situações.

Sobre o estar amando, Freud inicia assinalando a diferença entre o amor sensual e o amor afetivo. O amor sensual é aquele em que o investimento de objeto busca a satisfação

⁶⁶ idem, p. 162.

⁶⁷ idem, p. 161.

⁶⁸ idem, p. 164. Posteriormente Lacan retoma este exemplo apontando que o elemento em comum é o significante.

Sobre o estar amando, Freud inicia assinalando a diferença entre o amor sensual e o amor afetivo. O amor sensual é aquele em que o investimento de objeto busca a satisfação diretamente sexual. Este investimento se expira temporariamente, quando é atingido o objetivo, pois há uma diminuição de tensão.

O amor afetivo é aquele que ocorre após o estágio fálico, quando, às custas da repressão, as pulsões, que tem como objeto um dos pais e como objetivo a satisfação sexual, são inibidas em sua meta, mantendo-se os representantes da pulsão no inconsciente. O infans toma seus pais como seus primeiros objetos sexuais, a quem dirige estas pulsões. Estas pulsões, via complexo de Édipo, sofrem uma onda de repressão, restando delas o laço emocional puramente afetivo. O sentimento afetivo constitui, então, o sucessor da vinculação com o objeto sexual.

O que Freud assinala é que o estar amando envolve uma supervalorização sexual do objeto amado, a idealização. Uma quota de libido narcisista, do ego, foi dirigida para o objeto, e o objeto passa a ser tratado da mesma maneira como o próprio ego o fora. Quando a supervalorização sexual e o estar amando aumentam, as pulsões que exigem satisfação são relegadas temporariamente a segundo plano. Há um investimento total de libido no objeto. A supervalorização sexual é pautada em pulsões inibidas em sua meta, pois a satisfação sexual implica em redução de tensão. O ego torna-se empobrecido e o sujeito torna-se humilde e passível de auto-sacrifício. Da mesma forma, as funções atribuídas ao ideal do ego passam a não funcionar, pois a libido está toda dirigida ao objeto, não há críticas ou censuras ao objeto. Neste caso, o objeto foi colocado no lugar do ideal do ego.

Quando o amor sensual tem seus objetivos atingidos havendo uma descarga de tensão, temporariamente esta tensão mantém-se em nível baixo, tendo que esperar um novo acúmulo de libido. Então, para que uma relação amorosa se mantenha, segundo Freud, é necessário que o amor sensual esteja acompanhado pelo amor afetivo, amor este onde as pulsões são inibidas em suas metas; assim os laços afetivos são preservados. Como as pulsões inibidas em suas metas, não são capazes de uma satisfação completa, tornam-se aptas a criar vínculos permanentes. As pulsões inibidas aparecem mescladas com as desinibidas e podem também se transformarem em desinibidas.

Freud traça, assim, um paralelo, anotando que, enquanto na identificação o objeto perdido ou abandonado foi introjetado no ego, que enriqueceu-se, no estar amando o ego empobreceu-se, investindo sua energia no objeto, o objeto que é mantido.

Estar amando, então, revela a presença de pulsões sexuais desinibidas e inibidas em sua meta e o objeto sexual toma uma parte da libido do ego narcisista para si próprio. Esta relação é entre o ego e o objeto.

Freud articula então a questão da hipnose para compará-la ao estar amando, considerando que em ambos há uma sujeição humilde. No caso da hipnose, o objeto (hipnotizador) é colocado no lugar do ideal do ego; a satisfação sexual está ausente e são justamente as pulsões inibidas em sua meta que determinam o laço forte entre o hipnotizador e o hipnotizado. A hipnose tem também, como característica semelhante ao estar amando, o fato de envolver apenas duas pessoas.

São também as pulsões inibidas em sua meta sexual as responsáveis pela formação de grupo. São estas pulsões que mantêm o grupo unido. Freud propõe, então, articular a questão da formação de grupo com a hipnose e o estar amando.

O grupo assemelha-se à hipnose por estar pautado em pulsões inibidas em sua meta e na substituição do ideal do ego pelo objeto, mas acrescenta-se aí o fato de ocorrer identificação entre os membros do grupo.

“A substituição das pulsões diretamente sexuais por aquelas inibidas em sua meta promove em ambos os estados uma separação entre o ego e o ideal do ego, separação da qual já se realizara um começo no estado de estar amando.”⁶⁹

Os membros de um grupo colocam um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, via identificação, um laço mútuo se formou, aparece uma qualidade emocional comum, pautada na natureza do laço com o líder.

⁶⁹ FREUD, S. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (1921). Op. cit. v. XVIII. p. 179.

O grupo, segundo Freud, advém como uma revivescência da horda primeva, pois no grupo há um estado de regressão a uma atividade mental primitiva, onde um líder é colocado como um ser superior em meio a um grupo de companheiros iguais.

A questão da horda primeva é trabalhada por Freud em 1912-13, quando escreve *“Totem e Tabu”* para articular alguns aspectos de concordância entre a vida mental dos selvagens e a dos neuróticos.

Como o totemismo⁷⁰ consiste em um período regular em todas as culturas, Freud investiga a origem da idéia da descendência do totem e as possíveis razões para a exogamia, ou seja, para o tabu do incesto, da qual a exogamia é sua expressão.

Freud reúne a interpretação psicanalítica do totem e das refeições totêmicas com a teoria darwiniana do estado primitivo da sociedade humana⁷¹ e advém uma possibilidade de compreensão mais profunda sobre a formação do grupo.

Da horda primeva de Darwin, Freud toma o pai violento e ciumento que guarda todas as fêmeas para si próprio e expulsa os filhos homens à medida em que crescem. Na horda, vivem em pequenas comunidades, onde o chefe tem tantas esposas quantas puder sustentar.

O pai da horda primeva é livre, seus “...atos intelectuais eram fortes e independentes.”⁷² Seu ego possui poucos vínculos libidinais, ele não ama ninguém, a não ser a si mesmo, ou a outras pessoas, na medida em que atendem às suas necessidades. Suas pulsões são satisfeitas.

O pai primevo impede seus filhos de satisfazerem suas pulsões sexuais, forçando-os à abstinência (a partir de pulsões inibidas os laços afetivos são estabelecidos e mantidos). Os filhos são ambivalentes em relação ao pai, odeiam-no pois os interdita em seus anseios de poder e em relação aos desejos sexuais, mas também amam e admiram o pai. O pai é o ideal de

⁷⁰ Totemismo - sistema social e religioso que consiste nas relações de respeito mútuo entre o homem e seu totem. Os totens são animais considerados como ancestrais dos diferentes clãs. Há uma proibição de matar o totem e as relações sexuais entre os elementos de um mesmo clã são proibidas - exogamia.

⁷¹ A hipótese de Darwin sobre o estado social do homem primitivo baseia-se nos hábitos dos símios superiores.

⁷² FREUD, S. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (1921). Op. cit. v. XVIII. p. 157.

cada um dos membros do grupo, sendo ao mesmo tempo temido e honrado e isto leva à idéia de tabu. “O pai primevo é o ideal do grupo, que dirige o ego no lugar do ideal do ego.”⁷³

Se o pai da horda morre, seu lugar passa a ser ocupado por um dos seus filhos mais jovens, que até então é um membro do grupo como outro qualquer, passando a ter as regalias e ocupando o lugar do pai..

Certo dia, os filhos se revoltam, se agrupam e assassinam o pai. Despedaçam-no e o devoram, pois são canibais. Ao devorarem o pai, identificam-se com ele, cada qual adquirindo parte de sua força. A refeição totêmica vem a ser a comemoração deste ato e o começo da organização social, das restrições morais e da religião.

Os filhos que tinham sentimentos ambivalentes para com o pai, passam a ter sentimentos de culpa e remorso, que são sentidos por todo o grupo. O pai morto passa a ser mais forte do que quando vivo, pois é tornado eterno na lembrança.

Os filhos substituem o pai pelo totem e anulam o ato de parricídio proibindo a morte do próprio totem e renunciando a seus frutos, abrem mão das mulheres agora libertadas. Frente ao parricídio, institui-se a exogamia totêmica, ou seja, as relações sexuais com mulheres da família que haviam sido amadas desde a infância, tornam-se proibidas. Os homens tem que satisfazer suas pulsões com mulheres estranhas e não amadas. Surge assim a lei contra o incesto, onde todos, de igual modo, renunciam às mulheres, que haviam sido a causa da sua revolta para com o pai.

O totem, sendo colocado no lugar do pai, apazigua os sentimentos de culpa, fazendo uma reconciliação com o pai morto. A horda patriarcal é substituída pela horda fraterna, cuja existência é assegurada pelo laço consangüíneo, sendo que nenhum filho pode ocupar o lugar do pai.

“A sociedade estava agora baseada na cumplicidade do crime comum; a religião baseava-se no sentimento de culpa e no remorso a ele ligado; enquanto que a moralidade fundamentava-

⁷³ *idem*, p. 161.

se parte nas exigências desta sociedade e parte na penitência exigida pelos sentimentos de culpa.”⁷⁴

Nenhum dos elementos do grupo de irmãos pode tomar o lugar do pai, pois são iguais entre si e devem, então, renunciar à herança do pai. Forma-se assim a comunidade totêmica de irmãos, que têm direitos iguais e estão unidos pelas proibições totêmicas que preserva e expia a lembrança do assassinato.

O totem é colocado no lugar de ideal de ego e os irmãos identificam-se entre si, mantendo os laços fraternos. Eis uma formação de grupo.

No grupo, o sujeito abandona seu ideal de ego e o substitui pelo ideal do grupo, o líder. No grupo há uma dupla espécie de vínculo, a identificação e a colocação do objeto no lugar do ideal de ego.

O ideal do ego constitui também o ideal de uma família, uma classe ou uma nação. Há a vinculação narcisista e também o retorno da libido homossexual⁷⁵ ao ego. Quando não há satisfação, a libido liberada dá origem ao sentimento de culpa (angústia social).

A distinção entre a identificação do ego com um objeto e a substituição do ideal do ego por um objeto encontra-se, também, na formação dos grupos da igreja cristã e do exército. Estes grupos são grupos artificiais, onde forças externas são utilizadas para que eles se mantenham. Em ambos, diz Freud: “... prevalece a mesma ilusão de que há um cabeça - na Igreja Católica, Cristo; no exército o comandante chefe - que ama todos os indivíduos do grupo com amor igual.”⁷⁶ Neste dois grupos, cada sujeito está ligado por laços libidinais ao líder (Cristo, comandante-chefe) e aos demais elementos do grupo. O soldado toma seu superior como seu ideal, identifica-se com os outros soldados, expressando companheirismo. Mas, o soldado não se identifica com seu líder (comandante) que é colocado no lugar do ideal. No caso da Igreja, Cristo é tomado como ideal e via identificação o sujeito mantém um vínculo com os outros cristãos, mas os elementos do grupo tem que identificarem-se com Cristo e amarem seus irmãos como Cristo os amou. “Há que acrescentar a identificação ali onde a

⁷⁴ FREUD, S. *Totem e Tabu* (1912-13). Op. cit. v. XIII, p. 175.

⁷⁵ A ‘libido homossexual’ aparece no texto, como o investimento libidinal em que a meta é inibida, mantendo-se assim, os laços no grupo.

⁷⁶ FREUD, S. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (1921). Op. cit. v. XVIII, p. 120.

escolha objetual já se realizou, e o amor objetual onde há identificação.”⁷⁷ A perda do líder ou suspeitas relacionadas a ele, provoca irrupção de pânico, pois os laços entre os membros do grupo tendem a se desfazer ao mesmo tempo que o laço com o líder.

Assinala-se, assim, a importância revelada por Freud, da articulação do tema da identificação. Identificação mítica, primária; identificação secundária, advinda da quebra do narcisismo primário, correlato às inscrições no aparelho psíquico, à repressão primária; identificação ao desejo do outro.

Freud assevera a relevância do tema da identificação, trazendo em diferentes momentos de sua obra, ponderações acerca desta questão. Outrossim, percebe-se que o tema merece ser melhor explicitado, principalmente quanto à diferenciação entre os tipos de identificações. É justamente isto que Lacan busca quando escreve seu Seminário “*La Identificacion*” e que apresenta-se como um dos objetivos, nesta dissertação, principalmente nos capítulos 5 e 6.

Tanto a identificação primária, quanto a identificação regressiva a um traço, revestem-se de grande importância na questão da constituição do sujeito. Particular interesse, relacionado ao tema deste trabalho, recai sobre a identificação regressiva ao traço e sua articulação com o nome próprio, pois do que se trata aqui, é da identificação ao significante. Entretanto, antes que se possa trabalhar a questão da identificação ao significante, é necessário que se realize um recorte a respeito do significante.

⁷⁷ *idem*, p. 170.

Lutar com palavras
parece sem fruto
Não tem carne e sangue...
Entretanto, luto.

C. Drummond de Andrade

Capítulo 3

3. Signo / Significante / Significado

3.1 O Signo Lingüístico de Saussure

A temática da identificação, nos textos de Lacan, aparece já em seus primeiros trabalhos, mas antes que se faça uma construção pontual sobre identificação, que em Lacan se trata principalmente de identificação ao significante, torna-se necessário um percurso na obra lacaniana.

Lacan realiza uma releitura dos textos de Freud. Releitura que apresenta inovações. A obra de Lacan é construída também a partir de seus estudos em outros campos teóricos como o da lingüística, da filosofia, da lógica, da matemática.

Para que se possa articular a identificação, identificação ao significante, cabe aqui um recorte sobre o campo da lingüística, pois Lacan, em sua formalização da questão do significante e, também, do significado, por inúmeras vezes faz referências aos trabalhos de lingüística, principalmente aos de Saussure, em especial ao “*Curso de Lingüística Geral*”, deste autor. Este texto é uma coletânea, escrita por um grupo de discípulos de Saussure, a partir de três cursos ministrados por ele, entre os anos de 1907 a 1911¹. O texto trata-se de uma obra póstuma, obra construída a partir das anotações feitas pelos discípulos de Saussure, quando de suas presenças nos Seminários.

¹ Os cursos foram ministrados na Universidade de Genebra nas seguintes datas: 16 de janeiro a 03 de julho de 1907, primeira semana de novembro de 1908 a 24 de julho de 1909, 28 de outubro de 1910 a 04 de julho de 1911.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral* (1911). 3. ed. São Paulo, Editora Cultrix, 1995. p. XVI.

Saussure escreve sobre a linguagem, enquanto um fenômeno total que envolve a língua (*langue*) e a fala, discurso (*parole*). É a língua que faz a unidade da linguagem, a língua existe dentro do fato social, sob a ação do tempo. É a língua “... o conjunto dos hábitos lingüísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender.”² Isto ocorre sob ação do tempo que se combina com a força social vigente.

Nesta obra, Saussure critica os autores que consideram a língua enquanto nomenclatura, como uma visão simplista que leva em conta apenas o vínculo entre um nome e uma coisa. Até então, os estudos de lingüística remetiam apenas a visão diacrônica, de fatos isolados. Saussure sente a necessidade de uma abordagem sistemática, que, de forma integrada, estude todo o campo onde os elementos lingüísticos adquiram valores diferenciais.

Saussure propõe que se estude a língua, cuja natureza é homogênea, passível de uma definição autônoma, enquanto parte determinada e essencial da linguagem. A língua apresenta-se enquanto um sistema de valores que se opõem uns aos outros. Enquanto produto social, a língua está na mente do indivíduo, sendo este pertencente a uma comunidade.

Por outro lado está a discurso, a fala, caracterizada por ser um ato individual, com interferências de fatores extralingüísticos. A fala é pautada na vontade individual e apresenta um caráter heterogêneo.

Saussure assinala que a unidade lingüística é o signo lingüístico, constituído a partir da união de dois termos. Estes dois termos são psíquicos, um conceito e uma imagem acústica³, sendo que estão unidos no cérebro via associação. Eis a figura que representa o signo lingüístico, enquanto uma entidade psíquica de duas faces (Figura 3-1).

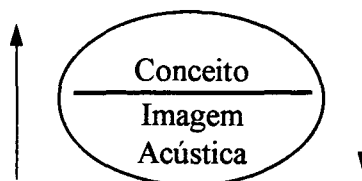


Figura 3-1⁴

² idem, p. 92.

³ A imagem acústica é uma impressão psíquica do som, não o som material.

⁴ SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Op. cit. p. 80. O signo lingüístico.

Os dois elementos, conceito e imagem acústica estão unidos, sendo que um apela ao outro. O exemplo dado por Saussure expressa que o sentido da palavra latina *arbor* está ligado à palavra com que o latim designa o conceito “árvore” (Figura 3-2).

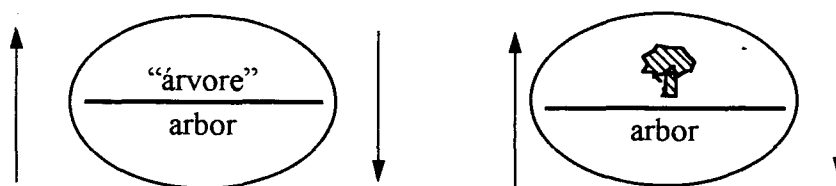


Figura 3-2⁵

Embora o termo signo corresponda à combinação do conceito à imagem acústica, em uso corrente o signo designa a imagem acústica apenas (*arbor*), sendo que ainda assim, o conceito está implicado. Para evitar este tipo de ambigüidade, Saussure opta por utilizar o termo signo para a combinação do conceito e da imagem acústica, substituindo conceito por significado e imagem acústica por significante.

O signo linguístico apresenta duas características primordiais: a arbitrariedade do signo e o caráter linear do significante. O signo linguístico é arbitrário, pois a associação de um significante com um significado é arbitrária. Diz Saussure: “... a idéia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à seqüência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra seqüência, não importa qual...”⁶ ou seja, não há anteriormente o que determine esta ligação. Pode-se verificar, nas diversidades das diferentes línguas, que diversos significantes são utilizados para um mesmo conceito.

Diferentemente do signo, o símbolo não é arbitrário, existindo um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado. É o caso do símbolo da justiça, a balança, sendo que este símbolo não é passível de ser trocado por outro qualquer.

Saussure assinala que, embora o significante seja arbitrário em relação ao significado, pois com ele não tem qualquer laço natural, isto não quer dizer que o significado aponte para uma livre escolha de quem fala, pois o signo está estabelecido num grupo linguístico. Em relação à idéia que vem a ser representada, o significante é livremente escolhido (arbitrário do

⁵ idem, p. 81. O signo linguístico.

⁶ idem, p. 81.

signo), mas este significante, já escolhido, é imposto à comunidade lingüística. Saussure anota que trata-se de uma escolha forçada, “a letra/carta forçada”⁷. Tanto o sujeito não tem a possibilidade de escolher outro signo, como a comunidade está atada à língua, pois a língua é um produto herdado de gerações anteriores e situada num determinado quadro social.

A submissão de uma determinada comunidade à língua ocorre porque a língua é um sistema de signos arbitrários, não sendo passível de quaisquer questionamentos. Também contribui para tal submissão, o fato de que os signos lingüísticos são inumeráveis num sistema complexo e que as forças sociais que atuam sobre este o fazem em função do tempo.

A lei que rege o signo é a lei da tradição, o que reforça o fato do signo ser arbitrário. Surge, assim, um certo paradoxo: “...a convenção arbitrária, em virtude da qual a escolha se faz livre, e o tempo, graças ao qual a escolha se acha fixa.”⁸ Aparece, então, tanto a imutabilidade quanto a mutabilidade do signo⁹. A língua se transforma, embora os sujeitos isoladamente não possam transformá-la. Por ser imutável, o signo perdura, mas, ao mesmo tempo, ao perdurar, ele se altera. Esta alteração dar-se-á no tempo, como efeito das forças sociais agindo sobre a massa falante de uma língua.

Se, por um lado, estão as forças sociais situadas no tempo, apontando para uma escolha fixada, por outro lado, é o tempo, em relação à continuidade da língua, que possibilita que os signos se alterem. Esta alteração é, assim, resultado da prática. Alteração que é um deslocamento da relação entre o significado e o significante, sendo que o vínculo entre a idéia e o signo se afrouxam.

Quanto ao caráter linear do significante, Saussure anota que este possui uma natureza auditiva, desenvolve-se no tempo e é justamente do tempo que advêm suas características: “a) representa uma extensão, e b) esta extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha.”¹⁰

⁷ idem, p. 85.

Lettre em francês tem como tradução, tanto carta como letra. Em outro trecho da obra, Saussure escreve: “...a tirania da letra vai mais longe ainda; à força de impor-se à massa, influi na língua e a modifica.”

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Op. cit. p. 41.

⁸ idem, p. 88.

⁹ “... pode-se falar, ao mesmo tempo, da imutabilidade e mutabilidade do signo.”

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Op. cit. p. 89.

¹⁰ idem, p. 84.

Os significantes se apresentam um após o outro, formando uma cadeia, cuja extensão indica uma única dimensão, a linha do tempo.

Para melhor estudar as questões do signo, Saussure vê a necessidade de delimitar dois eixos: 1) O eixo das simultaneidades, onde existem relações entre elementos co-existentes, onde não se considera a questão do tempo. 2) O eixo das sucessões, onde cada elemento é considerado de cada vez e onde estão os elementos do outro eixo com suas respectivas transformações.

A partir daí, surge a Linguística sincrônica, com seu aspecto estático, analisando um estado da língua, onde há uma relação entre elementos simultâneos, e a Linguística diacrônica, que diz respeito às evoluções, às fases de evoluções, à substituição de um elemento por outro no tempo, a um acontecimento.

Saussure assinala que :

“A língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica. Como as alterações jamais são feitas no bloco do sistema, e sim num ou outro dos seus elementos, só podem ser estudadas fora do sistema.”¹¹

Mas, cada alteração vai repercutir no sistema. Assim, revela-se a autonomia e, ao mesmo tempo a interdependência do sincrônico e do diacrônico.

Para clarear estes conceitos, Saussure utiliza-se da comparação entre a língua e uma partida de xadrez. Ambos são sistemas de valores que apresentam modificações. A partida de xadrez representa uma realização artificial do que ocorre de modo natural na língua. Em uma posição de jogo, o valor da peça depende da posição que esta ocupa no tabuleiro, também, na língua, cada termo tem seu valor pela oposição frente aos outros termos. Ambos os sistemas são momentâneos, variando de uma posição à outra, sendo que seu funcionamento depende, de um lado, da regra do jogo, e por outro, dos princípios da Semiologia.¹² Em cada lance do jogo, apenas uma peça é movimentada, na língua as modificações se aplicam a elementos

¹¹ *idem*, p. 102.

¹² Semiologia consiste no estudo dos signos e das leis que o regem, estuda os sistemas baseados na arbitrariedade do signo.

isolados. Embora uma única peça seja movimentada por vez, há uma repercussão sobre todo o sistema, de igual maneira ocorre na língua. Através do lance, passa-se do equilíbrio precedente para o equilíbrio subsequente, sendo que cada estado em si é o que é importante. Isto também é verificado na língua. “A fala só opera sobre um estado de língua, e as mudanças que ocorrem entre os estados não tem nestes nenhum lugar.”¹³ Nesta comparação, a diferença está em que, no jogo de xadrez os lances são premeditados, enquanto que, na língua, nada há de premeditação.

Para o falante, o aspecto sincrônico é a única realidade, portanto, prevalece sobre o diacrônico. Também para a lingüística é assim, pois, segundo Saussure, é a partir daí que se pode estudar a língua; caso contrário, o que se estuda são acontecimentos que modificam a língua.

O estudo sincrônico importa-se com os conjuntos dos fatos correspondentes a cada língua. Em termos da língua, verifica-se que a sincronia tem um caráter geral e aponta para o sentido da ordem, princípio da regularidade. A diacronia, como prevê um fator dinâmico, não está sujeita à lei, e sim ao caráter acidental e particular.

Saussure, assim, define as duas partes da lingüística (Figura 3-3):

“A Lingüística sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistema, tais como são percebidos pela consciência coletiva. A Lingüística diacrônica estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si.”¹⁴

¹³ SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Op. cit. p. 105.

¹⁴ *idem*, p. 115..

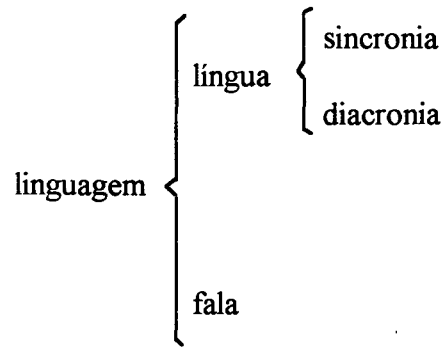


Figura 3-3¹⁵

A partir disto, Saussure assinala que as propriedades gerais do signo são partes integrantes da lingüística sincrônica. O estudo dos signos reveste-se de importância porque a língua constitui-se num sistema de signos, onde essencialmente existe a união do sentido com a imagem acústica, sendo que ambas as partes são psíquicas.

Os signos são entidades concretas da lingüística, embora sendo psíquicos, pois suas associações e conjunto são realidades que têm sede no cérebro. Os signos são tangíveis, sendo que a escrita os fixa em imagens convencionais, acústicas, e estas podem ser traduzidas em imagens visuais. O signo enquanto imagem concreta, se mantém pela associação do significante com o significado. Tomando os termos em separado, torna-se abstração, deixando de ser um objeto concreto.

Há necessidade de se delimitar a entidade lingüística, para que esta seja determinada e, para tanto, separa-se esta entidade delimitada, ou unidade, de tudo o que a rodeia na cadeia fônica.

Saussure define a unidade como: "... uma porção de sonoridade que, com exclusão do que precede e do que segue na cadeia falada, é significante de um certo conceito."¹⁶ Mas, não se pode deixar de assinalar que a língua apresenta-se como um sistema que é pautada na oposição de suas unidades concretas, então, embora esta delimitação seja difícil, é necessária.

¹⁵ idem, p. 115. Estudo lingüístico.

¹⁶ idem, p. 120.

Para tanto, Saussure apresenta como questões relacionadas à delimitação das unidades, as noções de identidade, realidade e valor sincrônico.

Em relação à identidade, aponta que: “O mecanismo lingüístico gira todo ele sobre identidades e diferenças, não sendo estas mais que a contraparte daquelas.”¹⁷

Saussure dá como exemplo a identidade que existe entre dois expressos “Genebra-Paris, 8 hs 45 da noite”, partindo com 24 horas de intervalo. Aparentemente é o mesmo expresso, mas, locomotivas, vagões, pessoal, provavelmente são diferentes.

Diz Saussure: “...o que faz o expresso é a hora de sua partida, seu itinerário e em geral todas as circunstâncias que o distinguem dos outros expressos. Sempre que se realizam as mesmas condições, obtêm-se as mesmas entidades.”¹⁸ É aí que está a identidade lingüística, que não é puramente material, fundando-se também em outras condições. A identidade lingüística está pautada na materialidade e nas condições que envolvem o signo, em uma determinada cadeia. Por um lado, aparece o mesmo, o idêntico, mas por outro, este mesmo não é igual, tendo características diferentes.

A questão da realidade é questionada a partir do aspecto que a lingüística trabalha, utilizando-se de conceitos forjados pelos gramáticos, sendo que é preciso apreender as entidades concretas da língua para que se possa tomar contato com o real, ou seja, a partir do campo da linguagem que se pode falar de real e no real está o mesmo, mas na linguagem, diferentemente do real, o significante não é igual a ele mesmo. E estas considerações referem-se então, para à questão de valor. É a questão de valor que pode aclarar tanto o tema da identidade quanto o da realidade.

Retomando a comparação com o jogo de xadrez, Saussure toma a peça ‘cavalo’, para assinalar que este, em sua materialidade pura, não tem valor, tornando-se elemento real e concreto quando inserido no jogo, sobre o tabuleiro. E, além disto, o cavalo no decorrer do jogo pode ser substituído, segundo as regras do xadrez, por outra peça de igual valor, sendo

¹⁷ *idem*, p. 126.

¹⁸ *idem*, p. 126.

considerada idêntica, por apresentar o mesmo valor. O “cavalo” num determinado lugar do tabuleiro não tem o mesmo valor que em outra posição.

Anota Saussure: “Eis porque, em definitivo, a noção de valor recobre as de unidade, de entidade concreta e de realidade.”¹⁹, o que aponta para a importância de se determinar a unidade a partir do aspecto de valor. Revela-se, assim que, mais importante do que estudar as unidades lingüísticas, trata-se de estudar o aspecto de valor. A língua pode, então, ser compreendida como um sistema de valores puros, em cujo funcionamento estão as idéias e os sons.

Saussure propõe um esquema para representar o fato lingüístico, em seu conjunto, “...a língua, como uma série de subdivisões contíguas marcadas simultaneamente sobre o plano indefinido das idéias confusas (A) e sobre o plano não menos indeterminado dos sons (B).”²⁰ (Figura 3-4)

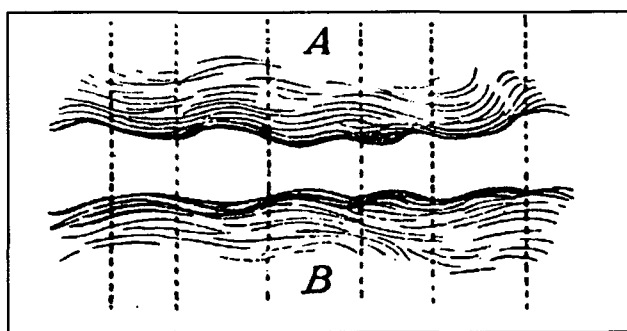


Figura 3-4²¹

O pensamento é compreendido como uma massa amorfa e indistinta, uma nebulosa onde nada está delimitado. A língua serve de intermediário entre o pensamento e, o som, e a partir daí, há delimitações recíprocas de unidades. O pensamento, até então caótico, ao decompor-se torna-se preciso; por outro lado, a língua elabora suas unidades entre duas massas amorfas.

Novamente utilizando-se de uma comparação, Saussure articula a língua e a folha de papel:

¹⁹ *idem*, p. 128.

²⁰ *idem*, p. 130.

²¹ *idem*, p. 131. Fato lingüístico.

“...o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro: assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura.”²²

A partir destes dois planos, há uma escolha arbitrária e advém o signo, com seu valor relativo, e como fato social. Não se trata de estudar a união do som com o conceito e sim, há que se partir de uma totalidade e, por análise, alcançar seus elementos.

Para investigar melhor a questão do valor lingüístico, e frente à impossibilidade de investigar diretamente as unidades da língua, Saussure toma as palavras enquanto equivalentes aos termos reais de um sistema sincrônico.

O primeiro aspecto que surge frente ao valor de uma palavra é sua propriedade de representar uma idéia. Isto aponta para a significação. Mas, em que difere do valor, a significação ?, pergunta-se Saussure.

O valor em seu aspecto conceitual, constitui-se em elemento de significação, mas não se reduz a isto. Saussure retoma a representação feita anteriormente, agora já com a substituição da imagem acústica por significante e do conceito por significado (Figura 3-5).

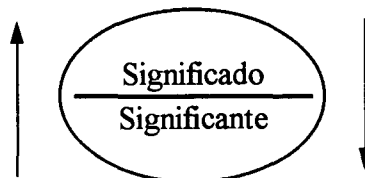


Figura 3-5²³

Apresenta a questão em seu aspecto paradoxal, assinalando que “...de um lado, o conceito nos aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo, e, de outra, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua.”²⁴ Entretanto, como a língua é um sistema na qual todos os termos são solidários, o valor de cada termo resulta na presença simultânea de outros termos (Figura 3-6).

²² idem, p. 131.

²³ idem, p. 133.

²⁴ idem, p. 133.

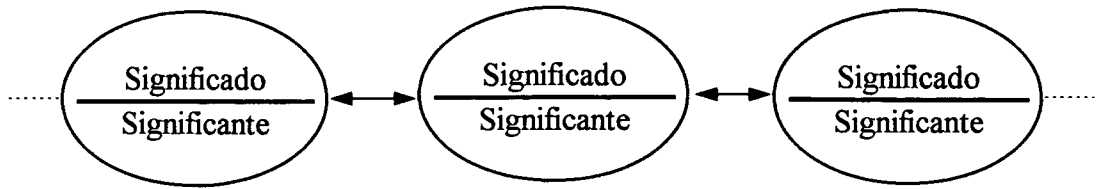


Figura 3-6²⁵

Assim, para que se possa determinar o valor de uma palavra há que se pensar, por um lado, que o valor é constituído por algo dessemelhante, passível de ser trocado por outro, cujo valor precisa ser determinado. Pode uma palavra, por exemplo, ser trocada por uma idéia. Por outro lado, o valor é constituído por semelhantes e, a partir daí, há uma comparação com aquela palavra cujo valor está em causa. Uma palavra pode ser trocada por outra palavra, ou seja, o valor de um termo é determinado por aquilo que o rodeia.

A partir disso, Saussure conclui que:

“Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentendendo-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são.”²⁶

Saussure recorre a uma ilustração (Figura 3-7) para aclarar o esquema do signo e anota que:

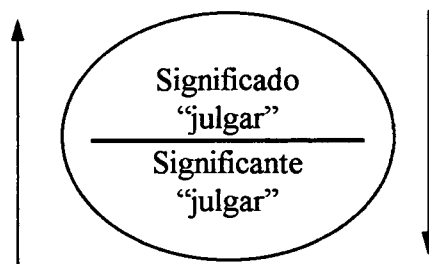


Figura 3-7²⁷

o conceito “julgar” está unido á imagem acústica julgar, esta palavra simboliza a significação mas este conceito tem seu valor através de suas relações com outros semelhantes, sem os quais

²⁵ *idem*, p. 133. A língua como um sistema.

²⁶ *idem*, p. 136.

²⁷ *idem*, p. 136.

a significação não existiria. A associação entre a imagem acústica e o conceito pode dar, em certa medida, uma idéia da realidade mas não expressa a essência e a totalidade do fato lingüístico.

Também, a parte material do valor é constituída por relações e diferenças com outros termos. São as diferenças fônicas que possibilitam a distinção de uma palavra a outra.

Desta maneira, o arbitrário e o diferencial são qualidades correlativas e de grande importância para a lingüística, definindo que o significante, em sua essência, é incorpóreo, constituído pelas diferenças de sua imagem acústica com outras imagens acústicas.

Saussure toma, então, o sistema de signos da escrita, para asseverar que, também aí, ocorrem as mesmas características. Não existe qualquer relação entre a letra e o som que a designa, portanto, o signo da escrita também é arbitrário. O valor da letra é relativo e diferencial, colocando-se a partir da determinação frente a outras letras. Os valores da escrita, que funcionam por oposição recíproca, ocorrem dentro de um sistema definido, com um número determinado de letras. O meio de produção do signo da escrita é indiferente, não revestindo-se de importância para a significação, pois a importância não está em como o signo foi grafado.

A partir de toda esta elaboração antecedente, Saussure pode concluir que: "...na língua só existem diferenças."²⁸ A língua comporta diferenças conceituais e diferenças fônicas, resultantes do sistema lingüístico. O que importa num signo são os outros signos ao seu redor. Então, o significado e o significante, enquanto tomados separadamente, são considerados diferenciais e negativos mas, sua combinação, ou seja, o signo em sua totalidade, é um fato positivo, positivo como efeito do confronto entre duas ordens de pura diferença. Saussure usa o termo positivo para assinalar que dois signos, cada qual com um significado e um significante, são distintos. Quando são comparados signos entre si, eles não são diferentes e sim distintos, pois entre eles o que existe é uma oposição. Então, entre signos existem oposições, entre significados ou entre significantes existem diferenças.

Em relação à noção de valor, que recobre a noção de unidade, Saussure anota:

²⁸ idem, p. 139.

“Aplicado à unidade, o princípio de diferenciação pode ser assim formulado: os caracteres da unidade se confundem com a própria unidade. Na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade.”²⁹

A partir disto, num estado de língua, tudo está baseado em relações. Estas relações podem ser sintagmáticas ou associativas. Tanto as relações, como as diferenças entre os termos lingüísticos se desenvolvem segundo estas duas formas de “atividade mental”, envolvidas na língua.³⁰

No discurso, devido ao encadeamento que os termos estabelecem entre si, as relações apresentam o caráter linear da língua, pois na cadeia da fala um termo vem após o outro, não sendo possível que se pronuncie dois termos ao mesmo tempo. As combinações, os sintagmas, são compostas de duas ou mais unidades consecutivas, sendo que cada termo adquire seu valor em oposição ao precedente e/ou ao posterior. O sintagma implica na idéia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos.

Fora do discurso, o que existe são relações associativas, na memória são associados termos que apresentam algo em comum, ou a natureza das relações que tenham algo em comum. Pode haver algo em comum quanto ao sentido, ou quanto à forma, ou apenas de um ou de outro. Uma palavra pode ser associada de uma maneira ou de outra. Assim, estas palavras não se revestem de um número definido ou ordem determinada, como é o caso do sintagma.

Saussure assinala, a partir disto, que:

“O conjunto de diferenças fônicas e conceituais que constitui a língua resulta, pois, de duas espécies de comparações; as aproximações são ora associativas, ora, sintagmáticas; os agrupamentos de uma ou de outra espécie são, em grande medida, estabelecidos pela língua; é esse conjunto de relações usuais que a constitui e que lhe preside o funcionamento.”³¹

²⁹ *idem*, p. 141.

³⁰ Lacan posteriormente faz uma articulação entre as relações sintagmáticas e a metonímia e as relações associativas e a metáfora.

³¹ SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Op. cit. p. 148.

Por um lado, aparecem as solidariedades sintagmáticas, onde as unidades da língua dependem das unidades que a antecedem e a sucedem, se apoiam na extensão, e, por outro, no caso das relações associativas, os signos aparecem agrupados em diversas relações, geralmente de ordem indeterminada e número indefinido. Os signos geralmente aparecem agrupados como massas organizadas. Também entre esses agrupamentos existe um vínculo de interdependência, sendo que, sempre estão em jogo, no discurso, os agrupamentos associativos e os tipos sintagmáticos.

Feito este recorte, em alguns dos aspectos da obra de Saussure, pode-se, então, tentar verificar pontos de articulações com a obra de Lacan, principalmente relacionadas ao signo, significante e significado.

3.2 Lacan e o Signo

Lacan trabalha em sua obra a questão do inconsciente, estruturado como uma linguagem, articulando signo, significante e significado. Embora estes conceitos estejam presentes no campo da lingüística, de onde ele os toma, na obra lacaniana estes apresentam um caráter diverso, cabendo, ainda, certa articulação entre lingüística e psicanálise.

Na obra de Lacan, inúmeras são as referências feitas a Saussure. Citam-se alguns momentos que se revestem de importância para a construção deste trabalho, enquanto relacionados à questão do significante.

O início da obra lacaniana já aponta que quando o sujeito fala, utiliza-se do conjunto da língua, apresentando-se, então, a questão do significante e do significado. Na medida em que o sujeito está submetido a uma língua e que essa exista, o sujeito pode utilizar-se dela para significar algo. Em: *“La Cosa Freudiana, o Sentido del Retorno a Freud en Psicanálisis”*³², Lacan cita a importância da distinção fundamental a ser feita acerca do significante e do significado, pois tratam-se de duas redes de relações que não se recobrem.

A primeira rede, a dos significantes, “...é a estrutura sincrônica do material da linguagem, enquanto que cada elemento toma nela seu emprego exato por ser diferente dos

³² 7 de novembro de 1955.

outros;”³³ é este o princípio que regula o funcionamento da língua. Este conjunto sincrônico é um sistema simultâneo, de grupos de oposição estruturados. A segunda rede, a do significado,

“...é o conjunto diacrônico dos discursos concretamente pronunciados, o qual retroage historicamente sobre o primeiro, do mesmo modo que a estrutura deste governa as leis do segundo. Aqui o que domina é a unidade de significação, a qual mostra não resolver-se nunca em uma pura indicação do real, senão remeter sempre a uma outra significação.”³⁴

O que se passa diacronicamente é o discurso, no tempo. Diz Lacan: “Não se pode não colocar o discurso em um certo sentido do tempo, num sentido que é definido de maneira linear, diz o Sr. Saussure.”³⁵

No texto datado de maio de 1957³⁶, Lacan acrescenta que em relação ao caráter linear do significante, segundo a emissão de uma única voz e segundo a escrita, na horizontal, em uma linha, a linearidade se impõe ao discurso apenas em sua relação ao tempo. Mas, o discurso pode alinhar-se sobre diversas pautas musicais, como em uma partitura, aí então, na vertical, como no caso da polifonia e da poesia.

Em seu Seminário “*As Psicoses*”³⁷, Lacan trabalha a questão da psicose e a importância dos fenômenos de linguagem em sua economia. Sua articulação é feita a partir do caso escrito por Freud, sobre o presidente Schreber, sendo que a terceira parte do texto é denominada “*Do Significante e do Significado*”, da qual seguem-se alguns recortes.

Na psicose, o discurso apresenta-se esvaziado de sentido, puramente verbal, o discurso invade o psicótico. E o que Lacan busca é alcançar o inconsciente. A articulação da linguagem e do inconsciente, pois, segundo Lacan, “...tudo o que pertence à comunicação analítica tem estrutura de linguagem”³⁸, embora isto não seja equivalente a dizer que o inconsciente se expresse no discurso. O inconsciente não é uma linguagem no sentido de ser um discurso, mas

³³ LACAN, J. *La Cosa Freudiana, o Sentido del Retorno a Freud en Psicanálise*. In: Escritos 1. 12. ed. Argentina, Siglo Veintiuno Argentina Editores, 1985. p. 397.

³⁴ idem, p. 397.

³⁵ LACAN, J. *As Psicoses (1955-56)*. 2. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988. Sem. III, p. 66.

³⁶ _____. *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud (1957)*. In: Escritos. São Paulo, Editora Perspectiva, 1966.

³⁷ Iniciado em 16 de novembro de 1955.

³⁸ LACAN, J. *As Psicoses (1955-56)*. Op. cit. p. 191

“...é estruturado como uma linguagem”³⁹. É um fenômeno que se reveste da duplicidade essencial do significante e do significado. Diz Lacan: “Isso quer dizer que o significante tem aí sua coerência e seu caráter próprios, que o distinguem de qualquer outra espécie de signo.”⁴⁰

O inconsciente é tecido de linguagem, assinala Lacan, e o significante desempenha um papel fundamental, pois o que caracteriza a linguagem é o sistema de significantes.

Pode-se perceber que quando Lacan utiliza-se dos conceitos de signo, significante e significado, já o faz de maneira diferente dos que são apresentados na obra de Saussure. Se em lingüística o signo apresenta uma dualidade, pois é uma entidade psíquica de duas faces, o signo lacaniano apresenta duplicidade, duplicidade dita por Lacan como essencial, do significante e do significado. E aqui Lacan já recorre ao texto freudiano para assinalar que é a partir da duplicidade fundamental do significante e do significado que pode ocorrer o determinismo psíquico, pois para que haja um sintoma são necessários dois conflitos em causa, um atual e um antigo. O antigo, no inconsciente, enquanto significante potencial, associado ao conflito atual, no significado, o sintoma.

Ao distinguir signo e significante, Lacan coloca ambos como entidades isoladas. Em Saussure, o significante só pode ser comparado a outro significante, dentro de uma combinação, no signo.

Lacan destaca a diferença entre sinal, signo e significante, recorrendo à história de Robinson Cruzoé. Robinson vê, na areia, um rasto, um passo, um sinal, uma marca. Sinal que se separa do objeto, pois o rasto é o sinal que o objeto deixou, ao partir. “O rasto, no que ele comporta de negativo, conduz o sinal natural a um limite onde ele é evanescente.”⁴¹ O sinal, o rasto, já está ali, e não é necessário um sujeito que o reconheça, para que ele exista.

A diferença entre o significante e o sinal está no fato de que o significante não remete a um objeto, embora seja também um sinal de uma ausência, pois enquanto parte da linguagem,

³⁹ *idem*, p. 192.

⁴⁰ *idem*, p. 192.

⁴¹ LACAN, J. *As Psicoses* (1955-56). Op. cit. p. 192.

“... o significante é um sinal que remete a um outro sinal, que é como tal estruturado para significar a ausência de um outro sinal, em outros termos, para se opor a ele num par.”⁴²

É via significante que o sujeito pode se reconhecer, pois a cadeia significante apresenta um valor explicativo para o sujeito. Mas há algo que é inassimilável ao significante, a questão da procriação, “...que um ser nasça de um outro...”⁴³, pois o significante coloca o sujeito além da morte. “O significante o considera já como morto, ele o imortaliza por essência.”⁴⁴ A questão do nascimento e da morte não tem solução no significante, apresentando-se como perguntas a serem respondidas pelo sujeito, via neurose.

Por outro lado, surge o fato da sexualidade, ser macho ou fêmea, não poder ser deduzida da experiência, não há nada no psiquismo que possa situar o sujeito frente a esta questão. A realidade é sustentada, estruturada pelo sistema de significantes. “O sujeito encontra seu lugar num aparelho simbólico pré-formado que instaura a lei na sexualidade. E essa lei não permite mais ao sujeito realizar sua sexualidade senão no plano simbólico.”⁴⁵

A realidade do sujeito é estruturada a partir da presença do significante, mas o significante, enquanto tal, não significa nada e isto o torna indestrutível. O sujeito, ao servir-se do jogo do significante, não o faz para significar algo, pois o significante não é significação, mas apresenta um significante que engana, justamente sobre o que se tem para significar. Lacan afirma que: “...é na medida em que algo que constitui um todo, o signo, está ali justamente para não significar nada. É aí que começa a ordem do significante enquanto ele se distingue da ordem da significação.”⁴⁶ O mundo humano aponta para a ordem do significante, para o manejo do significante com fins significantes e não significativos.

É o significante que se mostra em todos os interesses do sujeito e o significante apresenta autonomia, segundo certas leis. Lacan assinala, aqui, a questão da importância da linguagem, como o mais fundamental das relações entre os sujeitos. E para que se possa

⁴² *idem*, p. 192.

⁴³ *idem*, p. 205.

⁴⁴ *idem*, p. 205.

⁴⁵ *idem*, p. 195.

⁴⁶ *idem*, p. 216.

estudar a linguagem é necessário que se tenha clara a distinção entre significante e significado. É de uma relação dialética que se trata no caso do significante e do significado.

No Seminário III, Lacan marca que o significante, enquanto tal, deve ser tomado no sentido da materialidade da linguagem, enquanto o significado é a significação, que sempre remete a uma outra significação. Mas, o significante deve ser articulado enquanto que distinto da significação, pois ele, em si mesmo, não apresenta significação alguma.

A descoberta analítica assinala justamente que o fato de que as significações primordiais do sujeito são regidas pelas leis do significante, independentes do significado. Há em Lacan uma autonomia e primazia do significante em relação ao significado, ou seja, estes elementos não podem estar em relação fixa, como é apresentado por Saussure, onde há uma delimitação recíproca entre significante e significado. Não existe uma relação biunívoca entre significante e significado. “É essencial aos fenômenos de significação que o significante não seja recortável (...) A unidade de significação mostra de maneira permanente o significante funcionando segundo certas leis.”⁴⁷ Estas leis são leis da linguagem, metáfora e metonímia.

Lacan retoma o esquema de Saussure, sobre o fato lingüístico⁴⁸, onde há um fluxo que é a significação e outro que é o discurso, e que um corte da frase entre seus elementos aponta para o arbitrário. O que Saussure nomeia como pensamento, massa amorfa e indistinta, de idéias confusas, significados, Lacan chama de massa sentimental da corrente do discurso, onde as unidades aparecem em um contínuo. O que Saussure aponta como plano dos sons, Lacan anota que aí está o significante, enquanto pura cadeia do discurso, onde nada é isolável. Diz Lacan: “A relação do significante e do significado parece sempre fluida, sempre pronta a se desfazer.”⁴⁹

Em relação às duas massas amorfas (pensamentos e sons)⁵⁰, Saussure aponta que a língua é uma série de subdivisões contíguas, anotando como função principal, o isomorfismo. Para Lacan não existe uma correspondência biunívoca entre os dois sistemas, pois no sentido diacrônico ocorrem deslizamentos significantes. Se, por um lado, Lacan recusa a

⁴⁷ *idem*, p. 239.

⁴⁸ SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Op. cit. p. 131.

⁴⁹ LACAN, J. *As Psicoses* (1955-56). Op. cit. p. 296.

⁵⁰ Verificar figura 3-4.

correspondência da segmentação dos dois planos, por outro, afirma que pelo menos um é segmentado, pois o intervalo que se repete é a estrutura mais radical da cadeia significante. As linhas se seguem em relação ao significante, significante que tem primazia sobre o significado.

Se Saussure pretende definir uma correspondência entre estas duas ondas, que as segmentaria, Lacan assinala que o significante não é isolável. Enquanto Saussure alega que o que permite o recorte do significante é uma relação fixa entre significante e significado, Lacan assinala que, para que estes fluxos possam ser recortados, é preciso uma pausa.

Lacan ilustra através do texto da tragédia “*Atália*”, de Jean Racine, numa fala de Abner, um oficial da rainha, que fala à Joad, o Sumo-Sacerdote: “*Sim, eu venho em seu templo adorar o Eterno.*” Lacan destaca que ao deter-se a frase em diferentes momentos ter-se-ia diferentes sentidos; “*Sim, eu....; Sim, eu venho...; Sim, eu venho em seu templo...; Sim, eu venho em seu templo adorar o Eterno.*” Isto implica que a frase só existe enquanto acabada e que seu sentido só lhe vem depois, o que implica na continuidade do significante. “Uma unidade significante supõe uma certa laçada enlaçada que situa os seus diferentes elementos.”⁵¹

Um ano após o Seminário III, Lacan escreve “*A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud*”(maio de 1957)⁵², onde formaliza por escrito a questão do significante, articulando-o com a letra, e novamente fazendo referências ao trabalho de Saussure, assinala que “... é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente.”⁵³

Introduz, a partir daí, a questão da letra, pois o significante tem como suporte a letra. Letra, então, designada como “...suporte material que o discurso concreto empresta à linguagem.”⁵⁴ Há a dominância da letra na transformação que o diálogo opera no sujeito. A letra aparece como “...a estrutura essencialmente localizada do significante.”⁵⁵ É uma estrutura localizada, pois trata-se de uma unidade diferencial.

⁵¹ *idem*, p. 297.

⁵² A última classe data de 04 de julho de 1956

⁵³ LACAN, J. *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* (1957). Op. cit. p. 225.

⁵⁴ *idem*, p. 225.

⁵⁵ *idem*, p. 232.

A letra tem sua referência no campo da escritura e tem a ver com o que se lê. E o que se lê é da ordem do que se escreve, "...o que se lê passa através da escrita, ali permanecendo indene."⁵⁶ O que não sofre perda, o que não se modifica. E é Lacan quem articula com o que é da ordem do inconsciente, com aquilo que se lê. Já em "*A Interpretação dos Sonhos (Die Traumdeutung)*", Freud anunciava que o sonho deve ser tomado literalmente, enquanto estrutura literante, estrutura fonemática a partir da qual pode-se analisar o significante do discurso. As imagens do sonho têm que ser tomadas em seu valor significante, pois o sonho é um texto psíquico a ser decifrado.

A linguagem, enquanto estrutura, preexiste ao sujeito, é anterior à entrada do sujeito no campo da linguagem. Logo, não há como confundir a linguagem com as funções somáticas e psíquicas que esta produz no sujeito, pois esta já existe anteriormente ao sujeito.

Para Saussure, a linguagem é a soma da língua e da fala. A língua aparece como produto registrado pelo sujeito passivamente, enquanto que na fala trata-se de um ato individual. A língua aparece como uma escolha forçada, pois já existe anteriormente ao sujeito.

Lacan conclui daí que "...o sujeito, se parece servo da linguagem, ele o é mais ainda de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está escrito desde seu nascimento, ainda que seja apenas sobre a forma de seu nome próprio."⁵⁷ É a tradição que funda o discurso⁵⁸ e determina as estruturas elementares da cultura. A partir destas estruturas existe a possibilidade de trocas, via linguagem. A sociedade humana difere não das sociedades naturais pela sociedade ou pela natureza, senão pela cultura, segundo Lacan, pode ser redutível à linguagem⁵⁹.

Lacan assinala como de grande importância na reclassificação das ciências no sentido de uma revolução do conhecimento e as novas descobertas da lingüística. Acrescenta, ainda, que a lingüística, no sentido moderno, se origina a partir de um algoritmo.

Escreve Lacan, o algoritmo : $\frac{S}{s}$

⁵⁶ _____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). 3. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988. Sem. XI, p. 263.

⁵⁷ LACAN, J. *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* (1957). Op. cit. p. 226.

⁵⁸ Saussure aponta este mesmo aspecto da importância da tradição frente ao signo lingüístico.

⁵⁹ LACAN, J. *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* (1957). Op. cit. p.226.

“... significante sobre significado, o sobre correspondendo à barra que separa as duas etapas.”⁶⁰ Aparece aí a importância dada ao significante e ao significado, enquanto ordens distintas e separadas. Acrescenta ainda que o signo, assim escrito, merece ser atribuído a Saussure⁶¹.

O signo lacaniano revela, na parte superior, o significante, que recebe um S maiúsculo e, sob a barra o significado, s minúsculo. Também diferente do signo saussureano, descrito no “*Curso de Linguística Geral*”, está o fato de que não existe mais a elipse envolvendo o signo, que apontava para o atrelamento entre significante e significado, como também estão ausentes as flechas que remetem para a reciprocidade entre os dois termos.

Enquanto o traço saussureano assinala para a ligação entre significado e significante, a barra, em Lacan, traz a noção de separação, enquanto barreira resistente à significação. Para Lacan, o significante se sobrepõe ao significado, havendo aí, uma prevalência, uma primazia.

Lacan pontua que a partir do texto lingüístico moderno é possível o estudo das ligações próprias do significante e de sua função na gênese do significado. Não se trata mais da correspondência entre a palavra e a coisa ou de que o significante represente o significado.

Lacan, ao remeter-se ao “*Curso de Linguística Geral*”, substitui a ilustração, que ele designa como defeituosa, que privilegia o significado e isola o signo pela relação biunívoca entre significante e significado, apresentando outra ilustração, onde é a oposição entre os significantes que produz a diferenciação entre os significados, pois o significante precede e determina o significado (Figura 3-8).

⁶⁰ LACAN, J. *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* (1957). Op. cit. p. 227.

⁶¹ A representação de signo, para Saussure, é significado sobre significante.

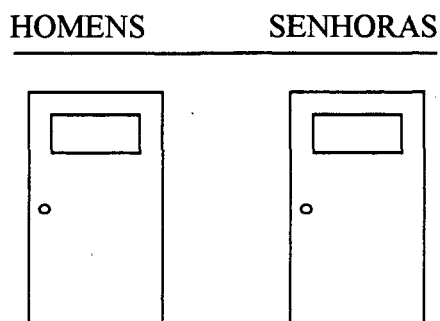


Figura 3-8⁶²

A partir da apresentação destas duas portas gêmeas advém uma precipitação inesperada de sentido. Lacan adiciona à representação uma história que lhe fora contada como uma recordação de infância. Ao chegar um trem à estação, em um de seus compartimentos estão um irmão e uma irmã, sentados um em frente ao outro, olhando pela janela. Quando o trem pára na plataforma, o irmão diz: *“Olha, chegamos em Senhoras!”*, enquanto a irmã retruca: *“Imbecil!, não vê que chegamos em Homens!”*⁶³ A partir disto percebe-se que a barra de resistência à significação pode ser não dialética, pois para estas crianças Homens e Senhoras são duas pátrias. Estes significantes “Homens” e “Senhoras” não dão significação e remetem para a questão da sexualidade, só articulável a partir da via significante.

O algoritmo, com sua barra, não aponta a qualquer significação pois, segundo Lacan, o algoritmo é pura função do significante e a estrutura do significante implica na necessidade de que ele seja articulado. As unidades significantes se reduzem a elementos diferenciais, segundo leis de uma ordem fechada. Os elementos diferenciais são os fonemas que constituem um sistema sincrônico dos acoplamentos diferenciais, a partir dos quais é possível diferenciar os vocábulos de uma determinada língua.

Os significantes, por se reduzirem a elementos diferenciais, se articulam em uma cadeia significante, “... anéis formando um colar que se enlaça no anel de um outro colar feito de anéis.”⁶⁴ Se anteriormente era “uma massa sentimental da corrente do discurso”, em um

⁶² LACAN, J. *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* (1957). Op. cit. p. 229.

⁶³ *idem*, p. 231.

⁶⁴ *idem*, p. 232.

contínuo, agora apresenta-se a figura topológica de cadeia. Nenhum significante pode ser pensado fora de sua relação com os demais significantes.

A cadeia significante é simbolizada por Lacan como: S...S'...S''...S'''...

É a partir desta cadeia de significantes, onde há correlações do significante ao significante, que é possível a busca de significação, mas, o significante antecipa o sentido, é o que ocorre quando uma frase é interrompida antes do termo significativo. A significação de uma mensagem só advém no final de sua articulação significante, na dimensão da posteridade. Conclui Lacan: "... é na cadeia do significante que o sentido insiste; mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação da qual ele é capaz no momento mesmo."⁶⁵ A significação remete sempre para outra significação.

3.3 O Significante em Freud

Lacan, no Seminário sobre as psicoses, assinala que Freud já dera ênfase ao significante. Diz Lacan: "É interessante destacar a ênfase que Freud dá ao significante..."⁶⁶ Em seguida Lacan remete-se ao texto escrito em carta à Fliess, "*Carta 52*", de 06 de dezembro de 1896, sobre questões relacionadas ao aparelho psíquico.

Lacan recorta o seguinte trecho, de Freud:

"Eu trabalho com a suposição de que nosso mecanismo psíquico nasceu de conformidade com a estratificação, por uma ordenação dentro da qual, de vez em quando, o material que se tem sob a mão sofre um remanejamento de conformidade com novas relações e uma reviravolta na inscrição, uma reinscrição."⁶⁷

Em sua primeira formulação teórica sobre a constituição do aparelho psíquico (1896), Freud trabalha com a hipótese desta (a constituição do aparelho psíquico) dar-se a partir de um processo de estratificação, de transcrições das percepções em registros. As diferentes etapas apontam para várias inscrições (*Niederschriften*) mnésicas. Estes diferentes registros estão separados de acordo com os neurônios que são seus veículos (Figura 3-9).

⁶⁵ idem, p. 233.

⁶⁶ LACAN, J. *As Psicoses* (1955-56). Op. cit. p. 206

⁶⁷ idem, p. 207.

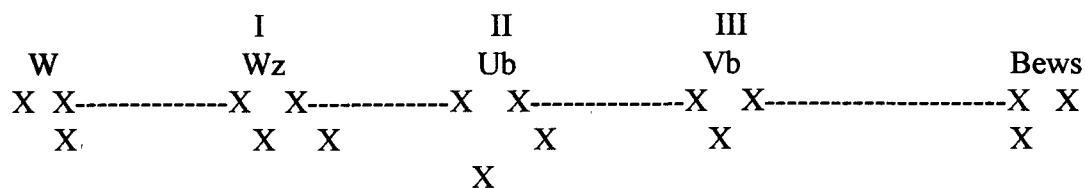


Figura 3-9⁶⁸

W (*Wahrnehmungen*) (percepção) - é o local onde se originam as percepções, que são conscientes. Ainda não há nenhum registro de memória.

Wz (*Wahrnehmungszeichen*) (signos /*Zeichen* / da percepção) - é a primeira inscrição das percepções, que se dispõem de acordo com associações por simultaneidade. Ocorre aqui a repressão primária que divide o aparelho psíquico em inconsciente e pré-consciente. Estes signos são inscritos e reinscritos.

Ub (*Unbewusstesein*) (inconsciência) - é o segundo registro das percepções, segunda transcrição (*Umschrift*), dispõem-se conforme outros tipos de associações. Estes registros correspondem às lembranças conceituais, que Freud, em texto posterior, nomina de *Vorstellung-coisa*.

Vb (*Vorbewusstsein*) (pré-consciente) - ocorre o terceiro registro, esta transcrição está ligada à *Vorstellung*-palavra. O conteúdo deste registro tem a possibilidade de tornar-se consciente.

Bews (*Bewusstsein*) (consciência).

O que ocorre são registros sucessivos, a passagem de um registro ao outro se dá via tradução do material psíquico, ocorrendo reordenamentos e reinscrições.

Já nesta primeira construção teórica sobre o aparelho psíquico, Freud assinala que a consciência é destituída de memória; a memória, por sua vez, não se faz presente de uma única vez, sendo registrada em diferentes indicações.

⁶⁸ FREUD, S. *Carta 52* (1896) In: *Obras Completas*. 2. ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987, v. I, p.254.

Lacan, ao retomar o texto de Freud, faz algumas assinalações. A *Wahrnehmung* é uma posição primordial, hipotética, sendo que isto não vem à tona no sujeito. O primeiro registro das percepções é ordenado por registro de simultaneidade. Diz Lacan: “O nascimento do significante é simultaneidade, e também sua existência é uma coexistência sincrônica.”⁶⁹

Em relação ao fato de a consciência e memória se excluírem, Lacan aponta que a memória pura, enquanto inscrição, fica permanente ao mecanismo, não intervindo em qualquer apreensão do sujeito.

Em seguida, diz Lacan, está a *Bewusstsein* (consciência), (o que está escrito no texto de Freud é *Unbewusstsein*, inconsciência) que remete à ordem das lembranças conceituais. Uma vez constituído o significante, há uma ordenação secundária, que é da ordem do significado.

Anota Lacan que só em seguida aparece o terceiro modo de remanejamento, *Vorbewusstsein*, pré-consciente que possibilita que os conteúdos tornem-se conscientes.

Ainda segundo Lacan, o que está implicado aí é da ordem do significante. “O significante registrado em uma dessas etapas não transpõe a seguinte, com o modo de reclassificação só depois que exige toda fase nova de organização significante-significação em que entra o sujeito.”⁷⁰ A *Verdrängung*, repressão, é a queda de algo que é da ordem do significante, uma passagem de uma etapa à outra.

Percebe-se assim, que embora nos textos de Freud não esteja presente a palavra ‘significante’, pois a obra de Saussure é posterior à de Freud, Lacan⁷¹, ao referir-se à obra freudiana alega que é da ordem do significante o que Freud articula.

A “Carta 52” (1896) pressageia o que Freud articula no capítulo 7 da “*A Interpretação dos Sonhos*” (*Die Traumdeutung*). Em 1900, Freud apresenta uma construção teórica do aparelho psíquico, a partir de uma localização psíquica. É um aparelho de sonhar, mas também de pensar, fantasiar, memorizar, ou seja, um aparelho onde a linguagem e suas leis estão

⁶⁹ LACAN, J. *As Psicoses* (1955-56). Op. cit. p. 207.

⁷⁰ idem, p. 208.

⁷¹ LACAN, J. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (1960). In: *Escritos*. Op. cit. p.282.

envolvidas. Freud pontua que a localização psíquica não implica em uma localização anatômica. A partir desta formulação, o aparelho psíquico é composto de instâncias ou sistemas e que uma determinada excitação atravessa estes sistemas num certo sentido ou direção, ou seja, uma determinada excitação, decorrente de estímulos externos ou internos, incide sobre o aparelho psíquico como percepções e que este processo tem uma tendência à descarga (motora). Os registros de memória vão acontecer entre estas percepções e a extremidade motora, sendo que a constituição do aparelho psíquico ocorre como uma barreira à descarga total de energia (Figura 3-10).

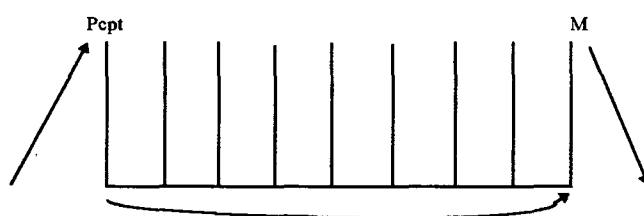


Figura 3-10⁷²

Um primeiro sistema do aparelho psíquico, situado na parte frontal, recebe os estímulos perceptivos, mas não conserva qualquer traço deles. Logo atrás deste sistema perceptivo (Pcpt) está um segundo sistema que vai transformar estas percepções em traços mnêmicos (Mnem), que são modificações permanentes dos elementos do sistema. A excitação passa então de um primeiro elemento mnêmico, para um segundo e assim sucessivamente, segundo associações. Estas associações ocorrem devido a uma diminuição das resistências e de vias de facilitação para a transmissão de um elemento ao outro. As associações são diversas, podendo ocorrer por simultaneidade temporal, relações de similaridades ou devido a outros tipo de coincidências (Figura 3-11).

⁷² FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Op. cit. v. V, p. 492.

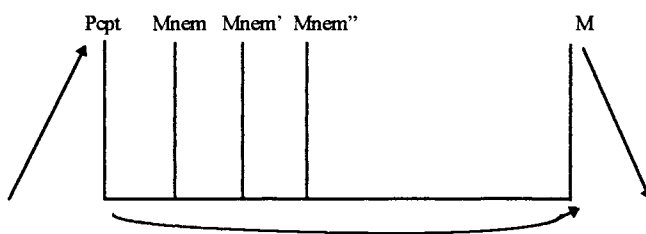


Figura 3-11⁷³

Freud pontua, então, a existência de duas instâncias psíquicas. No inconsciente estão as lembranças, os traços mnêmicos, enquanto inscrições. No sistema pré-consciente estão os conteúdos que podem vir à consciência, têm potencial para isto, o que depende de certas condições, por exemplo, que este processo excitatório passe por algumas modificações, como o aumento de investimento. O que determina se estes conteúdos vão alcançar a consciência ou não, é a instância crítica da censura, que vai atuar entre o sistema inconsciente e pré-consciente e consciência.

Os processos psíquicos vão do inconsciente para o pré-consciente e daí para a consciência, sendo que a percepção se produz anteriormente ao inconsciente, ao receber estímulos do mundo externo (Figura 3-12).

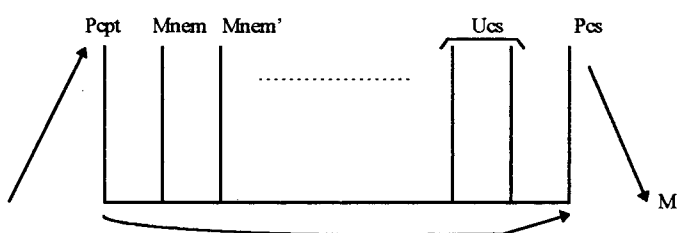


Figura 3-12⁷⁴

⁷³ *idem*, p. 493.

⁷⁴ *idem*, p. 495.

Lacan assinala que no texto de Freud “*A Interpretação dos Sonhos*”, é a dimensão do significante que aparece. Diz Lacan: “O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes...”⁷⁵

Outro aspecto importante que Freud trabalha é a questão da textualidade onírica. A tarefa de Freud consiste em investigar as relações existentes entre os pensamentos oníricos latentes e o conteúdo manifesto dos sonhos e como os primeiros transformam-se nos segundos, ou seja, trata-se de duas versões de um mesmo tema em duas linguagens diferentes. Diz Freud: “...o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução.”⁷⁶ É necessário ler os caracteres do sonho segundo uma relação simbólica.

O termo *Gedanken* (pensamentos) utilizado por Freud para denominar os conteúdos inconscientes, é revelador para Lacan de que Freud estava atento para o fato de que a estrutura do inconsciente é análoga à da linguagem, o mesmo pode-se dizer em relação aos processos de elaboração onírica.

Segundo Freud, a elaboração onírica se dá através de dois tipos de realizações: o trabalho de condensação (*Verdichtung*) e o trabalho de deslocamento (*Verschiebung*). Através de Roman Jakobson, Lacan vai equipará-los à metáfora e metonímia, respectivamente. Lacan salienta que: “Os procedimentos sutis que o sonho mostra empregar (...) são, para Freud, o objeto de um estudo especial onde se confirma uma vez mais que o trabalho do sonho obedece às leis do significante.”⁷⁷

A condensação é revelada pelas seguintes características dos sonhos: os conteúdos manifestos dos sonhos são curtos e lacônicos, enquanto que os latentes revelam uma riqueza de pensamentos. Percebe-se, então, que o material psíquico sofreu um processo de condensação no curso da formação dos sonhos. A condensação ocorre quando determinados elementos latentes, que expressam algo em comum, se combinam e se fundem em uma só

⁷⁵ LACAN, J. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (1960). In: *Escritos*. Op. cit. p. 281.

⁷⁶ *idem*, p. 270.

⁷⁷ LACAN, J. *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* (1957). Op. cit. p. 242-43.

unidade, no conteúdo manifesto. A condensação estabelece uma relação não simples entre os elementos do conteúdo latente e manifesto. A elaboração onírica promove a transcrição dos pensamentos oníricos, assinala Freud, e que isto não se trata de uma tradução de palavra por palavra, ou de sinal por sinal, o que ocorre não segue normas fixas e é um trabalho complexo.

Freud exemplifica o trabalho de condensação, através da interpretação de diversos sonhos. Relata um sonho que consiste de duas partes separadas. Primeiro surge a palavra '*Autodidasker*'. A segunda parte é uma fantasia que tivera alguns dias antes, em que ao encontrar o Professor *N*, desculpar-se-ia, dizendo: "O paciente sobre cujo estado eu recentemente o consultei está, na verdade, sofrendo apenas de uma neurose, justamente como o senhor suspeitava."⁷⁸

Freud decompõe a palavra *Autodidasker* em *Autor*, *Autodidakt* (autodidata) e *Lasker*, que associou ao nome *Lassale* (fundador do movimento democrata alemão). *Autor* aparece relacionado com a causa precipitante do sonho, pois Freud dera à sua esposa livros de *J.J.David*, escritor austríaco, amigo de seu irmão (de Freud), *Alexandre*. Sua esposa lhe falara da impressão que tivera à respeito de uma das histórias, sobre um homem talentoso que se arruinara, e que, a partir disto, preocupara-se com seus filhos. Freud a tranquilizara, alegando que uma boa educação eliminaria tais perigos.

A partir daí, Freud passou a pensar sobre estas questões. Recordou, também, um comentário feito pelo autor a seu irmão, sobre casamento. Lembrou-se, então, de uma dama, com quem tinha amizade, que partira para *Breslau*, para casar-se. Vieram-lhe pensamentos sobre como sentia certa apreensão frente ao perigo de se arruinar por causa de uma dama. Aí está a questão de seus pensamentos oníricos: *Lasker* morreu devido a uma infecção sifilítica contraída de uma mulher, *Lassale* morreu após um duelo por causa de uma mulher.

Segundo Freud, estes pensamentos podiam ser resumidos pela frase: '*Cherchez la femme*', a partir daí associa com seu irmão, ainda solteiro, *Alexandre*. *Alex*, como é chamado, tem quase o mesmo som que *Lasker*, o que contribuiu para a associação.

⁷⁸ FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Op. cit. p. 289.

Freud acrescenta às associações, o desejo de ver seu irmão feliz e com uma vida doméstica. *Zola*, no romance '*Louvre*', relata sua felicidade doméstica, através do personagem '*Sandoz*'. O nome *Sandoz* deve provavelmente advir de *Zola* escrito ao contrário, '*Aloz*' Freud conclui que como isto seria muito óbvio, *Zola* teria feito, então, uma substituição de '*Al*', primeira sílaba de *Alexandre* por '*Sand*', terceira sílaba do mesmo nome, o que resultou em *Sandoz*. Freud conclui que do mesmo modo deve ter ocorrido seu *Autodidasker*.

Em relação à fantasia do professor *N*, Freud relata que atendera um paciente do qual não conseguira diagnosticar a neurose porque este repudiara qualquer presença de história sexual e, ao contrário, parecia apontar para uma doença orgânica. Freud recorre a um médico de sua confiança, conta-lhe o caso, e este lhe diz acreditar ser uma neurose. Freud não concorda e acaba por falar ao paciente sobre a possibilidade de encaminhá-lo para outro médico. A partir daí, o paciente relata que de fato mentira e revela a etiologia sexual de sua neurose.

Freud sentira-se humilhado por enganar-se, enquanto seu orientador acertara. Também em relação às preocupações de sua esposa permeava a questão de estar certo ou errado. Do mesmo modo o envolvimento com uma mulher apresentava dupla questão: sífilis ou neurose.

A questão do sonho ainda apontara para o que ocorreu ao final do encontro de Freud com o médico a quem procurara por ajuda. O médico passara a falar de filhos e acrescentara que Freud devia prevenir-se quanto a educar seus filhos homens, pois isto implica, segundo ele, em dificuldades mais tarde. Freud não se agradara desta opinião, como também da anterior, em relação ao paciente. Estas duas impressões, diz Freud, estavam ligadas por contigüidade, pois foram experimentadas numa mesma ocasião e, quando surge no sonho a história da neurose, esta aparece no lugar da conversa que Freud tivera com sua esposa sobre a criação dos filhos, encobrendo seu temor em relação a isto.

Segundo Lacan, o que aparece neste sonho é a implicação do significante, pois a própria palavra *Autodidasker* é um neologismo. A interpretação aponta para transformações fonéticas, verbais, silábicas. Lacan afirma que o que apresenta Freud, em seu trabalho, são sucessões de metáforas ou de metonímias. No sonho, segundo Lacan, o que aparece é o jogo significante.

Lacan acrescenta que a elaboração onírica se parece muito com uma análise lógica e gramatical e que está aí a importância do texto de Freud, ou seja, sua relação com o significante.

Em relação ao trabalho de deslocamento, Freud assinala que este pode manifestar-se de duas maneiras: um elemento latente é substituído por algo mais remoto, por uma alusão, ou o acento psíquico é mudado de um elemento importante para outro sem importância.

Na “*Conferência XI*”, 1915, Freud exemplifica o deslocamento a partir de uma anedota. Numa aldeia, um ferreiro cometera um crime capital e fora condenado pelo júri do local. Como na aldeia aquele era o único ferreiro e, como tal, indispensável, o júri desloca a pena para outro homem. Na aldeia haviam três alfaiates, então um deles é enforcado no lugar do ferreiro. Revela-se, assim, o deslocamento.

Já neste texto, Freud acentua que o deslocamento e a condensação ocorrem também no pensamento desperto, no chiste, sendo que anos depois, na “*Conferência XXIX*”, “*Revisão da Teoria dos Sonhos*”, 1932-33, Freud acentua a importância da investigação do processo de elaboração onírica. E que, a partir daí, fora possível compreender os processos que se realizam no inconsciente. Acrescenta que:

“A importância desta constatação foi ainda acrescida da descoberta de que, na construção dos sintomas neuróticos, estão em atividade os mesmos mecanismos (...) que aqueles que se transformaram os pensamentos oníricos latentes em sonho manifesto.”⁷⁹

Os mecanismos aos quais Freud se refere são os de deslocamento e condensação, processo primário de funcionamento do aparelho psíquico.

Tanto o processo de condensação, quanto o de deslocamento, promovem distorções no sonho. Estas distorções estão a serviço da censura, sendo permitido, desta maneira, que associações entre determinados conteúdos latentes possam aparecer no conteúdo onírico manifesto.

⁷⁹ FREUD, S. *Revisão da teoria dos Sonhos. Conferência XXIX* (1932-33). Op. cit. v. XXII, p. 30.

3.4 **Metáfora e Metonímia em Jakobson**

Foi Roman Jakobson quem relacionou os mecanismos inconscientes, descritos por Freud, com os processos da metáfora e da metonímia, segundo ele, os dois pólos fundamentais de toda a linguagem. Jakobson aproxima o deslocamento da metonímia, pois há aí uma ligação de contigüidade, enquanto na metáfora está presente a associação por semelhança.

Lacan introduz a questão da metáfora e da metonímia em seu Seminário III, a partir da leitura de um texto de Jakobson que trata das perturbações afásicas⁸⁰. Diz Lacan sobre a descrição e classificação das afasias, que estas devem ser revistas a partir

“...da oposição entre, por um lado, as relações de similaridade, ou de substituição, ou de escolha, e também as de seleção ou de concorrência, em suma, de tudo o que é da ordem do sinônimo, e por outro lado, as relações de contigüidade, de alinhamento, de articulação significante, de coordenação sintática.”⁸¹

O que Jakobson analisa é a afasia, que é uma perturbação da linguagem. Assinala que, para que se possa descrevê-la ou classificá-la, é necessário que se identifique quais aspectos da linguagem estão envolvidos nesta desordem. Por outro lado, o estudo das afasias esclarece pontos que possibilitam um estudo mais aprofundado da linguagem.

Para falar, o sujeito primeiro seleciona certas entidades lingüísticas e as combina em graus mais altos de complexidade. Seleciona palavras, combina em frases, elabora enunciados. Esta seleção não é feita de forma completamente livre e sim, a partir de seu repertório lexical e daquele a quem se fala, pois é necessário um código comum entre os participantes.

Segundo Jakobson, o signo lingüístico implica em dois modos de arranjo: a combinação e a seleção. A combinação aponta que “Todo signo é composto de signos constituintes e/ou aparece em combinação com outros signos.”⁸² Revelam-se, assim, unidades mais simples e unidades mais complexas. O agrupamento efetivo de unidades lingüísticas

⁸⁰ Jakobson apresentou seu trabalho sobre afasias numa conferência a antropólogos e lingüistas, na Universidade de Indiana, entre 21 e 30 de julho de 1952.

⁸¹ LACAN, J. *As Psicoses* (1955-56). Op. cit. p. 250.

⁸² JAKOBSON, R. *Lingüística e Comunicação*. São Paulo, Editora Cultrix, 1973. p. 39.

remete a uma unidade superior, onde combinação e contextura (relação com o contexto) são partes de uma mesma operação.

A seleção aponta para a substituição entre termos alternativos, termos que equivalem num aspecto e diferem em outro. Nesta operação estão envolvidas seleção e substituição.

Jakobson alega que Saussure descrevera que a combinação baseia-se em dois ou mais termos dentro de uma série efetiva, associada à mensagem, enquanto a seleção e a substituição referem-se às entidades associadas ao código, mas não à mensagem. “O destinatário percebe que o enunciado dado (mensagem) é uma combinação de partes constitutivas (frases, palavras, fonemas, etc.) selecionadas do repertório de todas as partes constituintes possíveis (código).”⁸³ Assim, os constituintes de um contexto apresentam um estatuto de contigüidade, em termos de combinação, enquanto num grupo de substituição o que está envolvido é a similaridade. Os constituintes de uma mensagem estão ligados ao código por uma relação interna, via seleção, e à mensagem por uma relação externa, via combinação.

Assim, os distúrbios de linguagem podem ocorrer em relação à capacidade do sujeito de combinar e selecionar as unidades lingüísticas. Jakobson classifica as afasias em um primeiro caso, onde a deficiência principal reside na seleção e substituição (metáfora), com combinação e contextura relativamente estáveis, e um outro caso, em que a deficiência está relacionada à combinação e à contextura (metonímia), com seleção e substituição relativamente estáveis.

Na deficiência de seleção, chamada de distúrbio de similaridade, o contexto aparece como fator importante. O afásico, frente a fragmentos de palavras ou frase, consegue completá-las, com facilidade. A linguagem apresenta-se reativa, com possibilidades de continuar um diálogo, respondendo a um interlocutor real ou imaginário. Sua dificuldade está em iniciar um diálogo, em compreender ou entender um discurso fechado, como é exemplo o monólogo. As frases aparecem como seqüências elípticas, passíveis de serem completadas a partir de frases anteriormente ditas. Determinadas palavras, palavras-chaves, podem ser eliminadas ou trocadas por substitutos anafóricos. Somente a estrutura e os elos de comunicação persistem. Neste tipo de afasia o sujeito não consegue passar de uma palavra a

⁸³ *idem*, p. 40.

seus sinônimos ou a equivalentes ou a expressões equivalentes em outras línguas. Nesta afasia a contigüidade permanece íntegra, sendo assim, o afásico tenderá a guiar-se pela contigüidade espacial ou temporal, o paciente utiliza-se de metonímias.

“Tais metonímias podem ser caracterizadas como projeções da linha de um contexto habitual sobre a linha de substituição e seleção: um signo (garfo, por exemplo), que aparece ordinariamente ao mesmo tempo que outro signo (faca, por exemplo) pode ser utilizado no lugar deste signo.”⁸⁴

O distúrbio de contigüidade implica na perda de capacidade de combinar entidades lingüísticas mais simples em mais complexas. O que ocorre é a diminuição da extensão e variedade das frases, as regras sintáticas se perdem, surgindo um estilo chamado telegráfico. As palavras que menos dependem do contexto persistem. O paciente usa de similitudes de natureza metafórica, embora não ocorra aí transferência deliberada de sentido. Exemplo: ao invés de dizer luz de gás, o afásico diz fogo.

A partir destas considerações, Jakobson argumenta que para que ocorra o desenvolvimento de um discurso, a partir de um tema, o sujeito pode passar deste tema a outro por similaridade ou por contigüidade, pois estão incluídos o processo metafórico (por similaridade) e o processo metonímico (por contigüidade). Na afasia, um destes dois processos está comprometido.

As relações de similaridade e de contigüidade podem ter cada uma dois aspectos: posicional e semântico. Assim sendo, a linguagem apresenta uma diversidade de combinações possíveis.

Segundo Jakobson, na “arte da linguagem” é marcante o papel da metáfora e metonímia. Exemplifica ele: nas canções líricas russas predominam as construções metafóricas, enquanto na epopéia heróica estão os processos metonímicos. Isto também se estende por outros sistemas de signos, como o cinema e a pintura, ou seja, os dois procedimentos, metonímico e metafórico, estão manifestos em todos os processos simbólicos.

⁸⁴ idem, p. 49.

É Jakobson quem chama a atenção que numa investigação da estrutura dos sonhos deve-se levar em consideração “...se os símbolos e as seqüências temporais usadas se baseiam na contiguidade (‘transferência’ metonímica e ‘condensação’ sinedóquica de Freud) ou na similaridade (‘identificação’ e ‘simbolismo’ freudianos)”⁸⁵.

3.5 *Lacan e a Metáfora e a Metonímia*

Lacan, em seu percurso teórico, busca uma retomada ao texto freudiano. Freud possuía uma tradição literária marcante e sua obra revela o recurso ao literal. Segundo Lacan, a perspectiva freudiana já aponta para um sujeito preso e torturado pela linguagem. É assim que, em “*A Interpretação dos Sonhos*”, Freud descreve que os sonhos se exprimem em imagens, imagens que intervêm numa escrita a ser lida. O que Freud coloca em primeiro plano nos mecanismos da neurose, nos fenômenos marginais da vida normal e nos sonhos é a condensação e o deslocamento, ou seja, o que em lingüística denomina-se metáfora e metonímia.

Lacan estuda lingüística nos textos de Saussure e Jakobson, e em seu Seminário III introduz, quando trabalha o significante, a questão da metáfora e da metonímia⁸⁶, a partir do que Jakobson anota sobre o trabalho de Freud.

Diz Lacan: “A estruturação, a existência lexical do conjunto do aparelho significante, são determinantes para os fenômenos presentes na neurose, pois o significante é o instrumento com o qual se exprime o significado desaparecido.”⁸⁷ A partir disto considera que são as leis da linguagem que estão envolvidas na estruturação do sujeito e no campo de suas estruturas clínicas.

“A metáfora supõe que uma significação seja o dado que domina, e que ela inflete, comanda o uso do significante, tão bem que toda espécie de conexão preestabelecida, diria lexical, se acha desatada.”⁸⁸ Na metáfora, a significação retira o significante de suas conexões

⁸⁵ idem, p. 61.

⁸⁶ Saussure assinala que as relações sintagmáticas apontam para a metonímia, enquanto que as relações associativas apontam para a metáfora.

⁸⁷ LACAN, J. *As Psicoses* (1955-56). Op. cit. p. 252.

⁸⁸ idem, p. 249.

lexicais. O sentido possível está atrelado ao não-sentido. Pela metáfora percebe-se que os significados só são coerentes a partir da cadeia de significantes. É a partir da estruturação do significante que alguma transferência de sentido é possível e aí está o papel do significante na metáfora.

Por outro lado, há aquilo que remete à articulação, a contigüidade, a noção de causalidade, que é do campo da metonímia. Na metonímia, o que esta trata é de nomear uma coisa por outra, que é seu continente, ou com a qual se mantém em conexão.⁸⁹

Na linguagem, o que é importante é a oposição que existe entre dois tipos de vínculos, vínculos estes que são internos ao significante. O vínculo posicional que revela a ordem das palavras e a coexistência sincrônica dos termos, pois a linguagem mostra-se um sistema de coerência posicional. O vínculo de similaridade que assinala a possibilidade indefinida da função de substituição.

No ponto de partida está a metonímia, que possibilita a metáfora, pois é necessário que haja ordenação significante, articulação formal do significante, significantes em cadeia, para que ocorram as transferências de significado. “A promoção do significante como tal, a emergência dessa subestrutura sempre escondida que é a metonímia, é a condição de toda investigação possível dos distúrbios funcionais da linguagem na neurose e na psicose.”⁹⁰ Isto revela porque o paciente vai à análise, é justamente à procura de significados, de sua verdade.

Lacan, para falar da metonímia, apresenta como exemplo: ‘trinta velas’, que relaciona-se com a palavra navio, embora esta palavra permaneça oculta. O que está em jogo na conexão entre navio e vela é a questão significante, e não a questão da realidade, pois há navios que não possuem apenas uma vela, “...é na palavra por palavra dessa conexão que se apoia a metonímia.”⁹¹ A metonímia também implica o deslocamento, que Freud apontara em sua obra sobre os sonhos. O deslocamento (*Verschiebung*) é “...essa virada da significação que a metonímia demonstra...”⁹²

⁸⁹ Lacan inclui aqui a importância do lingüista Roman Jakobson e seu estudo sobre as afasias.

⁹⁰ LACAN, J. *As Psicoses* (1955-56). Op. cit. p. 262.

⁹¹ _____. *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* (1957). Op. cit. p. 236.

⁹² idem, p. 242.

A formalização da estrutura metonímica é: $f(S...S')S \cong S(-)S$

A estrutura mostra que há conexão do significante com o significado, o sentido permanece do outro lado da barra, resistente à significação. A função metonímica $f(S...S')S$, expressa a conexão de significante (S) ao significado (S'), o que implica (\cong) que o sentido não foi alcançado (-), havendo a manutenção de S em contigüidade a S' e em associação ao significado (s)

A metáfora é exemplificada a partir do verso de Victor Hugo, que fala sobre Booz: “Seu feixe não era nem avaro nem odioso...”⁹³

“Seu feixe” está no lugar de Booz, sendo que o que ocorre entre estes dois significantes é que um substitui o outro, tomando o seu lugar na cadeia significante. É a Booz que se referem as características de ser nem avaro ou odioso, mas que por seu lugar ter sido tomado pelo ‘seu feixe’, sua generosidade se reduz a menos que nada, visto que ao feixe estas qualidades nada representam.

O significante oculto Booz está presente através da conexão ao resto da cadeia. Trata-se da substituição de “uma palavra por outra”⁹⁴. O que está implicado neste recorte é outra questão, a da sexualidade e da paternidade, submersa nos versos.

“É portanto entre o significante do nome próprio de um homem e aquele que o abole metaforicamente que se produz a centelha poética, aqui tanto mais eficaz em realizar a significação da paternidade quanto ela reproduz o acontecimento mítico onde Freud reconstruiu o curso, no inconsciente de todo homem, do mistério paternal.”⁹⁵

A metáfora, então, localiza-se no ponto em que o sentido se produz no sem-sentido, pois o fato de um significante poder ser substituído por outro significante, expressa a autonomia e supremacia do significante.

⁹³ *idem*, p. 237.

⁹⁴ *idem*, p. 238.

⁹⁵ *idem*, p. 238.

Lacan retoma Freud, que já afirmara a observação, no trabalho do sonho, da condensação (*Verdichtung*) “...é a estrutura de sobreimposição dos significantes onde a metáfora se origina...”⁹⁶

A metáfora pode ser simbolizada por: $f\left(\frac{S'}{S}\right)S \equiv S(+s)$

É através da substituição do significante ao significante que surge um efeito de significação. Em uma função (f S), o significante S é substituído por outro significante S', o que implica (\equiv) efeito de significação. Ocorre aqui a transposição da barra, cujo signo é (+), passagem do significante ao significado (s). Para que a metáfora possa ocorrer, a substituição de um significante por outro, é necessário que o significante tenha caído ao fundo (*unterdrück*). Embora tenha caído ao fundo, não desaparece, pois é ele que possibilita a metáfora. É o que acontece com Booz, o nome próprio está caído ao fundo.

Outro ponto importante apresentado por Freud, e posto em evidência por Lacan na obra sobre os sonhos e que remete à estrutura da linguagem, é a questão da escritura. O que Freud articula é a letra: “...a letra do discurso, em sua textura, em seus empregos, em sua imanência à matéria em causa.”⁹⁷ E isto tem a ver com o inconsciente, pois o sonho se apresenta como um enigma em imagens, imagens com valor de significante, e a partir daí o que se busca é analisar o significante no discurso. Através da leitura da estrutura da linguagem do sonho é possível sua interpretação. Nos sonhos, as duas vertentes da incidência do significante sobre o significado se reencontram, na condensação e no deslocamento. O trabalho dos sonhos obedece às leis significantes, por ser objeto de escrita, e o que Freud pretende com a análise dos sonhos é apontar as leis do inconsciente. Lacan acrescenta que a tópica do inconsciente é a mesma que é definida pelo algoritmo: $\frac{S}{s}$

As leis do inconsciente implicam na co-presença dos elementos da cadeia significante horizontal e de suas contigüidades verticais. Aparecendo, então, as duas estruturas fundamentais, metonímia e metáfora.

⁹⁶ idem, p. 242.

⁹⁷ idem, p. 240.

O mecanismo da metáfora é o mesmo que determina o mecanismo do sintoma, enquanto produtor de sentido do ponto de vista analítico. Enquanto a metonímia aponta para a questão do desejo, no que ele é deslizável.

Lacan assinala que a descoberta de Freud, embora seja anterior à da lingüística moderna, dá à oposição do significante e do significado o alcance devido: "...a saber que o significante tem função ativa na determinação dos efeitos onde o significável aparece como sujeitando-se à sua marca, tornando-se por essa paixão o significado."⁹⁸ Ao retomar Freud, Lacan também faz uma releitura da lingüística, formulando uma articulação entre estes dois campos teóricos.

É com a obra de Lacan que a "natureza do homem" passa a ser efeito da estrutura de linguagem, em um retomar *a posteriori*, pois isto já estava em Freud, pois o que seus textos buscam são as leis que regem o inconsciente, os efeitos que aparecem no nível da cadeia significante, efeitos advindos da substituição e da combinação do significante, a partir das vertentes geradoras do significado, metáfora e metonímia. "...os efeitos da substituição e de combinação do significante nas dimensões respectivamente sincrônica e diacrônica em que eles aparecem no discurso."⁹⁹

Neste capítulo com o retomar dos textos da lingüística e o percurso na obra de Freud, o que se pretende é fazer um assinalamento quanto a importância da questão significante e sua articulação com o inconsciente. Inconsciente que se apresenta como tema sendo construído durante a obra freudiana, tema retomado por Lacan que sustenta que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Advém daí a importância do campo da linguagem e de suas leis de metáfora e metonímia.

O que Lacan articula então, a partir da estrutura da linguagem, é o sujeito, sujeito enquanto efeito de significante. E, para tanto, procura a função de corte no discurso, corte que aparece na barra entre o significante e o significado. O corte na cadeia significante possibilita verificar a estrutura do sujeito, como este sujeito se constitui enquanto sujeito do inconsciente.

⁹⁸ _____. *A Significação do Falo* (1958). In: Escritos. São Paulo, Editora Perspectiva, 1966. p. 265.

⁹⁹ _____. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (1960). In: Escritos. São Paulo, Editora Perspectiva, 1966. p. 282.

A partir destas considerações sobre a importância da estrutura de linguagem, do significante, é que se pode articular a questão da identificação ao significante.

Abre em nome da lei.
Em nome de que lei
Acaso lei sem nome?
Em nome de que nome
cujo agora me some
se em nome eu soletrei?
Abre em nome do rei.

C. Drummond de Andrade

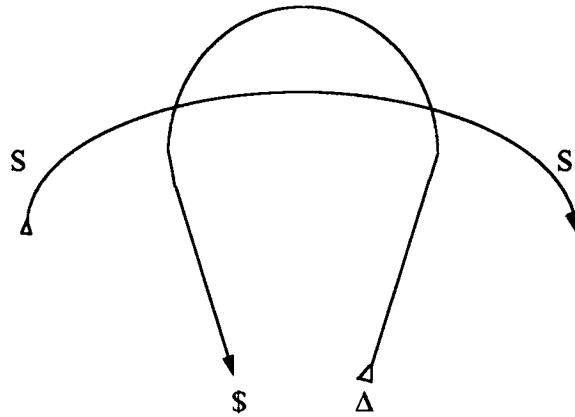
Capítulo 4

4. A Constituição do Sujeito

4.1 O Significante e o Sujeito

Escrever sobre a constituição do sujeito, em psicanálise, apresenta-se como uma questão complexa, que pode ser abordada através de diferentes caminhos. Estes percursos, embora diversos, revelam um ponto básico, a questão do sujeito e o significante. Sujeito enquanto sendo constituído, enquanto efeito de significante. É no campo da linguagem que se constitui o sujeito, linguagem regida pelas leis de metáfora e metonímia.

Um recorte importante é o texto de Lacan "*Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano*", datado de 1960. Neste trabalho, Lacan retoma o grafo produzido no Seminário sobre as formações do inconsciente, do qual anotam-se alguns pontos, nesta aproximação à questão da constituição do sujeito. O grafo é construído para situar o desejo em relação com o sujeito, articulado via significante (Figura 4-1).

Figura 4-1¹

É na célula elementar (Grafo 1) que se encontra o ponto de estofa, através do qual o significante detém o deslizamento indefinido da significação. Este ponto é onde se atam o significante e significado, ponto de convergência que possibilita retroativa e prospectivamente situar o que se passa no discurso, ou seja, é o ponto onde o significante se associa ao significado na cadeia discursiva. O ponto de estofa aponta para ligações fundamentais entre o significante e o significado.

Este ponto há uma função diacrônica e uma função sincrônica. Diacrônica pois a significação só se enlaça com o último termo, num efeito retroativo. A função sincrônica faz intervir a metáfora. A sucessão diacrônica, representada pela cadeia significante, expressa que a linguagem se desenrola no tempo. Por outro lado, a linguagem aponta para a possibilidade de produção de sentido, dimensão sincrônica, decorrente de um processo de segmentação na cadeia significante. O sentido só advém com a substituição de um significante por outro significante na cadeia significante. A metáfora, enquanto estrutura sincrônica, é o que possibilita ao sujeito elevar o signo à função de significante e a realidade à significação.

No grafo, o ponto de estofa é representado por uma linha orientada que vem entrecruzar em dois pontos, uma outra linha orientada no sentido inverso. A cadeia significante em sua sucessão diacrônica é suportada pelo vetor S.S'. O efeito de significação alcançado

¹ LACAN, J. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (1960). In: *Escritos*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1966. p. 287.

advém com a entrada na cadeia significante, a partir de uma necessidade, representada no grafo, pelo símbolo Δ . Como efeito da cadeia significante, o que no início era da ordem da necessidade, agora revela-se como uma possibilidade de significação. A significação surge retroativamente por efeito dos significantes sobre seus antecedentes na cadeia. É o que aponta Lacan:

“A função diacrônica desse estofó deve encontrar-se (*point de capiton*) na frase, na medida em que ela não cinge sua significação senão com seu último termo, cada termo estando antecipado na construção dos outros, e inversamente selando seu sentido por seu efeito retroativo.”²

O grafo revela dois pontos de cruzamento: A e s(A). ‘A’ é o primeiro ponto de cruzamento do vetor Δ .S com a cadeia S.S’, sendo s(A) o segundo cruzamento.

O grande Outro, A, enquanto “lugar do tesouro do significante”³, é o lugar onde o significante, numa dimensão sincrônica e enumerável na cadeia significante, sustenta-se por estar em oposição a cada um dos outros significantes da cadeia. O Outro é o lugar prévio do sujeito do significante. É pelo Outro que o sujeito se constitui, o Outro enquanto testemunha. O momento de pontuação é s(A), pois é pelo que é do Outro que o sujeito recebe a própria mensagem que emite. O significado do Outro é s(A), mensagem da demanda, o que o Outro aponta como sentido. É pelo significado do Outro que a mensagem se fixa. Aqui a significação aparece como produto concluído, onde o sujeito faz uma eleição antecipada do significante.

Outro, enquanto lugar do tesouro de significante, é também de onde vem o traço unário. Diz Lacan:

“Tomem somente um significante como insígnia dessa potência, o que quer dizer deste poder todo em potência, desse nascimento da possibilidade, e terão o traço unário que, por cumular a marca invisível que o sujeito recebe do significante, aliena este sujeito na identificação primeira que forma o ideal do Eu.”⁴

É a partir do Outro que existe a possibilidade de o sujeito se constituir, pois o sujeito é efeito de significante. Mas este grande Outro, quando chamado a responder deste lugar de

² idem, p. 288.

³ idem, p. 288.

⁴ idem, p. 290.

tesouro de significante, também é faltante; há neste Outro uma falta, pois não há Outro do Outro, o que pode ser escrito por $S(\mathcal{A})$, ou seja, significante da falta no Outro. $S(\mathcal{A})$ é um significante que não existe, um significante que falta no conjunto dos significantes. É porque este significante falta, que o significante fálico é chamado a simbolizar no complexo de castração⁵.

O que o infans toma do Outro é um significante e, “...um significante é o que representa um sujeito para outro significante.”⁶ É necessário, então, primeiro um significante, que vem do Outro, para qual todos os outros significantes representam o sujeito. Só há representação para, para outro significante.

O que é tomado do Outro é um traço, “... este significante só pode ser um traço que se traça de seu círculo sem aí poder contar...”⁷ representável por (-1) ao conjunto dos significantes, não contável na cadeia significante. $S(\mathcal{A})$ aponta para a repressão primária, o que não é passível pelo dizer, significante impronunciável para que todos os outros significantes possam representar o sujeito. É o (-1) que suporta o significante fálico, significante sem significado, que a Metáfora Paterna⁸ coloca no lugar. Diz Lacan: “Ele é como tal impronunciável, mas não sua operação, pois ela é o que se produz cada vez que um nome próprio é pronunciado. Seu enunciado se iguala à sua significação.”⁹ Quando Lacan assinala que seu significado se iguala à sua significação, anota a questão de ser um traço (traço unário) e funcionar como um significante, a partir do qual outros significantes podem ser articulados.

Usando a álgebra, Lacan calcula esta operação do seguinte modo¹⁰:

$$\frac{S(\text{significante})}{s(\text{significado})} = s(\text{o enunciado}) \quad S = (-1) \quad s = \sqrt{-1}$$

$\sqrt{-1}$, que na teoria dos números complexos representa o i , número imaginário¹¹.

⁵ Conceito a ser articulado a seguir.

⁶ LACAN, J. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (1960). Op. cit. p. 302.

⁷ *idem*, p. 302.

⁸ Conceito a ser articulado com a questão edípica.

⁹ LACAN, J. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (1960). Op. cit. p. 302.

¹⁰ *idem*, p. 302.

¹¹ Ver anexos I.

É o falo que Lacan introduz aqui, enquanto imagem do pênis, falo negativizado em seu lugar na imagem especular. Falo enquanto parte faltante da imagem desejada, o que falta à imagem do corpo no espelho é o objeto fálico. O falo é simbolizado pelo órgão em ereção, justamente na medida em que pode faltar. Falo representado como $(-\varphi)$ e cujo valor é $\sqrt{-1}$.

O falo é ponto de identificação, imaginária, enquanto objeto imaginário do desejo da mãe, enquanto falo simbólico refere-se à identificação ao pai, constitutiva de ideal do eu, representado como I. Isto ocorre com o complexo de Édipo.

“A passagem do $(-\varphi)$ (phi minúsculo) da imagem fálica de um lado para o outro da equação do imaginário ao simbólico, o positiva em todo caso, mesmo se ele vem preencher uma falta. Por mais suporte que ele seja do (-1) , ele aí se torna ϕ (phi maiúsculo), o falo simbólico impossível de negativizar...”¹²

No Seminário IX¹³, Lacan assinala que o falo em sua função radical é significante e, embora possa significar-se a si mesmo, é inomeável como tal. É o falo o “...nome que abole todas as outras nomações, e é por isso que é indizível. Não é indizível porque o chamamos o falo, mas não se pode de uma vez dizer o falo e continuar com outras coisas.”¹⁴

E Lacan questiona “...de onde provém esse ser que aparece de certo modo em falta no mar dos nomes próprios?”¹⁵ Ou seja, o nome próprio não é suficiente para completar o sujeito, que se mantém como faltante, mas é necessário para sua constituição.

Está implicada aí a questão da constituição do sujeito, enquanto este sujeito tem na linguagem a sua causa. O sujeito não traz a causa em si mesmo, sua causa é o significante e, enquanto significante, é o que pode representar este sujeito para outro significante.

Lacan articula o tema da constituição do sujeito, segundo duas operações, nos textos “*Posição do Inconsciente no Congresso de Bonneval Retomada de 1960 e 1964*”, datado de março de 1964, e no Seminário XI, “*Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*” de janeiro a junho de 1964. No Seminário XI, Lacan teoriza a constituição do sujeito em duas

¹² LACAN, J. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (1960). Op. cit. p. 306.

¹³ 9 de maio de 1962.

¹⁴ idem.

¹⁵ LACAN, J. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (1960). Op. cit. p. 302.

classes “*O Sujeito e o Outro (I): A Alienação*” e “*O Sujeito e o Outro (II): A Afânise*”. Neste textos assinala que a constituição do sujeito se dá a partir de duas operações: a alienação e a separação.

Delimita, então, dois campos, o do sujeito e do Outro. O campo do sujeito é o que estas duas operações vão delinear. O campo do Outro, Lacan define como : “... é o lugar em que se situa a cadeia significante ...”¹⁶, campo da cadeia significante, campo que contém objetos significantes, objetos que não têm valor como reais, mas que representam um mais além. Campo do Outro, conotado pela letra ‘A’, “... lugar do tesouro do significante...”¹⁷, lugar onde cada significante se sustenta pela sua oposição a cada outro significante.¹⁸ Geralmente, o campo do Outro é encarnado pela mãe ou por alguém que ocupe esta função materna, enquanto Outro primordial. Lugar de mãe que tem como função fazer a mediação da ordem simbólica, mãe que está no lugar de presentificação do Outro. Função que marca o infans com seus significantes, tornando possível o surgimento do sujeito.

Os processos que envolvem o sujeito e o Outro são circulares, pois o sujeito se vê aparecer no campo do Outro, retornando a partir deste campo. Embora seja um processo circular, é não recíproco, é dissimétrico.

Comandando as duas operações fundamentais de causação do sujeito, está o inconsciente. Inconsciente que Lacan define como: “... a soma dos efeitos da fala, sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante.”¹⁹ Inconsciente que se constitui desde o campo do Outro.

Se a constituição do sujeito se dá no campo do Outro é porque a este que nasce, o ser, algo falta, e Lacan assinala que são duas as faltas, uma recobrando a outra. A falta real remete ao ser vivo, enquanto sexuado e portanto mortal. A instauração da sexualidade traz consigo o advento da morte, pois o vivente cuja reprodução é assexuada, é imortal, se subdividindo em

¹⁶ _____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988. Sem. XI. p. 193.

¹⁷ _____. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (1960). Op. cit. p. 288.

¹⁸ É o que Lacan pontua quando diz: “(...) o que distingue um significante é ser o que todos os outros não são; o que, no significante, implica essa função da unidade é justamente não ser senão diferença.” LACAN, J. *La Identificación*. Sem. IX, inédito. Classe 29 de novembro de 1961.

¹⁹ _____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988. Sem. XI. p. 122.

outros seres, também completos. Mas, ao ser humano recai a marca da sexualidade e a instância da morte. Não é completo, não é imortal. Ser que ao nascer separa-se de um corpo que não é mais o seu, o corpo da mãe. E é deste lugar que agora lhe falta.

Esta primeira falta, falta real, é recoberta por outra falta, a falta significante, pois o advento do sujeito se dá via significante, significante que vem do campo do Outro. O sujeito é, pois, efeito do significante, constituindo-se a partir do campo do Outro, via significante. E é justamente o significante que torna possível que o sujeito se constitua. Quando o ser vai ao Outro na busca deste algo que fora perdido, o Outro lhe responde, responde-lhe mas não o completa, pois sua resposta são significantes.

O sujeito se constitui então, enquanto efeito de significante, mas, o sujeito é o que o significante vem representar para outro significante. Diz Lacan:

“Ao sujeito pois, não se lhe fala. Isso fala dele, e é lá que ele se apreende, e tanto mais forçosamente quanto antes que pelo único fator do que ‘Isso’ se endereça a ele, ele desapareça como sujeito sob o significante que fica sendo...”²⁰

Até então o sujeito “...não era absolutamente nada. Mas esse nada se sustenta em seu advento, agora produzido pelo apelo feito no Outro ao segundo significante.”²¹

Esta é a operação denominada alienação. Do campo do Outro vem o significante que faz surgir o sujeito de sua significação. Significante que petrifica o sujeito, pois o sujeito passa a não ser mais que um significante, ocorrendo, assim, o movimento de *fading* do sujeito. Operação que reside na divisão do sujeito, pois, “... se ele aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como *afânise*”²², desaparecimento. O sujeito, ao aparecer, traz consigo o preço de uma desapareição, em função daquilo que o constitui. O *fading* do sujeito é este desvanecimento, resultante da divisão significante.

O que se encontra no campo do Outro é o sentido, pois o Outro opera como produtor de sentidos, mesmo que incompletos. Mas quando o sentido se realiza em um sujeito em decorrência da ação do Outro, há um lugar de intervalo entre estes dois campos (o campo do ser e o campo do Outro), há aí uma região do sem-sentido. Região esta que é daquilo que

²⁰ _____. *Posição do Inconsciente* (1964). In: *Escritos*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1966. p. 320

²¹ *idem*, p. 320.

²² _____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). *Op. cit.* p. 199.

constitui o inconsciente. Se o sujeito acha o sentido, é ao preço de uma articulação com o sem-sentido. Sem-sentido produzido por esta transformação em significante. Se o sujeito acha o sentido, é ao preço da morte do ser.

Para trabalhar teoricamente a operação de constituição do sujeito, Lacan deduz um diagrama, diagrama construído a partir dos círculos de Euler. Foi Euler quem propôs que se fizesse a representação de um conjunto de elementos, através de uma circunferência, os círculos de Euler (Figura 4-2).

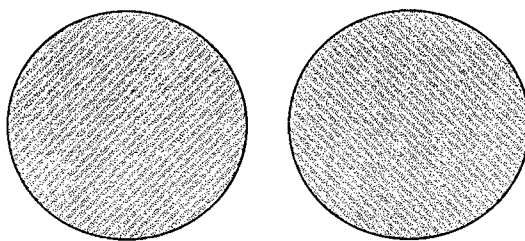


Figura 4-2²³

A partir dos círculos de Euler, pode-se realizar as operações propostas por Boole, que são as operações de álgebra de reunião, de intersecção²⁴. Lacan se utiliza destas operações, para articular as operações de causação do sujeito, no Seminário XI, sendo que já no Seminário IX, na classe de 11 de abril de 1962, ele as apresenta.

Lacan descreve dois círculos que se recortam. Na reunião ($A \cup B$), o que acontece é que os elementos do conjunto A são unidos com os do conjunto B, mas os elementos em duplicação são subtraídos ($A + B$), (Figura 4-3).

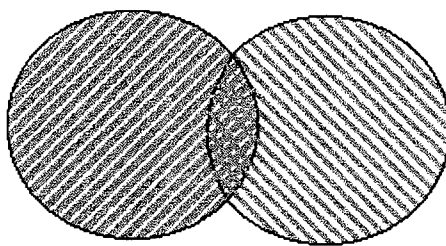


Figura 4-3²⁵

²³ _____, *La Identificacion*. Sem. IX, inédito. Classe de 11 de abril de 1962.

²⁴ É a partir da reunião e da intersecção que Lacan trabalha as operações de causação do sujeito.

²⁵ LACAN, J. *La Identificacion*. Sem. IX inédito. Classe de 11 de abril de 1962.

No caso da intersecção, preservam-se os elementos que ao mesmo tempo pertencem aos dois conjuntos (A.B). O campo de intersecção está incluído no campo de reunião (Figura 4-4).

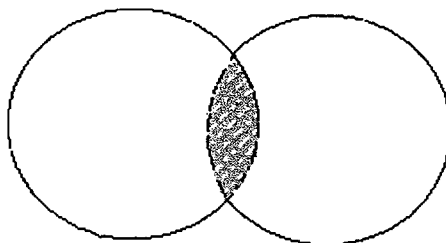


Figura 4-4²⁶

Lacan, utilizando-se dos círculos de Euler, articula que um círculo representa o ser e o outro círculo, o sentido, que o sujeito vai buscar no campo do Outro. Há na operação de alienação a reunião de dois campos e, frente a uma opção, o que se apresenta é “nem um, nem outro”, ou seja, não há escolha possível; impõe-se, entre os seus termos, uma escolha, e sempre a mesma. Na reunião, os elementos comuns se eliminam como duplicação, algo é subtraído.²⁷ É o que aponta Lacan: “Escolhemos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso - escolhemos o sentido e o sentido só existe decepado desta parte de não-senso que é, falando propriamente, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente.”²⁸ Denota-se, assim, que esta escolha impossível traz um fator letal, é sempre decepcionante, pois o que fica é desfalcado, há a perda de algo. Aparece o fator letal, há a morte do ser e é o sujeito que surge para ser não mais que efeito de significante.

²⁶ *idem.*

²⁷ “... alienação não impõe uma escolha entre seus termos senão ao eliminar um dos dois, sempre o mesmo qualquer que seja esta escolha”.

_____. *Posição do Inconsciente* (1964). Op. cit. p. 326.

²⁸ _____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Op. cit. p. 200.

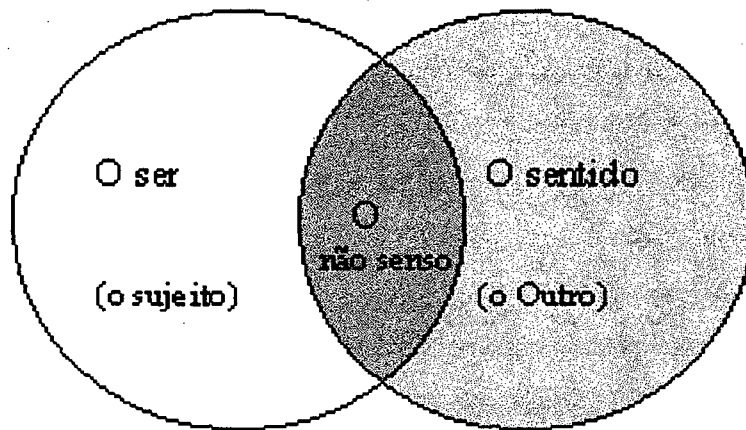


Figura 4-5²⁹

“Essa reunião é tal que o vel que dizemos de alienação não impõe uma escolha entre dois termos senão ao eliminar um dos dois, sempre o mesmo qualquer que seja sua escolha. O em-jogo se limita portanto aparentemente à conservação ou não do outro termo, quando a reunião é binária.”³⁰

Se na primeira operação, alienação, ocorre uma operação de reunião, a segunda operação aponta para a intersecção destes dois campos. Intersecção constituída pelos elementos que pertencem, ao mesmo tempo, aos dois conjuntos, aos dois campos. É na intersecção do campo do sujeito com o campo do Outro, articulados por suas duas faltas que o sujeito se funda, oscilando entre um significante que o representa e outro que representa o Outro, que representa toda a cadeia significativa (Figura 4-5).

Como reação à petrificação imposta pelo primeiro significante, ante a ficar afanizado, aprisionado, advém a segunda operação de causação do sujeito.

A segunda operação, a separação, surge com o recobrimento de duas faltas, a falta do sujeito e do Outro.³¹ ‘O que o Outro quer de mim?’, é o que o sujeito se questiona. A partir daí retoma a sua própria alienação, a falta de seu próprio desaparecimento. O que oferece a

²⁹ idem, p. 200.

³⁰ _____. *Posição do Inconsciente* (1964). Op. cit., p. 326

Binário: “...que se compõe de dois elementos... conjunto de duas forças iguais, paralelas e contrárias que atuam nos extremos de uma reta.”

AULETE, C. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Delta, 1958, p. 684.

O sistema binário é um sistema utilizado em lógica, cuja vantagem é a possibilidade do uso da correspondência biunívoca entre dois dígitos (0 e 1).

³¹ _____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Op. cit. p. 203.

este Outro é sua própria perda: “Pode ele me perder?”³² Após a constatação de que algo lhe falta, o sujeito tenta provocar no Outro esta falta, suposta neste primeiro momento lógico, como não barrado. Na prática, pode-se observar o infans apelando ao Outro, geralmente à mãe. Esta lhe responde com significantes, significantes que não preenchem seu apelo, sobrando sempre um algo impossível de preencher. É neste ponto que falta, no que o desejo do Outro é desconhecido, que se constitui o desejo do sujeito. O desejo do Outro é apreendido pelo infans nas faltas, faltas do discurso do Outro, pois o desejo não tem representação (é algo que falta). É, pois, nesta operação de separação, a partir da constatação feita pelo sujeito de que o Outro é faltante (A), que há um retorno ao ponto inicial, ou seja, a própria falta do sujeito. Mostra-se, assim, a operação como circular, há um retorno, mas não há reciprocidade.

O sujeito coloca a sua própria falta no ponto de falta percebida no Outro, seu próprio desaparecimento do sujeito (“Pode ele me perder?”³³). Desaparecimento de parte de si próprio, no retorno à sua alienação primeira.

“Mas o que ele preenche assim não é a falha que encontra no Outro; é primeiramente a da perda constitutiva de uma de suas partes, e da qual ele se acha em duas partes constituído. Lá jaz a torção pela qual a separação representa o retorno da alienação.”³⁴

Instaura-se assim a vacilação constante entre alienação e separação e vice-versa.

Há concomitantemente na separação a queda do objeto no campo do Outro, objeto a, enquanto aquilo do real que se perde na constituição do sujeito. Objeto a causa do desejo, rodeado pela pulsão, na tentativa de restaurar a perda original. “Pela função do objeto a, o sujeito se separa, deixa de estar ligado à vacilação do ser, ao sentido que constitui o essencial da alienação.”³⁵

Se, do lado da alienação pode-se falar em identificação ao traço unário, que constitui o ideal do eu, no campo da separação, há a identificação ao objeto a, objeto através do qual a pulsão faz seu contorno.

³² *idem*, p. 203.

³³ *idem*, p. 203.

³⁴ _____. *Posição do Inconsciente* (1964). Op. cit. p. 329.

³⁵ _____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Op. cit. p. 243.

O sujeito pode assim encontrar no desejo do Outro o equivalente ao que ele é enquanto sujeito do inconsciente, pois há o recobrimento de uma falta pela outra, a do sujeito e a do Outro (\bar{A}), a falta anterior serve para responder à falta suscitada, havendo aí a junção do desejo do sujeito com o desejo do Outro. Trata-se da pergunta que retorna ao sujeito desde o campo do Outro como: “*Che vuoi?* que queres?”³⁶

Lacan articula, assim, a constituição do sujeito através destas duas operações. Lacan anota que :

“...em nosso esquema dos mecanismos originais da alienação, esse *Vorstellungsrepräsentanz*, nesse primeiro acasalamento significante que nos permite conceber que o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito, para um outro significante, o qual o outro significante tem por efeito a *afânise* do sujeito.”³⁷

O significante unário é assinalado por Lacan como S_1 e o significante binário é apontado como “*Vorstellungsrepräsentanz*”, termo tomado do texto de Freud e traduzido por Lacan como o representante da representação. O representante da representação é justamente o que no processo de repressão primária funda o aparelho psíquico³⁸, torna-se o ponto de atração para as outras repressões. É, pois, o significante binário que é passado por baixo, na barra do algoritmo, como significante. O significante binário representa todos os significantes, exceto o significante que foi *unterdrückt*, que cai nas profundezas, que é o significante que simboliza a falta de Outro, o significante faltante.

Denota-se, então, que são necessários, pelo menos, dois significantes, que já estão presentes na alienação, e é no intervalo entre este S_1 e S_2 que está o lugar do sujeito, é o sujeito que deve irromper na cadeia significante para conseguir ali um lugar, para que não sucumba sob o efeito do significante, “...para se defender do significante sob o qual ele sucumbe, o sujeito ataca a cadeia...”³⁹ Relacionado à função de liberdade, diz Lacan: “de que o

³⁶ _____. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (1960). Op. cit. p. 297.

³⁷ _____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Op. cit. p. 207.

³⁸ “O recalçamento primordial é um significante, e o que se edifica por cima para construir o sintoma, podemos considerá-lo como um andaime de significante. Recalcado e sintoma são homogêneos, e redutíveis a funções significantes.” *idem*, p 167.

³⁹ _____. *Posição do Inconsciente* (1964). Op. cit. p. 328.

sujeito tem que se libertar é do efeito afanísico do significante binário”⁴⁰. No momento em que este significante binário cai, em que a cadeia significante foi rompida, surge então o sujeito barrado. É o momento em que ocorre a repressão, quando este “*Vorstellungsrepräsentanz*” é retirado para o inconsciente.

“É no intervalo entre estes dois significantes que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro.”⁴¹ Pois é neste intervalo, que se repete, que é o lugar do desejo. Ocorre, então, a passagem de uma relação entre o significante unário e binário, para uma relação de demanda ao desejo.

A operação de separação liberta o sujeito de desaparecer no campo do Outro, liberta-o para deslizar na cadeia significante, à procura de sentido. Eis aí o sujeito do inconsciente, constituído pelas duas operações lógicas de alienação e separação.

Lacan pontua, então, “O desejo do homem é o desejo do Outro.”⁴² Pois é só a nível do desejo do Outro que o desejo do sujeito pode constituir-se. O desejo do sujeito é desejo do Outro, existe aí algo da operação de alienação, que tem a ver com a repressão primária e com o que vai aparecer como falta entre o significante unário e o significante binário, falta esta que revela a existência do desejo do Outro.

O recobrimento de uma falta pela outra falta apresenta “... a dialética dos objetos do desejo, no que ela faz a junção do desejo do sujeito com o desejo do Outro.”⁴³

É pela ação do significante que se pode constituir o sujeito, onde o que havia era apenas um vivente, uma promessa de sujeito que agora constitui-se em sujeito barrado, desejante. No real, não há como advir o sujeito, o sujeito advém a partir do simbólico, pois sua causa é significante.

⁴⁰ _____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Op. cit. p. 208.

⁴¹ *idem*, p. 207.

⁴² *idem*, p. 223.

⁴³ *idem*, p. 203.

4.2 O Estádio do Espelho

Falar da constituição do sujeito implica, então, em articular sujeito e significante e isto é possível via identificação, identificação simbólica. Antes que se apresente a identificação ao significante, cabe um recorte sobre a identificação imaginária.

O “*estádio do espelho*” é um conceito elaborado por Lacan, para trabalhar a experiência de identificação fundamental⁴⁴, que resulta no primeiro esboço do eu. Esta experiência fundamental ocorre em torno de seis a dezoito meses de vida do infans. A experiência revela a identificação primordial da criança com a sua imagem refletida no espelho; em decorrência disto há, então, a estruturação do eu. Com a experiência do estádio do espelho o infans tem a percepção de sua imagem, onde o que vê é a imagem de seu corpo, enquanto unidade.

A experiência do espelho revela a captação da imagem da forma humana através de um comportamento em presença de um semelhante. Esta construção elaborada por Lacan não implica, necessariamente, a experiência concreta da criança frente a um espelho. Constitui-se numa relação do infans com seu semelhante, a partir da qual advém a estruturação do registro do imaginário, no infans.

No estádio do espelho, num primeiro momento, o infans percebe sua imagem no espelho como a de um outro, outro real, de quem ele vai se aproximar ou tentar apreender. Há neste momento, ainda, uma confusão entre ele mesmo e o outro.

O infans descobre, então, que o outro do espelho é uma imagem e não um outro real. Passa a conviver, agora, com a diferença entre a imagem do outro e o outro.

A partir da constatação de que o reflexo no espelho é uma imagem, pode perceber que a imagem que ele admira é dele mesmo. O infans então, identifica-se com esta imagem, onde vê uma totalidade unificada, uma representação do próprio corpo. Esta é uma identificação primordial com a imagem do próprio corpo, conquista que é da ordem do registro do

⁴⁴ Lacan trabalha pela primeira vez o estádio do Espelho em 1936, no artigo “*A Família*”.

imaginário, pois o infans identifica-se a partir de uma imagem, algo que não é ele enquanto tal, mas ele se reconhece nesta imagem.

O infans, nesta idade, ainda não atingiu a maturidade neurológica que, quando alcançada, permite uma coordenação motora equilibrada e o conhecimento específico do próprio corpo. Se, por um lado, há o atraso do desenvolvimento neurológico, por outro, há uma antecipação funcional revelada pela maturação precoce da percepção visual, em se comparando com o neurológico. O infans não controla ou coordena o corpo que, para ele, apresenta-se, então, como fragmentado, mas acaba por se identificar com esta imagem enganosa, ilusoriamente completa e unificada. A partir de então, tem uma imagem antecipada do próprio corpo, em uma unidade corporal, que ainda lhe falta. O infans expressa júbilo ao reconhecer sua imagem no espelho.

Revela-se, então, nesta experiência, a alienação ao imaginário, pois o que o infans supõe ser um conhecimento é a percepção de uma imagem, o que acaba resultando em um desconhecimento de si; há o engodo da imagem.

A relação entre o infans e o outro é então, uma relação dual e especular, onde ocorre a relação a um eu especular, que corresponde ao que Freud chamou narcisismo primário⁴⁵. Ao mesmo tempo em que se identifica, se aliena, pois ao procurar a si mesmo, o que encontra é a imagem.

É esta experiência primordial que revela a instalação do primeiro esboço do eu, constituído enquanto eu ideal, completo e imaginário, via de acesso a posteriores identificações.

Apesar de ser uma experiência ao nível do registro do imaginário, o imaginário, de algum modo está subordinado ao simbólico. O infans ainda não fala, mas já é falado, surgindo num lugar marcado simbolicamente. Diz Lacan: "...é a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê. É a palavra, a função simbólica, que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário."⁴⁶ Sendo assim, é a partir

⁴⁵ FREUD, S. *Sobre o Narcisismo: uma Introdução (1914)* In: Obras Completas. 2. ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987. v. XIV.

⁴⁶ LACAN, J. *Os Escritos Técnicos de Freud (1953-54)*. 3. ed. Rio de Janeiro, 1983. Sem. I, p. 165.

da relação do infans com o Outro que a experiência imaginária é mais ou menos satisfatória. São os significantes que definem o lugar do sujeito no mundo simbólico, seu nome, sua relação de parentesco, etc.

O infans, em seu júbilo frente ao espelho, procura a mãe para que esta autentique sua descoberta. Para que se aproprie desta imagem, precisa que o Outro, encarnado pela mãe, o reconheça, dizendo de quem é esta imagem. É a partir deste reconhecimento que vem do Outro que se constitui o ideal do eu. É o ideal do eu que vai guiar o sujeito no imaginário, constituindo-se a partir de outras identificações, identifica-se com traços que vêm deste Outro. O ideal do eu vem do campo simbólico e segundo Lacan "... é o que corresponde às coordenadas inconscientes do eu..."⁴⁷, pois ficam sob efeito de repressão.

Este Outro, enquanto testemunha do estágio do espelho, regula a estruturação imaginária do eu, pois é através deste Outro que há a entrada do significante, do registro do simbólico. A mãe, ao dizer de quem é aquela imagem, dá significantes que marcam o infans, via linguagem. É a partir destes significantes, que funcionam como traço unário, que se constitui o ideal do eu, via identificação, identificação do sujeito ao significante.

Em 1960-61, Lacan dedica um Seminário, o de número VIII, às questões da transferência e sua relação com o ideal do eu e eu ideal. Recortam-se deste texto alguns pontos relevantes para o presente trabalho. Lacan apresenta este Seminário, retomando o texto freudiano: "Freud explica que o ideal do eu é aquilo que, sendo em si mesmo originado nas primeiras lesões do narcisismo, volta a tornar-se aprisionado por ser introjetado."⁴⁸ A partir desta internalização mantêm-se o ideal de onipotência do sujeito.

Tanto o ideal do eu, quanto o eu ideal, têm relação com a tentativa de preservar o narcisismo, como Freud já anotara. Lacan assinala que o significante introjetado no ideal do eu, refere-se ao narcisismo, mas que a questão do eu ideal precisa ser melhor esclarecida. Propõe verificar as implicações da função do narcisismo em sua articulação com o ideal do eu.

⁴⁷ _____. *Observacion sobre el Informe de Daniel Lagache: "Psicoanálisis y Estructura de la Personalidad"* (1960). In: *Escritos 2*. 2. ed. México, Siglo Veintiuno Editores, 1995. p. 657.

⁴⁸ _____. *A Transferência* (1960-61). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992. Sem. VIII, p. 328.

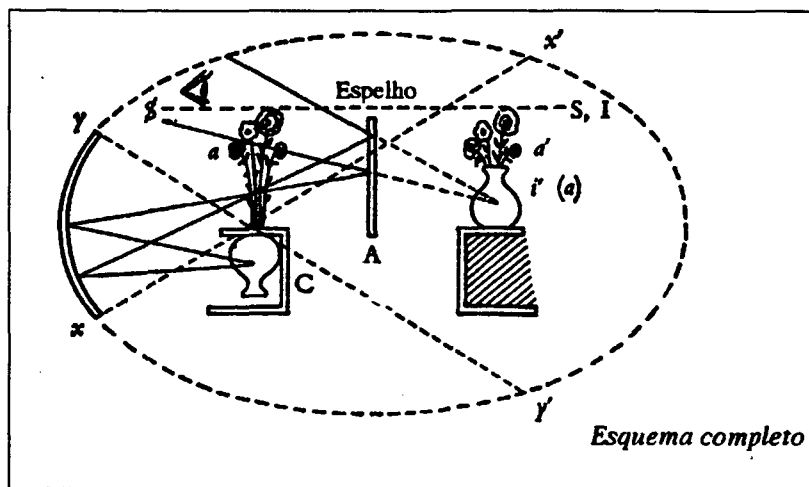
Para trabalhar esta questão, Lacan toma da física uma de suas experiências clássicas, a da ilusão do buquê invertido. Esta experiência vai funcionar como um modelo teórico analógico, para verificar as estruturas (intra-)subjetivas decorrentes da relação do sujeito com o outro e com o Outro, permitindo verificar a incidência dos registros do imaginário e do simbólico. Estes dois registros, mais o registro do real, são os três registros que Lacan utiliza para articular o campo da psicanálise. O registro do imaginário (I) é justamente articulado, por Lacan, a partir do Estádio do Espelho, quando há a construção do eu ideal, numa relação dupla com o outro. O registro do simbólico (S) assinala a importância do significante, significante enquanto marca o sujeito, significante que representa o sujeito para outro significante. O registro do Real (R) remete ao que não é assimilável pelo significante, fora do significado, apontando para o objeto *a* e a pulsão.

Em consequência da utilização metafórica a ser realizada, Lacan coloca o próprio vaso sob o suporte, ao invés do buquê da experiência original.

“Esse vaso vai aparecer sob a forma de uma imagem real, contanto que o olho do observador esteja, por um lado, suficientemente afastado e, por outro, no campo de um cone representando um campo determinado pela oposição de linhas que reúnem os limites do espelho esférico em seu foco de luz.”⁴⁹

Esta experiência implica em certas condições de ambiente, de luz e da posição do olho do observador, a serem respeitadas para que a ilusão ocorra. O vaso, que na realidade está sob o suporte, aparece sob a forma de uma imagem real, com a impressão de um certo volume (Figura 4-6).

⁴⁹ *idem*, p. 335.

Figura 4-6⁵⁰

A experiência revela, assim, a operação de um espelho esférico, colocado por trás de um certo aparelho, que resulta em uma imagem real.⁵¹ A imagem real se comporta, para o sujeito, como um objeto, pois se encontra no mesmo plano que o objeto, o que resulta como uma ilusão óptica, onde o observador é enganado. Já a imagem virtual se comporta como imagem enquanto tal.

Devido à posição do observador, a ilusão decorrente da experiência, é impossível ser vista diretamente. Lacan introduz, então, um espelho plano, que denomina A (Outro), onde se verá reproduzir a imagem virtual da imagem real. A imagem real do vaso é nominada $i(a)$, enquanto as flores são a . Através da mediação do Outro (A), a imagem real ilusória, enganadora, passa a ser uma imagem virtual não enganadora, ou seja, a imagem real do sujeito se faz virtual, pela intervenção do registro do simbólico, representado no esquema pelo espelho plano.

É necessário que aqui algo intervenha, e esse algo é justamente o Outro. “É na medida em que o terceiro, o grande Outro, intervém na relação do eu com o pequeno outro, que algo pode funcionar, algo que acarreta a fecundidade da própria relação narcísica.”⁵² A criança nos braços do adulto, frente ao espelho, volta-se para o adulto e é o grande Outro que vem

⁵⁰ *idem*, p. 334.

⁵¹ Toda a experiência é detalhada por Lacan em seu escrito: *Observacion sobre el Informe de Daniel Lagache: “Psicoanálisis y Estructura de la Personalidad”* (1960). Op. cit. p. 294 e adiante.

⁵² _____. *A Transferência* (1960-61). Op. cit. p. 342.

desempenhar uma função essencial no desenvolvimento do sujeito. Do Outro vem “o signo imagem de a”, essa imagem especular, desejável e destruidora. “É isso que vem daquele para o qual o sujeito se volta, no próprio lugar onde ele se identifica nesse momento, na medida em que sustenta sua identificação com a imagem especular.”⁵³

A função do ideal do eu é ocupada pelo Outro, lugar onde se constitui a referência do eu, nessa imagem que se oferece à criança e com a qual ela se identifica. É a partir do olhar do Outro que o eu se apresenta e se sustenta. Pela inexistência na bateria significante do Outro, de um significante que possa representar o sujeito que lhe dê identidade simbólica, este sujeito se identifica a um traço deste Ideal do eu.

Em relação à identificação primária, apresentada por Freud, identificação ao pai, anterior ao complexo de Édipo, Lacan assinala que esta construção lhe era necessária, pois posteriormente Freud apresenta a segunda identificação. Esta é a identificação regressiva, resultante de uma relação amorosa onde o objeto se recusa ao amor. Esta regressão seria justamente à identificação ao significante, sendo que o sujeito se identifica ao objeto, agora perdido.

Esta identificação regressiva é parcial, a um único traço. Lacan acrescenta que isto remete ao significante, embora não signifique que este traço único seja dado como significante, e sim, como marca, letra.

No Seminário “*A Transferência*”, Lacan assinala que o traço unário é possivelmente um signo. É justamente o olhar do Outro que é interiorizado por signo. “Este ponto, grande I, do traço único, este signo do assentimento do Outro, da escolha de amor sobre a qual o sujeito pode operar, está ali em algum lugar e se regula na continuação do jogo do espelho”.⁵⁴ Assim, o ideal do eu é uma introjeção simbólica, enquanto que o eu ideal é uma projeção imaginária. A satisfação narcísica possível da relação com o ideal do eu depende da referência ao traço unário.

⁵³ idem, p. 342.

⁵⁴ idem, p. 344.

Voltando à questão do esquema óptico, Lacan destaca que $i(a)$ é o eu enquanto imagem do outro, o eu na medida em que é função de desconhecimento. A função $i(a)$ é, pois, o lugar central do investimento narcísico.

O S no esquema, aparece como figuração da função do sujeito e é virtual. O sujeito pode aceder, via apreensão da imagem real, em $i(a)$. E isto se dá através do grande Outro. A posição de S é observável em I, no campo virtual de reflexão, via presença do Outro. O ponto grande I é distinto do lugar onde $i'(a)$ se projeta. É aí que o sujeito pode apreender o que há de ilusório na identificação narcísica. Isto é superável porque o sujeito pode se identificar em outra parte.

O Outro, enquanto espelho, é aquele que devolve a imagem,

“... supor o Outro um espelho vivo, de tal modo que, quando olho para ele, é ele em mim que se olha e quem se vê em meu lugar, no lugar que ocupo nele. Se ele nada mais é que seu próprio olhar, é ele quem funda o verdadeiro desse olhar.”⁵⁵

É necessário que o sujeito não fique preso neste olhar, que saia fora do campo da visibilidade do $i(a)$ que algo venha questionar a realidade e a consistência da ilusão do sujeito (campo do investimento narcísico).

Apresenta-se aí outro campo, de outra ordem, estruturado pela presença do significante como tal, que implica na identificação ao significante. É a partir do significante, significante que está na estrutura do Outro, que surge a possibilidade de o sujeito sair da captura do campo narcísico.

Lacan pontua que no caso da identificação ao ideal do eu não se trata de identificação narcísica, mas sim, identificação a um único traço, traço que tem estrutura de significante.

“O traço unário, o próprio sujeito a ele se refere, e de começo ele se marca como tatuagem, o primeiro dos significantes. Quando este significante, esse um, é instituído - a conta, *um* um. É ao nível, não do um, mas do *um* um, ao nível da conta, que o sujeito tem que se situar como tal. Com o que os dois uns; já, se distinguem. Assim se marca a primeira esquizo que faz com que

⁵⁵ *idem*, p. 362.

o sujeito como tal se distinga do signo em relação ao qual, de começo, pode constituir-se como sujeito.”⁵⁶

É a função do ideal do eu que possibilita a preservação do eu ideal, i(a). Pode-se observar isto no esquema óptico, pois é necessário o suporte que se constrói no Outro, para que ocorra, ou não, a captação da flor. Assim, o esquema óptico apresenta a relação sempre em falta do sujeito com a sua própria imagem, por intermédio da função do Outro, ou seja, a imagem narcísica só é acessível através da mediação do Outro, sendo que, através do Outro, por um lado o sujeito encontra sua imagem e, por outro, é possível se separar desta imagem. Isto é possível na medida em que a especularidade não seja totalizadora, que haja uma parte não especularizável na imagem.

A partir da experiência do espelho, onde se produz a relação com a imagem do outro, é que o infans pode vivenciar o fato de que ele está em falta. Frente à imagem, que lhe aparece como total, o infans percebe que algo, imaginariamente, pode lhe faltar. Diz Lacan: “É na relação especular que o sujeito tem a experiência e a apreensão de uma falta possível, de que alguma coisa mais além pode existir, alguma coisa que é uma falta.”⁵⁷

A experiência do espelho situa o falo enquanto objeto imaginário, com o qual o infans deve identificar-se, para satisfazer o desejo da mãe. O infans, a partir deste estágio, adquire uma referência imaginária de si mesmo com relação ao próprio corpo, mas ainda, para que se constitua como sujeito, é necessária a inscrição do registro do simbólico, via identificação.

O infans pode, agora, experienciar o estágio fálico. Antes de abordar a questão da castração e do complexo de Édipo, faz-se necessário um recorte que assinale a noção de falta de objeto, pois é a partir da experiência do espelho que a criança percebe a possibilidade da falta.

A falta de objeto pode manifestar-se de três maneiras: frustração, privação e castração, onde tanto a natureza da falta, como o tipo de objetos relacionados, são diferentes. Estas diferenças ocorrem como consequência das relações do infans com a mãe, mãe enquanto

⁵⁶ _____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Op. cit. p. 135.

⁵⁷ _____. *A Relação de Objeto* (1956-57). 2. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995. Sem. IV. p. 179.

encarna o Outro. A partir da noção de falta pode-se articular a relação do sujeito com o objeto.

A frustração ocorre como uma das primeiras experiências da criança, quando há a introdução da questão do real, pois a criança tem uma relação com um objeto real, o seio.

É com a possibilidade de falta deste objeto que se pode falar da noção de agente, aqui, a mãe. E é como presença - ausência que a mãe aparece como agente da frustração. Aí está o registro do apelo.

A mãe, enquanto suporte da primeira relação, ou seja, enquanto objeto de apelo para o infans, encontra-se ora ausente, ora presente. Esta mãe apresenta ao infans o objeto de necessidade, objeto que pode acalmar suas necessidades físicas, através do seio. Por outro lado, pode dar seus dons, signos de amor, nos momentos em que esta não alimenta o infans.

Frente à frustração de amor, advém a satisfação da necessidade. É justamente quando a mãe falta, que o seio se torna mais significativo, pois enquanto está satisfazendo a sua necessidade, alimentando-se, está compensando a frustração de amor. O seio, enquanto objeto real de necessidade, quando não é dado ao infans gera uma frustração, aparecendo assim a falta imaginária de um objeto real.

A partir disto, o objeto real, seio, passa a ter uma significação simbólica, tendo função como parte do objeto de amor, "...a pulsão se dirige ao objeto real como parte do objeto simbólico, que este se torna, como objeto real, uma parte do objeto simbólico."⁵⁸

Como um objeto real, que pode satisfazer uma necessidade real, transforma-se em elemento do objeto simbólico, então, qualquer outro objeto simbolizado pode aí advir.

A frustração está ao nível da reivindicação, logo, não há possibilidade de satisfação, pois o objeto está perdido. A falta caracteriza-se como um dano imaginário, enquanto o objeto é real. É a falta imaginária de um objeto real.

Na privação, a falta é real, enquanto um buraco no real, mas o objeto é simbólico, falo simbólico. "A ausência de alguma coisa no real é puramente simbólica. É na medida em que

⁵⁸ idem, p. 178.

definimos pela lei o que deveria estar ali que um objeto falta no lugar que é seu.”⁵⁹ É necessário que haja aí uma simbolização do real para que possa haver um buraco neste real. É a falta real de um objeto simbólico, pois há a simbolização do objeto no real, pois no real nada pode faltar. Ao se falar da privação, há a simbolização da falta. É ao supor que sua presença seja possível que se pode dizer que algo falta. O objeto que, no real falta, é o pênis, agora, já em estado simbólico, enquanto falo simbólico. “É, em especial, o fato de que a mulher não tem pênis, que ela é privada dele.”⁶⁰ O pênis que supostamente falta é o da mãe, da mulher, pênis em estado simbólico.

Na castração, a falta é uma falta simbólica, que aponta para a interdição do incesto, enquanto experiência importante do registro do simbólico. A falta significada pela castração é uma dívida simbólica, embora o objeto faltante seja o objeto imaginário. O objeto imaginário da castração é o falo imaginário. A castração entra em jogo justamente na medida em que atua sobre um objeto imaginário. A castração se apoia na noção de privação, pois toma por base a apreensão no real da ausência de pênis na mulher.

O complexo de castração remete à questão da diferença anatômica entre os sexos, quando o infans se dá conta de que algo pode faltar. “A castração (...) toma por base a apreensão no real da ausência de pênis na mulher.”⁶¹ O infans anteriormente acreditava que todo adulto era detentor de um pênis. Mas descobre que sua mãe e sua irmã não o possuem. Ocorre então, a representação imaginária da falta e o falo imaginário apresenta-se como algo que possa preencher esta falta, do registro do imaginário. É importante que se assinale que trata-se de uma falta imaginária, suposta, pois no real nada falta.

A castração, então, remete ao falo, não como objeto real, mas como imaginário, e implica na renúncia deste falo imaginário, para que este possa ter uma função significante, que é o que acontece ao final do Édipo. É via castração que se rompe a identificação imaginária.

O falo (simbólico) é o significante do desejo. A castração, assim, é da ordem do simbólico e está relacionada com o desejo. A castração ocorre primeiro a nível do Outro, pois é a nível do Outro que se instaura a falta simbólica, o Outro é barrado, pois o infans percebe

⁵⁹ *idem*, p. 38.

⁶⁰ *idem*, p. 223.

⁶¹ *idem*, p. 223.

que algo falta à mãe e o sujeito há que simbolizar esta falta na mãe. É através do Édipo que o infans pode assumir o falo simbólico, como significante e utilizar-se dele para a organização do imaginário e do simbólico. Via castração, o sujeito se liberta parcialmente do narcisismo, a castração conduz do objeto de desejo imaginário (falo imaginário) até o objeto causa de desejo simbólico (falo simbólico). Como se trata da simbolização da falta, está relacionada ao desejo.

Segundo Lacan, a introdução do sujeito na realidade não é pensável pela frustração, pois a relação da criança com a mãe não está fundada simplesmente na satisfação ou na frustração e sim no reconhecimento do objeto de desejo da mãe, o falo. A relação imaginária não é o suficiente para articular a questão do desejo.

Inicialmente, Lacan assinala a importância do complexo de castração, pois este tem como função a instalação de uma posição inconsciente, que possibilita ao sujeito, via sua entrada no simbólico, o acesso à sexualidade. Sexualidade que deixa de estar diretamente ligada à questão biológica, pois é a partir do complexo de castração que esta se organiza. É a função fálica que assinala que a ordem simbólica se separa da realidade biológica, impondo-se à ela.

Lacan, em 1958, escreve um texto de nome: *“A Significação do Falo”*, onde articula pontualmente a questão do falo. É Lacan quem privilegia o termo e a função do falo. O termo falo (*Phallus*) já aparece nos textos de Freud, embora sendo raramente utilizado, mas há constantemente referência ao estágio fálico, momento lógico da estruturação da sexualidade que culmina com o complexo de Édipo. Ao se reportar a isto, Freud faz a seguinte citação: “...para ambos os sexos, entra em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo.”⁶²

O termo falo faz referência à antiga Grécia, onde era freqüente o culto a objetos concretos ou a partes do corpo. O falo, símbolo do órgão sexual masculino, aparece como objeto de veneração relacionado à diferentes divindades. Afrodite, que reina sobre o prazer sexual, nasce do esperma que jorrou do membro de Urano, que fora cortado por Crono, logo,

⁶² FREUD, S. *A Organização Genital Infantil: uma Interpolação na Teoria da Sexualidade* (1923). Op. cit. v. XIX, p.180.

implicada com a questão fálica. O deus Hermes, ligado ao ritual do casamento, é dotado de falo em ereção. Priapo, embora o menor dos deuses, é provido do maior pênis. Pã, bode com silhueta humana, deus da sexualidade violenta, agride suas vítimas com o falo. Mas é a Dionísio que o falo está diretamente relacionado. É o deus que se manifesta pelo pênis, pênis cuja representação é o falo, que ocupa lugar central no seu culto, as faloforias, procissões do falo organizadas pela cidade.

São duas as narrativas relacionadas a Dionísio, deus que decreta o uso correto do vinho e como este deve ser feito. A primeira narrativa ocorre na cidade de Eleutêras, onde Pégaso entra na cidade carregando nos braços a estátua de Dionísio. Todos os anos era feita procissão em honra a Dionísio, mas desta vez, a cidade não recebe a estátua ou faz a procissão. Dionísio fica muito irritado e pragueja a cólera negra contra os habitantes da cidade. Esta doença fulminante atinge o sexo masculino, “...um Dionísio irritado por não lhe prestarem um culto e que escolhe o membro, o pênis, para dar a entender sob que égide, de fato, quer ser reverenciado.”⁶³ O único remédio para este mal é que a população reverencie a Dionísio a partir do falo, membro viril.

A segunda narrativa aponta para Acário. Este camponês recebe de Dionísio, a primeira cepa de parreira, e divulga o vinho produzido a partir dela. Os homens que bebem deste vinho caem em sono profundo e seus companheiros ferem Acário gravemente. Dionísio enfurecido, sob a aparência de um adolescente, busca sua vingança. Deixa os camponeses enlouquecidos de desejo por ele, pois incita-os. Após, desaparece, deixando os camponeses no auge de excitação sexual e insatisfeitos. Delfos recomenda que homenageiem Dionísio para que ele se acalme e a maldição desapareça. Esta homenagem é feita através de falos, “sexos masculinos autônomos”. O falo encarna a divindade de Dionísio, manifesta a potência vital, enquanto que da mesma natureza do vinho puro que jorra. Falo que não pertence a nenhum corpo masculino, pois “...Transcende ao corpo, excede a sexualidade humana, assim como a força do vinho ultrapassa os limites do banquete e da cratera, entre os que bebem e os convivas.”⁶⁴ Deste modo, percebe-se que, na Grécia antiga, o falo já aparece como uma representação do pênis.

⁶³ DETIENNE, M; SISSA, G. *Os Deuses Gregos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. p. 271.

⁶⁴ *idem*, p. 277.

Retomando o texto lacaniano, “*A Significação do Falo*”, percebe-se que o que Lacan mostra é que é em torno do falo, do significante fálico, que ocorre o complexo de castração. Embora a relação do sujeito ao falo remete à sexualidade, não leva em consideração a diferença anatômica, ou seja, estabelece-se nos dois sexos. Tanto para o menino, como para a menina, a mãe, *a priori*, é provida de falo, aparecendo como mãe fálica; trata-se aqui, novamente, do Outro não barrado.

O complexo de castração tem como ponto decisivo a descoberta da mãe como desprovida de falo imaginário, castrada. Segundo Lacan, o estágio fálico (período no qual ocorre o complexo de castração) revela a importância imaginária do atributo fálico e não o reconhecimento da vagina enquanto lugar de penetração genital. Não é da ordem do corpo que aqui se trata.

O falo simbólico é tanto a marca da castração quanto o significante que dá ao sujeito sua condição de ser sujeito, fixando a falta de objeto em que ele se sustenta. Por estar imerso no discurso, o sujeito passa a ser aquele que falta no discurso, aquele que falta na conta, mas isto só ocorre quando, no Outro, o falo simbólico se estabelece como significante do desejo do Outro, ou seja, enquanto o Outro está articulado em uma ordem fálica, de falta e, portanto, de desejo.

Lacan deixa claro que o falo em sua função não é uma fantasia, um objeto ou um órgão. O falo “...é o significante destinado a designar no seu conjunto os efeitos de significado, no que o significante os condiciona por sua presença de significante.”⁶⁵ O falo, enquanto significante, vem marcar o falo imaginário no complexo de Édipo. Falo imaginário que apontaria para a completude. O falo, enquanto uma imagem da falta, uma imagem negativa, é o falo simbólico. É enquanto imagem negativa que opera como elemento simbólico. O falo, enquanto significante, aparece como signo dos efeitos de significado, cuja vertente geradora é a metáfora e a metonímia. O falo simbólico refere-se ao o sujeito que constitui-se no campo da linguagem, onde toda significação remete à outra significação. Significação enquanto produto da oposição entre significantes, significação fálica enquanto produto da questão edípica.

⁶⁵ LACAN, J. *A Significação do Falo* (1958). In: Escritos. Op. cit. p. 267.

Como o sujeito constitui-se como efeito de significante, por estar submetido à linguagem e advir da relação com o Outro, enquanto tesouro de significantes, o sujeito se constitui como desejante e demanda, pois nenhum significante em si dá significado ao sujeito, “... é na cadeia do significante que o sentido insiste; mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação da qual ele é capaz no momento mesmo.”⁶⁶

É a partir da presença do significante que há um desvio das necessidades do indivíduo, que surge como sujeito, submetido à linguagem. É ao Outro, encarnado pela mãe, a quem o infans apela e recebe significantes. Diz Lacan: “A demanda em si se dirige a algo mais do que às satisfações a que ela apela. Ela é demanda de uma presença ou de uma ausência.”⁶⁷ Ou seja, o infans em suas necessidades estabelece uma relação com a mãe, mãe que aparece como “grávida deste Outro”⁶⁸, pois além da possibilidade de suprimir as necessidades da criança, pode privá-la. A demanda se sustenta na falta do sujeito. A mãe passa, então, de uma presença real a Outro, que contém significantes e os objetos que poderiam suprir as necessidades do infans passam a ter valor de representar o dom de amor.

A satisfação da necessidade é abolida pela presença da mãe enquanto simbólica. A partir daí há a obliteração da particularidade expressa na necessidade, mas há também um resto desta operação, o desejo. Lacan assinala que “... o desejo não é nem o apetite da satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeiro (*satisfação da necessidade, sic*) à segunda (*demanda de amor, sic*), o fenômeno mesmo da sua clivagem (*Spaltung*).”⁶⁹

O desejo advém em referência a um não ter. A causa do desejo é sempre uma falta, há uma falta na origem. O objeto primordial está para sempre perdido, cada relação de objeto surge como uma tentativa de reencontro, um reencontro falho. O objeto que simboliza esta falta é o falo. O nome fundamental da falta é castração.

Ao falar, o sujeito constitui o Outro, como lugar onde poderá ser ouvido, mas o Outro não pode atendê-lo. O Outro aparece como faltante e, a partir daí, o sujeito constitui-se como

⁶⁶ _____. *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* (1957). In: Escritos. Op. cit. p. 233.

⁶⁷ _____. *A Significação do Falo* (1958). Op. cit. p. 268.

⁶⁸ idem, p. 268.

⁶⁹ idem, p. 268.

desejo do Outro. O sujeito identifica-se ao falo imaginário para corresponder ao desejo do Outro, a mãe.

O sujeito, enquanto sujeito do inconsciente, assujeitado à linguagem, está submetido às leis do deslocamento e da condensação, e a partir daí o falo simbólico aparece enquanto significante privilegiado, pois o falo designa os efeitos do significado (metáfora e metonímia).

“O falo é o significante dessa mesma *Aufhebung*⁷⁰ que ele inaugura (inicia) pelo seu desaparecimento”⁷¹, ou seja, através da desapareição (castração) do falo imaginário, o significável é elevado a significante, e mantido na ordem da linguagem, enquanto lei. Sua significação remete à relação do sujeito ao significante, pois o que se conserva na ordem da linguagem é a lei paterna, ao final do Édipo.

O falo simbólico aparece como o significante do significado em geral e revela a relação do sujeito ao significante. O significante falo, para exercer seu papel, há que aparecer sempre velado, pois todo significável elevado à posição significante deve permanecer oculto, ou seja, possibilitando a metáfora.

O falo simbólico advém enquanto barra, pois há a ocultação da coisa pelo significante, o que vai possibilitar a substituição de um significante por outro, via metáfora..

“O fato do falo ser um significante, impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito lhe tenha acesso. Mas esse significante aí estando apenas velado e como razão do desejo do Outro, é esse desejo do Outro como tal que se impõe ao sujeito reconhecer, isto é, o outro no que ele é ele próprio sujeito dividido da *Spaltung* significante.”⁷²

O que surge aqui é a possibilidade do infans simbolizar a falta na mãe, ou seja, a mãe como castrada, e isto refere-se ao Édipo. As relações que aparecem no complexo de castração relacionam-se ao significante falo, em torno de ser ou ter o falo.

⁷⁰ *Aufhebung* - anulação, supressão. Anulação: elevação a outro plano, com a conservação do que foi suprimido.

⁷¹ LACAN, J. *A Significação do Falo* (1958). Op. cit. p. 269.

⁷² *idem*, p. 270.

4.3 O Complexo de Édipo em Freud

O complexo de Édipo apresenta-se na obra psicanalítica, como uma das mais importantes construções teóricas. Freud já o articula em seus primeiros estudos, como é revelado na carta que envia a Fliess, em 15 de outubro de 1897, quando após relatar algumas de suas experiências infantis, afirma: “Verifiquei, também, no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme pelo pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância...”⁷³ e fazendo referência a *Oedipus Rex* acrescenta: “Cada pessoa da platéia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse.”⁷⁴ Em “*Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*”, 1905, Freud já está formalizando o complexo de Édipo e em “*Cinco Lições de Psicanálise*”, 1909, ele o nomina de “...complexo nuclear de cada neurose...”⁷⁵ O termo complexo de Édipo passa a ser utilizado, com a referência que faz em “*Um Tipo Especial de Escolha de Objeto feita pelos Homens*”, em 1910, onde, ao escrever sobre o menino aponta que “...começa a desejar a mãe para si mesmo (...) e a odiar (...) o pai como rival que impede esse desejo; passa, como dizemos, ao controle do complexo de Édipo.”⁷⁶ Durante toda sua obra, Freud articula a questão edípica, privilegiando vários aspectos envolvidos.

Anteriormente à apresentação da teoria sobre o complexo de Édipo, cabe aqui um recorte que aponte a apresentação da tragédia de Édipo Rei.⁷⁷

O mito começa com Lábdaco, rei de Tebas, pai de Laio. O reinado de Lábdaco foi permeado por inúmeras guerras, sendo ele assassinado por ter se oposto á introdução do culto de Dionísio, em Tebas. Quando finalmente Laio assume o trono, depois de diversos percalços, casa-se com Jocasta. Sobre Laio, Apolo, em suas previsões, revela que não deveria ter filhos com Jocasta, para que pudesse salvar a cidade de Tebas. Mas, contrariando o mandamento do oráculo, Laio e Jocasta têm um filho. Ao recordar-se do veto de Apolo, Laio resolve livrar-se do filho. Alguns autores apontam que Laio teria colocado o filho numa cesta no mar, outros

⁷³ FREUD, S. *Carta 71* (1897). Op. cit. v. I, p. 285.

⁷⁴ *idem*, p. 285.

⁷⁵ _____. *Cinco Lições de Psicanálise* (1909-10). Op. cit. v. XI, p. 44.

⁷⁶ _____. *Um Tipo Especial de Escolha de Objeto feita pelos Homens* (1910). Op. cit. p. 154.

⁷⁷ BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega*. 4. ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1992. v. III, p. 233.

apontam que teria sido deixado num monte, com os pés amarrados⁷⁸, para que morresse. Édipo foi encontrado e criado na cidade de Corinto por Pólipo e Mériope, que não tinham filhos. Quando Édipo atinge a maioridade, abandona seus pais adotivos e parte para Delfos. A sacerdotisa de Apolo revela a Édipo que ele está condenado a matar seu próprio pai e unir-se à mãe. Frente à revelação do oráculo, Édipo não retorna a Corinto, para que assim a promessa não se realize. Édipo busca outro caminho mas, numa encruzilhada, encontra-se com a comitiva de Laio. Como estes viajantes quiseram afastá-lo do caminho, houve uma luta, sendo que Édipo acaba por matar Laio e outros elementos da comitiva, exceto um escravo, que retorna a Jocasta e revela-lhe a notícia. O escravo deturpa a história, alegando que Laio havia sido morto por assaltantes.

Édipo segue em direção à Tebas. Nas portas da cidade de Tebas estava a Esfinge, um monstro que devorava aqueles que não decifravam seu enigma. Os monstros gregos, geralmente, perguntavam determinados nomes ou segredos, por exemplo, o nome esotérico de certas coisas ou seres. Muitas vezes, a pergunta era sobre o nome do próprio monstro, nome que dificilmente ficava na memória dos homens. Mas, “No mito de Édipo acontece algo de significativo: a Esfinge não pergunta ao filho de Laio pelo nome dela, mas pelo dele.”⁷⁹

O enigma da esfinge era: “Qual o animal que, possuindo voz, anda, pela manhã, em quatro pés, ao meio dia, com dois e à tarde, com três?”⁸⁰ Ao invés de responder com seu nome próprio, Édipo responde com o nome da espécie: o homem.⁸¹ É pela possibilidade de jogar com seu próprio nome que Édipo vence a Esfinge.

Na Grécia, a vitória frente a um monstro deve ser coroada com a conquista de um reino e com o casamento com uma princesa, e o povo tebano exige que Édipo seja seu rei. Édipo e Jocasta casam-se e vivem felizes por muitos anos, até que Tebas é novamente assolada por uma peste.

⁷⁸ *Oidipus* quer dizer, em grego, pés-inchados. Édipo apresentava as marcas nos pés, marcas deixadas pelo pai ao amarrá-lo.

⁷⁹ *idem*, p. 260.

⁸⁰ *idem*, p. 261.

⁸¹ *Oidipus*, em grego, Também corresponde a *dipus*, que quer dizer dois pés.

Creonte, irmão de Jocasta, consulta o oráculo de Delfos e Apolo responde que é necessário que se encontre o assassino de Laio para que a peste deixe de agir sobre o povo. Não sendo possível descobrir quem matou Laio, Édipo vai procurar o adivinho de Tebas, Tirésias. Este, depois de pressionado, alega que foi Édipo quem matou Laio. Jocasta desmente Tirésias, revelando que o oráculo havia predito que Laio seria assassinado pelo próprio filho. Édipo é assolado por inúmeras questões. Estas questões só poderiam ser respondidas pelo escravo que estivera em presença do assassinato de Laio. Só ele poderia confirmar, ou não, se Édipo matara Laio. Mas Jocasta intervém e Édipo não o procura, relatando à Jocasta toda sua história, em detalhes. Jocasta percebe toda a trama, retira-se e enforca-se. Édipo após procurar o escravo e ter deste a confirmação de que matara seu pai e casara-se com sua mãe, fura seus próprios olhos, tornando-se cego, e exila-se.

Retome-se pois a questão edípica, na psicanálise, onde o complexo de Édipo refere-se às relações do filho (a) com os pais. Em Freud, este complexo é um processo que ocorre na constituição da sexualidade.

“O complexo de Édipo tem um significado meramente “simbólico”: a mãe, nele, representa o inacessível, a que se tem de renunciar no interesse da civilização; o pai que é assassinado no mito de Édipo é o pai “interior”, de quem devemos nos libertar a fim de nos tornarmos independentes.”⁸²

Freud, em *“A Organização Genital Infantil”*, 1923, faz uma interpolação sobre a teoria da sexualidade descrita em sua obra *“Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”*, de 1905. Um dos pontos importantes abordados é a aproximação entre a vida sexual do infans e a do adulto, que se dá de maneira muito ampla. O interesse pela genitalidade e sua atividade, torna-se de significação importante.

Diz Freud: “Ao mesmo tempo, a característica principal dessa organização genital infantil é sua diferença da organização genital final do adulto.”⁸³ O que Freud assinala aqui é a questão fâlica, pois para ambos os sexos o que é marcante é a primazia do falo. O falo já aparece como o representante da diferença.

⁸² FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico* (1914). Op. cit. v. XIV, p. 77.

⁸³ _____. *A Organização Genital Infantil: uma Interpolação na Teoria da Sexualidade* (1923). Op. cit. v. XIX p. 180.

O menino, no início, pressupõe que todos os seres humanos possuem um órgão genital igual ao seu. Seu órgão é motivo para as possíveis investigações e curiosidade no campo sexual. A partir destas pesquisas sexuais, o menino acaba por perceber que o pênis não é uma possessão universal, que nem todas as crianças possuem um órgão semelhante ao seu.

Logo o menino descobre que a menina não tem pênis, ao ver a irmã ou uma companheira de brincadeira. Mas, ainda assim, o menino rejeita o fato e passa a acreditar que o pênis está ali, embora pequeno e que mais tarde crescerá.

Posteriormente o menino dará outra explicação para a percepção da falta de pênis, alegando, então, que o pênis estivera lá, sendo retirado depois, ou seja, houve a castração.

Freud assinala como importante o fato de que "... o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levado em consideração."⁸⁴ Ou seja, na fase fálica a antítese que existe é entre possuir um órgão genital masculino e ser castrado. Nesta fase, existe masculino mas ainda não existe feminino, que aparece após a puberdade. Diz Freud: "Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade."⁸⁵

A questão se torna importante para o menino, principalmente porque ele ainda acredita que nem todas as mulheres são castradas, ser mulher ainda não corresponde à ausência de pênis. Por exemplo, sua mãe ainda o tem.

Posteriormente, quando o infans percebe que as mães podem dar a luz a bebês, o menino pode então se dar conta que a mãe não tem pênis.

Em texto datado de 1924, "*A Dissolução do Complexo de Édipo*", Freud procura dar conta do que acontece após o complexo de Édipo. Acrescenta que o menino, no período fálico, que é contemporâneo ao complexo de Édipo, se volta para o próprio órgão sexual, manipulando-o com freqüência. A masturbação constitui uma descarga genital da excitação

⁸⁴ idem, p. 182.

⁸⁵ idem, 184

sexual. Decorre daí a desaprovação dos adultos frente a este comportamento e a subsequente ameaça de castração do pênis. Geralmente, esta ameaça vem da mãe, sendo que esta faz referência ao pai.

É sob a ameaça da castração, diz Freud, que a organização genital fãlica se dissolve. A ameaça da castração, somada à visão dos órgãos genitais femininos, faz com que a ameaça de castração seja revestida de grande importância. O menino tinha como possibilidade de satisfação:

“... poderia colocar-se no lugar de seu pai, à maneira masculina, e ter relações com a mãe, como tinha o pai, caso em que cedo teria sentido o último como estorvo, ou poderia querer assumir o lugar da mãe e ser amado pelo pai, caso em que a mãe se tornaria supérflua.”⁸⁶

mas, ambas as possibilidades acarretam a perda do pênis, a primeira, enquanto punição, e a segunda, como pré-condição. Frente ao interesse narcísico pelo órgão peniano, o menino acaba abandonando os investimentos de objeto e os substitui por identificações. Surge como herdeiro do Édipo, em consequência das identificações, o núcleo do superego. Diz Freud: “A autoridade do pai, ou dos pais, é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo, assim, o ego do retorno do investimento libidinal.”⁸⁷ Uma parte dos investimentos libidinais do complexo de Édipo é transformada em identificações e outra é inibida em sua meta, ocorrendo, então, a dissolução do complexo de Édipo, via temor à castração.

Freud já neste texto questiona se o complexo de Édipo ocorre nas meninas de modo semelhante ao do menino. Inicialmente, o clitóris na menina revela-se como um similar ao pênis do menino. Ao comparar seus órgãos genitais, a menina mantém a esperança de que seu clitóris vai crescer tanto quanto o pênis.

Posteriormente, teoriza que tivera pênis, mas fora castrada, ainda não se dá conta de que as mulheres não o possuem. Quando percebe que as mulheres adultas também não têm pênis, a menina ‘tem que aceitar a castração’. Desliza, então, do desejo de ter um pênis para o

⁸⁶ _____. *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924). Op. cit. v. XIX, p. 220.

⁸⁷ *idem*, p. 221.

desejo de receber do pai, um filho. “Os dois desejos - possuir um pênis e um filho - permanecem fortemente investidos no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior.”⁸⁸

Em 1925, Freud escreve “*Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos*”, trabalhando as diferenças entre os sexos masculino e feminino.

Freud assinala que, em relação à pré-história do complexo de Édipo, no menino há uma identificação do tipo afetuosos com o pai, identificação que não revela qualquer rivalidade relacionada à mãe.

Em relação à menina, Freud acrescenta que o complexo de Édipo apresenta “uma longa pré-história”⁸⁹, podendo (o complexo de Édipo) ser considerado como uma formação secundária. No estágio fálico, a menina acaba por descobrir que o menino possui pênis e ela não o possui, nasce aí a inveja do pênis. “Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo.”⁹⁰ O complexo de castração na menina pode resultar em inúmeras conseqüências: a menina pode manter a esperança de algum dia ter um pênis e ser semelhante a um homem; pode recusar o fato de ser castrada e manter a convicção de que possui um pênis; o que se percebe é que há um afrouxamento da relação da menina com a mãe, pois esta é responsabilizada por não lhe ter dado um pênis.

A menina, ao aceitar a castração, desliza para uma nova posição, através da equação pênis-bebê. Abandona seu desejo de um pênis e passa a desejar um filho, um filho de seu pai. O pai, assim, é investido como objeto de amor e a mãe passa a ser objeto de ciúme.

Com estas articulações, Freud assevera que o complexo de Édipo na menina é uma formação secundária, sendo que o complexo de castração precede e prepara a menina para o complexo de Édipo.

No menino, o complexo de Édipo é dissolvido, enquanto que na menina é lentamente abandonado, sendo que isto ocorre, nos dois casos, via repressão. Em conseqüência disto, diz

⁸⁸ idem, p. 224.

⁸⁹ _____. *Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos* (1925). Op. cit. v. XIX, p. 313.

⁹⁰ idem, p. 314.

Freud, na mulher o superego não aparece tão inexorável como no homem. “Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração.”⁹¹ Assim, Freud coloca que o desenvolvimento sexual é uma consequência da distinção anatômica entre os órgãos sexuais e teoriza sobre como isto interfere no psiquismo.

Segundo Freud, o complexo de castração opera inibindo e limitando a masculinidade, incentivando, por outro lado, a feminilidade.

Nos meninos, o complexo de Édipo é dissolvido, seu investimento libidinal abandonado e sublimado, em parte; ocorrem identificações que formam o superego.

Freud termina este artigo assinalando o fato de que há uma disposição bissexual em ambos os sexos, e que masculinidade e feminilidade puras são construções teóricas de caráter duvidoso.

Posteriormente Freud escreve dois textos para articular as particularidades do complexo de Édipo nas meninas⁹², mas que, devido ao tema desta dissertação, não requerem ser discutidos, aqui, mais detalhadamente. Tais formulações podem ser encontradas, por exemplo, em “*Esboço de Psicanálise*”, datado de 1938. Novamente, Freud articula a questão da sexualidade edipiana, assinalando que o estágio fálico revela-se como a precursora da forma final assumida na sexualidade, assemelhando-se muito a ela. Neste estágio, a questão que se estabelece não está relacionada a ambos os órgãos genitais, mas sim, ao falo. “É de se notar que não são os órgãos genitais de ambos os sexos que desempenham papel nesta fase, mas apenas o masculino (o falo).”⁹³ Ambos, meninos e meninas, partem de sua curiosidade e buscam explicações às suas teorias sexuais. Se no início ambos crêem na universalidade do pênis, posteriormente, o caminho difere, como já foi assinalado.

⁹¹ *idem*, p. 318.

⁹² *Sexualidade Feminina*, de 1931 e *Feminilidade*, de 1933.

⁹³ FREUD, S. *Esboço de Psicanálise* (1938). Op. cit. v. XXIII, p. 179.

4.4 Édipo em Lacan

Lacan articula o complexo de Édipo a partir das construções freudianas, mas acentua que sua ocorrência se dá pela submissão do sujeito ao significante. O Édipo, em Lacan, é articulado em torno da Metáfora Paterna. Lacan em "*O Mito Individual do Neurótico*"⁹⁴ apresenta o Édipo como tendo um valor de mito, ou seja, é o mito que possibilita uma fórmula discursiva a algo que não pode ser transmitido na definição da verdade. A palavra pode expressar de modo mítico, embora não possa apreender a coisa em si mesma. Pode-se então, seguindo Lacan⁹⁵, identificar no Édipo três tempos distintos.

Primeiro tempo. Neste momento, o infans tem uma relação estreita e imediata com a mãe. Mãe que ocupa o lugar de provedora dos cuidados e das necessidades do infans. Mas, o infans busca na mãe mais do que o objeto de sua necessidade. A mãe está submetida à ordem simbólica, tem desejo de algo, algo além da satisfação do desejo da criança. Entre a mãe e o infans há um terceiro termo, o falo simbólico, que é objeto da privação da mãe, objeto simbólico de uma privação real. O infans depara-se com o Outro como demanda, com a impossibilidade do Outro em ser atendido em sua demanda. Funda-se, assim, o desejo como desejo do Outro. O infans, então, identifica-se com o significante da demanda, que é o falo.

Identifica-se com o que supõe ser o objeto de desejo da mãe, ou seja, o desejo do infans é o desejo do desejo da mãe. O infans se coloca na posição de objeto passível de preencher a falta da mãe. Esta possibilidade se abre pela natureza metonímica do objeto. O filho cumpre aí, para a mãe, esta função obturadora da falta como elemento significante numa cadeia significante.

À mãe falta falo e é por que lhe falta, que ela deseja. E não há algo que possa satisfazer a mãe, pois o objeto de desejo da mãe é o falo. O infans identifica-se, então, com o falo imaginário. O falo, aqui, aparece como objeto imaginário, com o qual o infans se identifica, para poder satisfazer o desejo da mãe. Esta possibilidade advém do estágio do espelho, das relações do infans com o próprio corpo. O infans mantém com a mãe uma relação dual e

⁹⁴ LACAN, J. *O Mito Individual do Neurótico*. 2. ed. Lisboa, Assírio e Alvim, 1987. p. 47.

⁹⁵ _____. *As Formações do Inconsciente* (Seleção de Oscar Massota). Buenos Aires, *Ediciones Nueva Vision*, 1970. p. 84.

especular, embora exista o terceiro termo, o falo imaginário. O desejo do infans está assujeitado ao desejo da mãe. O infans está alienado à questão fálica. A questão que se coloca é ser ou não ser o falo. O primeiro momento do Édipo refere-se ao registro do imaginário, momento de perfeição, completude narcísica.

Neste momento em que o infans está submetida à mãe, acaba por assumir seu desejo. Para coincidir com o objeto de desejo da mãe, o infans renuncia à própria palavra e segundo Lacan: "...recebe, no nível metonímico, a mensagem em estado bruto do desejo da mãe."⁹⁶

Segundo tempo. O pai aparece interferindo na relação do infans com a mãe, a relação deixa de ser dual. O pai surge como 'outro', na relação mãe-infans. Este outro é o objeto fálico, com o qual o infans pode rivalizar, junto à mãe. Esta rivalidade é imaginária e possibilita ao infans encontrar a lei do pai. O pai aparece como privador: tanto priva o infans do objeto de seu desejo, como priva a mãe do objeto fálico. "Em relação ao filho: não te deitarás com tua mãe. E com respeito à mãe: não reintegrarás teu produto."⁹⁷ Se para a mãe a interdição é realizada de modo direto, para o infans a interdição é feita via palavra da mãe, é pelo discurso da mãe, via significantes, que a lei do pai pode interditar.

O infans descobre, então, que o desejo de cada um está submetido à lei do desejo do outro, e que o seu desejo está na dependência de um objeto que o outro é suposto ter ou não ter. Este objeto é o falo imaginário.

Diz Lacan: "Aqui há uma substituição da demanda do sujeito: ao dirigir-se até o outro, o que encontra é o Outro do outro, sua lei. O desejo de cada um está submetido à lei do desejo do outro."⁹⁸ A mãe é percebida pelo infans como dependente de um objeto que o outro (pai) tem ou não. O pai, para o infans, interdita e desloca o desejo da mãe, pai que é percebido como outro, ao nível do imaginário. O objeto de desejo da mãe é, então, questionado pelo infans, a partir da interdição paterna. Esta experiência é vivida pelo infans como uma frustração, pois há uma falta imaginária da mãe, enquanto objeto de necessidade para o infans. A partir disto a criança questiona sua identificação fálica.

⁹⁶ *idem*, p. 89.

⁹⁷ *idem*, p. 89.

⁹⁸ *idem*, p. 87.

No plano imaginário, o pai priva a mãe de seu objeto do desejo. A intromissão do pai, na relação, é mediatizada pela mãe, que reconhece este pai como ditando a lei; o infans passa a perceber o pai como ocupando o lugar de depositário do falo simbólico. O pai, até então real, passa a pai simbólico, pois o infans supõe que o pai detenha o objeto de desejo da mãe.

Terceiro tempo. Neste momento ocorre o declínio do Édipo, com o final da rivalidade fálica, em torno da mãe. O pai já não é mais o falo imaginário, mas é aquele que tem o falo simbólico, falo como objeto desejado pela mãe. Ao final do Édipo, o falo aparece como a perda simbólica do objeto imaginário. O pai não é mais a lei, mas passa a ser o representante da lei. Ocorre aí a simbolização da lei, onde para o infans há a determinação do lugar do desejo da mãe. O pai não é mais um rival, nem aquele que priva a mãe do seu objeto de desejo. O pai passa a ocupar o lugar de objeto de identificação do infans, em sua formação do ideal do eu. Diz Lacan: "...nesta etapa, o pai é mais preferido que a mãe e esta identificação culmina na formação do ideal do eu."⁹⁹ O pai passa a ser o representante do ideal e o infans identifica-se com o que o pai representa.

Dependendo do sexo do infans, o processo identificatório ocorrerá de maneira diferente. O menino identifica-se com o pai, inserindo-se na dialética de ter o falo simbólico e renunciando a ser o falo imaginário da mãe. Para a menina, o pai é colocado como o portador do falo simbólico, enquanto ela própria reconhece que não tem falo. A menina também tem que abandonar o lugar de ser o falo imaginário, de ser o objeto do desejo da mãe; trata-se da dialética do ter sob a forma do não ter, e busca uma identificação possível na mãe, pois a mãe, de alguma maneira, sabe onde buscar o falo simbólico.

O falo, anteriormente localizado como objeto imaginário em relação à mãe, agora revela-se enquanto objeto simbólico. O falo passa a ser novamente o objeto desejado pela mãe, não apenas o objeto a ser privado à mãe, pelo pai. Tanto a mãe, como o infans, não têm o falo, mas desejam-no naquele que o detêm, o pai. É justamente a reinstauração da instância do falo simbólico que permite a estruturação do infans, enquanto sujeito.

⁹⁹ idem, p. 87.

Assim instaura-se a metáfora paterna. Metáfora esta que institui algo que é da ordem do significante, pois a metáfora implica na substituição do significante por outro significante. É então, via Metáfora Paterna, com a inclusão do Nome do Pai, que o infans ingressa na dimensão simbólica, afastando-se do assujeitamento imaginário à mãe e constituindo-se enquanto sujeito desejante. A Metáfora Paterna, o Nome do Pai, vem ocupar o lugar do desejo da mãe. Este mecanismo é correlato ao recalque originário. O pai não é o falo, mas seu representante, e a função Nome do Pai possibilita que a significação fálica incida sobre o sujeito.

A partir da inscrição do simbólico, o eu se faz elemento significante, a função paterna possibilita as identificações e constitui-se o ideal do eu. Ao abandonar o Édipo, o sujeito está provido do ideal do eu, diferente do eu ideal. O ideal do eu está ligado ao terceiro tempo do Édipo, onde o desejo do sujeito vai representar a masculinidade ou feminilidade.¹⁰⁰ Nos dois sexos o processo de identificação se dá pela via da falta, a sexualidade do sujeito é, assim, inscrita na cultura. Na formação do ideal do eu, "...o sujeito, enfrentando o objeto de que é privado, o constitui como significante, como sua própria metáfora."¹⁰¹

A mãe aparece para o infans como o primeiro objeto simbolizado, ausência e presença enquanto signo que possibilita a constituição do infans em sujeito desejante. É a emergência do significante que permite abrir o signo. O pai aparece como emergência do significante e o infans como desejado ou não. É a partir desta relação triádica, constituída a nível do significante, que a identificação é possível.

A fórmula da metáfora paterna é:

$$\begin{array}{l} \text{Nome do Pai} \quad \cdot \quad \text{Desejo da mãe} \quad \rightarrow \quad \text{Nome do Pai} \quad \left(\frac{A}{\text{Falo}} \right) \\ \text{Desejo da mãe} \quad \text{Significado ao sujeito} \end{array}$$

O Nome do Pai vem substituir, via Metáfora Paterna, a simbolização da causa do desejo da mãe pelo falo (significado do sujeito). Mediatizando a relação do infans com o

¹⁰⁰ idem, p. 103.

¹⁰¹ idem, p. 106.

desejo da mãe e o falo, o pai aparece como significante que representa a lei. O significante fálico aparece no Outro e está, agora, reprimido.

A função de pai, segundo a afirmação freudiana, é agente da função formadora do ideal do eu. Lacan assinala que este processo leva ao processo de identificação do sujeito às insígnias paternas. Insígnias paternas que têm valor de significantes. Esta possibilidade é aberta ao sujeito pela via da Metáfora Paterna. resta ao sujeito servir-se dela.

A partir destas considerações sobre a constituição do sujeito, segundo a psicanálise, desde Freud até Lacan, revela-se a importância de investigar o tema da identificação

A identificação advém como um processo na constituição do sujeito, como a possibilidade do sujeito advir enquanto efeito de significante.

Identificação que Lacan tomou dos textos de Freud e a articulou com os três registros (R.S.I.), mas que assim como em Freud, tornou-se tema relevante e em Lacan também mereceu destaque. Para estudar as identificações, Lacan apresenta um Seminário sobre esta questão e é neste Seminário que se pode encontrar o tema do nome próprio.

e agora, José?
e agora você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

C. Drummond de Andrade

Capítulo 5

5. Identificação e Sujeito

Entre 15 de novembro de 1961 e 27 de junho de 1962, Lacan dedica seu Seminário ao tema da identificação. Tema que já abordara anteriormente em um dos capítulos de seu Seminário “*Transferência*”¹, quando articula justamente a questão da identificação e transferência.

O Seminário de número IX, “*La Identificacion*”, aponta para a relação do sujeito ao significante.²

No princípio do texto, Lacan adverte que, para que seja articulada a identificação, é importante que se tenha clara a diferença entre o outro e o Outro, o pequeno outro e o grande Outro. Há aí uma diferença. O pequeno outro, do campo do imaginário, é o outro enquanto semelhante, com o qual o sujeito mantém uma relação dual e especular. O grande Outro, enquanto lugar do tesouro de significante, relaciona-se ao registro do simbólico. É a partir da demanda que o sujeito faz ao Outro e de sua resposta, em significantes, que o sujeito pode se constituir.

O Seminário inicia com indagações sobre a questão do idêntico, busca o que na identificação se situa como idêntico, como fundado na noção do mesmo, e ainda do mesmo ao mesmo. Lacan pergunta-se sobre o princípio de identidade, expresso por: $A=A$.

Lacan assinala que não vai interrogar-se a partir do campo da lógica, embora se utilize da lógica em suas reflexões, como outros autores já o fizeram³, mas sim através de uma

¹ “*A Transferência*”, de 16 de novembro de 1960 a 21 de junho de 1961. Também é datado de 1960, 19 a 23 de novembro, o Escrito: “*Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano*”.

² Lacan aponta que seus Seminários de número ímpar registram a questão do significante, enquanto que os de número par remetem à questão do sujeito.

³ Segundo Lacan, Russel e Wittgenstein trabalham a questão da identidade de $A=A$, através da lógica.

experiência de palavra, através de seus equívocos, suas ambigüidades e no que isto pode levar ao tema da identificação.

Na tentativa de esclarecer sobre o idêntico, Lacan questiona sobre a identidade que há em: “Penso, logo existo”, quando Descartes revela o ser como inerente ao sujeito, a partir desta fórmula. E o que Lacan pretende é mostrar que “...nada suporta a idéia tradicional filosófica de um sujeito, senão a existência do significante e seus efeitos”.⁴ Este é o ponto de partida para precisar a dependência da formação do sujeito em relação à existência de efeitos do significante como tal, ou seja, situar as relações da identidade do sujeito pela fórmula cartesiana.

Descartes, em seu trajeto, pretende unificar, através do auxílio da matemática, todo o campo do conhecimento e para tanto seria necessário banir qualquer dúvida. O único caminho que encontra para superar a dúvida é esgotar todas as possíveis dimensões da dúvida. Passa, então, a duvidar metodicamente de tudo. Ao verificar suas próprias idéias, percebe que algumas são instáveis e obscuras, atingíveis pela incerteza. Estas referem-se a objetos físicos. De modo contrário, as idéias usadas pela matemática revestem-se de clareza e distinção. Estas idéias aparecem como idéias inatas, independentes da experiência dos sentidos e constituem o substrato inato do pensamento. O que Descartes procura é uma construção através de idéias claras e objetivas, mas, questiona-se sobre qual garantia poderia ter de que estas idéias correspondam a algo real.

Nesta busca, Descartes amplia sua dúvida tornando-a hiperbólica. Duvida também, das idéias claras que se apresentam como evidentes. Constitui-se aí a hipótese do “gênio maligno”⁵, um princípio de malignidade que faria com que, justamente quando o homem tivesse a impressão de estar certo, estivesse errando, ou seja, Descartes questiona como é possível que algo subjetivo tenha sua correspondência no mundo objetivo, como a ciência pode não ser apenas uma ficção. Descartes coloca em xeque a objetividade do conhecimento científico. É a partir de todas estas dúvidas que Descartes extrai uma possibilidade de certeza: “se duvido, penso”, embora a única garantia que aparece aí seja a própria subjetividade

⁴ LACAN, J. *La Identificación*. Sem. IX, inédito. Classe de 15 de novembro de 1961.

⁵ DESCARTES, R. *Discurso do Método; As Paixões da Alma*. In: Os Pensadores. 4. ed. São Paulo, Nova Cultura, 1987. p. XIV.

(penso). Esta primeira certeza “se duvido, penso”, leva ao cogito: “Penso, logo existo” (*Cogito ergo sum*)⁶. Há, assim, a certeza de um eu, dependente de um pensamento, “...se deixasse de pensar, deixaria totalmente de existir”⁷. Para que haja um desdobramento da subjetividade, que mostra a existência do pensamento, para a objetividade, Descartes procura mostrar a existência de Deus. Deus aparece, assim, como o fundamento da objetividade. O Deus cartesiano garante a objetividade científica, impedindo a armadilha de um Deus enganador.

Lacan introduz o tema da identificação, a partir da reflexão filosófica de Descartes. Entretanto, deixa claro que faz sua investigação a partir do campo da psicanálise, onde há a investigação sobre o sujeito do inconsciente, sujeito da enunciação, enquanto que o que é revelador, segundo Lacan, no campo da filosofia, é a instância do eu. Com este caminho, pretende explicitar sobre o que se trata na identificação, pois na experiência analítica a identificação é uma identificação ao significante. O cogito apresenta-se, para Lacan, como uma identificação enganosa, entre o pensamento e o ser do sujeito, pois Descartes deposita a certeza da existência do sujeito, no fato do sujeito pensar.

Segundo Lacan, “Penso, logo existo” apresenta uma objeção, “eu penso” não é um pensamento. Pensamento aqui, referindo-se aos pensamentos inconscientes, *Gedanken*, que remetem ao sujeito do inconsciente. Embora Descartes proponha esta fórmula a partir de um processo de pensamento, o que ocorre é um pensamento do registro do imaginário, um pensamento de pensador. Mas para se falar de pensamento, não se exige um pensamento de pensador; um pensamento para dizê-lo, não exige que se pense em pensamento.

Para a psicanálise, o pensamento começa no inconsciente; pensamentos, em psicanálise, são *Gedanken*, termo freudiano para designar o conteúdo latente dos sonhos, estruturado como rébus, mensagem cifrada, letras, significantes estruturados como uma linguagem. A psicanálise tem, em relação ao sentido do pensamento, uma medida que vai além, que não é a da filosofia, pois estes dois campos não se recobrem.

⁶ *idem*, p. XVI.

⁷ *idem*, p. XVI.

Investigando a fórmula “penso, logo existo”, Lacan interroga a palavra “penso”, para ver se são satisfeitas as características do que se pode chamar pensamento. “Penso” aparece como uma palavra insuficiente para sustentar qualquer coisa que possa situar uma presença: “sou”.

Lacan assinala que “penso” aparece na mesma categoria de “eu minto”, onde o que há é uma aparência de sentido. “Eu penso” não é mais sustentável logicamente (vacilação lógica) do que “eu minto”. “Eu minto”, diz Lacan, é verdade, enquanto alguém o diz, então não mente, mas mente bem, pois ao dizer “eu minto” afirma o contrário.

Esta dificuldade lógica implica no fato de que o juízo envolvido em “eu minto”, o julgamento que comporta, não pode apoiar-se sobre seu próprio enunciado. Há aí a ausência de distinção de dois planos, enunciado e enunciação. O que aparece aqui é uma negação do inconsciente, da divisão do sujeito. O sujeito do inconsciente apresenta-se como dividido pela linguagem que, no discurso, aparece como enunciado e enunciação. Não se trata, então, de uma autêntica proposição.

Em psicanálise, enunciado aponta para a dimensão imaginária, para o eu, onde o eu, através de seu dito, mascara a verdade do sujeito, sendo, pois, da ordem do desconhecimento de si mesmo. O sujeito da enunciação remete ao inconsciente, ao que é do campo da linguagem de onde o sujeito advém, do dizer.

“Eu penso” demonstra a dimensão voluntária do juízo. As linhas, o enunciado e a enunciação, na medida em que se confundem, acabam por remeter ao impasse do “eu minto”. É admissível, assim, mentir e dizer que “eu minto”, não mentir portanto, se é feita a distinção destas duas vozes (enunciado e enunciação).

Se para o “eu penso” têm-se as mesmas exigências que para o “eu minto”, diz Lacan, então, “penso que penso”, logo “eu penso”, o que é da dimensão imaginária. Esta construção lógica indica que “sou um ser pensante”. A partir do “sou um ser”, demonstra-se que em Descartes “sou um ser essencial ao ser”, onde o ser é inerente ao sujeito.

Lacan, ao assinalar e relevância, em psicanálise para a distinção entre as duas vozes formula “Eu sei que minto”, questionando a partir daí o fato de as investigações cartesianas

remeterem a um saber absoluto, enquanto que o quê a psicanálise trata, é do Sujeito suposto Saber, onde há ausência de saber absoluto.

O que Lacan investiga é a questão da identidade, que em lógica faz equivaler $a = a$, e se esta identidade é pertinente ao processo de identificação, segundo a psicanálise. Em sua proposta de articular o tema da identificação, e a identificação é ao significante, Lacan acentua a importância da primazia da função significante enquanto articulada com o sujeito. Para mostrar se há identidade possível do significante, retoma o exemplo de Saussure, sobre dois expressos “Genebra-Paris”, que partem com 24 horas de intervalo, segundo Lacan, exemplo privilegiado por seu valor de imagem.

O que Saussure apontara é que a identidade lingüística não é puramente material, envolvendo outras condições como a hora da partida, o itinerário, etc., embora, provavelmente, locomotivas, vagões, pessoal, etc., fossem diferentes.

Lacan articula a identidade própria do significante, trabalhando o que ele chama de expresso das 10 hs. 15. Expresso definido em sua identidade, entretanto em seu material ou em sua composição não apareçam senão diferenças. A identidade está justamente no encadeamento de organização significante, quando os sujeitos falam do expresso das 10 hs. 15, há a articulação do real por intermédio do significante. O trem das 10 hs. 15 apresenta uma identidade aparente do significante, onde a identidade se faz de puras diferenças. O “trem das 10 hs. 15” é o primeiro significante e os outros significantes referem-se aos diversos elementos que constituem o expresso.

A partir destes questionamentos vão delineando-se dois campos de identificações: a identificação do registro do imaginário, onde o que está envolvido é o ‘mesmo’, a imagem enquanto igualdade; e o campo da identificação ao significante, onde o que há são diferenças.

Inicialmente, há a necessidade de tomar por oposição, a identificação imaginária, identificação do estágio do espelho, que Lacan ilustra com o exemplo, da história natural, do inseto chamado grilo peregrino, em cuja evolução haverá crescimento e aparição do conjunto de fâneros, ou não, segundo a imagem de seu semelhante; ou seja, ocorre um efeito orgânico a partir de uma imagem, imagem do semelhante. Esta imagem pode ser tanto a de outro inseto

semelhante, como a imagem refletida por um espelho plano. Mas, para que o sujeito estudado pela psicanálise, para que este se estruture, é necessário algo além da especularidade, esta experiência há que ser feita em presença do Outro. É preciso que o sujeito identifique-se com o Outro, através da identificação simbólica.

Lacan assinala que a relação de espelhismo pode ser encontrada no pensamento científico, que, após a descoberta da lingüística, da dimensão da cadeia significante, a reduz a termos muito simples, como é o caso das teorias da informação. Esta teoria apresenta um esquema mínimo de comunicação, onde uma fonte emite mensagens que são transformadas por um transmissor em sinais (codificação) a serem veiculados por um canal; posteriormente estes sinais são transformados pelo receptor através da decodificação e assim a mensagem pode ser recebida pelo destinatário. A seqüência de sinais segue regras combinatórias precisas, sendo que a unidade com o qual se opera são os *bits*, sinais possíveis de escolha. Existem dois sistemas, codificação e decodificação, onde um é, em relação ao outro, sua imagem.

Mas o que Lacan anota é que a partir da descoberta da dimensão significante, o que se apresenta é “...o desprendimento do que é ancorado pela experiência da linguagem e do que a relação significante nos permite introduzir como dimensão original que se trata de distinguir radicalmente do real sob a forma da dimensão simbólica.”⁸ Ou seja, a descoberta da dimensão significante determina para a psicanálise, justamente, que não há simplesmente uma relação de equivalência e espelhismo

Em relação ao significante, Lacan assinala a originalidade que aporta o traço, como função de corte, pois cada significante tem como característica “... ser o que os outros não são”.⁹ O significante introduz a diferença, permitindo assim marcar os cortes. É como pura diferença que marca a diferença no real, e esta diferença é introduzida com o significante marcando, apagando a coisa.

Retomando o tema do saber absoluto que Descartes apresenta através da figura de Deus e sua relação com o Sujeito suposto Saber, do campo psicanalítico, Lacan afirma que: “Este sujeito, suposto saber, temos que aprender a renunciar a ele a todo o momento (...) ele

⁸ LACAN, J. *La Identificacion*. Op. cit. Classe de 22 de novembro de 1961.

⁹ *idem*.

está excluído...”¹⁰ Este sujeito, Lacan o interroga, e o faz a partir de Descartes com o impossível do “penso, logo existo”.

Isto tem a ver com a etimologia do verbo “*penser*” (pensar), que aponta para “*peser*” (*pesar*). Este “eu penso” remete a “no que penso”, reenvia a “de que e a partir do qual eu penso”, que é subtraído e a partir do qual se supõe a interrogação. Se o “eu penso” não possui um ponto privilegiado sobre o qual o sujeito possa se fundar, cabe então interrogar-se sobre este sujeito. “Esta fórmula parece implicar que é necessário que o sujeito se preocupe de pensar em todo instante para assegurar-se de ser, condição já bastante estranha, mas suficiente? Basta pensar ser para alcançar o ser pensante?”¹¹ O sujeito tem que pensar ininterruptamente para se assegurar de ser e o pouco de ser que adquire, esgota-se no pensamento.

A interrogação cabe a este ser pensante (*être-penser*), mas “*je pensêtre*” (eu penso-ser), segundo Lacan, conota apenas traços de aparência. O ato de *être-penser* (ser-pensar), segundo Lacan, leva a um “*peut-être je*” (talvez eu), configurando o “eu”. “Eu” articulado ao Deus enganador a quem Descartes remete-se. O que aparece aqui é o registro do imaginário.

O caráter evanescente desse “*je*”, diz Lacan, assinala que o primeiro passo cartesiano é articular “eu penso e eu não sou” (*je pense et je ne suis*). Lacan conclui que “*je dépense*” (eu gasto), ao pensar tudo o que o eu pode ter de ser, e que é justamente ao deixar de pensar que pode advir que seja. Diz Lacan: “...penso onde não existo, portanto existo onde não penso (...) eu não sou, lá onde sou o joguete de meu pensamento; eu penso no que sou, lá onde eu não penso pensar.”¹² Continua para introduzir que “*je pense et je ne suis*” (penso e não sou), aponta para a questão do “*je*” na língua francesa, um “*je*” facilmente elidido ao falar.

Lacan assinala que, embora, a temática cartesiana, para ele, seja injustificável logicamente, não é irracional, pois o que o cogito apresenta é a questão do sujeito, “...o sujeito mesmo como ato inaugural o que está em questão.”¹³

¹⁰ *idem*.

¹¹ *idem*.

¹² LACAN, J. *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* (1957). In: *Escritos*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1988. p. 248.

¹³ LACAN, J. *La Identificación*. Op. cit. Classe de 22 de novembro de 1961.

O primeiro tempo da meditação cartesiana, tempo primordial que conduz a um Deus que assegura a verdade de tudo o que se articula, não só garante que a verdade existe, como também que a verdade poderia ser outra, se este Deus o quisesse. É o verdadeiro do verdadeiro o que está aqui implicado.

Lacan pontua:

“...encontramos aí tudo que pode chamar-se a bateria de significantes confrontada a este traço único, este *Einzigiger Zug*, que conhecemos já, na medida em que, em rigor, poderia ser substituído a todos os elementos do que constitui a cadeia significante, suportar esta cadeia por si só, e simplesmente por ser sempre o mesmo.”¹⁴

Na experiência cartesiana do sujeito evanescente como tal, o que este encontra é a necessidade desta garantia, do traço único, despersonalizado de todo conteúdo subjetivo e toda a variação que supere este traço, “...deste traço que é um, por ser o traço único.”¹⁵

A fundação deste um que constitui o traço unário está tomada em sua unicidade, em que cada um é um por ser pura diferença, que é o que tem em comum todo o significante, ter este traço, o traço unário, como suporte.

O que Lacan assegura é que todo o investimento da lógica clássica está pautado na necessidade estrutural, que é a mesma por ele apontada como a do Ideal do eu, ponto concreto da identificação inaugural do sujeito ao significante radical. Ponto concreto, pois remete ao traço unário como tal. Se Descartes busca garantias à existência do sujeito do cogito, em psicanálise esta garantia advém do traço unário. A construção lacaniana busca o sujeito do inconsciente. Se até então a articulação trazia o registro do imaginário e do simbólico, agora Lacan introduz a questão do traço unário e sua relação ao registro do real. O ponto de investigação é assim, o significante e o traço unário.

Lacan inicia a classe de 29 de novembro pontuando que conduziu seu discurso até “...esse significante que é necessário que seja de alguma maneira o sujeito para que seja verdadeiro que o sujeito é significante.”¹⁶ Trata-se pois do 1 enquanto traço único, que Lacan

¹⁴ *idem.*

¹⁵ *idem.*

¹⁶ _____. *La Identificacion*. Op. cit. Classe de 29 de novembro de 1961.

chama de significante mestre, do 1 de “... aluno X, você me fará cem linhas de 1”¹⁷, de riscos, traços. O mestre diz: “...aluno Y, você terá um 1 em francês”¹⁸, traçando o *Einzigster Zug*, “...o traço único do signo para sempre suficiente da notação minimal”¹⁹, signo que aqui aparece como marca. E isto é o que tem a ver com a identificação, estabelecendo-se aí uma relação. O um enquanto estrutura de pura diferença, aponta para a possibilidade de outros “um”, para a enumeração. Este um, do *Einzigster Zug*, não é um enquanto identidade revelando a unificação, que não é o caso aqui, pois para a psicanálise o que se apresenta é o sujeito como dividido, dividido justamente pelo efeito do significante.

O um para a psicanálise, diz Lacan, é

“... a figura já assinalada para nós do traço unário, do *Einzigster Zug*, na medida em que é nele que se concentra para nós, a função de indicar o lugar em que está suspensa no significante, aonde está enganchada, no que concerne ao significante, a questão de sua garantia, de sua função, disso ao que serve, esse significante, no advento da verdade.”²⁰

Ou seja, a garantia da função significante está no traço unário. Se para Descartes é necessário um Deus bom, que possa garantir a verdade, para o significante, a garantia está justamente no que lhe dá suporte, o traço unário.

A questão colocada por Lacan é da identidade, onde o sujeito busca assegurar-se através de um juízo de identidade que faça a ancoragem de seu próprio ser de sujeito. Nesta tentativa, o que se encontra de identidade, é a repetição a nível significante.

Ainda em sua articulação sobre a questão da identidade e da identificação, Lacan faz outras considerações para tornar estes pontos mais claros. Faz um recorte sobre o que acontece com sua cadela, Justine. Justine não é sujeito, não pode se identificar. A identificação tem a ver com a linguagem; Justine, segundo Lacan, fala, tem a palavra, embora não tenha totalmente a linguagem, ou seja, não tem a relação de sujeito com a linguagem, o que aparece aqui é a noção do pré-verbal. Justine fala nos momentos em que tem necessidade de falar, através de pequenos gemidos guturais.

¹⁷ *idem.*

¹⁸ *idem.*

¹⁹ *idem.*

²⁰ *idem.*

O que distingue este animal falante do que acontece ao sujeito que fala, é que Justine nunca toma Lacan por um outro. Ela sabe que é Lacan quem está ali. Ao contrário do que acontece com a experiência analítica, onde o analisante toma o analista por um outro, coloca-o a nível de grande Outro. Mas com Justine isso não acontece pois ela não tem capacidade de transferência.

Lacan dá um exemplo da pressuposição espontânea da identidade de duas aparições bem diferentes. Para ilustrar como o sujeito pode tomar alguém por Outro, relata uma lenda celta, um traço de folclore, onde um servidor de uma granja, após a morte do amo do lugar, vê um rato e o segue. O rato dá uma volta pelo campo, vai à granja onde estão os instrumentos de trabalho, passeia por sobre estes instrumentos e desaparece. O servidor da granja, que já sabia do que se tratava, vê um tempo depois, o amo em uma aparição, e tem do fantasma a confirmação pois o amo lhe relata que viera dar uma última volta para poder dizer adeus.

O exemplo é tomado para apontar a identidade, nas duas aparições individuais, distintas. O sujeito, narrador desta história, põe o ser na posição de amo, mesmo enquanto este pequeno animal. O personagem da lenda reconhece, quando do surgimento do animal, uma pessoa que perdera. Ao servidor da granja o que acontece é igual ao que ocorre para aqueles que consideram $A=A$, $A=A$ é o que funda o pensamento cartesiano, e não é disto que se trata em psicanálise.

Para provar que A não é igual a A , Lacan utiliza-se da função do um, e a partir daí introduz a questão da identificação.

Lacan faz uma citação do “*Curso de Lingüística Geral*” de Saussure:

“Aplicado à unidade o princípio de diferenciação pode formular-se assim: os caracteres da unidade se confundem com a própria unidade. Na língua, como em todo sistema semiológico - isto merece ser discutido - o que caracteriza um signo é tudo o que o constitui. É a diferença o que constitui o caráter, como confere o valor da unidade.”²¹

²¹ idem. Esta citação corresponde ao “*Curso de Lingüística Geral de Saussure*”, p. 141, já feita anteriormente, sendo que, devido às traduções, aparece com pequenas diferenças.

Na lingüística, o signo é significativo, além de seus conteúdos, pelas relações de oposição que mantém com os outros signos na cadeia de signos. Em lingüística, segundo Lacan, o que existe são leis, não havendo o reenvio ao Outro, portanto não há traço unário.

A utilização deste texto de Saussure serve para pontuar que o que distingue o significante é ser, justamente, o que os outros não são. Lacan aqui faz uma suposta equivalência entre o que a lingüística toma como signo e o que ele assinala como significante, para asseverar a supremacia do significante. E acrescenta que: "...o que, no significante implica que esta função da unidade é justamente não ser senão diferença. É enquanto pura diferença que a unidade, em sua função significante se estrutura, se constitui."²²

O que se deve ter em mente é que "...o um como tal é o Outro."²³ É a partir desta estrutura básica do um como diferença que se pode ver de onde o significante se constitui. "É no Outro que o A (*de Autre*) do A é A, o grande A"²⁴.

A identificação não tem nada a ver com a unificação, "...a identificação não é simplesmente fazer 1"²⁵, embora gire em torno do 1. O um é a estrutura da diferença como tal. É o um que fundamenta a existência de pelo menos um outro, no sentido da diferença.

Nesta questão relacionada à identidade, o "a é a" parece querer dizer algo, diz Lacan, como se remetesse a um "significado". Mas o que pretende expor é que 'a é a'²⁶, não significa nada, e é justamente deste nada que se trata, "...pois é este nada o que tem valor positivo para dizer o que isto significa..."²⁷

Esta identidade aponta para a repetição significante, como é exemplo o jogo do *Fort-Da*, onde Freud assinala o gesto inaugural, de seu neto, no jogo. O neto de Freud, com aproximadamente 4 anos, diverte-se jogando um carretel e puxando-o de volta, explanando *Fort* e depois *Da*. Isto acontece quando em falta de sua mãe. O carretel desaparece e reaparece, o pequeno infans pressupõe que se trata do mesmo, mas esta alternância de

²² idem

²³ idem

²⁴ idem

²⁵ _____. *La Identificacion*. Op. cit. Classe de 6 de dezembro de 1961.

²⁶ Lacan, que até aqui escrevera sobre $A \neq A$, toma agora $a \neq a$.

²⁷ _____. *La Identificacion*. Op. cit. Classe de 6 de dezembro de 1961.

presença e ausência só tem razão de ser ao jogar; na medida em que o infans identifica-se com o carretel como ausente, identifica-se com um significante que falta, pois o infans está submetido ao campo da linguagem, ao registro do simbólico. Quando está o *Fort*, é o *Da* que falta. Entre estes dois significantes, pura diferença entre o “o” e o “a”, está o sujeito.

Lacan retoma o jogo exemplificando-o através de uma bolinha de ping-pong, a oculta e volta a mostrá-la. Assinala, então, que a bolinha é a bolinha, mas não se trata de um significante, é um objeto. Diz Lacan: “...este pequeno a é um pequeno a ...”²⁸, mas há, entre isto, dois momentos. A desapareição da bolinha implica que “...sem isto não há nenhum meio de mostrar, não há nada que se forme no plano da imagem.”²⁹ O que há além do campo da imagem é o significante. O “é” da igualdade une duas aparições da bolinha, sendo que há uma desapareição intermediária. No plano imaginário aparece a questão deste “é”, com a desapareição, o que o causa.

No exemplo da lenda folclórica, há a assunção espontânea pelo sujeito da “identidade” de duas aparições, embora diferentes. O servidor da granja reencontra seu amo no corpo do rato. Há a relação do “é ele”, com “de novo ele”. Segundo Lacan, está aí a experiência mais simples, o modelo e o registro da identificação. No “ele”, “de novo ele”, para aquele sujeito, trata-se do mesmo ser que aparece.

O que se inscreve aqui é a relação da identificação do sujeito com algo diferente da simples aparição e desapareição, trata-se de sua relação ao significante. Para tanto, é necessário investigar a questão do significante como tal.

“O significante não é um signo”³⁰, diz Lacan, e a partir da articulação da diferença precisa entre signo e significante, é que é passível articular o sujeito enquanto efeito de significante.

Lacan retoma o exemplo, já utilizado anteriormente sobre a pista, o sinal, a marca de um passo, deixada na areia, vista por Robinson Cruzoé. O sinal de passo (*pas*) revela à Robinson que ele não está só na ilha.

²⁸ idem.

²⁹ idem.

³⁰ idem.

Diz Lacan:

“A distância que separa este passo (*pas*) do que advêm foneticamente o não (*pas*), como instrumento de negação, são justamente os dois extremos da cadeia que aqui lhes peço sustentar antes de mostra-lhes efetivamente o que a constitui, e que é entre as duas extremidades da cadeia e nenhuma outra parte, que o sujeito pode surgir.”³¹

No princípio há um sinal. O caçador apaga suas pegadas (desaparecimento duplicado) e posteriormente há a retomada do rastro apagado, para que agora possa servir de marca para alguém, contornando o rastro apagado com um círculo; há, assim, o apagamento da coisa.

Com todas estas considerações feitas acerca da identidade, Lacan pode então relativizar a afirmação de “a é a”, alegando que esta afirmação apresenta um falso efeito de significado, sendo não verdadeira, pois “a não pode ser a”.

Em relação ao significante, este não pode ser idêntico a si mesmo, assim como quando se diz “a guerra é a guerra”, não há aí, tautologia. Em “a guerra é a guerra” se diz algo, embora não se saiba o quê, mas se pode remeter, por exemplo, diz Lacan, para um “se está em estado de guerra”. Os dois significantes não se referem a significados idênticos, há aí uma diferença.

Ainda quanto à não existência da tautologia, em relação ao significante, Lacan dá outro exemplo: “meu avô é meu avô”. O primeiro termo “meu avô”, enquanto índice de um termo, não é sensivelmente diferente de um nome próprio (Emile Lacan), nem do “c”, de “esse é meu avô”, em francês (“*c’est mon grand père*”).

A partir disto Lacan introduz a questão do nome próprio, alegando que é importante frisar que o nome próprio não é o mesmo que este ‘c’ (*c’est*), do “*this is my grand father*”, embora tenha certa aproximação.

Esta referência é ao texto de Russel para quem o nome próprio é da mesma categoria, da mesma classe significante que o *this*, *that* ou *it*, pois são passíveis do mesmo uso funcional. Quando Lacan faz referência a Russel é para destacar como este autor define o nome próprio

³¹ *idem*.

como “...palavras que são particulares”³² Particulares são termos de relações em fatos atômicos, ou seja, as espécies mais simples de fatos. Por exemplo: “...aqueles que consistem na posse de uma qualidade por parte de uma coisa particular.”³³ As únicas palavras que se usam no sentido lógico, segundo Russel, são palavras como ‘isto’ e ‘aquilo’.

Para Lacan provar que em “meu avô é meu avô” não é uma tautologia, fala de seu avô: “...execrável pequeno burguês (...) bom homem (...) pai de meu pai”³⁴, assinalando, assim, que do que trata é do ato do nascimento do seu avô, da relação do real ao simbólico, no que isto marca a história de um sujeito.

Portanto não há tautologia possível. Num mesmo estatuto “a” não pode ser “a”, pois “a”, enquanto significante, “...não pode definir-se senão justamente de não ser todos os outros significantes”³⁵, ou seja, não poderia ser o mesmo.

Também os lógicos articulam a questão de “a é a”, utilizam-se da letra “a”, diz Lacan: “É porque para sustentar o que se designa, é necessário uma letra”³⁶. Justamente é a letra o que vai determinar a distinção entre significante e signo é a letra, letra enquanto essência do significante. Em relação à essência do significante, está o traço unário, *Einzigiger Zug*. É o traço unário que dá à função significante seu valor, seu ato e sua pertinência. Segundo Lacan, o termo unário é tomado da teoria dos conjuntos em substituição ao termo único, que poderia resultar em confusões, pois do que se trata aqui é da diferença, enquanto um contável e não enquanto unificador.

Traço unário enquanto diferença mas, não se trata de diferença qualitativa, ou seja, do que a lógica aponta como importante, onde se busca um esquema simplificado, sendo a identidade definida pela eliminação das diferenças qualitativas. Ao introduzir o *Einzigiger Zug*, o traço unário, o que faz através da questão da identidade e da singularidade, Lacan trabalha a partir do relato de sua visita ao *Museo Saint-Germain*, particularmente na sala *Piette*, onde vê uma costela delgada de mamífero. Nesta costela o caçador madalegniano marca através de traços, suas caçadas. Aparecem aí uma série de pequenos traços, “... dois primeiro, logo um

³² Russel, B. *Ensaio Escolhidos*. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1978. p. 71.

³³ idem, p. 70.

³⁴ LACAN, J. *La Identificacion*. Op. cit. Classe de 6 de dezembro de 1961.

³⁵ idem.

³⁶ idem.

pequeno intervalo, e em seguida cinco, e logo isto recomeça”.³⁷ Segundo Lacan, está apresentada aí a distinção às diferenças qualitativas, apesar de cada traço não ser idêntico ao seu vizinho, não é por isso que funcionam como diferentes, e sim porque a diferença significativa é distinta da diferença qualitativa e esses traços marcados no osso funcionam como significantes, pois cada traço, idêntico ou não, é outro.

Diz Lacan: “... o significante como tal serve para conotar a diferença em estado puro, e a prova é que em sua primeira aparição, o 1 manifestadamente designa a multiplicidade atual.”³⁸ As caçadas distinguem-se umas das outras por certos traços e se parecem umas às outras, por uma mesma linha geral, são caçadas de animal.

Do mesmo modo: “Laplanche é Laplanche e Lacan é Lacan”. Não são as características físicas que os tornam diferentes, também em relação a “Laplanche não é o pensamento de Lacan”, ou “Lacan não é o ser de Laplanche”, a questão não se resolve no real, é o significante que introduz a diferença como tal no real. Também aqui, não se trata de diferenças qualitativas.

A função de diferença significativa apresenta-se paradoxalmente, “...por ser justamente diferente desta diferença que se fundaria sobre a semelhança, ou não, de ser outra coisa que distinto...”³⁹ A distinção manifesta no traço unário não distingue uma identidade de uma semelhança e sim, distingue o significante do signo.

Justine, a cadela, não sabe quem ela mesma é, por isso está à busca de signos e então fala, mas não é uma linguagem, pois Lacan só pode dar-lhe signos e não significantes. Logo, ela ignora a diferença marcada pelo significante. Lacan está para Justine como suporte de signo. Lacan funciona para Justine como o referente atrelado ao signo.

“A distinção da palavra, como pode existir a nível pré-verbal e da linguagem, consiste justamente nesta emergência da função do significante (...) Um signo (...) é representar algo para alguém: e alguém está ali como suporte de signo.”⁴⁰ O significante, de modo diferente do

³⁷ *idem.*

³⁸ *idem.*

³⁹ *idem.*

⁴⁰ *idem.*

signo, representa o sujeito para outro significante. O significante manifesta a presença da diferença como tal e isto implica que a relação do signo com a coisa está borrada, não há identidade envolvida, $A \neq A$.

Lacan argumenta que na teoria dos conjuntos pode-se somar quaisquer coisas a nível de um certo conjunto, pois ao realizar a soma, está se somando 1, elementos do conjunto, e não coisas ou objetos. E este 1 é o que marca a diferença pura e, a partir deste 1, que se articula a questão do sujeito ao significante.

O traço unário, *Einziges Zug*, enquanto suporte da diferença como tal, é a unidade. A função da unidade é um fator de coerência através do qual algo se distingue do que o rodeia, faz um todo, "...um Um no sentido unitário da função: é então, por intermédio da unidade, que cada um desses seres vem a ser dito Um."⁴¹ É o traço que garante o significante e o sujeito enquanto efeito de significante.

Lacan assinala que o traço unário é justamente o que Freud trabalha quando escreve seu texto sobre a identificação, assevera então tratar-se especificamente da segunda espécie de identificação. Diz Lacan: "... da segunda espécie de identificação que ele denomina regressiva, enquanto ligada a algum abandono de objeto que define como amado."⁴²

Esta identificação do tipo regressivo está determinada por este abandono ou perda de objeto. O objeto, com quem o sujeito se identifica, pode ser tanto o objeto amado, como odiado mas, nos dois casos, a identificação é parcial e altamente limitada, restringindo-se a um único traço da pessoa objetalizada.

Lacan vai ao texto de Freud sobre a identificação e encontra três tipos de identificações. Questiona-se sobre a articulação deste segundo tipo de identificação, identificação regressiva a um único traço, com a identificação que Lacan nomina de primeira espécie, identificação ambivalente pautada na imagem da devoração assimilante, ou seja, a identificação por incorporação; como também com a identificação do terceiro tipo,

⁴¹ _____, *La Identificación*. Op. cit. Classe de 13 de dezembro de 1961.

⁴² *idem*.

identificação ao outro mediada pelo desejo, identificação histórica, segundo Lacan, identificação que só pode acontecer a partir do momento em que o desejo já está estruturado.

Para tanto, Lacan retoma as questões da lógica para afirmar que as três identificações não formam provavelmente uma classe, embora tenham um mesmo nome. É a nível do particular que surge a função universal. No que concerne à função de identificação, é o que ocorre no nível do particular, ponto de investigação de Lacan.

Neste caminho percorrido no Seminário IX, o autor parte de Descartes para chegar ao sujeito, sujeito cuja referência implica no traço unário,

“...nesta função de traço como figura do um enquanto não é senão traço distintivo, traço justamente tanto mais distintivo como que está borrado quase tudo o que o distingue, salvo ser um traço, acentuando o fato que quanto mais parecido, mais funciona, não digo como signo, senão como suporte da diferença...”⁴³

A função de alteridade do significante é o que assegura a repetição, que escapa da identidade em relação ao retorno. O que constitui a base da repetição não é que seja sempre a mesma coisa, e sim a questão do sujeito ao significante. Do ponto de vista biológico, da ordem do natural, não tem nenhuma necessidade relativa à repetição, mas o sujeito a quem a psicanálise se refere é o sujeito do inconsciente, sujeito implicado na questão significante. Este ciclo que se repete aponta para a unicidade, aí está o significante que suporta uma letra,

“...instância da letra no inconsciente, esse grande A, o A inicial enquanto numerável, que este ciclo - e não outro - equivale a um certo significante, é a título disto que o comportamento se repete para fazer ressurgir este significante que é como tal, esse número que o funda.”⁴⁴

Lacan introduz, deste modo, a questão da letra, do registro do real, essência do significante, que marca o sujeito, funda o sujeito do inconsciente. Significante, que no sintoma está reprimido, e que retorna naquilo que Lacan assinala como “ciclo de comportamento real”⁴⁵. Ocorre um ciclo de repetição, que revela-se como um signo para alguém, como o

⁴³ idem.

⁴⁴ idem.

⁴⁵ idem.

mesmo, a marca, a letra, do registro do real enquanto traço. Enquanto significante se relaciona ao sujeito, onde o significante não é igual a outro significante, enquanto sujeito assujeitado à linguagem. O que se repete é a essência do um significante: repete, e como repete, trata-se do mesmo, mas repete com diferença, ou melhor, repete a diferença.

“...é na medida em que o que se repete está ali, não só para encher a função de signo que é representar uma coisa que estaria aqui atualizada, senão para presentificar como tal o significante do qual adveio esta ação.”⁴⁶

O que está reprimido é a *Vorstellungsrepräsentanz*, o número perdido de um determinado ato que se repete.

Portanto, nesta questão, estão implicados o registro do real e o registro do simbólico, o primeiro enquanto letra, marca que borra a coisa em si, enquanto essência do significante, e o simbólico, pois se o sujeito pode advir é enquanto efeito de significante, pois o significante é o que representa o sujeito para outro significante. O seminário da Identificação é elaborado para dar conta da articulação da função do sujeito no entre-dois, entre dois pólos, o simbólico e o real, do efeito do significante no real.

Lacan constrói seu caminho, partindo da questão da identidade, de $a = a$, do pensamento lógico, e alcança o $a \neq a$ do pensamento psicanalítico. A questão levantada é a significante, mas este significante em sua articulação com o registro do real, e o que aparece como possibilidade de resposta é justamente o traço unário. É com a explicitação do conceito de traço unário que se pode, nesta dissertação, abordar o tema do nome próprio.

⁴⁶ idem.

Agora me lembra um,
antes me lembrava outro.
Dia virá em que nenhum será lembrado.
Então no mesmo esquecimento se fundirão.

C. Drummond de Andrade

Capítulo 6

6. A Identificação e o Nome Próprio

6.1 O Nome Próprio

Lacan em sua busca para articular a questão do sujeito no entre-dois, os pólos do simbólico e do real, trabalha a questão no nome próprio. O que está envolvido aqui é a função significante, "... função de significante enquanto ela é o ponto de amarra de algo de onde o sujeito se constitui..."¹.

Lacan assinala a importância do nome próprio do sujeito. Nome, que durante a análise, nunca é indiferente, "...todo tipo de coisas podem ocultar-se por trás desta espécie de dissimulação ou de borramento que fala do nome, no que concerne as relações que tem que por em jogo outro com tal outro sujeito."²

Sua abordagem sobre o nome próprio é iniciada anotando o que a lingüística apresenta sobre este tema. Faz a referência ao egiptólogo e lingüista Sir Allan Gardiner, autor de "*A Teoria dos Nomes Próprios*"³. Segundo Lacan, trata-se de um ensaio polêmico sobre o que lera de Bertrand Russel.

Russel, através de seu pensamento lógico, após a apresentação de um certo número de leis implícitas, faz uma crítica às operações postas em jogo no campo da lógica e da

¹ idem.

² idem.

³ _____, *La Identificacion*. Op. cit. Classe de 20 de dezembro de 1961.

matemática e constrói aquilo que se denomina a teoria dos tipos. Teoria que reduz o campo da experiência matemática a um jogo de letras.

Russel descreve que há duas maneiras de se designar as coisas: ou através do nome próprio, ou através do nome empregado como valor descritivo. O demonstrativo passado à classe do nome próprio é “este” (*this*). O nome próprio é o que se constitui como uma palavra para designar coisas particulares como tais. Assim, Sócrates não pode ser chamado como um nome próprio, pois não se trata mais de um particular. Lacan anota que Sócrates é, para o mundo, o mestre de Platão, o homem que bebeu cicuta, etc., e que isto é uma descrição abreviada, não sendo, então, uma palavra para designar o particular em sua particularidade. Lacan assinala que Russel percebe tudo, exceto a relação mais radical do sujeito pensante à letra, a função da letra.

Gardiner contrapõe-se ao pensamento de Russel, para se referir a característica da função do nome próprio toma referências feitas por Stuart Mill, que alega que o nome próprio diferencia-se do comum. O nome comum remete a algo a nível do sentido, aparece aqui uma relação de significação entre o nome e o objeto. No caso do nome próprio, há algo que indica uma marca aplicada ao objeto, superposta a ele, mas o sentido não está envolvido. Gardiner, em sua crítica à Mill, diz que o importante não é este aspecto de presença ou não de sentido, pois alguns nomes revelam um sentido. O acento do nome próprio está sobre o som, enquanto distintivo.

Lacan cita esta definição como paradoxal, pois o lingüista, quando fala de seu material, os fonemas, alega que são sons que se distinguem uns dos outros e assinala justamente como traço particular o fato da função do nome próprio ser composta de sons diferentes, ou seja, é a diferença sonora que distingue o nome próprio. Acontece que toda a linguagem refere-se a isto, pois o material lingüístico é constituído de diferenças sonoras. O que Gardiner destaca é que há um acento, um privilégio da dimensão significante, enquanto material sonoro, enquanto que quando um discurso comum é dito, não há este privilégio da diferença sonora.

Lacan acentua que justamente um lingüista acaba por referir-se à noção subjetiva, psicológica, diz ele, remetendo ao fato de o sujeito prestar atenção, ao falar um nome próprio, às características sonoras, questiona-se, se cada vez que se pronuncia um nome próprio é

colocado um acento no material sonoro como tal. Acrescenta, ainda, que a teoria do linguista fracassa justamente por apresentar esta referência ao campo psicológico.

O que Lacan busca ao trabalhar o tema do nome próprio é o sujeito em sua referência ao significante, embora o sujeito não se confunda com o significante como tal. Para articular esta questão aborda a função da letra. Função de letra que já estava presente no Seminário sobre a “*Carta Roubada*” (“*lettre volée*”), onde, através do sentido literal do termo *lettre* (carta, letra), relaciona a estrutura psíquica do sujeito, e também em “*A Instância da Letra no Inconsciente*”, quando articula a metáfora e a metonímia.

É com o tema da letra que se pode investigar sobre o nome próprio, pois diz Lacan: “...não pode haver definição do nome próprio senão na medida em que percebemos a relação da emissão nominante com algo que em sua natureza radical é da ordem da letra”.⁴

Lacan mesmo levanta a questão sobre o nome próprio, em sujeitos que não sabem ler, ou em situações anteriores à aparição da escrita. Cita o texto de James Février, “*O Homem Antes da Escrita*”⁵, onde há uma construção teórica sobre o advento da escritura e da relação entre escritura e linguagem. O homem desde sempre possui uma emissão vocal como falante, mas, por outro lado, há algo que é da ordem de traços. Traços como os do caçador madalegniano, material pré-histórico onde estes traços apontam para o caráter de significantes, onde há a repetição de um ciclo que remete ao mesmo e a um outro.

Lacan relata que em Mas d’Azil foram descobertas pedras com algumas marcas. Algumas destas pedras, quando vistas de longe, parecem um dado, pode-se ver de um lado cinco pontos, do outro dois. Quando se olha de outro lado vê-se novamente dois pontos, do outro lado do cinco há uma barra, um 1. É na realidade uma coleção de caracteres móveis, e embora não se saiba para que servem, tem uma função significativa, na medida em que este ideograma quer dizer algo.

Relacionado a esta questão, está o ideograma⁶, algo que se apresenta como muito próximo da imagem, mas que torna-se ideograma justamente à medida que perde, que borra

⁴ idem.

⁵ idem, Citado por Lacan.

⁶ Segundo Saussure, o sistema ideográfico é o sistema “...em que a palavra é representada por um signo único e estranho aos sons de que ela se compõe.” É exemplo de ideograma a escrita chinesa.

este caráter de imagem. É o caso do nascimento da escritura cuneiforme, onde, no início, o traçado apontava, por exemplo, para uma cabeça ou um braço de cabra montês, mas com o passar do tempo, seu caráter figurativo é perdido, sendo que nada mais de sua origem é reconhecido. O figurativo está borrado, mas ficam os traços do ideograma. Aí está algo que é da ordem do traço unário, funcionando como distintivo, como marca.

No caráter cuneiforme, numa fase primitiva da escrita, um determinado traço designava o céu, articulável como “an”. Quem vê o ideograma, o nomeia “an” e representa o céu. A partir de um certo momento, o ideograma de céu, na escritura silábica, serve para suportar a sílaba “an” e não terá mais relação com céu. “Todas as escrituras ideográficas sem exceção, (...) levam a pista de simultaneidade deste emprego que se denomina ideográfico, com o uso que se denomina fonético do mesmo material.”⁷ Com o passar do tempo, a utilização fonética do material ideográfico leva a uma transformação do ideograma, até a produção das escrituras do tipo silábico. Assim, no início, os significantes da escritura foram produzidos como marcas distintivas.

Sir Flanders Petrie assinala que em vasilhas da era pré-dinástica, mesmo antes do advento dos caracteres hieróglifos, foram encontradas marcas que posteriormente seriam usadas nos alfabetos grego, etrusco, latino, ou seja, algo com característica de escritura.

A partir disto, Lacan conclui que não é o fonema que determina a escritura e sim, a escritura, enquanto material, espera ser fonetizada, e quando é vocalizada, é que de fato funciona como escritura. A escritura, via fonetização, caracteriza-se pela especificação do traço significante.

Em relação ao advento da escritura, diz:

“... algo que é já escritura, se consideramos que a característica é o isolamento do traço significante, sendo nomeado, chega a poder servir para suportar a este famoso som no que Gardiner põe todo o acento no que concerne aos nomes próprios.”⁸

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. (1911). 3. ed. São Paulo, Editora Cultrix, 1995. p. 36.

⁷ LACAN, J. *La Identificación*. Op. cit. Classe de 20 de dezembro de 1961.

⁸ idem.

Lacan busca, então, algo que possa validar sua hipótese assinalando que a característica do nome próprio é que ele está mais ou menos atado ao traço de sua união à escritura e não ao som. Quando se apresentam escrituras indecifradas, onde a linguagem não é ainda conhecida, o sujeito fica travado. Há que se esperar uma inscrição bilingüe, com seu fonetismo, para que possa ser lida.

O que distingue um nome próprio é que, de uma língua a outra, se conserva na estrutura. Estrutura que também é estrutura sonora, que se conserva no nome próprio, quando se passa de uma língua à outra, mas, principalmente, o que do nome próprio à questão da marca.

É enquanto marca que o nome próprio está relacionado ao segundo tipo de identificação, apresentada por Freud, identificação regressiva, ao traço unário. Nome próprio que traz a função do significante em seu estado puro.

Para o lingüista, o nome próprio indica a função distintiva em seu material sonoro, fonema dentro de uma certa bateria, onde este traço é distintivo porque não é o que os outros são. Embora a definição do lingüista remeta para a pista de algo, é necessário ir além. O que Lacan busca é uma forma latente da linguagem, ou seja, a função da escritura, "...a função do signo enquanto ele mesmo se lê como um objeto".⁹ Se o signo é lido enquanto objeto, também as letras tem nomes, ou seja, a letra é nomeada como qualquer outro objeto.

O nome simplificado que as letras no alfabeto têm, não deve ser confundido com a emissão fonemática da letra. Se um 'a' parece a emissão 'a', no caso do 'b', para que este se possa ouvir, é necessária a emissão vocálica. Lacan toma do grego, como exemplo explicativo, os nomes alfa, beta, gama, etc. Estes nomes não se revestem de qualquer sentido. Na língua grega, reproduzem os nomes correspondentes das letras no alfabeto fenício, e nesta língua teriam um sentido, assim, o nome '*aleph*' apresenta, a princípio, uma relação com 'boi'. '*Aleph*' seria a reprodução esquematizada da cabeça do boi em diferentes posições. O 'A' maiúsculo representaria uma cabeça de boi invertida, com o prolongamento dos chifres.

⁹ _____. *La Identificacion*. Op. cit. Classe de 10 de janeiro de 1962.

'Beth' é o nome da casa. Ao continuar progressivamente, diz Lacan, chega-se a 'guimel', terceira letra, o que poderia indicar o nome árabe de camelo. Mas, 'guimel' já existia mesmo antes de que se pudesse nominar o camelo. Isto leva à questão das raízes da estrutura de onde vai se constituir a linguagem. Num primeiro momento, há a leitura, o que há é a leitura de signos, que é anterior ao uso da escritura alfabética.

Outro exemplo, que é anterior ao aparecimento da escritura alfabética, é a presença de signos enquanto marcas, sobre vasilhas pré-dináticas no antigo Egito, que, posteriormente, surgem como elementos do alfabeto latino, etrusco. Também nos jarros de Mas d'Azil haviam signos, que, posteriormente, aparecem como signos do alfabeto latino.

Todos estes traços designam a relação da linguagem com o real. Há então a necessidade de compreender a linguagem, enquanto uma ordem, um registro, uma função, capaz de funcionar fora do campo da consciência do sujeito, ou seja, o campo da linguagem constituída por valores estruturais que lhe são próprios, em sua referência a si mesmo, sua própria estrutura como tal. Estrutura da linguagem como tal, enquanto inscrição de letra.

“Então, enquanto sujeito, à propósito de algo que é marca, que é signo, lê já antes que se trate de signos de escritura, antes que percebam que os signos possam portar pedaços diversamente reduzidos, recortados de sua modulação falante, e que, reinvertendo sua função, possa ser admitido para ser como tal, a continuação, o suporte fonético, como se diz, se sabe que é assim que nasce a escritura fonética...”¹⁰

Assim, ainda não há uma escritura em seu conhecimento. O que é da escritura nasce a partir de desenhos simplificados, desenhos borrados, ideogramas. Nos hieróglifos egípcios estão combinados os dois, os desenhos e o uso fonético destes signos, que parecem representar algo. A observação dos hieróglifos deixa claro que os egípcios tinham interesse em um certo número de animais, particularmente de pássaros, formas instrumentais agrárias e alguns outros signos. São signos que aparecem sob sua forma simplificada: o traço unário, a barra, a cruz da multiplicação, que ainda não designavam as operações, tudo isto demonstra que é a qualidade do desenho que está em jogo. As inscrições, em pedra, referente à coruja, exemplificam isto. O

¹⁰ idem.

nome deste animal, na linguagem egípcia, aponta para a emissão labial ‘m’. O ‘m’ significa mais de uma coisa, como a função introdutória do tipo ‘eis aqui’, ou ainda, uma das forças não da negação, e sim do verbo negativo em francês, que separa a negação sob uma forma verbal, sob uma forma conjugável, sob uma forma não simplesmente ‘não’ (*ne*) e sim como ‘o não’ (*non*), tempo particular de um verbo, uma forma particular do verbo ‘*immi*’ (não ser), e o verbo ‘*gehom*’ (não existência efetiva). Isto introduz a função da negação.¹¹

A estruturação da linguagem remete à localização da primeira conjunção de uma emissão com um signo como tal, uma primeira manipulação do objeto. “Se é do objeto que o traço surge, é algo do objeto que o traço retém: justamente sua unicidade.”¹² Unicidade enquanto marca, enquanto traço que barra a coisa.

Há o barramento de todos os apêndices, ramificações da relação do objeto com o nascimento do signo. Em um determinado momento há algo ali para ser lido,

“... lido com a linguagem quando ainda não há escritura, é pela intervenção desta relação e desta relação de leitura do signo que pode nascer a continuação da escritura na medida em que ela pode servir para conotar a fonetização.”¹³

Ou seja, o sujeito lê um traçado, denominando-o e, ao ler, expressa o contável, diferente do outro.

O nome próprio aparece aí justamente especificando o enraizamento do sujeito, pois está ligado ao que na linguagem já está pronto, a letra enquanto traço distintivo. O nome próprio que de uma língua á outra é transferido, não passível de tradução, eis a propriedade particular do nome próprio na significação, justamente por não ter significação, enquanto marca. Nome próprio que é o traço unário, traço de identificação que possibilita que o sujeito se constitua.

Lacan destaca a relação que há entre o traço unário e a origem do inconsciente,

“...isso pelo qual enquanto o sujeito fala, não pode senão avançar sempre mais adiante na cadeia, nos desenvolvimentos dos

¹¹ Questão a ser retomada a seguir.

¹² LACAN, J. *La Identificacion*. Op. cit. Classe de 10 de janeiro de 1962.

¹³ *idem*.

enunciados, mas que dirigindo-se até os enunciados, por este fato mesmo, elide algo que é falando com propriedade o que não pode saber, a saber, o nome do que ele é enquanto sujeito da enunciação.”¹⁴

Ou seja, algo fica elidido e é justamente porque está elidido que possibilita que a cadeia significante possa funcionar. No ato da enunciação está a nominação latente, primeiro significante da cadeia, o traço unário.

“No ato da enunciação temos esta nominação latente, concebível como sendo o primeiro núcleo, como o significante do que em seguida vai organizar-se como cadeia giratória, tal como desde sempre se lhes tem representado por este centro, este coração falante do sujeito, que chamamos “o inconsciente”.”¹⁵

Nome próprio que fica elidido, pois cai sob efeito do processo de repressão, repressão que funda o aparelho psíquico. Lacan retoma a temática freudiana, a nível de *Entwurf* (*Projeto*) e a nível da *Traumdeutung* (*A Interpretação dos Sonhos*), sobre as representações no aparelho psíquico e a passagem do inconsciente ao pré-consciente para assinalar que o inconsciente é o lugar do sujeito de onde “isso fala”, mas há algo aí, e o sujeito não sabe disto, algo que está alterado pelos efeitos de retroação do significante implicado na palavra pois o sujeito, ao nomear-se, não sabe com que nome o faz.

O sujeito do inconsciente tem no pré-consciente o código lingüístico e as normas para o seu uso. Os pensamentos, a nível do inconsciente, estão estruturados como uma linguagem (*Gedanken*), mas não é com facilidade que são expressos em linguagem comum. O que é falado, o discurso efetivo, é homogeneizado como algo que se sustenta fora. Mas quando o inconsciente se faz ouvir, é do limite entre o pré-consciente e inconsciente que se trata. Diz Lacan:

“...ao passar do inconsciente ao pré-consciente, o que se tem constituído no inconsciente reencontra um discurso já existente (...) um jogo de signos em liberdade (...) O inconsciente como tal tem seu estatuto como algo que por posição e estrutura não

¹⁴ idem.

¹⁵ idem.

poderia penetrar no nível aonde é suscetível de uma reorganização pré-consciente...¹⁶,

mas a todo momento o inconsciente busca reconhecimento, via formações do inconsciente.

A passagem do inconsciente ao pré-consciente é um efeito de irradiação e aponta para a constituição do inconsciente como tal, "...do que no inconsciente mantêm presente o funcionamento primeiro e radical da articulação do sujeito enquanto sujeito falante".¹⁷

O que é pré-consciente é algo, na circulação do mundo, como definido. O que está no pré-consciente é algo da ordem da leitura do signo, enquanto algo a ser fonetizado.

Em relação à consciência, Lacan assinala que esta sempre foi uma questão para Freud, que a definira como uma película da superfície dos órgãos sensoriais, algo que refere-se a um índice de qualidade. A consciência, em relação ao pré-consciente, é a superfície que permite que o sujeito receba de fora seus próprios pensamentos, seu próprio discurso, via Outro, pois a partir do Outro que o sujeito se constitui, tomando do Outro um traço de identificação. A consciência mantêm a coerência das percepções.

Para a articulação freudiana, o inconsciente é apresentado como um fluxo, como uma cadeia de pensamentos, *Gedanken*. Pensamentos que escapam ao próprio sujeito, pois são inconscientes.

A nível do pré-consciente, o quê o sujeito busca é a identidade de pensamento. Discurso do idêntico, que os filósofos perseguem. Trata-se de identificar pensamento com pensamento, em relações articuladas pela lógica formal. O idêntico, que de alguma maneira aponta para a tautologia, $A = A$.

O mundo, cuja função de realidade está ligada à função perceptiva, é aquele em que o quê se busca é a identidade de pensamento. Lacan aponta como um paradoxo o que Freud afirma, que o quê o inconsciente busca, em sua raiz de funcionamento, é a identidade de percepção. A identidade de percepção faltará sempre,

¹⁶ *idem*.

¹⁷ *idem*.

“... é que em toda espécie de outra reaparição, do que responde ao significante original, no ponto aonde está a marca que o sujeito recebeu do que quer que seja que esteja na origem da *Urverdrängt* faltará sempre o que fora o que venha a representá-la...”¹⁸

O que é reprimido é o significante original, que passa para o inconsciente, e a relação entre o que vem do mundo exterior e o que é inconsciente, sempre aparece como diferença, pois articula-se através do significante. A tríade: consciente - inconsciente - pré-consciente, remete ao que ele já anteriormente afirmara, que o inconsciente está entre a percepção e a consciência.

O nome próprio, enquanto traço unário é este primeiro significante, que possibilita a cadeia e que para que isto ocorra permanece elidido.

A psicanálise apresenta o sujeito do inconsciente, sujeito posto em questão, por Lacan e que se relaciona com a experiência filosófica de busca do sujeito de Descartes, que é diferente de outros momentos da reflexão filosófica, pois é o sujeito mesmo quem é interrogado, que busca sê-lo como tal: “...o sujeito enquanto está em jogo ali toda a verdade a seu respeito (...) saber se um pode confiar no Outro, se o que o sujeito recebe do exterior é um signo confiável.”¹⁹ A questão que Descartes coloca é a de um Deus que possa garantir-lhe a existência, sendo que a garantia do sujeito do inconsciente é o traço unário.

Lacan retoma o cogito assinalando que no ‘penso logo sou’, o ‘eu penso’ aparece como um não-sentido, pois não tem mais sentido do que ‘eu minto’, e a partir disso o sujeito percebe a si mesmo como ‘logo sou’. A consequência disto é que a partir do momento em que começa a pensar, não pode mais que pensar,

“...é enquanto este ‘eu penso’ impossível passa a algo que é da ordem do que é pré-consciente, que implica como significado e não como consequência, como determinação ontológica, que implica como significado que este ‘eu penso’ reenvia a um ‘eu sou’ que no sucessivo não é mais que o x deste sujeito que buscamos, a saber, disso que há no começo para que possa produzir-se a identificação deste ‘eu penso’.”²⁰

¹⁸ idem.

¹⁹ idem.

²⁰ idem.

Sempre que o sujeito pensa ‘eu penso’, enquanto significante, apresenta-se ‘eu sou’ como significado. ‘Eu penso’ é o sujeito do enunciado, enquanto o sujeito da enunciação é ‘eu sou’, cuja garantia de verdade é Deus, segundo Descartes.

Utilizando-se da metalinguagem, Lacan acrescenta a proposição ‘eu penso que penso que sou’, o que reenvia ao próprio pensamento, ou seja, ‘se eu penso que não posso fazer mais do que ser um penso-em-ser ou um ser pensante’, ‘eu penso’ e isto se reproduziria indefinidamente.

Lacan propõe um suporte demonstrativo para a questão do sujeito e sua articulação com o cogito.

eu penso
 eu sou - eu penso
 eu sou - eu penso
 eu sou - eu penso

Lacan assinala que algo acontece aí, para que isto não se repita indefinidamente, este ‘penso, logo sou’ no ‘eu penso’.

A apresentação cartesiana termina em níveis diferentes, e para que não se prolongue indefinidamente, é necessário que algo intervenha, e é justamente a partir da identificação ao traço unário que isto é possível. Pergunta-se Lacan: “Não há ali o suficiente para suportar este ponto impensável e impossível do ‘eu penso’, ao menos sob a forma de diferença radical?”²¹

Lacan assinala que o ‘eu penso’ está relacionado ao que ocorre na origem da nomenclatura, ao nascimento do sujeito,

“...o sujeito é o que se nomeia. Se nomear é em princípio algo que se vincula com uma leitura do traço um que designa a diferença absoluta, podemos perguntar-nos como cifraria a sorte do ‘eu sou’ que aqui se constitui de maneira retroativa simplesmente por reprojeção do que se constitui como significado de ‘eu penso’, a saber, o mesmo, o desconhecido do que está na origem sob a forma de sujeito.”²²

²¹ idem.

²² idem.

Se o “eu penso” refere-se à leitura do traço unário, com a nomenclatura, Lacan questiona-se como encontrar o “eu sou”. O que é o 1 (traço unário) que aparece como forma definitiva, numa problemática total, que se supõe como verdade ou não, pois do que se trata é de pensar em pensar, e é justamente isto que dá força ao argumento cartesiano. O ‘eu penso’ pode ser representado por 1, traço da diferença como tal, pois algo do sujeito se identifica com o traço unário. O que se pergunta é como achar o ‘eu sou’.

Lacan coloca, então, o cogito em forma operante, a partir de uma série matemática convergente, pois a série convergente tende a um limite determinado:

$$\begin{array}{l} \text{eu penso} \\ \text{eu sou} - \frac{\text{eu penso}}{\text{eu sou} - \frac{\text{eu penso}}{\text{eu sou} - \text{eu penso}}} \end{array}$$

Lacan substitui o “eu penso” por 1, e como em Descartes aparece uma equivalência, “penso, logo sou”, “eu sou” também vale 1, cuja representação aparece a seguir.

$$1 + \frac{1}{1 + \frac{1}{1 + \frac{1}{1 + 1}}}$$

Efetuada as operações de uma série convergente, chega-se ao seguinte: a soma realiza-se tomando-se o 1º termo, (de baixo para cima): $1 + 1 = 2$

$$1 + \frac{1}{1 + \frac{1}{1 + \frac{1}{2}}}$$

A soma do 2º termo é: $1 + \frac{1}{2} = \frac{3}{2} = 1,5$

O que resulta em:

$$1 + \frac{1}{1 + \frac{1}{3/2}}$$

A soma do 3º termo é: $1 + \frac{1}{3/2} = \frac{5}{3} = 1,666$

Assim acontece sucessivamente. A série convergente tem como tendência um resultado final equivalente a $\frac{1+\sqrt{5}}{2}$

Assim, na fórmula convergente aparece uma certa estabilidade. Mas acontece que em psicanálise não há a equivalência em “penso, logo sou”, pois o sujeito do inconsciente ao constituir-se advém como dividido. Lacan retoma a formalização e propõe que o “eu penso” seja substituído pelo 1, traço unário, enquanto o “eu sou” aparece como incógnita a ser descoberta. Uma incógnita em matemática pode ser expressa por uma letra, geralmente o ‘x’. Nesta formalização, Lacan propõe que a incógnita seja equivalente a ‘i’.

Para mostrar o essencial, diz Lacan, é necessário que se dê um salto e se tome o i com o valor que aparece na matemática, na teoria dos números, onde se denomina imaginário e o valor imaginário é: $i = \sqrt{-1}$

A raiz de -1 não é nenhum número real, pois um número negativo levado ao quadrado resulta sempre em um número positivo. A raiz de -1 é um algoritmo.

O número i tem como propriedade o fato de que quando elevado ao quadrado é igual a -1.

$$i = \sqrt{-1} \quad i^2 = (\sqrt{-1})^2 \quad i^2 = -1$$

Um número complexo é um número real ao qual se agrega um número imaginário, ou seja, que não se poderia somar porque não é um número real. Estes números, assim constituídos, os complexos, possibilitam que a partir daí se realizem todas as operações, mesmo que entre números de natureza diferentes. Enquanto número complexo, do ponto de vista operatório, este possui uma potência maior do que a dos números reais. Do mesmo modo, o ‘eu penso’ pode agregar-se ao ‘eu sou’, embora sejam de campos diferentes.

Diz Lacan:

“Que do mesmo modo em que temos nos esforçado em elaborar a função da unidade como função da diferença radical na determinação deste centro ideal do sujeito que se chama ideal do eu, do mesmo modo, no que segue, e por uma boa razão, é que o identificaremos ao que temos introduzido até aqui em nossa conotação pessoal como φ quer dizer, a função imaginária do falo - vamos tentar extrair desta conotação, $\sqrt{-1}$, tudo o que pode servir-nos de uma maneira operatória...”²³

Assim como Descartes procurava com o auxílio da matemática atingir o conhecimento objetivo (como é possível que algo subjetivo tenha um correspondente objetivo/ como é possível que a ciência não seja apenas uma ficção), Lacan através de formulações matemáticas pretende demonstrar o que ocorre no processo de identificação.

Lacan utiliza-se do i , justamente por que ele representa o falo imaginário, lugar que o sujeito pretende ocupar em sua relação com o Outro. Substituindo o valor de i na série anterior tem-se uma série periódica, cujo valor tende a se repetir, do seguinte modo: onde $i = \sqrt{-1}$

$$\begin{array}{l} \text{eu penso} \\ \text{eu sou} - \frac{\text{eu penso}}{\text{eu sou}} - \frac{\text{eu penso}}{\text{eu sou}} - \text{eu penso} \end{array}$$

$$\text{eu penso} = 1 \quad \text{eu sou} = i$$

$$\begin{array}{l} i + \frac{1}{i + \frac{1}{i + \frac{1}{i + 1}}} \\ \sqrt{-1} + \frac{1}{\sqrt{-1} + \frac{1}{\sqrt{-1} + 1}} \end{array}$$

Esta série é calculável, e revela um valor que se renova, a cada três tempos, pois trata-se de uma dízima periódica. Os termos da série são:

$$\underline{1^\circ \text{ termo}} = i + 1$$

²³ idem.

O 1º termo é o ponto de enigma, o sujeito anterior a qualquer nomeação, o i enquanto número imaginário, representante do falo imaginário e a produção do traço 1^{24} .

$$\underline{2^\circ \text{ termo}} = i + \frac{1}{i+1}$$

$$i + \frac{1}{i+1} = \frac{i(i+1)+1}{i+1} = \frac{i^2+i+1}{i+1}$$

substituindo i^2 por -1 obtém-se $\frac{i}{i+1}$

$$\frac{i(i-1)}{(i+1)(i-1)} = \frac{i^2-i}{i^2-1} = \frac{-1-i}{-2} = \frac{1+i}{2}$$

O 2º termo $i + \frac{1}{i+1}$ é, então igual a $\frac{i+1}{2} = \frac{1}{2}(i+1)$

Isto revela que a relação do sujeito antes da nomeação, com o uso que faz do seu nome enquanto significante do que há a significar, aponta para a mesma questão do significado, da adição do sujeito ao seu nome próprio, que tem como resultado dividi-lo em dois, fica apenas a metade do que havia em presença, ou seja, o sujeito aparece como $\frac{1}{2}$ do que era antes ($i+1$), o falo imaginário mais o traço unário. O efeito do significante ao marcar o ser é justamente dividi-lo.

3º termo = 1

O cálculo faz-se da seguinte maneira, ao substituir-se o 2º termo já calculado, obtém-se:

$$i + \frac{1}{\frac{i+1}{2}} = i + \frac{2}{i+1} = \frac{i(i+1)+2}{i+1} = \frac{i^2+i+2}{i+1}$$

²⁴ Para efeito de cálculo, Lacan não se utiliza do valor que ele apontara ao traço unário (-1), enquanto fora da cadeia significante. Mas, dá-lhe o valor de 1, enquanto aquele que corta, marca.

$$\text{como } i^2 = -1 \text{ logo } \frac{-1+i+2}{i+1} = \frac{i+1}{i+1} = 1$$

O 3º termo, que remete ao final da série é simplesmente 1, ou seja, o retorno à aparente unidade, do mesmo modo que o ‘eu penso’ se toma por objeto de pensamento ‘eu penso que penso, logo sou’.

O sujeito identifica-se ao traço unário, o nome próprio. Esta identificação resulta numa divisão do sujeito. Após esta divisão, o sujeito coloca-se a pensar, eclipsando a divisão, retornando a uma unidade, uma aparente unidade restaurada, ou seja, o narcisismo secundário.

Percebe-se aqui a identificação do sujeito que, frente à possibilidade de uma falta, identifica-se imaginariamente ao falo. Mas é necessário um significante que vem do Outro, que possa marcá-lo, significante unário, nome próprio, que tem por efeito dividi-lo. Através da Metáfora Paterna, o falo imaginário é barrado, pela ação do significante unário, tornando-se falo simbólico, impossível de negativizar.

Faz-se necessário aqui, que se retome algumas considerações a respeito do nome próprio, no sentido de aclarar o tema proposto nesta dissertação.

Lacan parte de diferentes autores, assinalando que em Russell o nome próprio é o que se constitui como uma palavra para designar coisas particulares como tais, nome passível de ser substituído pelo demonstrativo “*this*”; em Stuart Mill o nome próprio aparece como uma marca aplicada a um objeto, sem que o sentido esteja aí envolvido, como é o que ocorre no nome comum; Gardiner assina que ao pronunciar um nome próprio o que há é um privilégio da dimensão significante enquanto material sonoro.

Para Lacan o nome próprio implica em algo que é da ordem da letra, traço unário que marca o sujeito na segunda identificação, identificação ao significante, pois o traço unário revela-se como função significante em estado puro. Traço unário que em consequência da repressão primária, mantêm-se elidido, no inconsciente, o que resulta que o sujeito ao nomear-se, não sabe com que nome o faz.

Nome próprio que de uma língua a outra se mantém em sua estrutura, e se algo se conserva é porque o nome próprio está ligado ao traço de sua união de sua escritura. Escritura enquanto material, letra a ser fonetizada. Escritura que via fonetização caracteriza-se pela especificação do traço significante, pois no início há o traço, a marca distintiva a espera de uma vocalização.

É isto que mostra Lacan com todos os exemplos relacionados à origem da escritura silábica e sua relação com o ideograma. Ideograma que ao passar do tempo perde seu caráter figurativo, havendo o borramento da imagem, restando os traços do ideograma. Traços que têm função significante.

Com estas articulações, Lacan revela que o traço designa a relação da linguagem com o real. Traço que aparece como marca, letra, do registro do real, e que ao ser fonetizada pode expressar a escritura silábica.

Traço unário que marca o sujeito e que ao marcá-lo o inscreve enquanto efeito de significante. É a partir daí que Lacan elabora suas operações simbólicas, expressas aqui em forma de operações matemáticas. Operações que demonstram que o sujeito ao advir no campo da linguagem o faz ao preço de ser enquanto sujeito dividido, marcado pelo traço unário, o nome próprio. Revela-se assim, o nome próprio enquanto um 1, visto que Lacan o representa com o 1 da unicidade, 1 enquanto traço, enquanto corte. É o traço unário que viabiliza a passagem do narcisismo primário ao narcisismo secundário, via identificação ao significante, resultante da Metáfora Paterna.

Nestas construções Lacan está articulando os três registros, buscando a constituição do sujeito. No Seminário IX, privilegia que o sujeito se constitui no entre dois pólos, do registro do real e do simbólico, entretanto pode-se verificar que o registro do imaginário está aí embriado.

Como já foi anteriormente explicitado, Lacan ao proferir o Seminário "*La Identificacion*", pretendia articular a partir de Freud, esclarecendo, o processo de identificação, verificando inclusive como as identificações: imaginária, simbólica e histórica, estariam relacionadas. A seguir propõe-se um passo a mais neste sentido. Através da

apresentação da identificação ao significante, identificação ao traço unário (nome próprio), recorta-se então a investigação da constituição do sujeito e suas relações com as identificações apresentadas por Lacan.

6.2 O Nome Próprio e a Identificação

Em sua busca do sujeito em articulação com o tema da identificação, Lacan introduz a questão da negação, negação que, de certa maneira, aponta para uma afirmação anterior. A negação, em francês, é composta pelos termos: a negação 'ne' e o termo auxiliar. Geralmente, o termo auxiliar é 'pas', mas existem outros como: 'personne', 'rien', 'point', etc., estas palavras ocupam uma posição na frase enunciativa a ser pontuada pela sua relação ao 'ne'. Assim: *ne... personne* (ninguém), *ne... rien* (nada), *ne... point* (não). Em relação ao 'ne', aparece uma significação discordancial e aos outros termos, exclusiva, a exclusão do real. É o termo auxiliar que confirma a negação.

Referindo-se ao 'ne', Lacan aponta que há aí uma pista do sujeito do inconsciente, o 'ne' enquanto expletivo²⁵, significante de sua fissura. Lacan cita como exemplo a frase "*je crains qu'il ne vienne*", (temo que ele venha). Este 'ne' subverte a significação negativa, pois aponta para "eu espero que ele venha", que não aparece a nível do enunciado. Aí aparece novamente a diferença entre sujeito da enunciação e sujeito do enunciado. Há um sujeito encoberto a nível da enunciação, só aparecendo o enunciado. O *ne* discordancial revela a discordância entre a enunciação e o enunciado, a clivagem entre o sujeito da enunciação, a nível do inconsciente, e o sujeito do enunciado, relativo ao eu. "A partícula negativa *ne* aparece a partir do momento em que falo verdadeiramente, e não no momento em que sou falado, se estou a nível inconsciente".²⁶

²⁵ Em francês, a partícula da negação 'ne' pode aparecer juntamente com determinados verbos, sem implicar a noção de negação.

²⁶ LACAN, J. *A Ética da Psicanálise* (1959-60). 2. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991. Sem. VII, p. 83.

Lacan acrescenta que a questão fundamental que se coloca aqui é a função do sujeito, do que ele suporta, pois o 'eu', na formulação do enunciado, é quem tem a palavra, mas o sujeito da enunciação tem outro suporte. Suporte exemplificado neste 'ne' expletivo. Este exemplo utilizado por Lacan, transgride as leis da lógica²⁷, do princípio da não contradição, visto que a negação aparece de modo contraditório.

Segundo Lacan, a negação serve, também, para, na forma como trabalham os linguistas, demonstrar certa evolução da língua, através do deslizamento da negação.

Na língua francesa, a forma literária "*je ne sais*" é em essência diferente de "*j'sais pas*" que revela oscilação e vacilação. Nesta segunda frase o 'ne', que faz referência ao 'je', desapareceu e a negação recai sobre o 'pas'. Diz Lacan: "...o sujeito sofre um colapso, se achata".²⁸ O sujeito aparece como tragado, revelando sua própria ignorância. O 'ne' faz referência a uma primeira parte da frase, em sua relação com a forma pronominal. Lacan alega que se pode chamar isto de "significação subjetiva"²⁹.

Outro exemplo apresentado é: "*je crois qu'il va pleuvoir*" (creio que vá chover). Há aí um caráter contingente de uma previsão. Se a frase é alterada para a segunda pessoa, "*tu crois qu'il va pleuvoir*" (crês que vá chover), aparece como um apelo a seu testemunho; "*il croit qu'il va pleuvoir*" (ele crê que vai chover) revela a adesão do sujeito à sua crença. A possível inclusão do 'ne' é feita na matriz enunciativa. "*Je ne crois pas qu'il va pleuvoir*" (não creio que vá chover), revela-se assim, uma ligação com a disposição do sujeito e não com uma "não-crença".

O que Lacan assinala com este e outros exemplos é que existem diferentes níveis de negação, e para articular estes diferentes níveis, retoma a partir da lógica as matrizes: privação, frustração e castração, confrontando-as com o suporte significante da negação. Lacan adverte que, apenas, recorta o quadrante de Peirce e a lógica das classes de Aristóteles em sua articulação.

²⁷ Tema a ser abordado posteriormente. Em lógica aparece o princípio do 3º excluído, onde se pode escrever p ou não-p, mas não se pode escrever p e não-p.

²⁸ LACAN, J. *La Identificación*. Op. cit. Classe de 17 de janeiro de 1962.

²⁹ idem.

Aristóteles apresenta proposições e classifica-as em categorias: universal afirmativa, “A”, (para todo x, a propriedade F se aplica), universal negativa, “E”, (para todo x, a propriedade F não se aplica) e particular afirmativa, “I”, (existe pelo menos um x para qual a propriedade F se aplica), particular negativa, “O”, (existe pelo menos um x para qual a propriedade F não se aplica).

Lacan escreve a afirmativa universal assim: “A”, “*Omnis homo mendax*” (todo homem é mentiroso). Sua forma negativa é, “E”, “*Nullus homo mendax*” (nenhum homem é mentiroso). A particular negativa é, “O”, “*Non nullus homo non mendax*” (há não-nenhum homem que não seja mentiroso). A particular afirmativa é, “I”, “*Non Homnis Homo mendax*”, (nem todo homem é mentiroso) (Figura 6-1).

A <i>Omnis homo mendax</i> Todo homem é mentiroso	E <i>Nullus homo mendax</i> Nenhum homem é mentiroso
<i>Non omnis homo mendax</i> Nem-todo homem é mentiroso I	<i>Non nullus homo non mendax</i> Há não-nenhum homem que não seja mentiroso O

Figura 6-1³⁰

Na lógica clássica, os quatro tipos de proposições podem ser esquematizadas a partir do quadro que se segue (Figura 6-2), assinalando que existem posições contrárias, ou subcontrárias recíprocas, nas quais as proposições universais e as particulares se opõem, sendo que ambas não podem ser verdadeiras, ou falsas, ao mesmo tempo. Ou seja, as proposições que ‘todo homem seja mentiroso’ e que ‘nenhum homem seja mentiroso’, não podem ser verdadeiras simultaneamente ou falsas simultaneamente.

As posições contraditórias são as proposições que se opõem diagonalmente e, quando uma proposição é verdadeira, exclui a verdade daquela que se opõe a título de contraditória,

³⁰ LACAN, J. *La Identificacion*. Op. cit. Classe de 17 de janeiro de 1962.

também. Ao ser falsa, exclui a falsidade daquela a que se opõe enquanto contraditória. Ou seja, se há homem mentiroso, não é verdade que nenhum homem não seja mentiroso e vice-versa.

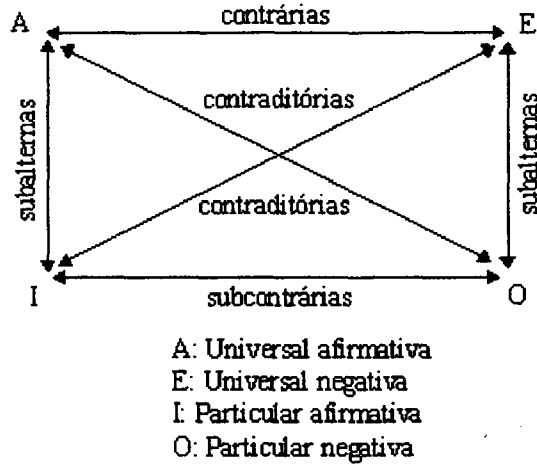


Figura 6-2³¹

Na particular afirmativa, Lacan³² introduziu o ‘nem todo’ (*pas tout*), onde a negação ‘*pas*’ aparece sobre a noção de todo. Destaca Lacan que isto é diferente do que Aristóteles apregoava, pois para ele não é sobre a qualificação da universalidade que a negação deve recair. O que Lacan assinala é que se trata de algum homem, e a partir daí, é que se deve interrogar enquanto mentiroso. A qualificação do homem é o que está em questão. Diz Lacan: “...o sujeito está tomado sob o ângulo da qualidade e o atributo que vocês vêem aqui encarnado pelo termo mendax, está tomado pelo ângulo da quantidade”³³. Qualidade apresentada por Lacan como apontando para o sujeito e a quantidade para o atributo (mentiroso).

³¹ Posições contrárias, subcontrárias, contraditórias e subalternas.

³² Lacan também aqui, ao fazer referência ao pensamento de outro autor, o faz para utilizar-se como meio para a construção de sua teoria. Não se trata do pensamento de Aristóteles e sim da leitura que Lacan pode fazer a partir da psicanálise, sobre as questões aristotélicas, subvertendo-as.

³³ LACAN, J. *La Identificaciôn*. Op. cit. Classe de 17 de janeiro de 1962.

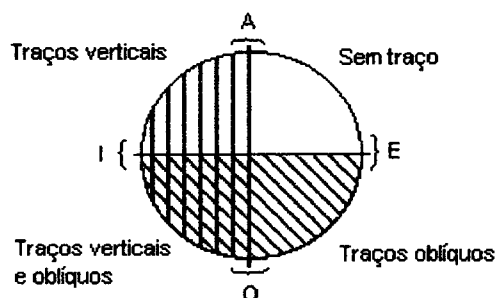


Figura 6-3³⁴

Lacan apresenta, então, um novo esquema (Figura 6-3) para trabalhar as categorias qualidade e quantidade. O sujeito, qualidade, é representado pela natureza do traço, enquanto que a característica quantidade, o atributo, é representado pela função vertical do traço. “A função traço vai preencher a de sujeito, e a função vertical, que é por outra parte eleita como suporte, a do atributo.”³⁵

- Quadrante 1 - Todo traço é vertical.
- Quadrante 2 - Não há nenhum traço.
- Quadrante 3 - Há traços verticais e oblíquos.
- Quadrante 4 - Traços oblíquos.

A partir disto é possível verificar a oposição universal/particular enquanto distinta da oposição afirmativa/negativa. A oposição universal/particular remete à escolha de um significante, da extração da eleição de um significante.

A oposição afirmativa/ negativa indica que a ordem, onde o sujeito se compromete a partir da existência de algo.

Lacan faz uma releitura do quadrante de Peirce, assinalando que no setor 1, todo traço é vertical, o que é verdade também para o setor vazio 2, onde não há nenhum traço. Estes dois quadrantes correspondem assim, a universal afirmativa, para todo x , a propriedade F se aplica, é verdadeira, ou seja, todo traço é vertical. A afirmativa universal sustenta-se, assim, pela reunião dos setores 1 e 2, a universal afirmativa aparece sustentada pelo setor vazio. A casa

³⁴ *idem.*

³⁵ *idem.*

vazia apresenta-se diretamente relacionada à emergência do sujeito, pois este se constitui enquanto exclusão do traço unário.

A proposição universal negativa: para todo x a propriedade F não se aplica, não é verdadeira, é ilustrada pelos quadrantes 2 e 4, não há nenhum traço e há traços oblíquos, ou seja, nenhum traço é vertical.

Tem-se, assim, que o quadrante 2 representa tanto a universal negativa, quanto a afirmativa, o que para a lógica clássica não é possível, pois a afirmativa universal e a negativa universal não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo, pois são contrárias.

O fato de que no quadrante 4, há traços oblíquos e, no quadrante 3, há traços verticais e oblíquos, faz referência ao par de opostos afirmativa/ negativa, presença de traços verticais e de traços não verticais. Estes dois quadrantes assinalam a existência de alguns traços, enquanto que as outras proposições não implicam necessariamente em existência. A oposição particular/universal não implica na existência.

Deste modo, Lacan deixa claro que o verdadeiro e o falso não se excluem, ou seja nem tudo que é verdadeiro é não falso ou vice-versa, o que está relacionado com a possibilidade de afirmação do “eu minto”.

A partir destas constatações, Lacan busca a possibilidade de articular a questão da incidência do Nome do Pai, partindo da seguinte fórmula: “...o pai é Deus, ou todo pai é Deus”.³⁶ A função do Nome do Pai tem valor de universal, a questão que se coloca é quanto a existência de um pai desta índole. O setor vazio do quadrante indica que se não há um pai, é sempre verdade que o pai é Deus. Mas, há pais que preenchem mais ou menos a função simbólica, o Nome do Pai. O setor 4 aponta para: há os que não (existem pais que não satisfazem a função), mas que não sejam todos e juntamente com o setor 2, não há nenhum (função do Nome do Pai é pura perda), garantem a função universal do Nome do Pai. Disto se conclui que a função paterna é compatível com a ausência do pai na realidade. O quadro que demonstra isto apresenta os seguintes setores (Figura 6-4):

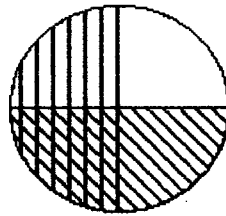
- Setor 1 - Todo pai é Deus, todo traço é vertical.

³⁶ *idem*.

- Setor 2 - Função do Nome do Pai é pura perda . Não há traços.
- Setor 3 - Existem pais que satisfazem mais ou menos a função paterna. Traços verticais e oblíquos.
- Setor 4 - Existem pais que não satisfazem a função. Não há nenhum traço vertical.

Todo pai é deus
e o professor se
funda na letra

Nome do Pai
Professor analfabeto



Há pais que satisfazem
mais ou menos a função
simbólica de Nome do Pai
Professor se funda,
a média na letra

Há os que não são
Nenhum professor
se funda na letra

Figura-6-4³⁷

A função do Nome do Pai é representada pela Universal, nos setores 1 e 4, sendo que o setor 2 é o que funda a possibilidade, ilustra esta afirmativa. Portanto é sempre verdadeiro que a função do Nome do Pai existe, mas a afirmação universal não permite afirmar qualquer existência de fato. O juízo universal não qualifica nenhum ser, enquanto que o juízo de existência só é possível a partir do particular, porque há o setor 2, onde o pai aparece como pura perda. A universal tem sentido porque há pelo menos um elemento que pode estar subtraído a ela (é o caso do pai da horda primeva).

Ainda há outra proposição apresentada cujo caráter universal é: o professor é letrado, o professor se funda na letra a nível de um caráter particular. O professor pode ser não todo letrado. Não se pode dizer que nenhum professor seja iletrado, pois haverá sempre um pouco de letras. Daí Lacan conclui que: "...da definição universal do professor é que a identidade da fórmula, segundo a qual o professor é aquele que se identifica à letra impõe, exige todavia o comentário de que pode haver professores analfabetos."³⁸ É o caso do setor 2. No quadrante

³⁷ LACAN, J. *La Identificación*. Op. cit. Classe de 17 de janeiro de 1962.

³⁸ idem.

coloca-se: setor 1: O professor se funda na letra, setor 2: Professor analfabeto, setor 3: O professor se funda mais ou menos na letra, setor 4: Nenhum professor se funda na letra.

Com esta construção, Lacan afirma que no suporte particular da questão do Nome do Pai há certa ambigüidade, ou seja, embora a função sempre exista, o sujeito não pode mais que fazer uma afirmação ou uma negação. Há a função universal do Nome do Pai, embora haja os que preenchem esta função ou não (setor 3), mesmo que não haja pai na realidade. E a partir disto, o que de fato se impõe é a questão do suporte do sujeito.

Com este recorte da lógica, Lacan pretende demonstrar qual a possibilidade do sujeito advir. Busca a relação do sujeito ao significante, o que há de escritura original no significante e o que está implicado na questão da constituição do sujeito. Sujeito enquanto algum x de natural marcado pelo significante. Significante que representa o sujeito para outro significante, enquanto o signo representa algo para alguém.

Lacan retoma o exemplo do passo na areia, enquanto signo representando algo para alguém, na pegada. No borramento da pegada, o que o sujeito busca fazer desaparecer é seu passo de sujeito, "... a desapareição está redobrada pela desapareição buscada que é o ato mesmo de fazer desaparecer".³⁹ Quando o traço desaparece, aparece um sujeito.

De igual modo, a estrutura do sujeito em relação ao significante revela momentos de *fading*⁴⁰, o que aparece para desaparecer e reaparece para desaparecer novamente, está aí a marca do sujeito como tal.

O passo é borrado, o sujeito cerca seu lugar com um limite. Há o nascimento do significante quando o traço apaga a coisa, a marca do lugar onde encontrara a pegada. O nascimento do significante se dá através de diferentes momentos: no primeiro momento há uma marca, uma escritura, um passo na areia, mas não se pode lê-lo só. Três significantes são necessários e apontam para o retorno ao primeiro significante. No segundo momento, há a leitura do passo. É da vocalização que se trata. O som *pas* não mais representa o *pas* do rastro. Ao ler este passo (*pas*), o sujeito esquece o que quer dizer o passo. Há a transformação do

³⁹ _____ . *La Identificacion*. Op. cit. Classe de 24 de janeiro de 1962.

⁴⁰ *Fading*: o sujeito advém como efeito da linguagem, efeito que o faz existir para logo eclipsá-lo na autenticidade de seu ser.

traço de passo em ausência de traço (*trace de pas - pas de trace*). A pegada de um passo é transformada pelo som em letra que barra: não passo. Aí está o significante que representa o sujeito para um outro significante.

A partir das colocações de Lacan, pode-se articular que a princípio há o signo (*pas*). Signo que representa algo para alguém. Há o signo mas não há o sujeito. Este representar algo para alguém remete ao falo imaginário, lugar que o infans pretende ocupar na tentativa de tapar a falta da mãe.

Advém então o borramento do signo, do passo (*pas*), a leitura deste *pas*, quando o que acontece é que o traço apaga a coisa em si, ou seja, referindo-se à questão da constituição do sujeito, o traço unário marca o ser, borra a coisa, marca o falo imaginário. Esta leitura do traço (*pas*) implica então, em que este traço unário seja esquecido (*pas de trace*), traço elidido via repressão primária. É quando o traço desaparece enquanto marca, reprimida, que o sujeito pode se constituir enquanto sujeito do inconsciente.

Portanto, é com a identificação secundária, identificação ao significante, quando este significante é tomado a partir do Outro e cai sob efeito da repressão (*pas de trace*), que se pode falar em identificação primária, agora expressa pela regressão a um único traço (*pas*). Assim, a primeira identificação só é articulável através da segunda identificação, por regressão, desta marca de passo (*pas*)(desta marca do não '*pas*'), inaugural. É possível então se fazer a articulação entre a primeira e a segunda identificações apresentadas por Freud.

Revela-se, assim, que, a relação da letra à linguagem, do sujeito ao significante, não deve ser considerada a partir de uma linha evolutiva. Não se parte de uma origem espessa para alcançar uma forma abstrata. Desta maneira, Lacan demonstra que há que se desprender das ilusões da lógica formal e fazer um recorte então na lógica simbólica.

Lacan traz o texto "*Princípio da Matemática*", de Bertrand Russel, para articular a questão da lógica simbólica e a diferença entre a lógica tradicional e a lógica simbólica, cuja característica é esta redução a letras. Nesta obra, Russel apresenta um questionamento sobre a lógica matemática. Lacan procura articular o paradoxo de Russel e sua relação com a teoria

dos conjuntos. Um conjunto é definido por fórmulas, os axiomas, escrito através de símbolos reduzidos a letras, ao qual se unem significantes que indicam as relações envolvidas.

Russel apresenta a teoria dos tipos, onde destaca que as entidades referidas nas teorias dos conjuntos, inclusive os conjuntos e o conjunto dos conjuntos, estão distribuídas em uma hierarquia de níveis ou tipos, onde cada entidade pertence a um único tipo. Aparece, assim, a possibilidade de estruturar, em diferentes níveis, uma hierarquia de metalinguagens.

É possível a distinção entre os conjuntos, sendo que este autor alega que existem alguns conjuntos que são membros de si mesmos e outros que não são membros de si mesmos. O paradoxo de Russel trata do conjunto de todos os conjuntos, que não faz parte de si mesmo. Aí o significante está envolvido, pois também o sujeito não faz parte de si mesmo.

O exemplo de conjunto que faz parte de si mesmo é um estudo da humanidade na classificação bibliográfica. O conjunto do estudo sobre a humanidade deve conter todos os trabalhos que tratam do estudo das humanidades como tal. Pode haver o conjunto de conjuntos que não são membros de si mesmos. E a questão que se apresenta é se este conjunto de todos os conjuntos que não é membro de si mesmo, é membro de si mesmo ou não. Se o conjunto é membro de si mesmo, ocorre a contradição, pois é o conjunto dos conjuntos que não se compreendem a si mesmos. Mas se não se compreende, como se pode desvinculá-lo da definição de não serem membros de si mesmo?

Segundo Lacan, o que os lógicos não privilegiam, é justamente o fato de que a letra que utilizam tem, por si mesma, poderes, pois, cada letra apresenta uma função significante e é nela que repousa a construção lógica.

É o que acontece quando se utiliza a letra a, para representar todas as letras do alfabeto. O conjunto a é igual às letras do alfabeto de b a z, sem compreender-se a si mesma. Mas pode-se incluir o a, enquanto letra no conjunto das letras representadas pelo a. O a que está dentro do parênteses, como letra, não é o mesmo a, que representa o conjunto, e é ao mesmo tempo o mesmo.

Lacan introduz, a partir disto, a questão do objeto a, objeto causa do desejo, que aponta para a demanda, "...o objeto metonímico do desejo que em todos os objetos representa

este pequeno a eleito, aonde o sujeito se perde quando o objeto aparece metaforicamente...⁴¹, objeto a, seio, mama, para sempre perdido e substituído metaforicamente pelo falo.

Ainda em seu questionamento sobre a lógica, Lacan pretende diferenciar 'mama' da função de definição da classe mamífera e a mama enquanto objeto a. Mamífero se reconhece ao que tem mamas. "...o que quer dizer o significante 'mama', na medida em que é o objeto ao redor do qual substantificamos o sujeito em um certo tipo de relações chamadas pré-genitais?"⁴²

Quando se fala de fixação oral, o seio de que se trata não é mamário, e sim esse seio é falo, pois este seio, quando reprimido, é evocado como objeto fático.

Segundo Lacan, pode-se colocar qualquer coisa no lugar do a, como a bolinha de ping-pong, justamente porque do que se trata aqui é do passo de falo de a^+ a a^- e, a partir daí, pode-se verificar a relação da identificação. O a^+ revela a presença do objeto, uma possível completude, representada pelo falo imaginário. O a^- aparece como a ausência do seio, a incompletude a ser representada pelo falo simbólico. O que o sujeito assimila é o a em sua frustração, que é a falta imaginária de um objeto real, o seio.

A relação do sujeito ao $\frac{1}{A}$, onde o 1 aparece enquanto assumindo a significação do Outro como tal, onde o Outro aparece como barrado, tem relação com a realização da alternância ($a^+ \times a^-$). O produto de a^+ por a^- é $-a^2$.

"... quando há afirmação e negação, a afirmação da negação dá uma negação, a negação da afirmação também, vemos aí assomar na fórmula mesma do $-a^2$..."⁴³

O que mostra-se aqui não é a presença ou ausência do pequeno a e sim, a conjunção dos dois, do corte. Da distinção entre a+ e a- aonde o sujeito vem alojar-se, pois a identificação tem a ver com algo do objeto causa do desejo. Eis aí um paradoxo relacionado

⁴¹ idem.

⁴² idem.

⁴³ idem.

aos modos de aparição do objeto, objeto metonímico enquanto fator comum da linha de significante. Significante sobre a barra saussureana, objeto relacionado à pulsão oral.

É a partir daí que se pode pensar o significante em matemática, na teoria dos conjuntos, relacionado ao paradoxo de Russel, para mostrar que o significante não só não está submetido à lei da contradição, mas é justamente aí que está o seu suporte. Ou seja, o \underline{a} , enquanto significante, só é pensável na medida em que \underline{a} não é \underline{a} . É a partir disto que se coloca a questão se o seio é mamário, enquanto objeto da pulsão oral, apontando para o cuidado da mãe para com seu infans. O seio, enquanto erotizado, objeto causa de desejo, via pulsão oral é justamente distinto do seio enquanto mamário, objeto de necessidade.

“...na medida em que o significante falo aparece como fator revelador de sentido da função significante em certo estágio, na medida em que o falo aparece no mesmo lugar na função simbólica aonde estava o seio, e na medida em que o sujeito se constitui como fálico, não somente se pode dizer que o pênis que está no interior do parênteses do conjunto dos objetos que alcançam para o sujeito o estágio fálico, não é mais fálico que o seio mamário...”⁴⁴

Com a diferenciação do seio erotizado e o seio mamário, como também com a equiparação do seio mamário ao pênis, Lacan vem elucidar, mais uma vez, que a função do falo não é redutível a dados biológicos. O pênis tem lugar no parêntese dos objetos, enquanto o que é vizado pela castração imaginária (ameaça a $\underline{a+}$), quanto pela castração simbólica ($\underline{a-}$).

O falo, enquanto função significante, faz com que o pênis real caia a partir da ameaça da castração. “É em razão da função significante do falo como tal que o pênis real cai sob o golpe do que no começo foi aprendido na experiência analítica como ameaça, a saber, a ameaça da castração”.⁴⁵ O que se trata aqui é da castração, há a falta simbólica de um objeto imaginário, falo imaginário, pois na castração a questão que se apresenta é da mãe enquanto castrada, que o sujeito simboliza via Metáfora Paterna. O infans vive a ausência do pênis na mãe enquanto uma frustração, que é a falta imaginária de um objeto real, o pênis. E como a mãe algo falta, o infans se coloca no lugar de falo imaginário, que poderia completar a falta da mãe. Aí está a função privilegiada do falo na identificação do sujeito. A função do falo é em

⁴⁴ _____ . *La Identificación*. Op. cit. 21 de fevereiro de 1962.

⁴⁵ *idem*.

torno da qual se articula a libido. A relação do sujeito ao desejo tem como mola o falo, o desejo tem como objeto pequeno a , algo do real que se constitui como causa do desejo, resto da operação significante, intervalo entre a^+ e a^- , lugar da constituição do sujeito em sua relação ao objeto a , operação do falo em sua função significante.

É em torno da questão fálica que o processo de identificação ocorre. Segundo Lacan, a partir de um certo ponto da obra freudiana, a identificação é um ponto de revisão de toda a construção psicanalítica. A questão que se colocava como tal é saber quem fala a quem. E é por isso que Lacan retoma a lógica, agora para ir além, para citar uma lógica elástica⁴⁶, diferente da lógica clássica onde o sujeito é forcluído. Lacan fala da lógica do funcionamento do significante, pois o que há de fundamental a ser buscado é a relação do sujeito ao significante.

Lacan faz um novo recorte em termos de lógica, agora no texto de Kant, “*Crítica da Razão Pura*”⁴⁷, onde Kant trabalha a estruturação das categorias, e é aí que se encontra a função do *Einheit*, da unidade, que é o fundamento de toda a síntese, *a priori*, em Kant. O Um, o grande I, enquanto função sintética, é o que em toda a categoria *a priori* traz consigo a função de uma norma de uma regra universal.

A função do um, na identificação enquanto estrutura, não equivale ao Um de Kant e, sim, ao traço unário. Não é o círculo que agrupa, da formalização lógica, mas o 1 enquanto traço, enquanto coisa insituável. “Então, este 1, seu paradoxo, está constituído justamente porque mais ele reúne (...) mais tudo o que é diversidade de aparências se borra, mais suporta, mais encarna (...) a diferença como tal.”⁴⁸

Lacan retomando o que destacara em relação à primeira identificação, situada por Freud como *Einverleibung*, incorporação, a consumação do inimigo, do pai, ou seja, para que se possa falar desta primeira identificação, é necessário que se parta do segundo tipo de identificação, a identificação ao traço unário. No segundo tipo de identificação, a função do um, não é mais a do *Einheit*, mas a do *Einzigkeit*, a unicidade expressa como tal. Passa-se,

⁴⁶ idem.

⁴⁷ Segundo Lacan, capítulo: *Introdução à Análise Transcendental*.

⁴⁸ LACAN, J. *La Identificación*. Op. cit. Classe de 21 de fevereiro de 1962.

assim, da norma, da regra, à exceção. É justamente a exceção que vem confirmar a regra, o que difere das questões da lógica clássica. Aqui, a exceção é o princípio da regra, relação ao pai primevo, pois ao menos um pai que se apresenta como exceção.

E isto remete à questão da negação, pois a negação não é um zero e sim um ‘não um’. ‘Não um’ que, na continuação, tem ‘um um’, e aí volta-se à questão do sujeito como tal. É por isto que Lacan frisa que em francês não há verdadeira negação (*ne pas*). O ‘ne’ representa a marca do sujeito do inconsciente, mas é o ‘pas’ que remete à trilha do furo no real constituinte do sujeito, pois o sujeito é efeito do significante. A primeira identificação tem a ver com o vazio do setor 2 e com o ‘pas’ da negação. É a partir do não passo, após o borramento, que se pode verificar o passo. Há aí a marca do ‘não’ inaugural. É com a segunda identificação, o não passo, que o significante marca uma borda no real.

Em sua busca de articular o real e o significante, Lacan traz a questão do número, assinalando que na matemática atual há um último termo no campo da criação matemática, um resíduo indemonstrável, mas é pela demonstração formal que esta certeza pode advir. É a partir disto que Lacan busca em Frege, “*Fundamentos da Aritmética*”⁴⁹, a questão do número, anotando que não há nada aí que remeta à intuição pura, como também nenhuma dedução empírica possível da função do número, ou seja, à lógica até então desenvolvida. Diz Frege, segundo o desenvolvimento que fez de sua Ideografia:

“Ela deve tornar as expressões mais concisas e compreensíveis, e operar com poucas formas fixas, à maneira de um cálculo, de modo a não permitir nenhuma passagem que não seja conforme a regras estabelecidas de uma vez por todas (...) Demonstrei assim sem emprestar nenhum axioma da intuição, uma proposição que à primeira vista poderia ser tomada como sintética...”⁵⁰

Mas do que se trata é de uma proposição analítica, *a priori* deduzível da lógica.

Como exemplo, Lacan apresenta a configuração de um lado de um dado, onde se podem ver 5 pontos (Figura 6-5).

⁴⁹ Citado em Lacan.

LACAN, J. *La Identificacion*. Op. cit. Classe de 28 de fevereiro de 1962.

⁵⁰ FREGE, G. *Sobre a Justificação Científica de Uma Ideografia*. In: Os Pensadores. São Paulo, Editora Abril, 1974. p. 273.

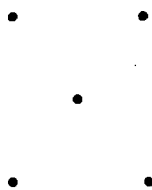


Figura 6-5

Há aí uma figura que pode simbolizar o número cinco, mas o número cinco não está dado por esta figura. Para clarear sua explicação, articula a experiência de condicionamento que se pode fazer com um animal, quando é experimentada a faculdade de discernimento. São apresentadas as duas figuras que se seguem (Figura 6.6):

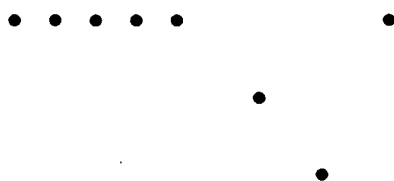


Figura 6-6

O animal não reage de maneira semelhante frente a estas três figuras, justamente porque não sabe contar. Mas isto não prova, necessariamente, a origem não empírica da função do número. Na gênese racional do número, há que se chegar, a partir da unidade e do zero, a diferença, que são muito importantes para a construção racional do número. É assim que Frege conceitua o número 1. 1 é o número que convém a um conceito (igual a 0) e há um objeto (objeto 0) que cai sob o conceito.

Frege conclui isto a partir da construção que: "... o número que convém ao conceito "diferente de si próprio", 'igual a 0 mas não é igual a 0' é o 0", e que sob ele cai nenhum objeto, que é o ponto de partida logo, "... o número que convém ao conceito 'igual a 0' segue na série natural dos números imediatamente após 0 (...) 1 segue na série natural dos números imediatamente após 0"⁵¹. Assim, nota-se que só é possível definir o 1 a partir do 0, pois o número 0 é diferente de si mesmo e que sob este conceito não cai nenhum objeto. O número

⁵¹ *idem.* p. 264.

que convém ao conceito 'igual a 0' é o um e sob este conceito cai o objeto 0. Portanto o 1 marca a apreensão deste conceito que não apreende nada.

Reaparece aqui o traço unário, apontado por Freud, função que faz aparecer a gênese da diferença, pois é na repetição do aparecimento do idêntico, "...que se desprende o que denominei não o símbolo, senão a entrada no real como significante inscrito (...) da escritura."⁵² A entrada no real é expressa pelo traços repetidos pelo caçador primitivo, da diferença absoluta. O um do traço unário é a entrada do significante no real, sob a forma da pura diferença.

Lacan, assim, abandona a unidade unificante (*Einheit*), pela unidade distintiva (*Einzigkeit*) para articular a solidariedade do sujeito enquanto ligada a este traço unário.

A função do traço unário, em Freud, aparece, segundo Lacan, no narcisismo das pequenas diferenças, pois é a partir de uma pequena diferença, enquanto é o mesmo que o Ideal do Eu, I, que se acomoda a questão narcísica, na tentativa de retomar o narcisismo perdido, o que se constitui como narcisismo secundário. O sujeito constitui-se, assim, como portador, ou não, do traço unário.

“É porque há um sujeito que se marca a si mesmo ou não do traço unário que é um ou menos um, que pode haver um menos a, que o sujeito pode identificar-se à bolinha do neto de Freud e especialmente na conotação de sua falta: não há *ens privativum*. (...) há um vazio, e é a partir daí que o sujeito partirá: *leere Gegenstand ohne Begriff*.”⁵³

Objeto vazio, sem conceito, há ali nada. É o simbólico que pode fazer com que algo do real possa cair, o objeto a.

“Só o sujeito pode ser esse real negativizado de um possível que não é real. O menos 1 constitutivo de *ens privativum* o vemos assim ligado à estrutura mais primitiva de nossa experiência de inconsciente, na medida em que é não a do proibido, nem do dito que não, senão do não dito, do ponto em que o sujeito não está mais ali para dizer senão é mais amo desta identificação ao 1”.⁵⁴

⁵² LACAN, J. *La Identificacion*. Op. cit. Classe de 28 de fevereiro de 1962.

⁵³ *idem*.

⁵⁴ *idem*.

A privação aparece como o ponto mais central da estrutura de identificação do sujeito. A privação se instaura como falta real de um objeto simbólico. Embora no real nada pode faltar, o objeto falta em seu lugar, via privação. É via privação que o sujeito pode se identificar, constituindo-se como diferença absoluta do entre dois significantes.

Os filósofos, em sua busca, pretendem dar conta do absoluto, de alcançar o real, mas para a psicanálise o que importa são as diferenças. Diferenças que aparecem quando o sujeito erra em sua conta, é justamente porque o sujeito pode errar e o termo erro só tem algum sentido para o sujeito se ele conta, pois o erro de que se trata é o erro em sua conta.

A atividade de contar já está aí, pronta para o sujeito. O sujeito conta antes mesmo de fazer quaisquer coleções. Diz Lacan: “Mas o que está implicado como sujeito na relação de cômputo, de maneira muito mais radicalmente constituinte do que se o quer imaginar, a partir do funcionamento de seu sensorio e de sua motricidade.”⁵⁵ E é o sensorio que mostra que o que está no cálculo do sujeito é real, existe. O que torna possível contar começa com o juízo da existência.

O que Lacan busca é a base, o fundamento do cálculo para o sujeito, “... pois o traço unário começa tão pronto como a função da conta”⁵⁶. O traço unário aponta para a diferença, diferença que suporta e supõe a subsistência de um mais um e um mais. Este ‘mais’ marca novamente a subsistência radical da diferença e o que possibilita o dois, o três.

O traço unário, em Freud, refere-se à unicidade, como tal, do rodeio da repetição. O conceito de repetição no inconsciente aponta exatamente para a busca do sujeito em sua unicidade significante, tentando fazer ressurgir o unário primitivo de uma de suas voltas, ligado à estrutura mesma do sujeito. E isto já está em jogo mesmo antes que o sujeito saiba contar. Independente que saiba ou não contar, o sujeito erra em sua conta, pois o sujeito enquanto tal é erro, há um erro de conta em sua constituição.

O sujeito conta e nessa conta erra, este erro de conta é justamente o que pode constituir o sujeito. Para articular estas questões, a função do sujeito, Lacan utiliza-se da figura

⁵⁵ LACAN, J. La Identificacion. Op. cit. Classe 7 de março de 1962.

⁵⁶ idem.

topológica do toro. O toro é uma figura construída a partir da revolução de uma circunferência ao redor de um eixo situado em um plano, sendo que a circunferência gira. Trata-se de uma estrutura em anel e fechada (Figura 6-7).

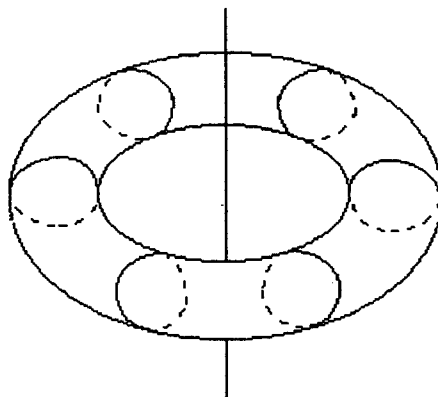


Figura 6-7⁵⁷

Na figura do toro, podem-se perceber dois círculos: um círculo pleno, círculo da demanda, que faz a volta da argola, em sua parte externa, e um círculo vazio, relacionado ao desejo, que faz a volta da argola em torno da cavidade central. Relacionado ao círculo vazio, função de desejo, está o objeto metonímico. Como o objeto está perdido, o sujeito repete, repete o que não pode contar, repete porque não captura o objeto, há aí uma demanda que não se fecha em si mesma.

No toro podem ser percebidas uma série de voltas, diz Lacan: “Eis então a série de voltas que na repetição unária, fazem com que o que retorna é o que caracteriza o sujeito primário em sua relação significante...”⁵⁸

O que ocorre é que na medida em que o sujeito realiza a sucessão de voltas, acaba por errar na conta, aparecendo, assim, o menos 1 inconsciente. “... na medida em que o sujeito recorre à sucessão de voltas, necessariamente se engana, se equivoca por um em sua conta, e vemos reaparecer o menos um (-1) inconsciente na sua função constitutiva.”⁵⁹ Há aí uma volta

⁵⁷ idem.

⁵⁸ idem.

⁵⁹ _____. *La Identificación*. Op. cit. Classe de 7 de março de 1962. Lacan retoma a temática do erro, em outro contexto, no contexto dos nós e cadeias borromeanas, Seminário XXIII, dedicado à James Joyce, quando Lacan refere-se ao erro no nó de Joyce.

que o sujeito não pode contar em seu percurso, a volta que realiza em torno do círculo vazio. O sujeito ao mesmo tempo realiza um percurso sobre o círculo pleno e o vazio.

Retomando a matemática, na lógica de classe, Lacan busca algo para articular a questão do traço unário na constituição do sujeito, onde unidade e totalidade são solidárias, ligadas uma à outra por uma relação de inclusão, ou seja, a totalidade é a totalidade em relação à unidade, e é a unidade o que funda a totalidade. Em relação à classe, o que está em jogo é a questão da classificação. Por exemplo: mamífero é o que se exclui dos vertebrados, justamente por um traço, traço unário, a 'mama'.

Conclui-se, então, que o traço unário pode faltar, que no primeiro momento o que há é ausência de mama, pois como diz Lacan: "...não pode ser que a mama falte, é isto que constitui a classe mamífera."⁶⁰ A definição possível de uma classe aponta para a possibilidade de sua inexistência, inexistência possível com esta classe, pois há a classe que não comporta nenhum indivíduo.

Lacan retoma o quadrante anteriormente elaborado para trabalhar esta questão (Figura 6-8).

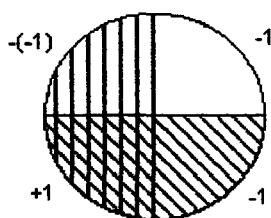


Figura 6-8⁶¹

O sujeito constitui-se, em primeiro lugar, como o quadrante superior direito, onde há ausência de traço como tal. O sujeito, enquanto tal, é menos um.

⁶⁰ idem.

⁶¹ idem.

É a partir da possibilidade do traço unário, enquanto excluído, que se pode constituir uma classe onde não pode haver ausência de mama, não é possível que não haja mama : menos menos um: - (-1) .

É o sujeito que introduz a privação através do ato da enunciação: "... poderia ser que não haja mama? (*se pourrait-il qu'il n'y ait mamme?*)..."⁶², onde o (não (*ne*)), não é negativo. O '*ne*' que aparece aqui é o '*ne*' expletivo da gramática francesa. "*...se pourrait qu'il n'y ait mamme? Pas possible, rien peut-être*" (podia ser que (não) haja mama? Não é possível, nada talvez.) Está ali o começo de toda enunciação do sujeito concernente ao real."⁶³

A parte em branco no quadrante preserva os direitos do nada, ou seja, a possibilidade, pois não é senão a partir do não possível que o real pode tomar seu lugar.

"O que o sujeito busca, é esse real enquanto justamente não possível, é a exceção, e neste real existe seguramente. O que se pode dizer é que não há justamente senão o não possível na origem de toda enunciação. Mas se vê que é do enunciado do nada que parte."⁶⁴

O que Lacan tem buscado é o que há de real no efeito do significante pois o desejo no sujeito é impensável, senão em relação ao significante e seus efeitos. Significante que o sujeito mesmo é, enquanto sua posição neurótica, pois o que constitui o neurótico é um significante, e representa um sujeito oculto, o inconsciente. "... o que constitui como tal o neurótico é um significante e nenhuma outra coisa - pois o sujeito ao que ele serve está em outra parte - é o que chamamos inconsciente."⁶⁵

O que o neurótico busca "...é retransformar o significante naquilo do que ele é signo."⁶⁶ Enquanto é sujeito possibilita o advento do significante, significante que borra a coisa. O sujeito, ao borrar a coisa, os traços da coisa, constitui o significante. E o neurótico procura borrar este borramento, pois na tentativa de que o surgimento da função significante não se tenha produzido é que se descobre o que há de real na origem, o signo.

⁶² idem.

⁶³ idem.

⁶⁴ idem.

⁶⁵ _____, *La Identificacion*. Op. cit. Classe de 14 de março de 1962.

⁶⁶ idem.

O sujeito simbolizado pelo -1 que possibilita a afirmação universal, a possibilidade de fundar a exceção. Pois a exceção exige a regra, constituindo seu verdadeiro princípio. O único verdadeiro seguro da afirmação universal é justamente a exclusão do traço negativo, - (-1), do setor 1.

O setor 2, vazio, há que se considerar separado, o -1 que é o sujeito, não subjetivado em si mesmo. É necessário este primeiro momento de privação, privação real. Há aí algo da ordem de um rechaço original. É necessário que algo tenha aparecido no real, o traço unário. Traço unário que outorga a realidade ao ideal do eu. Diz Lacan "...o ideal é tudo o que há de real no simbólico".⁶⁷

1 que é a realidade do traço do primeiro caçador, caçador que marca na costela do animal o número de suas caçadas, mas ainda não sabe contar. O sujeito, no início, é a privação da coisa, do erro ao contar.

A falta na conta constitutiva, na privação, dá a chave para a segunda identificação. O sujeito, -1 do traço unário, é representado no grande Outro, como excluído pelo representante da representação. Ele intervém sob a forma de uma fissura entre o enunciado e a enunciação.

Aqui aparece a dimensão do Outro, a nível da frustração. Pois, mesmo antes que o sujeito nasça, já há aí o universo do discurso. A identificação acontece sob o fundo da frustração, com aquele que frustra. É na relação do sujeito ao Outro que um passo a mais se dá, que o sujeito enquanto falante, pode se constituir. É como imaginário que o sujeito é frustrado, embora se refira a um objeto real, enquanto que o Outro intervém como simbólico.

Outro que o sujeito percebe como faltante, assim como ele, o sujeito também é faltante e portanto desejante, pois o que é passível de se desejar é justamente o que falta, o que há de menos. O sujeito de que se trata é o sujeito do desejo. Desejo que os filósofos tentaram dar conta, desejo que Lacan aponta como uma função de verdade.

⁶⁷ Idem.

Desejo articulado com o lugar do sujeito como tal, enquanto sujeito na estrutura da experiência. O desejo de objeto revela a falta fundamental do sujeito. Falta que indica a perda da coisa no objeto, pois o objeto está perdido e nunca é reencontrado.

Também é de perda que se trata em relação a algo de essencial da imagem. Perda relacionada ao eu, no ponto do nascimento do desejo. Perda revelada com a imagem, onde percebe que algo pode faltar.

Tudo isto seria impossível se o simbólico já não estivesse aí, pois o Outro e o discurso estão aí desde sempre. O que se trata aqui é da demanda, obter do Outro a satisfação, não do que é da ordem da necessidade, e sim da ordem do desejo. O objeto do desejo enquanto tal está constituído justamente pela impossibilidade do Outro em responder à demanda, qualquer que seja ela.

O Outro está constituído aí como sem poder, ‘sem’ enquanto uma nova forma de negação, uma negação-união, diz Lacan, “não sem”, não é sem poder.

“O Outro sem dúvida se introduz na perspectiva ingênua do desejo como sem poder, mas essencialmente o que o liga à estrutura do desejo é o “não sem”. Ele não é tampouco sem poder; é pelo que este outro que temos introduzido em suma enquanto que metáfora do traço unário (...) Por isto ele é como não um; outorga ao (-1) do sujeito outra função que se encarna ao começo nesta dimensão, que esse como lhes situa bastante como sendo aquele da metáfora.”⁶⁸

É a partir da demanda do Outro que o sujeito neurótico tenta fundar seu desejo.

Lacan busca em Freud a relação do desejo, pontuando que este está diretamente relacionado ao Édipo: “...uma relação entre uma demanda que toma um valor tão privilegiado que torna-se mandato absoluto, a lei, e um desejo que é o desejo do Outro, do Outro de que se trata no Édipo.”⁶⁹ Aí está o fundamento da verdade freudiana, diz Lacan.

Para que se chegue a isto é necessário, anteriormente, em tempo lógico, identificação ao outro, enquanto pai morto, do crime original donde advém a forma de amor. Tempo

⁶⁸ *idem.*

⁶⁹ _____. *La Identificación*. Op. cit. Classe de 21 de março de 1962.

ineliminável, essencial para a estrutura mítica do Édipo. Morte do pai, que revela o ser como ausente. Assim se constitui o objeto do desejo ao nível imaginário. Relação ao outro, relação imaginária do estádio do espelho. "...o objeto a aqui em relação a esta imagem que ele inclui, que é a imagem do outro no nível do estádio do espelho: i de a, i(a)."⁷⁰ É também desta equivalência, desta identificação ao outro como imaginário, que o objeto se constitui.

Lacan articula a questão do campo de significante, campo de conotação da representação e da ausência onde o objeto se constitui enquanto ex-sistência do sujeito. Trata-se aqui da castração. E Lacan se faz uma questão: por que é necessário que o sujeito seja representado, enquanto excluído do campo onde atua em suas relações com os outros sujeitos, "... por que é necessário que ele esteja representado em alguma parte como excluído de seu campo para intervir neste campo mesmo."⁷¹

Em relação ao significante e o sujeito, é necessário que se diferencie o enunciado e a enunciação. Está aí a importância da possibilidade do nada e sua articulação com a passagem do signo ao significante. Lacan destaca uma pergunta: é signo o significante?

O significante é signo de nada, o significante se define justamente por representar o sujeito para outro significante. O significante significa para outro significante o sujeito enquanto nada. O Outro vai responder nada. Ao nível da impotência do Outro, se enraíza o impossível, vazio onde advém o valor divisório do traço unário. O Outro não responde porque tem uma limitação de seu saber, um impasse. O desejo vai se constituir justamente a partir do que está oculto no Outro, como a parte da demanda que está oculta no Outro. É na falta de garantia do Outro, enquanto agente frustrador, que advém o desejo. O neurótico se agarra nisto para surgir do nada, a verdade do traço unário, e a partir daí se identifica com este Outro que o frustrou.

A identificação é da dimensão do sujeito. Lacan retoma a primeira forma de identificação, em Freud, identificação por incorporação, o que, pelo próprio termo utilizado, remete a algo ao nível do corpo. Na concepção primitiva, há pai para todos os que descendem dele, identidade de corpo. O sujeito na identificação primária se identifica ao Outro da

⁷⁰ idem.

⁷¹ idem.

necessidade. Mas é retroativamente que se pode verificar a questão da identificação primeira, ou seja, a partir da segunda.

A segunda identificação pode ser articulada a partir do significante puro. O sujeito põe no mundo o traço unário, o traço unário desprendido faz aparecer o sujeito como aquele que conta. O que conta ativamente e o que conta na realidade.

Lacan dá como exemplo a experiência de exploradores na Antártica, há quilômetros longe da costa, que passam por várias frustrações e carências. Estes exploradores estão desorientados na paisagem, que ainda é virgem. Em seus textos escrevem que costumavam se contar uns aos outros, contavam-se com um a mais dos que eram, que não se reencontravam:

“Um se perguntava sempre aonde havia passado o faltante, o faltante que não faltava senão disto que todo o esforço de contar lhes sugeria sempre que havia um demais, logo um de menos”⁷².

O sujeito é justamente isto, a possibilidade de um significante em mais de um 1, a partir do qual se constata que há um que falta.

“... o sujeito em si mesmo está no último termo destinado à coisa (...) é esse caminho que ele não pode descrever mais que pelo passo pelo Outro enquanto que o Outro está marcado pelo significante (...) desta passagem pelo significante que se constituem o desejo, o objeto, a aparição da dimensão do Outro e a emergência do sujeito.”⁷³

A partir do borramento da coisa pelo traço unário, é que advém esta possibilidade de relação ao Outro e a constituição do sujeito.

Para que o sujeito encontre a coisa, vai justamente na direção oposta, os primeiros passos do sujeito estão na dimensão da metáfora e da metonímia do primeiro jogo de significantes. O sujeito introduz o nada como tal.

O objeto causa do desejo (o nada) constitui-se em relação à demanda feita ao Outro. O objeto do desejo se constitui na relação ao Outro, enquanto ele mesmo se origina no valor de

⁷² *idem.*

⁷³ *idem.*

traço unário, enquanto metáfora do traço unário. A inclusão do objeto de desejo nesta relação ao Outro, implica a marca do significante como tal.

Na segunda identificação, o sujeito faz a substituição da perda necessária, da frustração, identificação regressivamente ao traço unário, ao Outro da demanda. Traço unário enquanto letra, enquanto gênese do significante ao nível do real. Pois é a partir da letra que se pode pensar a relação do simbólico com o real.

Este capítulo mostra o sujeito como constituído enquanto exclusão do traço unário(-1). Lacan destaca a diferença entre significante que representa o sujeito para outro significante e o signo que representa algo para alguém; para logo a seguir assinalar que o significante é signo de nada, o significante significa para outro significante o sujeito enquanto nada. É o um do traço unário que é a entrada do significante no real, sob a forma da pura diferença. Traço unário que intervém enquanto fissura entre o enunciado e a enunciação.

Na identificação ao traço unário está o um da diferença como tal, da unicidade. Um referente à privação real, relacionado à repressão primária. Um enquanto traço unário que outorga realidade ao ideal do eu, pois é necessário que algo tenha aparecido no real. E o ideal do eu, diz Lacan “... é tudo o que há de real no simbólico.”⁷⁴

Ideal de eu constituído a partir da identificação secundária, ao Outro da demanda. Quando o sujeito demanda ao Outro e este não lhe responde pois tem limites, o sujeito constitui-se como desejante, quando do recobrimento destas duas faltas, a do sujeito e a do Outro. O sujeito então, surge do nada, identificando-se a um único do traço do outro, Outro que o frustra.

É com a identificação secundária que se pode retomar a primária, pois a identificação que constitui o ideal do eu é a identificação regressiva ao significante. Percebe-se então, a construção mítica de Freud, quanto à identificação primária. Identificação resultante da morte do pai primevo, revelando o ser como ausente. Na identificação primária há a identificação ao Outro da necessidade, identificação percebida retroativamente, a partir da identificação ao significante, quando o traço unário instaura uma falta no real.

⁷⁴ _____. *La Identificacion*. Op. cit. Classe de 14 de março de 1962.

Com as presentes articulações referentes ao texto de Lacan sobre as identificações, tornam-se mais claras as diferenças e relações existentes entre as identificações primária, imaginária e identificação regressiva a um único traço, identificação ao significante.

Embora no Seminário IX, Lacan também faça articulações sobre a identificação histórica. Devido ao tema desta dissertação optou-se por não abrir este aspecto da teoria.

Algumas palavras duras,
em voz mansa, te golpearam.
Nunca, nunca cicatrizam.

C. Drummond de Andrade

Capítulo 7

7. Sigmund e Signorelli

A construção teórica sobre o nome próprio está diretamente articulada ao tema da constituição do sujeito, da formação do ideal do eu e também do eu ideal.

Se por um aspecto está a teoria, indissociada desta aparece a prática, pois não há psicanálise sem prática clínica. Nos textos de Freud e Lacan, o nome próprio também está diretamente relacionado à prática.

Freud, em sua obra, escreve sobre a importância do inconsciente, importância esta assinalada através dos estudos realizados sobre as formações do inconsciente: sintoma, sonho, ato falho e chiste.

Em 1901¹, Freud publica "*Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*", onde trata especificamente de esquecimentos, lapsos da fala, equívocos na ação, erros. A partir do estudo destes atos falhos e da interpretação dos sonhos, Freud destaca a relevância das manifestações do inconsciente também na "vida psíquica normal".

Para efeito deste trabalho, faz-se um recorte no texto de Freud, articulando-se a partir do capítulo "*O Esquecimento de Nomes Próprios*"². É interessante assinalar que no relato freudiano não se trata em si da importância do nome próprio, mas o que se pretende a partir deste texto é articulá-lo às questões trabalhadas nesta dissertação.

¹ Capítulo I, de "*Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*".

² FREUD, S. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901). In: *Obras Completas*. 2. ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987. v. VI, p. 19.

O esquecimento de nome próprio relatado é, segundo Freud “um exemplo altamente sugestivo extraído de minha auto-observação”³, onde a função psíquica da memória falha, há um esquecimento e outro nome próprio é erroneamente lembrado. Os nomes substitutos que vêm à consciência, embora percebidos como incorretos, persistem. Há um deslocamento (*Verschiebung*) do nome perdido para o nome substituto incorreto.

O que Freud apresenta é que a articulação entre o nome perdido e o substituto se efetua a partir de determinadas vias, que são regidas por leis. Leis que referem-se à metáfora, onde estão envolvidos os processos de substituição, condensação, onde os termos são associados por semelhança; e à metonímia, com processos de combinação, de deslocamento, cujos termos estão associados por contigüidade.

O fato em que ocorre este esquecimento dá-se em uma viagem que Freud fazia indo da Ragusa, na Croácia, para uma cidade na *Herzegovina*. Nesta viagem, Freud conversa com seu companheiro de viagem, que até aquela oportunidade lhe era desconhecido. O tema da conversa é sobre viagens pela Itália. Freud indaga se o viajante já estivera em *Orvieto* e se vira os afrescos de... , aqui falta-lhe um nome.

O nome esquecido por Freud é *Signorelli*, pintor dos afrescos das “*Quatro Últimas Coisas*”(morte, juízo, inferno e céu). Esta composição revela os fenômenos esperados ao fim do mundo, Juízo Final, e a possível aparição do anticristo. Estas obras estão na catedral de *Orvieto*.

Os nomes que se apresentam como substitutos ao nome esquecido são: *Botticelli* e *Boltraffio*, nomes identificados como incorretos. O nome esquecido, ao ser apontado pelo companheiro de viagem, é prontamente aceito como verdadeiro.

Freud considera que houve uma perturbação do novo tema (pintor de *Orvieto*), pelo tema que o antecedeu. Anteriormente, conversavam sobre os costumes dos turcos que habitam a *Bósnia e Herzegovina*. Freud lembrara que um colega médico lhe contara que os turcos apresentam grande confiança em seus médicos e também resignação ao destino. Isto se revela quando o médico tem que dizer que, em determinado caso, nada mais pode ser feito, frente a

³ idem, p. 19.

um quadro incurável. Perante este fato, respondem: “*Herr!* Senhor, o que se há de dizer? Se fosse possível salvá-lo, sei que o senhor o teria salvo.”⁴ *Herr* é a maneira respeitosa de chamar o médico em alemão. Respeito este que Freud sempre desejou receber de seus pacientes, que ele pudesse ser tratado com confiança. Neste diálogo estão presentes as palavras *Bósnia, Herzegovina e Herr*, a serem associadas com *Signorelli, Botticelli e Boltraffio*.

Em relação ao tema dos turcos, Freud também lembrara-se de uma referência que se faz aos turcos. Esta referência, Freud teria preferido omiti-la, pois tratava-se do fato de que os turcos dão grande importância ao gozo sexual e, por conseqüência, em caso de distúrbios sexuais desesperam-se, alegando: “Sabe *Herr*, quando isso acaba, a vida não tem nenhum valor.”⁵ Resignam-se frente à morte e preferem morrer a ficarem sexualmente impotentes.

Freud, além de omitir este fato, por estar em presença de um viajante estranho, evita também a associação de seus pensamentos com o tema “*morte e sexualidade*”⁶.

A fuga a esta associação está relacionada com a notícia que recebera anteriormente, enquanto estivera na aldeia de *Trafoi*. Notícia de que um seu paciente, em conseqüência de um distúrbio sexual incurável, cometera suicídio. Esta notícia havia-lhe imputado um certo abalo. Freud liga *Trafoi* a *Boltraffio*.

A partir destas associações, Freud conclui que o esquecimento do nome *Signorelli* está ligado à tentativa de esquecer outro conteúdo. Algo foi recalcado, retirado para o inconsciente. Diz Freud: “...esqueci uma coisa contra minha vontade, quando queria esquecer intencionalmente outra. A aversão ao recordar dirigia-se contra um dos conteúdos; a incapacidade de lembrar surgiu no outro.”⁷ Os nomes substitutos apontam, por um lado, aquilo que Freud queria esquecer e, por outro, aquilo que queria lembrar, não havendo assim “...nem um êxito completo nem um fracasso total...”⁸, ambos os conteúdos manifestam-se através da formação de compromisso. Frente a um pensamento perturbado e um pensamento perturbador, surge um pensamento intermediário, a formação de compromisso.

⁴ idem, p. 20.

⁵ idem, p. 21.

⁶ idem, p. 21.

⁷ idem, p. 21.

⁸ idem, p. 21.

O tema recalcado é “*morte e sexualidade*” e está relacionado com os nomes *Bósnia*, *Herzegovina* e *Trafoi*, interligados com o nome esquecido *Signorelli*.

Freud constrói o diagrama esquemático, transcrito a seguir, para articular o esquecimento de nome próprio (Figura 7-1).

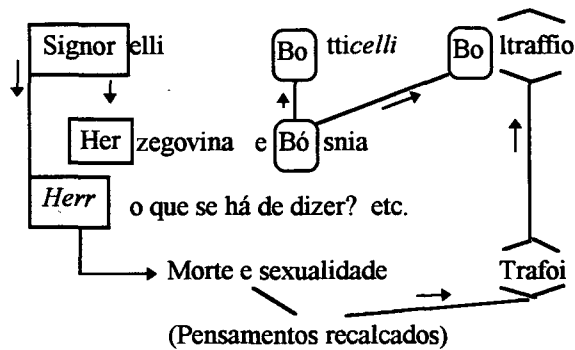


Figura 7-1⁹

O nome *Signorelli* aparece dividido em “*elli*”, que reaparece inalterado em *Botticelli*, e em “*Signor*”, equivalente a *Herr*. *Herr* que aparece em duas frases relacionadas aos turcos: “*Herr!* Senhor, o que se há de dizer? (...) Sabe *Herr*, quando isso acaba, a vida não tem nenhum valor.”¹⁰ *Herr* também aparece no nome *Herzegovina*, associada à palavra *Bósnia*, sendo que a sílaba “*Bo*” reaparece em *Botticelli* e *Boltraffio*. *Boltraffio*, dividido em duas partes, cuja segunda parte aponta para *Trafoi*.

Diz Freud: “...os nomes foram tratados nesse processo como os pictogramas de uma frase destinada a se transformar num enigma figurado (ou rébus).”¹¹ A princípio, o nome esquecido e os nomes substitutos nada revelam à consciência, é um enigma a ser decifrado a partir do retorno das mesmas sílabas, das mesmas seqüências de letras. Os nomes aparecem como ideogramas, letras, que apagam a coisa em si, criando um enigma a ser decifrado.

Freud resume da seguinte maneira o esquecimento de um nome próprio:

“...(1) certa predisposição para esquecer o nome, (2) um processo de supressão realizado um pouco antes, (3) a

⁹ idem, p. 22.

¹⁰ idem, p. 22.

¹¹ idem, p. 22.

possibilidade de se estabelecer uma associação externa entre o nome em questão e o elemento previamente suprimido.”¹²

Assinala deste modo, Freud, que o esquecimento de nome próprio é motivado pela repressão dos conteúdos “*morte e sexualidade*”, enquanto o aparecimento dos nomes substitutos resultam do esforço de atenção e alguma condição interna apontando para o material psíquico, a relação entre seus conteúdos.

Frente aos temas de “*morte e sexualidade*”, Freud acaba por esquecer um nome próprio. Nome próprio que está interligado com este tema, através das associações significantes.

Lacan também vai articular a questão do nome próprio, em diferentes momentos de sua obra, retomando o caso do esquecimento de nome, descrito por Freud.

A obra de Lacan, assim como a de Freud, apresenta-se como uma investigação contínua, acerca de diferentes conceitos da psicanálise. O tema do nome próprio em Freud restringe-se a algumas considerações e a particularmente este texto onde o aspecto privilegiado é a questão do ato falho, do esquecimento, ilustrado com o esquecimento de nomes próprios.

Na extensa obra de Lacan a temática sobre o nome próprio revela-se dispersa ao longo de sua trajetória, onde algumas construções são feitas. Na presente dissertação optou-se pela investigação relacionada à identificação ao significante e o percurso dentro do Seminário IX. Embora Lacan aborde a temática do nome próprio, principalmente em duas classes, não faz uma articulação clínica através de um caso clínico.

Nesta dissertação propõe-se então, retomar dos textos de Lacan alguns assinalamentos que o autor faz referentes ao artigo “*O Esquecimento de Nomes Próprios*”, quando estas articulações relacionam-se à temática do significante e os conteúdos elaborados com respeito ao nome próprio.

Já em seu Seminário I, “*Os Escritos Técnicos de Freud*”, datado de 1953-54, assinala que o conteúdo reprimido não está “...tão reprimido assim...”¹³, pois embora o esquecesse na

¹² *idem*, p. 23.

¹³ LACAN, J. *Os Escritos Técnicos de Freud* (1953-54). 3. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1983. Sem. I, p. 60.

conversa com o companheiro de viagem, pode lembrá-lo por associação, ao escrever o texto. Segundo Lacan, trata-se aqui de palavras, palavras que, por não terem sido ditas, ficaram como restos, pedaços, sobras dessas palavras, mas que aparecem enquanto palavras como tal. Palavras que referem-se a uma verdade, a questão da morte. A morte aparece, segundo Lacan, para um médico, como um problema de domínio, pois há a perda de um paciente a quem Freud tratara. Sua posição de médico competente é colocada em jogo. É a questão do ideal do eu, da identificação regressiva ao traço unário, traço que vem do Outro e ao eu ideal, relacionado à questão narcísica, à competência médica competência de médico frente à morte. Diz Lacan:

“O que é que decapita, pois, o *Signorelli*? Tudo que se concentra, com efeito, em torno da primeira parte desse nome, e da sua ressonância semântica. É na medida em que a palavra, a que pode revelar o mais profundo segredo do ser de Freud, não é dita, que Freud não pode mais se ligar ao outro senão pelas sobras dessa palavra.”¹⁴

O esquecimento aponta para a degradação da palavra na sua relação com o Outro. É a palavra que possibilita a mediação entre o sujeito e o Outro. Assim, a palavra que faltava, o nome próprio esquecido, havia sido retirado da consciência, justamente porque anteriormente Freud não pode levá-la à termo “... o *Herr*, o mestre absoluto, a morte.”¹⁵ Por efeito da palavra *Herr*, que aparece no instante anterior, assinala que falta a palavra *Signorelli* ao sujeito, ou seja, *Signorelli* é esquecido porque *Herr* foi anteriormente suprimido, não pode ser dito.

Em seu Seminário III, “*As Psicoses*”, 1955-56, novamente Lacan está tratando da questão do significante e retoma o caso *Signorelli*. Utiliza-se deste exemplo, agora para asseverar a importância essencial do significante. *Signorelli* e os outros nomes que se seguem, aparecem como palavras equivalentes, que apontam para a palavra reprimida, a morte, que se liga a elas através de *Signor*, *Herr*. O que advém daí é “... o outro, que é Freud e que não é Freud, o outro que é o lado do esquecimento, o outro de onde o eu de Freud foi retirado, e que responde em seu lugar.”¹⁶ O que ele pode dizer é *Boltraffio*, ligado à *Trafoi*, um deslizamento metonímico entre *Herzegovina* e *Bósnia*. Lacan deixa claro que o que Freud

¹⁴ *idem*, p. 61.

¹⁵ *idem*, p. 306.

¹⁶ _____ *As Psicoses* (1955-56). 2. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988. Sem. III. p. 272.

aponta aqui é a supremacia do significante, do que se trata aqui é a questão significante. Significantes articulados em uma cadeia, significantes que quando isolados não querem dizer nada e, quando em cadeia, remetem a uma certa lógica, ao serem articulados como uma linguagem.

Os Seminários de Lacan, de números ímpares, abordam a questão do significante. Não é por acaso que em seu Seminário V, “*As Formações do Inconsciente*”, de 1957-58, Lacan novamente articula o significante com o exemplo de Freud sobre o esquecimento de nome próprio.

Lacan inicia alegando que trata-se de um nome próprio estrangeiro. A importância de ser um nome próprio estrangeiro reside no fato de que seus elementos são estranhos à língua de Freud, pois *Signor* não é uma palavra alemã. Diz Lacan: “... estamos na dimensão distinta que a do nome próprio como tal, o qual, se pode dizer, não seria absolutamente próprio e particular, não teria pátria.”¹⁷ O nome próprio estrangeiro, mais do que qualquer outro, indica a questão da letra, enquanto marca.

Outro aspecto assinalado é o fato de não se tratar de um esquecimento absoluto, e sim que apresentam-se outros nomes no lugar do nome esquecido, surgem outros nomes. Estes nomes que se apresentam, referem-se a uma aproximação metonímica, pois se trata de combinações, indiretamente ligadas ao fenômeno significante, são combinações feitas a partir de restos das palavras.

Botticelli advém como resto “*elli*” de *Signorelli*, pois *Signor* está esquecido; “*Bo*” é o resto de *Bósnia-Herzegovina*, onde “*Herr*” está reprimido, em consequência dos pensamentos acerca do comportamento dos turcos, diante da morte e sexualidade. Em *Boltraffio* também é *Herr* que está reprimido, quando *Boltraffio*, por um lado, se associa pelo “*Bo*” à *Bósnia* e “*ltraffio*” à *Trafoi*. *Trafoi* remetendo à questão da morte e que se liga à frase do turco, onde *Herr* aparece como o absoluto que é a morte. Morte também relacionada à questão sexual, do paciente que se suicidara.

¹⁷ _____ *As Formações do Inconsciente* (1957-58) Sem. V, inédito. Classe de 13 de novembro de 1957.

São combinações de significantes que estão em jogo, *Bósnia-Herzegovina*, “...são as ruínas metonímicas (...) do que se trata...”¹⁸ Ruínas do *Herr* absoluto, a morte. O *Herr* borra-se, é rechaçado, caído ao fundo, *unterdrückt*.

Como ruínas metonímicas, estão o “*Bo*” e “*elli*”. A partir desta pista, é possível reencontrar a cadeia no fenômeno do discurso, pois em análise é via associação livre que se alcança o inconsciente.

O nome *Signorelli* não é lembrado porque *Signor* não é evocável, mas está em jogo e indiretamente aparece em *Herr*, *Herr* que traduz-se por *Signor*. *Herr* absoluto que vem com representante desta morte que está *unterdrückt*. Neste nível aparece a substituição de um significante por outro e assim a indução da metáfora,

“... a metáfora se produz no nível da substituição, isto quer dizer que a substituição é uma possibilidade de articulação do significante, e que a metáfora se exerce ali com sua função de criação de significado, neste lugar onde a substituição pode produzir-se.”¹⁹

O que ocorre a nível de *Signor* e de *Herr*, segundo Lacan, é um enlace substitutivo chamado heteronímia, ou seja, a tradução de um termo de uma língua estrangeira através de um ato substituto, tomado aqui como substituição. Ainda que a heteronímia não seja uma metáfora do ponto de vista lingüístico, o que Lacan sublinha é o caráter de substituição de *Herr*.

Lacan aponta que *Signor* aparece como signo do fenômeno de decomposição metonímica, onde *Signorelli* é decomposto. *Signor* é um substituto de *Herr*. *Signor* é reenviado a um lugar no discurso. O que evidencia-se aqui é que, para que a substituição metafórica, produção de significado, ocorra, faz-se necessária a prévia decomposição metonímica.

Na relação de *Signor* com *Signorelli*, com os afrescos de *Orvieto* que trazem a morte como um tema, há uma metaforização desta confrontação com a morte. “Está pois bem claro

¹⁸ idem.

¹⁹ idem.

que o *Signor*, aqui, enquanto que está ligado ao contexto de *Signorelli*, é este algo que representa bem uma metáfora.”²⁰

Diz Lacan: “... o *Signor* está reprimido aqui...”²¹, eis a *Verdrängung*, que contém e mantém o significante que tenta reaparecer, e “... o *Herr* está *unterdrückt* ao nível do discurso, pois é o discurso o que tem precedido, o que tem captado a este *Herr* (...) o que lhes permite voltar a por-se sobre as pistas do significante perdido, são as ruínas metonímicas ...”²² *Unterdrückt* faz-se de uma vez por todas a nível de uma condição mortal e pontual, é suprimido.

Quando a criação metafórica não é lograda torna-se importante buscar os restos metonímicos. Quando do esquecimento de nome *Signorelli* há um buraco a nível metafórico, então os restos metonímicos tomam aí sua importância. Na desapareção de *Herr*, há todo um contexto metonímico *Bósnia-Herzegovina*, que permite retomá-lo.

É porque *Signor* falta que se pode pensar que está esquecido, que é *Signorelli*, enquanto *Signor* é o resto significante. Resto reprimido de algo que se encontra no lugar onde não está *Signorelli*. *Signorelli* comporta uma certa unidade enquanto nome próprio, o que é diferente de *Signor*. *Signor* aparece pela ação de decomposição. Enquanto *Signorelli* é capturado pelo jogo metafórico, é possível o ato falho.

Em análise, é possível reconstituir a correspondência de *Signor* e *Herr*. Na metáfora, o que se revela é um sentido mais além de *Herr*. *Herr* que aponta para o fracasso de Freud em curar o paciente com problemas sexuais e que acaba por suicidar-se. É na criação metafórica que há a segmentação de *Signorelli*, que permite a *Signor* passar á outra parte. *Signor* que está como resto, resto do significante reprimido. Está reprimido, mas não esquecido, pois não existia antes da fragmentação. Metáfora e metonímia aparecem articuladas e atuando de modo dependente uma da outra.

²⁰ idem.

²¹ idem.

²² idem.

Lacan assinala que esta fragmentação é facilmente realizada por se tratar de uma palavra estrangeira. A decomposição é mais facilmente feita em línguas que não são a do sujeito, pois o significante aqui é tomado enquanto letra.

No lugar em que Freud busca o nome *Signorelli*, e em consequência da conversa anterior, aparece uma metáfora, que faz a mediação entre o assunto dos afrescos e a questão da morte. Mas nenhuma metáfora chega até Freud, ao lugar do nome do autor, nenhum equivalente é dado neste momento. *Signorelli* é chamado sob um forma significante, é neste momento que há o desmembramento de *Signorelli*. *Signor* aparece como a metáfora não atingida. Diz Lacan:

“Não há, pois, uma sorte de esquecimento puro e simples, maciço (...); ao contrário, há uma relação entre a revivescência, a intensificação de alguns destes elementos, e a perda de outros elementos, elementos significantes a nível simbólico...”²³

Lacan propõe a seguinte fórmula para o esquecimento de nome:

$$\frac{x}{\text{Signor}} \quad \frac{\text{Signor}}{\text{Herr}}$$

O que aparece aqui é a fórmula da metáfora, onde há a substituição de um significante S a outro significante S'. A nível de S' há uma troca de sentido, s.

O que está em jogo aqui não é a perda de *Signorelli* e sim de x, esse x, diz Lacan, “...é esse chamado da criação significativa...”²⁴

Freud não encontra o nome do autor dos afrescos, ele não encontra nada, pois aí é necessário algo que satisfaça sua questão sobre a morte. Enquanto este x está presente, há a produção da metáfora:

“... que o termo *Signor* aparece a nível de dois termos significantes opostos, de duas vezes o valor S', e que é em virtude disto que ele sofre a repressão enquanto que *Signor*, já que a nível do x não se tem produzido nada, e é por isso que ele não encontra o nome, e que o *Herr* joga o rol do lugar que tem como objeto metonímico, como objeto que não pode ser

²³ _____ *As Formações do Inconsciente*. Op. cit. Classe de 20 de novembro de 1957.

²⁴ *idem*.

nomeado, como objeto que não é nomeado mais que por algo que está em suas conexões. A morte é o *Herr* absoluto. Mas quando se fala de *Herr* não se fala de morte, por que não se pode falar da morte porque a morte é precisamente a vez o limite, e provavelmente também a origem de onde parte toda palavra.”²⁵

Esquecer um nome não é uma negação, é uma falta deste nome. A falta deste nome faz com que, ao buscá-lo, falte justamente onde deveria exercer sua função e não pode, o que se busca é um novo sentido, uma criação metafórica. É por isso que são encontrados os fragmentos de *Signorelli*, onde jogam a função do termo elidido da metáfora.

No esquecimento de nome próprio, o que está esquecido não é uma palavra enquanto significação, e sim a questão do significante.

Em seu Seminário XI, 1964, Lacan também faz uma pequena citação sobre o caso *Signorelli*, apontando que o que ocorre é a supressão, *Unterdrückung*, uma passagem para baixo. “A palavra *Signor*, *Herr*, passa por baixo - o senhor absoluto, eu disse uma vez, a morte, para dizer tudo, desaparece ali.”²⁶ O que Lacan está articulando aqui é como o inconsciente se manifesta como o que vacila num corte do sujeito.

Em 1964-65, Lacan escreve “*Problemas Cruciais para a Psicanálise*”, na classe de 19 de setembro de 1964, aparece aí outra pontuação sobre o esquecimento de nome próprio. Lacan assinala que o esquecimento freudiano é um buraco, e deste buraco o que escapam são fonemas. Não é um esquecimento em si, e sim uma forma de memória. Ficam as primeiras sílabas das palavras *Signorelli* e é a nível do significante que se produzem as substituições.

Não é como único, como um número de particularidades na espécie, que o sujeito é denominado com um nome próprio, seria assim inassinalável. Diz Lacan “...não é enquanto indivíduo que me chamo Jacques Lacan, senão enquanto que algo que pode faltar mediante o qual este nome terá que recobrir outra falta.”²⁷ O nome próprio remete ao nível da falta, de algo que pode faltar, apresentando uma falsa aparência de sutura.

²⁵ *idem.*

²⁶ _____ *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). 3. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988. Sem. XI, p. 31.

²⁷ _____ *Problemas Cruciais da Psicanálise* (1964-65). Sem. XII, inédito. Classe de 16 de janeiro de 1965.

No caso *Signorelli*, é a dignidade médica que está em jogo. É em relação à notícia que recebera do suicídio de seu paciente com distúrbios sexuais que o ato falho acontece. É quando o pensamento de Freud encontra os significantes de sexo que o discurso não avança. O que acontece aqui é que “... algo não está reprimido, ele o reevoca, os efeitos não de uma repressão, senão de um discurso repetido (*unterdrückt, verdreigt*).”²⁸ Há uma perturbação aí. Em lugar do nome *Signorelli*, realiza-se um mecanismo de memória ante o buraco que se apresenta. Acontece uma metáfora de substituição, mas, uma metáfora singular. Diz Lacan “uma metáfora bem singular pois ela é o anverso daquela (...) como a função criadora de sentido.”²⁹

O que aparece é uma série de sons puros, uns após o outro, bizarramente. É ao redor de *Herr* que a história gira. Há a acomodação do sujeito sobre o *Herr*. O que Lacan busca esclarecer é o lugar onde *Herr* concerne à Freud. Freud que não se dá conta de que o que está envolvido é a questão da identificação. O *Herr* é de fato Freud, enquanto identificado com o lugar de médico. “Ele perde algo como sua sombra, seu duplo, que não é de tal modo *Signor...*”³⁰ O que está perdido é *Sig- Sigmund Freud*, o verdadeiro lugar de sua identificação.

Sig, letras que indicam seu ideal do eu, tentativa de suturar a falta percebida em sua identificação imaginária de eu ideal, completo. O ideal de eu, identificação simbólica, é perturbado. Tentativa frustrada de obturar sua falha narcísica. O que Freud busca é o aval do Outro, o reconhecimento do Outro, que o Outro lhe diga de seu lugar. Assim, falta-lhe o nome, seu nome próprio, próprio, mas que vem do Outro.

Quando Freud tenta encontrar o nome *Signorelli*, o que aparece é que Freud não sabe mais de onde se vê, pois o sujeito aonde se vê não é do mesmo ponto em que se mira. Diz Lacan: “...este nome está perdido (...) É a operação deste ponto de emergência no mundo do surgimento, por onde o que não pode mais que traduzir-se pela falta, vem ao ser.”³¹

Assim, a função do nome próprio testemunha uma função de oscilação, de vacilação. Lacan assinala que sempre que se diz um nome próprio, “...em toda declaração, a identificação

²⁸ *idem.*

²⁹ *idem.*

³⁰ *idem.*

³¹ _____ *Problemas Cruciais da Psicanálise* (1964-65). Op. cit. Classe de 13 de janeiro de 1965.

do sujeito - qualquer que seja a distância onde se produz a relação ao nome próprio - a identificação do sujeito está interessada.³²

Ao falar, há a elisão do nome do sujeito do inconsciente, significante que fica para sempre perdido, *Urverdrängt*. O nome próprio do ideal do eu é onde o sujeito se vê como sendo visto no Outro, processo de Identificação, mas, o nome próprio do ideal pode faltar. É o que acontece no caso de esquecimento de nome próprio. Há uma falta e uma tentativa de suturar esta falta. Nesta tentativa de sutura, há a fragmentação das letras do nome próprio.

Ao faltar o nome *Signorelli*, há uma formação de substituição, onde aparecem *Boticelli* e *Boltraffio*, na busca de suturar o buraco. Freud sabe que não são nomes corretos para o autor de *Orvieta*, os nomes são deixados de lado, aparece, assim, uma metáfora falhada, pois o nome próprio é insubstituível.

A metáfora não foi possível justamente porque a questão do esquecimento aponta para o ideal do eu, que não aceita metáforas, é irreduzível, não pode ser substituído.

No caso de esquecimento, está em jogo a imagem de Freud enquanto médico, imagem de eu ideal, onde não há falta ou falha. Mas o traço do ideal do eu não suturou o buraco que aparece, pois não há nome dizível.

O que passou por baixo, o que foi suprimido (*Unterdrückt*) sofre um deslocamento. O deslocamento que ocorre é de *Sigmund*, o nome de seu ideal do eu, para *Signorelli*, tentativa de sutura. Mas o nome deslocado também é suprimido e aparece o buraco. Buraco contornado com *Boticelli* e *Boltraffio*. Há a perda de sua identificação, identificação á *Herr*, doutor, saber.

Se Freud aponta que trata-se de uma associação externa, o caso do esquecimento de nome próprio, identidade literal entre *Herr Signor Signorelli*, o que Lacan aponta é que a seqüência envolvida é *Sig/mund Sig/norelli*.

O nome próprio *Sigmund* não pode ser dito e busca enlaçar-se em *Signorelli*. São as letras *S-i-g* que caem, restando *norelli*, resgatáveis o *o* em *Bo* e o *elli* em *Botticelli*. Frente á

³² *idem*.

metáfora falha, há o desmembramento da palavra e a possibilidade de algum resgate através de seus restos.

No deslocamento ocorrido, é a materialidade da letra que se mantêm, letra enquanto lugar privilegiado do significante, pois segundo Freud os nomes aparecem como imagens escritas de uma frase a ser decifrada.

Frente a estes diferentes recorte feitos na obra de Lacan, pode-se assinalar que a questão envolvida no esquecimento relatado por Freud, é a questão significante. São nomes esquecidos, nomes que aparecem como substitutos, restos de palavras que funcionam como palavras, rébus a ser decifrado, ou seja, significantes.

Herr é o termo suprimido por Freud, por estar ligado diretamente à questão da morte, relacionado também à sexualidade.

Herr remete à identificação imaginária de Freud, imagem narcísica de médico, enquanto este teria que ter domínio sobre a morte.

Como *Herr* é suprimido, quando Freud e seu companheiro de viagem falam sobre o pintor de *Orvieta*, este nome, *Signorelli*, não apresenta-se no discurso de Freud. O nome *Signorelli* é decomposto em *Signor* que fica reprimido e *elli* que reaparece em *Botticelli*, cujo *Bo* articula-se com *Boltraffio* e *Trafoi*, aldeia visitada, anteriormente por Freud.

Signorelli é decomposto justamente porque ao falhar a identificação imaginária (*Herr*), Freud procura seu nome de ideal do eu, *Sigmund*, mas não encontra.

O nome próprio, traço unário do ideal de eu implica na tentativa de sutura da identificação imaginária perdida, da quebra narcísica. Mas o nome próprio pode faltar. E o Lacan diz é que o esquecer o nome não é uma negação, uma falta de nome.

Freud então, não sabe de onde se vê sendo visto no Outro, pois o nome é o traço unário da identificação ao Outro. Como o nome próprio não é dizível, não é metaforizável, há o deslocamento de *Sigmund* para *Signorelli*, que advém como decomposto. Mas o nome que seria uma substituição (*Signorelli*) também é suprimido, caindo ao fundo, restando um vazio.

O nome próprio, traço do ideal de eu não realizou a aparente sutura da ferida narcísica. O buraco então aparece contornado pelos nomes substitutos. Através da metáfora falha, da decomposição dos nomes, dos restos significantes, letras, é que é possível esta reconstrução.

Freud não sabe com que nome se nomina, pois o traço do ideal do eu fica elidido como consequência da repressão, nome enquanto traço do ideal do eu, tentativa de sutura da falta percebida na identificação imaginária.

Embora Freud escrevesse que se trata de "...um exemplo altamente sugestivo extraído de minha auto-observação..."³³ não pudera dar-se conta do quão sugestivo é o exemplo.

³³ Citação 3, deste capítulo.

Se de tudo fica um pouco,
mas por que não ficaria
um pouco de mim?

C. Drummond de Andrade

Conclusão

A psicanálise estuda a questão do sujeito em suas articulações com os três registros elencados por Lacan: o registro do imaginário, estruturado a partir do Estádio do Espelho, onde o que se constitui é o eu ideal, decorrente de uma relação dual e especular com o outro, outro enquanto semelhante, com o qual o infans identifica-se imaginariamente. O registro do real, que remete ao que é fora do significado, à ordem do corpo, à pulsão e ao objeto *a*, não passíveis de serem capturados pela linguagem, pois sempre há algo que resta. O registro do simbólico, onde o sujeito do inconsciente advém como efeito de significante, pois, como diz Lacan, “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”¹. Este registro remete às operações de constituição do sujeito, alienação e separação, ao complexo de Édipo e a estruturação do ideal do eu, enquanto identificação ao traço que advém do Outro, Outro como tesouro de significantes.

O sujeito da psicanálise constitui-se enquanto falante e faltante, enquanto desejante, via experiência de satisfação, correlato à repressão primária. É com a experiência de satisfação, através da repressão primária, que são inscritos os representantes da representação (*Vorstellungsrepräsentanzen*) pulsional no aparelho psíquico, pois a pulsão remete à ordem do corpo, mas tem seus representantes no aparelho psíquico. A partir daí, o aparelho psíquico funda-se como dividido em inconsciente e consciente, através de suas inscrições (*Niederschrift*), diz Freud, significantes, aponta Lacan.

¹ LACAN, J. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). 2. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. Sem. XI, p. 193.

Se a princípio, o infans é determinado pelo biológico, do campo instintual e da necessidade, agora aparece a diferença, não é mais da ordem natural que se trata. O sujeito está atrelado à questão pulsional, pois como algo se perdeu, como algo falta, o infans é regido pelo desejo, na tentativa de recuperar a completude perdida. Nesta busca, a pulsão percorre um caminho, trajeto de contorno ao objeto a, circuito infundável, de satisfações parciais. O que orienta esta busca é o registro do simbólico, via significantes.

A partir desta quebra narcísica da célula inicial, primária, mítica, que o pré-sujeito advém como sujeito, ao preço de sua falta em ser. Falta porque há algo para sempre perdido. Neste movimento é que se constitui o objeto a. Objeto causa do desejo.

Freud já trabalhara a questão desta tentativa de recuperar o que está perdido, articulando-a ao tema do narcisismo. O narcisismo primário é apontado como o estágio primeiro, onde o infans apresenta-se em estado fusional com sua mãe, não havendo ainda diferenciação entre eles.

Com a quebra do narcisismo primário e o advento do ego, via identificação primária, a libido passa a ser investida nos objetos libidinais, geralmente as figuras parentais. Frente a uma perda de objeto, o que ocorre é uma tentativa de retomada do narcisismo primário, ou seja, a libido é retirada do objeto, voltando para o próprio sujeito. Este narcisismo secundário traz como consequência a constituição do ideal do eu. O processo caracteriza-se como identificação secundária, onde frente à perda do objeto, há a regressão da escolha objetual para a identificação, sendo que apenas um único traço (*Einziges Zug*) do objeto é tomado para a identificação. A identificação, que constitui o ideal do eu, ocorre com a dissolução do complexo de Édipo, quando segundo Freud, forma-se um precipitado no ego, decorrente das identificações com figuras consideradas como importantes, pelo sujeito.

A identificação regressiva a um único traço, descrita por Freud, é retomada por Lacan, em seu Seminário "*La Identificacion*". Lacan escreve seus Seminários de número ímpar sobre o tema do significante e percorre um longo caminho até alcançar o tema da identificação, que, a partir de então, revela-se como de grande importância em sua obra. É da identificação ao significante do que se trata.

Com exceção das formulações contidas nos últimos Seminários de Lacan o significante é a base da teoria psicanalítica lacaniana. Sua teoria é construída a partir da leitura de diversos autores. Da obra de Saussure, recorta a questão do signo lingüístico, fazendo uma releitura que destaca pontos divergentes ao tema saussureano

Lacan assinala a supremacia do significante sobre o significado, deixando claro que não há entre eles uma relação atrelada como Saussure apontara, e que quando se estuda o sujeito assujeitado à linguagem é sob os efeitos do significante que se deve estar atento, pois o que caracteriza a estrutura da linguagem é o sistema de significantes. Afirma ainda, Lacan, que o inconsciente é tecido como linguagem e cabe, então à psicanálise estudá-lo por este prisma.

A questão significante refere-se ao registro do simbólico, onde o sujeito pode constituir-se enquanto sujeito do inconsciente, submetido e determinado pela linguagem. Se por um lado a realidade do sujeito é estruturada via significante, por outro, o significante em si não significa nada. “O significante representa o sujeito para outro significante”, na cadeia significante.

Os significantes se reduzem a elementos diferenciais que se articulam na cadeia significante. E isto já estava presente na obra de Freud, diz Lacan, pois quando este faz suas construções sobre o aparelho psíquico, é do significante que se trata, enquanto inscrições pulsionais (*Niederchriften*) que marcam o aparelho.

Outro aspecto, em Freud, que remete ao significante é a questão da elaboração onírica, onde aparecem linguagens diferentes, assinala o texto freudiano, sendo que os caracteres dos sonhos devem ser lidos segundo uma relação simbólica. Freud anota que na elaboração onírica estão presentes os trabalhos de condensação e de deslocamento.

Roman Jakobson, lingüista que investiga o tema das afasias, trabalha a questão do signo lingüístico em seus dois modos de arranjo, o da combinação relacionado á contextura, onde há uma ligação das palavras por contigüidade, e o modo de seleção, ocorrendo a substituição entre termos alternativos, através da associação por semelhança. Faz ainda a ligação entre a combinação e a metonímia e entre a substituição e a metáfora, sendo que estas

figuras aparecem como importantes na arte da linguagem e podem ser encontradas em todos os processos simbólicos, como é o caso da elaboração onírica, descrita por Freud.

A partir desta articulação de Jakobson, Lacan passa a investigar a metáfora e a metonímia, relacionando-as com as formações do inconsciente e a constituição do sujeito.

A metáfora mostra-se como a possibilidade de sentido que ocorre no ponto de estofo e no sintoma, enquanto que a metonímia relaciona-se ao deslizar na cadeia significante, ao desejo. Sendo assim, as leis do inconsciente, que é como tal estruturado como uma linguagem, remetem à metáfora e à metonímia.

Com a estruturação da teoria do significante, Lacan constrói também, uma articulação teórica sobre a constituição do sujeito. É isto que Lacan busca: como se constitui um sujeito, sujeito que é do campo do simbólico, a partir do ser, que aponta para o registro do real.

Lacan assinala que o sujeito advém como efeito de significante, e "...o significante é o que representa um sujeito para outro significante."² Sujeito que se constitui através de suas duas operações: a operação de alienação onde é necessário um significante que vem do Outro e petrifica o sujeito, e um segundo significante para o qual o primeiro possa representar o sujeito; e a operação de separação, onde há o recobrimento de duas faltas, a do Outro, que aparece como barrado e a do sujeito, que pode então, retomar a sua própria alienação, e irromper na cadeia significante, fazendo ali um lugar. O lugar do sujeito é o lugar de falta, pois se o sujeito advém, é como efeito de significante, mas nenhum significante lhe dá significação, pois a significação remete sempre a outra significação, num deslizar metonímico.

Verifica-se assim, que é a partir do significante que o sujeito se constitui e que, ao constituir-se surge como sujeito barrado, dividido. Nestas operações está incluído o processo de identificação, pois o sujeito, que até então era um pré-sujeito, situado no campo do ser, identifica-se com o significante que vem do Outro. A questão do sujeito está diretamente relacionada ao tema da identificação.

² _____. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (1960). In : *Escritos*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1988. p. 302.

É entre 15 de novembro de 1961 e 27 de junho de 1962, que Lacan ministra o Seminário sobre identificações. Este Seminário reveste-se de importância, não só pelo tema que abarca, como também por tratar-se de um marco divisório, no ensino de Lacan.

Lacan, que até então articulava os três registros, privilegiando o simbólico, passa a se interessar de maneira significativa por investigar o campo do real. Outro ponto importante é o fato de introduzir as figuras topológicas. Se até aqui necessitava de figuras bidimensionais, a partir deste Seminário e nos seguintes utiliza-se do campo topológico como recurso para transmissão da psicanálise.

A questão a ser articulada é a identificação e o sujeito. Para tal é importante que se possa verificar a identificação simbólica e qual sua relação com a questão da identidade.

Identidade, mostra Lacan, é o que o pensamento cartesiano apresenta, onde $A = A$, onde penso implica em existir, pois o que Descartes busca é algo que dê conta da existência do ser, que diga ao ser quem ele é, e que existe. Mas o que o cogito apresenta é uma identificação enganosa, imaginária, entre o pensamento e o ser, sob os auspícios de um Deus que garanta a existência deste ser.

→ A possibilidade do sujeito, em psicanálise, é de identificar-se ao significante, pois embora o significante não lhe dê significado, o significante pode representá-lo para outro significante.

A questão do significante não é a identidade de $A = A$ e sim a diferença, onde $A \neq A$, pois o significante refere-se sempre à diferença.

O significante tem como característica ser justamente o que os outros não são, é o significante que introduz a diferença no real, ao marcar a coisa. Como o significante é pura diferença, a identificação não tem a ver com a unificação e sim com a unicidade, com o 1 que enquanto tal, aponta para a possibilidade de contar mais outro.

É isto que Lacan mostra ao apresentar o exemplo das marcas feitas sob o osso, pelo caçador madalegniano, para representar suas caçadas. É o traço unário (*Einziges Zug*) que

aparece aqui, enquanto essência do significante. Traço que marca e que revela que a relação do signo com a coisa está borrada, pois não há identidade possível.

Traço unário em sua articulação com a questão da letra, letra que remete ao nome próprio, pois segundo Lacan, no nome próprio o que está envolvido é algo da ordem da letra. Letra como algo distintivo, à espera de ser fonetizada para que, então, caracterize-se como significante. Letras que aparecem nas escrituras, a serem decifradas. Letras que revelam a relação da linguagem com o real.

O nome próprio surge, assim, relacionado ao enraizamento do sujeito, pois o nome na linguagem está ligado com algo que já está pronto, ou seja, à letra enquanto traço distintivo. Eis porque um nome próprio não pode ser traduzido de uma língua para outra, porque não implica na significação e sim na marca.

O nome próprio advém como traço unário, traço que determina a realidade do ideal do eu, diz Lacan, pois o "...ideal é tudo o que há de real no simbólico."³

Portanto a partir do traço, do corte no real, que algo pode faltar, enquanto vazio. É enquanto exclusão do traço unário que o sujeito pode emergir, através da identificação do sujeito com este traço enquanto faltante. Para mostrar isto, Lacan utiliza-se dos quadrantes de Pierce, decorrente de sua reflexão sobre os textos de Aristóteles. Lacan destaca que é o quadrante vazio que mantém uma relação estreita com o advento do sujeito, com a negação, pois esta revela a existência. É ao negar que se afirma o reconhecimento da existência.

Retome-se agora a constituição do sujeito, onde ao constituir-se o objeto *a*, fica para sempre perdido. Algo se perde, pois o sujeito constitui-se via significante, no campo da palavra. Sujeito marcado pelo significante como corte e este corte deixa um resto irreduzível. É o significante que introduz a diferença no real, significante que marca e apaga a coisa em si.

O sujeito constitui-se como efeito de significante, pois anteriormente ele não era nada, era o vazio. E é justamente desta possibilidade de vazio, que o sujeito pode advir. Algo aparece no real, o traço unário, o menos-um do traço unário que vem marcar o infans.

³ _____ . *La Identificacion*. Sem. IX, inédito. Classe de 14 de março de 1962.

Traço unário, -1, que surge como letra, como essência do significante. Traço unário, enquanto marca, que Lacan exemplifica com o passo (*pas*), deixado na areia da praia e visto por Robinson Crusoe. Passo (*pas*), que num primeiro momento é um rastro de passo, mas que posteriormente é feita sua leitura, o *pas* é pronunciado. Este, através da vocalização, é elevado ao estatuto fonético. Mas, ao ser lido, o som de *pas* não mais representa o rastro de passo (*pas*) e sim aparece enquanto letra que barra e exclui, ou seja, não-passo. Há a transformação do sinal deixado na areia em letra que barra. Letra como suporte do significante.

O sujeito, enquanto falta, demanda ao grande Outro, na busca de algo, na tentativa de garantia, mas o Outro aparece como frustrador, pois não pode garantir nada e é deste nada que o sujeito se funda. É o Outro enquanto barrado, como faltante, que o sujeito vê e pode retomar, deste lugar, sua própria falta e constituir-se enquanto desejante. É pela possibilidade de falta que é possível desejar.

Algo está para sempre perdido, a completude narcísica está perdida, se algo parece faltar imaginariamente, o infans identifica-se com o que poderia completar a falta da mãe. O objeto passível de completar a falta do Outro, já que o Outro é barrado, é o falo imaginário. O infans identifica-se ao falo imaginário, quer ser o falo para a mãe, identificação imaginária que remete ao eu ideal, do campo do narcisismo. O que aparece aqui é o infans antes da nomeação, representado pela operação algébrica $i + 1$, onde o i é o falo imaginário e o 1, o nome próprio.

O nome próprio advém como marca, letra, pura diferença. Nome próprio enquanto traço unário, entrada do significante no real, sob a forma de pura diferença. O objeto falta em seu lugar, é da privação que se trata e é pela ação do significante que se instaura esta falta real. O seio materno é metaforizado por Lacan como falo.

Se o traço unário é a possibilidade do sujeito advir, é ao preço do sujeito constituir-se como dividido, pois o significante é diferente dele mesmo, $a \neq a$. Há então, a divisão do sujeito em dois, ficando um, enquanto o outro cai sob efeito da afânise, fica a metade do que havia antes em presença. A operação revela-se como $\frac{1}{2}(i + 1)$, metade do que havia antes, ou seja, falo mais nome próprio.

Aparece assim a questão edípica, que revela as relações do sujeito com o Outro, onde o Nome do Pai ocupa o lugar do desejo da mãe, via Metáfora Paterna. Ou seja, o pai aparece como representante da lei e o infans ingressa na dimensão simbólica, afastando-se do assujeitamento ao desejo da mãe.

O falo imaginário é barrado pela ação do traço unário, enquanto letra, enquanto marca do real, e constitui-se em falo simbólico. O falo simbólico é o resultado da castração, processo onde a falta na mãe, a castração da mãe, é simbolizada. A partir daí a mãe, que encarna o grande Outro, aparece como barrada. O falo simbólico aparece como impossível de negativizar, logo, o resultado desta operação é 1, constituição do ideal do eu do sujeito.

O nome próprio é este traço unário que marca e com o qual o sujeito se identifica. Traço unário que em Freud é expresso como *Einzigster Zug*, que Lacan anota como ponto de sustentação da cadeia significante. Traço unário que remete ao nome próprio que é marca da diferença, pois o nome próprio é o significante em estado puro: pura diferença, fora do significado, estatuto de letra, fronteira entre o simbólico e o real que é trans-passada.

É o traço unário que aparece como garantia concernente ao significante. Se em Descartes era Deus que garantia a existência do sujeito, em psicanálise é o traço unário que aponta para a possibilidade do sujeito se constituir.

Como algo falta, o infans demanda ao Outro, demanda em ciclos repetitivos, errando em sua conta, em sua tentativa de alcançar o objeto irremediavelmente perdido. Nesta busca é que se orienta o processo identificatório, pois o sujeito enquanto faltante só pode constituir-se no lugar do Outro, tesouro de significantes.

O nome próprio emerge como uma tentativa de suturar a falta constitucional do sujeito, pois o infans, a princípio é nada, sendo assim, o nome próprio por um lado, remete à falsa aparência de sutura e, por outro, revela o nível radical da falta.

Com o investigar dos textos de Freud e Lacan, procurando assinalar pontos que referem-se à temática implicada nesta dissertação, a questão do nome próprio, pode-se então, propor algumas considerações acerca do tema.

Se por um lado apresenta-se a construção teórica do Seminário IX, “*La Identificacion*”, por outro estão o recorte clínico de Freud e as diferentes colocações de Lacan sobre este texto.

É possível, então, apresentar como contribuições desta dissertação as seguintes articulações entre o esquecimento do nome próprio e a demonstração matemática feita por Lacan em 1961-62.

Pode-se verificar no esquecimento de nome relatado por Freud que o nome próprio do ideal do eu pode faltar.

No primeiro momento da operação do sujeito, retratada algebricamente por $i + 1$, tem-se o eu ideal de Freud, sua posição de médico que pode vencer a morte somado ao seu nome próprio, *Sigmund*. Sua identificação imaginária, narcísica pode ser associada ao termo *Herr*, palavra que expressa o respeito dos pacientes turcos frente ao médico. Posição de respeito que Freud almeja e idealiza. Atrelada à identificação imaginária está a identificação simbólica. Identificação ao significante, significante que vem do Outro, de onde o sujeito pode se ver como sendo visto por este Outro.

No segundo momento de constituição, Freud enquanto sujeito advém como sujeito dividido, $\frac{1}{2}(i + 1)$, Freud dividido entre seu eu ideal (*Herr*) e seu ideal do eu (*Sigmund*).

No terceiro momento, via identificação simbólica há a tentativa de sutura da falta percebida. O sujeito identifica-se ao traço unário, seu nome próprio, aparecendo uma unidade aparente. É o tempo lógico em que há a tentativa de restaurar a unidade pela identificação ao 1 do traço. A identificação simbólica, em Freud, é perturbada. *Sig-Signorelli-Sigmund*, traço unário de seu ideal do eu, está perdido. Sua tentativa de suturar a falta percebida em seu eu ideal, narcísico, falha. O que ocorre é que a partir da supressão do *Herr*, seu eu ideal, *Sigmund* não advém como sutura desta falta. Nome próprio que está elidido, o sujeito não sabe com que nome se nomina. A metáfora não sendo possível, aparece como metáfora falhada. *Sigmund* é deslocado para *Signorelli*, que neste movimento, também cai ao fundo. Resta apenas parte de *Signorelli*, “*norelli*”, resgatável nos nomes que aparecem como substitutos. Deste modo, não há a possibilidade de retorno à suposta unidade. Faltam: *Herr*, da identificação imaginária (*i*)

que está suprimido e *Sigmund*, traço do ideal de eu (1), reprimido. Nome próprio que enquanto tentativa de sutura do buraco deixado pela quebra narcísica, pode faltar. O que resta em Freud é o vazio de seu ser, nada, rodeado pelos restos significantes.

Neste exemplo clarifica-se o fato de o nome próprio estar diretamente ligado ao campo da letra, marca, lugar privilegiado no significante, pois o que se perde e o que retorna são letras, letras enquanto um rébus a ser decifrado. Letra, pura cifra.

Revela-se assim a importância do tema do nome próprio, em sua articulação com a identificação, com a possibilidade do sujeito advir, pois o infans ao nascer é precedido pela linguagem e é a linguagem que o marca como sujeito faltante e isto ocorre porque o sujeito se constitui a partir do Outro. É deste lugar que advém o traço unário, o nome próprio, suporte do ideal do eu e que remete à identificação do segundo tipo em Freud e identificação ao traço unário em Lacan.

A partir deste percurso, da construção desta dissertação, pode-se então apresentar como título: *O Nome Próprio é um I*. Justifica-se esta escolha pois o nome próprio é o traço unário da identificação ao significante, identificação regressiva a um único traço, que resulta na constituição do ideal do eu, expressa em aparente unidade, resultado de $i + 1$.

Nome próprio enquanto traço unário que marca e borra a coisa em si, cai elidido sob efeito da repressão primária. Traço unário que no inconsciente, por sua função significante, significante original, possibilita a cadeia significante. É porque este traço unário enquanto marca é elidido, que o sujeito pode se constituir enquanto sujeito do inconsciente.

Nome próprio relacionado à negação, ao *pas* da negação, *pas* que fora vocalizado e que por ter sido feita sua leitura borra o *pas* de passo, revelando um *pas de trace*, a negação (*pas*). Se o *pas* da negação está ligado à identificação secundária, formadora do ideal de eu, (*pas de trace*) e retroativamente à identificação primária, constituinte do eu ideal (*pas* enquanto sinal- passo) articulando-se ambas ao sujeito, por outro lado está o *ne* expletivo. *Ne* que revela a discordância entre enunciado e enunciação, a clivagem entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado relativo ao eu. O *ne* expletivo implica no sujeito da

enunciação, que é representado por esta cifra no enunciado. O *ne* expletivo pode ser equiparado a pura cifra, pois a sua relação com o significado do enunciado é de exterioridade.

É porque o sujeito do inconsciente constitui-se a partir da privação, frustração e castração, que se pode escrever que *O Nome Próprio é um 1*.

Antes que se constitua enquanto sujeito, há o nada, o vazio do setor 2 do quadrante de Peirce, privação enquanto falta real de um objeto simbólico, o sujeito é então -1 do traço que borra o real. O -1 inconsciente do erro ao contar, nas voltas da demanda. Porque há algo que falta, o sujeito demanda, demanda ao Outro frustrador. Mas o Outro é também faltante e o sujeito para que possa vir a constituir-se, há que simbolizar esta falta do Outro, a mãe enquanto barrada. É via castração, então que o sujeito identifica-se ao traço unário, que marca o falo imaginário, positivando-o em falo simbólico, 1 da identificação simbólica. É através do traço unário, o nome próprio, da identificação ao significante que há a possibilidade de se guiar no campo do imaginário.

Nome próprio enquanto letra, marca, significante em estado puro, essência de significante.

Nome próprio que enquanto traço unário é tentativa de suturar a falta em ser, é portanto marca da quebra narcísica pois por um lado sutura e por outro presentifica a falta. O poeta Carlos Drummond de Andrade expressa muito bem a relação do sujeito ao nome em seu conhecido verso: “E agora José?” Ao lado do nome próprio, significante que supostamente representa o sujeito, o poeta acrescenta a marca da incompletude, incerteza sobre o seu destino.

A presente dissertação mostra-se como uma das possíveis articulações relacionadas ao tema do nome próprio, enquanto um recorte teórico, um trajeto percorrido no campo psicanalítico, tendo-se claro que não se trata de um trabalho abarcativo, completo. O que se propõe aqui é um investigar a teoria psicanalítica a partir de um recorte sobre o tema. Esta caminhada, no interior do texto, revela-se como um pré-requisito para possíveis articulações. É necessário um momento de investigar para, em outro momento lógico, interpretar, momento de concluir.

Aqui aparece apenas um ponto, que não é um ponto final, mas um ponto de parada, pois limites existem, tanto o limite do texto, o limite da autora, o limite do real ...

Torna-se importante assinalar que o estudo de um determinado tema suscita outros temas, outras questões e novas articulações a serem realizadas. O presente texto também serve de alicerce, alicerce de significantes, para a investigação da questão do número e da letra, na obra lacaniana, que revelam-se como marcos importantes no trajeto deste autor. Mas, que para que possam ser alcançados, necessário é este primeiro ponto de parada.

Outro aspecto relevante a considerar é que embora já neste momento Lacan assinale a necessidade de aclarar o tema das identificações, e as articulações entre elas, e de certo modo o faz no Seminário IX, esta questão continua a freqüentar os textos de Lacan, e a partir de então, associadas ao conceito de traço unário, inúmeras vezes são retomadas. Estas construções referentes às identificações merecem uma investigação detalhada e aprofundada, sendo que esta dissertação mostra-se como um pré-requisito para este trilhar no tema.

Relacionado ao nome próprio é mister destacar que também Lacan não finaliza este tema, em seu Seminário IX. Em seus últimos Seminários são apresentadas novas articulações ao tema do nome próprio, especialmente nos Seminários XXI, XXII e XXIII, respectivamente: “*Os Nomes do Pai*”, “*R.S.I.*” (Real, Simbólico e Imaginário) e “*Le Sinthome*”. É importante salientar que tratam-se de formulações novas, distintas das apresentadas no Seminário IX, em que ele avança sua investigação acerca do número 1. Estas são questões relevantes, a serem também pesquisadas, para que estes textos possam ser abertos e explicitados.

Percebe-se assim um longo caminho a ser seguido, mas um caminho que agora já apresenta um primeiro passo, uma marca, um significante.

Anexo

Os números complexos aparecem na história da matemática, a partir do século XVIII, para dar conta da questão da impossibilidade da raiz quadrada de um número negativo, pois até então um número negativo não apresentava quadrado.

Os matemáticos árabes consideravam $\sqrt{-1}$ como uma expressão sem significado.

O conjunto dos números complexos é uma ampliação do conjunto dos números reais, que possibilita a radiação par dos números negativos.

Diz Russel: “um ‘número real’ é um segmento da série de razões em ordem de grandeza...”¹, ou seja, numa reta podem ser representados todos os números reais. O conjunto dos números reais é composto pelos números racionais e irracionais, passíveis de serem representados numa reta.

“Um ‘número racional’ é um segmento da série de razões que tem uma fronteira...”², ou seja, numa reta estes números podem ser representados de maneira finita ou infinita e periódica.

“Um ‘número irracional’ é um segmento da série de razões que não tem fronteira alguma...”³, ou seja, é todo número cuja representação decimal é sempre infinita sem ser periódica.

O conjunto dos números reais é ainda dividido em números positivos e negativos (o que aponta para a subtração de um determinado número por outro cujo valor é maior).

¹ RUSSEL, B. Introdução à Filosofia da Matemática. 2. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1966. p. 75.

² idem, p. 75.

³ idem, p. 75.

“Um número complexo significa um número envolvendo a raiz quadrada de um número negativo...”⁴ Usa-se a letra i para representar a raiz quadrada de -1 , logo, qualquer número que envolve a raiz quadrada de um número negativo é passível de ser expresso por $x + yi$, onde x e y são reais. A parte imaginária é yi , e x , a parte real.

Diz Russel: “A razão para a expressão ‘números reais’ está em serem contrastados com os que são ‘imaginários’.”⁵ Estes números foram criados para que se possam realizar operações em álgebra, para a extração de raízes e para a solução de equações tornem-se exequíveis. É a partir da necessidade que os conceitos dos números foram sendo elaborados, assim, os números negativos foram necessários para que as operações de subtração em que um valor maior é retirado de um menor pudessem ser efetuadas.

É importante ainda apontar que os números naturais são aqueles que são passíveis de serem encontrados na natureza: 0, 1, 2, 3, 4...

i é o número imaginário, que tem como propriedades:

$$i = \sqrt{-1}$$

$$i^2 = -1$$

Em psicanálise, i é utilizado justamente por caracterizar-se por não pertencer ao campo dos números reais.

⁴ p. 76.

⁵ p. 76.

Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega*. Petrópolis, Editora Vozes, 1992. v. 1.
- _____. *Mitologia Grega*. 4ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1992. v. 4.
- DARMON, M. *Ensaio sobre a Topologia Lacaniana*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- DESCARTES, R. *Discurso do Método; As Paixões da Alma*. In: Os Pensadores. 4ª ed. São Paulo, Nova Cultura, 1987.
- DETIENNE, M; SISSA, G. *Os Deuses Gregos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- DOR, J. *Introdução à Leitura de Lacan*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995. vol. 2.
- CONTÉ, C. *O Real e o Sexual, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- FREGE, G. *Sobre a Justificação Científica de uma Ideografia*. In: Os Pensadores. São Paulo, Editora Abril, 1974.
- FREUD, S. *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924). In: Obras Completas. 2ª ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987. v. XIX.
- _____. *A História do Movimento Psicanalítico* (1914). Op. cit. v. XIV.
- _____. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Op. cit. v. V.
- _____. *Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos* (1925). Op. cit. v. XIX.
- _____. *Análise de uma Fobia de um Menino de Cinco Anos* (1909). Op. cit. v. X.
- _____. *A Negativa* (1925). Op. cit. v. XIX.

- _____. *A Organização Genital Infantil: uma Interpolação na Teoria da Sexualidade* (1923).
Op. cit. v. XIX.
- _____. *Os Instintos e suas Vicissitudes* (1915). Op. cit. v. XIV.
- _____. *Carta 51* (1896). Op. cit. v.I.
- _____. *Carta 71* (1897). Op. cit. v. I.
- _____. *Cinco Lições de Psicanálise* (1909-10). Op. cit. v. XI.
- _____. *Conferência XXIV* (1916-17). Op. cit. v. XVI.
- _____. *Conferência XXIX* (1932-33). Op. cit. v. XXII.
- _____. *Esboço de Psicanálise* (1938). Op. cit. v. XXIII.
- _____. *Feminilidade* (1933). Op. cit. v. XXII.
- _____. *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria* (1901-05). Op. cit. v. VII.
- _____. *Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância* (1910). Op. cit. v. XI.
- _____. *Luto e Melancolia* (1915-17). Op. cit. v. XIV.
- _____. *Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia*
(1911). Op. cit. v. XII.
- _____. *Psicologia de Grupo e a Análise do Eu* (1921). Op. cit. v. XVIII.
- _____. *O Ego e o Id* (1923). Op. cit. v. XIX.
- _____. *O Inconsciente* (1915). Op. cit. v. XIV.
- _____. *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895). Op. cit. v. I.
- _____. *Sexualidade Feminina* (1931). Op. cit. v. XXI
- _____. *Sobre o Narcisismo: uma Introdução* (1914). Op. cit. v. XIV.

_____. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901). Op. cit. v. VI.

_____. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). Op. cit. v. VII.

_____. *Totem e Tabu* (1912-13). Op. cit. v. XIII.

_____. *Um Tipo Especial de Escolha de Objeto feita pelos Homens* (1910). Op. cit. v. XI.

JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo, Editora Cultrix, 1973.

JULIEN, P. *O Retorno a Freud de Jacques Lacan*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

LACAN, J. *A Coisa Freudiana, o Sentido do Retorno a Freud em Psicanálise*. In Escritos 1. 12ª ed. Argentina, Siglo Veintiuno Argentina Editores, 1985.

_____. *A Ética da Psicanálise* (1959-60). 2ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991. Sem. VII.

_____. *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* (1957). In: Escritos. São Paulo, Editora Perspectiva, 1988.

_____. *A Relação de Objeto* (1956-57). 2ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995. Sem. IV.

_____. *As Formações do Inconsciente* (Seleção de Oscar Massota). Buenos Aires, Ediciones Nueva Vision, 1970.

_____. *As Formações do Inconsciente* (1957-58). Sem. V, inédito.

_____. *A Significação do Falo* (1958). In: Escritos. Op. cit.

_____. *As Psicoses* (1955-56). 2ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988. Sem. III.

_____. *A Transferência* (1960-61). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992. Sem. VIII.

_____. *La Identificación* (1961-62). Sem. IX, inédito.

_____. *Observacion sobre el Informe de Daniel Lagache: "Psicoanálisis y Estructura de la Personalidad"* (1960). In: *Escritos 2*. 2ª ed. México, Siglo Veintiuno Editores, 1995.

_____. *Os Escritos Técnicos de Freud (1953-54)*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1983. Sem. I.

_____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964)*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988. Sem. XI.

_____. *Posição do Inconsciente (1964)*. In: *Escritos*. Op. cit. 1988.

_____. *Problemas Cruciais da Psicanálise (1964-65)* Sem. XII, inédito.

_____. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano (1960)*. In: *Escritos*. Op. cit.

RUSSEL, B. *Ensaio Escolhidos*. In: *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultura, 1978.

_____. *Introdução à Filosofia da Matemática*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1966.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral (1911)*. 3ª ed. São Paulo, Editora Cultrix, 1995.